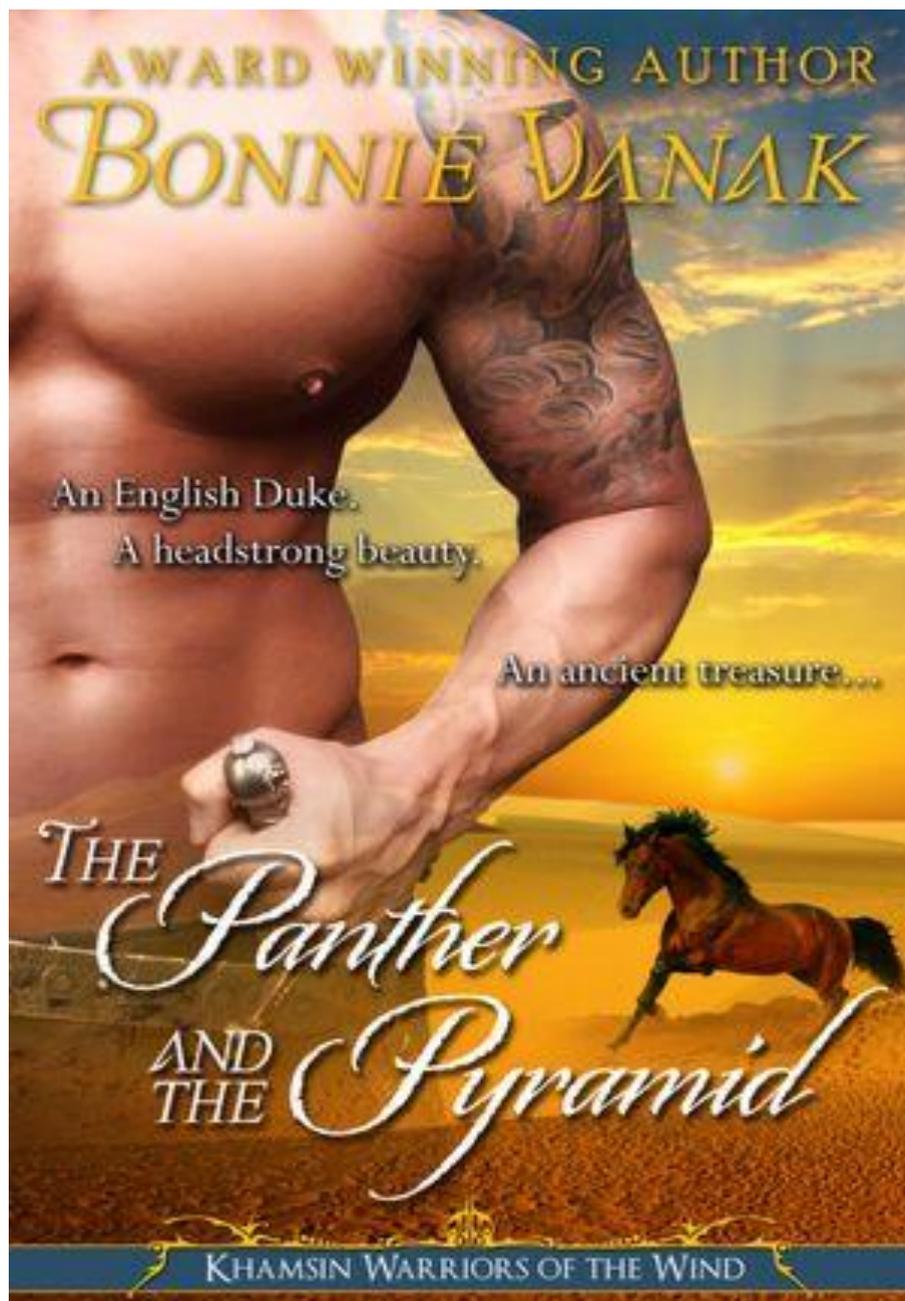


*Série Khamsin Egyptian*

*(Guerreiros dos ventos)*

*04 – A Pantera e a Pirâmide*

*Bonnie Vanak*





*Disponibilização: Compra da Equipe PL*

*Tradução: Ady Miranda*

*Equipe de Revisão Inicial: Rute – Kris – Geiliana*

*1ª Revisão Final: Milla e Sofia Campos*

*2ª Revisão Final: Lucimar Cardoso*

*Leitura Final e Formatação: Manuela Souza*

## ***INFORMAÇÕES SOBRE A SÉRIE***

*01 – O falcão e a pomba – Distribuído pelo grupo RJS*

*02 – O Tigre e a Tumba – Distribuído pelo grupo Pegasus Lançamentos*

*03 – A Cobra e a Concubina – Distribuído pelo grupo Pegasus Lançamentos*

*04 – A Pantera e a Pirâmide – Distribuído pelo grupo Pegasus Lançamentos*

*05 – A Espada e a Bainha – Revisão Inicial*

*06 – O Escorpião e o sedutor – Leitura Final*

*07 – A Lady e o libertino – Distribuído pelo grupo Pegasus Lançamentos*

## **RESUMO**

*Graham Tristan foi um homem atormentado durante muito tempo. Durante anos viveu sob o medo.*

*Ele era psicologicamente forte. Durante seu exílio na infância, ele cavalgou com os K̄hamsin – Os guerreiros Egípcios do Vento. Aprendera seu código. Ele era chamado de "A Pantera". Agora retornara ao seu lugar de origem como o Duque de Caldwell.*

*Mas ele ainda vive com medo. E um novo rosto assombrava seus sonhos. Um rosto feminino. Cabelos ruivos, da cor do sangue. Seus olhos verdes, esmeraldas. E aquela face, e aquele corpo, aquela lembrança o consumia.*

*Realmente, ele era um homem perigoso, fora aceito pela sociedade com distinção apesar da sua criação; mas existiam aqueles que se opuseram a ele, e certamente ele não aceitaria aquilo. Em seus sonhos, aquela mulher ameaçava tudo que ele deveria proteger; tudo que pensava em esconder. Ela era mais perigosa do que o antigo tesouro que podia convencê-lo a voltar ao Egito, voltar ao deserto onde ele tinha sido criado. Essa mulher poderia desvendar seu coração.*

## **COMENTÁRIO DA LEITORA FINAL MANUELA SOUZA**

*Gostaria de comentar que este livro é muito intenso. O sofrimento do mocinho, o amor que ele tem pela mocinha e o sacrifício que faz em nome deste amor me fizeram refletir sobre a doação plena que só o amor verdadeiro pode proporcionar. Realmente é muito bonito o livro. A autora toca fundo e tenho que contar que chorei com a morte do camelo...*

*Beijos, Manú.*

## *PRÓLOGO*

O cabelo vermelho o perseguia como sempre fez em seus mais profundos pesadelos.

Vermelho. A cor do sangue. O seu sangue. O cabelo... Este chocante carmesim esvoaçando no ar como uma bandeira com a força do vento assobiando entre as areias do deserto. Sempre o deserto, o forte sol amarelo escaudava seu corpo suado, zombando de sua segura, gritos infantis pedindo socorro. Olhos verdes, brilhantes como lustrosas esmeraldas olharam para ele com desafiante desprezo.

Ele gemeu, arremessando e contorcendo-se de dor. Mãos agarravam o ar em uma tentativa desesperada de lutar contra o seu atacante, o atacante que queria a desejada caixa mágica enterrada nas areias do Egito. Ele tentou, oh, ele tentou tão duramente protegê-la, para manter seu incrível poder oculto, mas seu algoz agarrou a caixa. Então, as palavras saíram daqueles lábios zombeteiros.

— Não há como fugir da verdade. Você não pode esconder o que você é realmente.

Com um grito sufocado, ele sentou-se. Suor umedecendo os macios lençóis de algodão egípcio sob seu torso nu. Sua mão tremia incontrolavelmente enquanto limpava a umidade de sua testa com a borda do lençol. Um pressentimento sinistro sacudiu-o.

Não foi o cabelo vermelho desta vez, nem as palavras que lhe causaram tremor. Era o rosto. Desta vez, não era o rosto do homem que abusou dele um dia no deserto. Era o rosto de uma mulher. E ela o faria gritar até que apenas gritos roucos apertassem sua garganta

seca. Só que desta vez, seus gritos não parariam com um pano sujo freneticamente enfiado em sua boca.

Desta vez, seus gritos não acabariam...

## *CAPÍTULO 1*

### **Londres, 1896**

O Duque de Caldwell tinha escolhido uma maneira incomum para perder a virgindade.

Graham Tristan ficou quieto, na sala privada cor de vinho da recepção de Madame Lafontant. O suor escorria pelas costas, parando na cintura de suas elegantes calças brilhante. Convocando toda a sua coragem, ele enfrentou a dona do bordel e disse num calmo tom de comando:

— Ela deve ser inexperiente. E não uma ruiva. Meu irmão me recomendou o seu estabelecimento por ser o mais discreto em Londres.

A atrevida senhora de cabelo castanho deu-lhe uma lenta e minuciosa avaliação.

— Claro, sua graça. Eu me orgulho da discrição e em cumprir os desejos mais profundos de muitos da sua classe. O seu pedido não é incomum. — Ela fez uma pausa e bateu uma unha pensativamente sobre as costas do sofá de crina. — É por isso que eu mandei um bilhete. O tipo de mulher que você deseja acabou de chegar. Não é

bastante jovem. Ela tem 22 anos. Louro dourado. Fala Deus. Muito linda. Será que é aceitável?

Um pequeno sopro de ar escapou de seus pulmões. Graham forçou seu rosto em uma máscara inexpressiva.

— Será que ela é virgem?

— Com certeza. Claro que, por tal joia eu vou ter que cobrar o dobro.

— É claro. — ele murmurou, o coração batendo rápido com uma mistura de excitação e medo.

O corselete de Madame Lafontant estalou enquanto ela levantava-se da espreguiçadeira.

— Fique aqui e eu vou preparar tudo. Por favor, fique à vontade. Há brandy no aparador.

E com um sibilar das saias engomadas de tafetá, ela saiu porta afora. Graham passou um dedo ao longo do colarinho branco encharcado de sua camisa de outra forma imaculada. Ele olhou o aparador com sua disposição brilhante de cristal e garrafa de líquido âmbar. Ele nunca tinha bebido álcool antes, também.

— Há uma primeira vez para tudo –, ele murmurou.

Em três passos, ele estava derramando dois dedos de conhaque em uma taça. Graham engoliu a bebida, tossiu violentamente. Ele limpou a boca e guardou a taça. Meu Deus, ele esperava que o sexo fosse malditamente mais prazeroso do que beber.

— *Existe tal coisa como um duque monge? Ou um monge duque?* Ele perguntou a si mesmo e riu.

Todas as debutantes olharam para ele quando as festas e os bailes da temporada começaram; o brilho do casamento em seus

olhos ao pensar em laçar um adequado duque, bastante rico, seria um escândalo saber que ele era tão inocente quanto elas. Um virgem aos vinte e oito anos de idade.

Mas não muito. Sabendo Deus que ele podia ser enforcado por cometer um crime que ele planejava; uma vingança que poderia levar, Graham tinha prometido sentir prazer nos braços macios de uma mulher pela primeira vez. Hoje à noite, nenhuma uma prostituta qualificada que pudesse detectar sua inexperiência. Ele queria uma mulher tão inexperiente como ele, uma mulher nervosa demais para notar sua desastrosa inabilidade e hesitação. Uma virgem que não o ridiculizaria, se na última hora o pânico florescesse e ele decidisse que não poderia suportar ser tocado depois de tudo...

Graham cerrou suas mãos, olhando para seda escarlate dos painéis de paredes. O homem que roubou sua infância estava morto há muito tempo. Graham o tinha matado com sua cimitarra em um duelo, impiedosamente vingara-se dos abusos que ele sofrera depois de ter sido capturado por uma tribo egípcia aos seis anos. Mas o outro homem, o inglês ruivo que queria o mesmo, ainda vagava livre. O homem que havia prometido a um desesperado menino de oito anos de idade que, se ele não lutasse, faria algo muito desprezível, ele seria libertado de seu algoz e voltaria para a Inglaterra. Graham tinha fechado os olhos e vendeu sua alma ao diabo. Aquele demônio de cabelos vermelhos e olhos verdes...

E então ele gritou em agonia quando o homem foi embora em uma nuvem de poeira, deixando-o para trás para enfrentar o seu captor rindo e o pesadelo do fedor da sujeira, peles cinzentas ásperas de ovelha seu rosto a cada noite.

Os olhos de Graham se abriram. — *Nunca mais*, ele sussurrou ferozmente. — *Eu não sou a mesma criança.*

Abandonando o aparador, ele passeou pelo tapete de lã fina, tentando conter por dentro a agitação inquietante. Ele parou, obrigando-se a lembrar: Ele não seria o único virgem na cama hoje à noite. Certamente a sua primeira amante estaria muito nervosa. *Pense nela*, ele admoestou para si mesmo. *Concentre-se nela*.

Kenneth, seu irmão, que tinha renunciado ao título familiar ao retorno de Graham para a Inglaterra no ano passado, tinha-lhe dado algumas poucas palavras com conselhos explícitos. Ele também lhe emprestou livros com ilustrações explícitas. — A chave para despertar a paixão de uma mulher é fazer amor com sua mente, não apenas o seu corpo. Cortejá-la com palavras, não apenas com o toque, — Ele sugeriu.

Cortejá-la. Graham olhou na sala e viu um vaso de porcelana fina com um buquê de rosas frescas. Ele foi até este, estudando as flores. Em vez de uma dúzia completa de uma cor, elas foram misturadas. Branco, amarelo, vermelho e rosa. Que curioso.

— Pegue uma, por favor. Você pode dar uma para ela.

A voz de Madame Lafontant o assustou. Graham franziu a testa para o vaso, então olhou para a mulher na porta.

— Por que as cores diferentes?

Um sorriso misterioso tocou sua boca, mas ela deu de ombros casualmente.

— Eu gosto de colorido —, disse ela. — Vá em frente, escolha uma para dar a sua amante.

Ele foi escolher e hesitou. Kenneth frequentemente dava rosas vermelhas para sua mulher, Badra. Vermelha certamente significava amor. Graham não conhecia nenhuma mulher que poderia amá-lo. No entanto, o rico, profundo carmesim atraindo-o. Talvez, apenas

talvez, ele pudesse fingir amor. Que faria este ato muito pessoal menos impessoal. Mas ele gostaria de acrescentar uma rosa branca, para minimizar o significado aparente.

— Posso levar duas?

O sorriso de Madame Lafontant se aprofundou. — Mas é claro.

Graham hesitou, então, selecionou uma flor de haste longa carmesim e uma branca. Quando ele retirou-as do vaso, um espinho espetou seu polegar. Recuando, ele olhou para a gota escarlate em sua pele.

— As rosas têm espinhos. Como a vida, sua graça. Doçura e beleza vêm com um preço.

Ele chupava o dedo e deu um sorriso irônico.

— Eu não me importo de pagar um preço contanto que eu não seja totalmente drenado.

Ela riu e apontou para a porta. Graham deslizava com cuidado as rosas em uma mão, o coração martelando de antecipação.

Ele esperava ferozmente que os pesadelos terminassem hoje à noite. Segurando uma mulher em seus braços, sentindo seu corpo desnudo macio sob o seu, mergulhando em seu calor úmido... Nenhuma vergonha mais amarga ou memórias dolorosas.

Hoje à noite ele seria um homem finalmente.

\*\*\*

Jillian Quigley deu um passo mais perto de seu sonho.

Ela tocou a peruca loira, ajustando uma mecha perdida. Neste disfarce, ninguém poderia descobrir a identidade dela. O

Estabelecimento de Madame Lafontant era discreto e pagava suas mulheres também. E nenhuma possuía seu bem mais precioso.

Virgindade. Hoje à noite, por dinheiro, cem libras, ela a perderia. Anonimamente. No escuro, com um estranho indiferente.

Abraçando a si mesma, ela andava pela expansiva sala. Um sorriso irônico curvou seus lábios. Perder sua preciosa virgindade em um bordel, aquilo não faria seu pai uivar agora? Sua filha que ele havia ordenara para se casar com o rico Bernard Augustine, não mais possuiria o bem vendável. Aborrecido Bernard, que constantemente limpava a garganta e ria quando ela começava a discutir as teorias econômicas de Marshall.

Depois desta noite, ela teria dinheiro para viajar para a América. Toda sua vida ela tivera um brilhante sonho, guardado em seu coração. Ela fechou os olhos, inalando o cheiro poeirento de quadros negros, ouvindo a estrondosa voz grave do professor, sentindo o assento de madeira embaixo dela. Dois anos atrás, Harvard College tinha criado um anexo para mulheres. Radcliffe atraiu-a viajante cansado e sedento acenando. Jillian ansiava para beber de seu conhecimento. E ao contrário de seu pai, os professores não a repreendiam por ser inteligente e uma mulher.

Há muito tempo Jillian jurara nunca se casar com um homem emocionalmente remoto como seu pai. O colégio oferecia a única esperança de escapar das sombras cinza de sua silenciosa e opressiva casa.

Ela foi até as pesadas cortinas de brocado azul, que estavam fechadas contra a noite e olhos curiosos da rua abaixo. Seu olhar apreciativo varreu a sala, pousando no acetinado guarda-roupa polido, as mesas marchetadas com os seus delicados mármores, o suave brilho das lâmpadas de cristal de chumbo. Madame Lafontant se especializada em mimar seus clientes ricos com um ambiente tão

elegante como seus próprios domicílios, e as mulheres que forneciam toda fantasia que suas esposas não podiam. Ela olhou para a cama com seus ricos, lençóis de algodão macio, e estremeceu delicadamente. Ela esperava que seu cliente fosse ser rápido, indiferente e insensível. Ela só queria acabar logo com isso e seguir em frente.

Jillian avistou-se no espelho acima da cômoda dourada brilhante. O vestido azul-pavão que Madame lhe emprestara fez sua imagem exótica, quase atraente. Jillian colocou os dedos no decote baixo, ruborizou como ele revelou as metades generosas arredondadas de seu peito. Seu pai insistia em que se vestisse modestamente de cinza fosco. Se ele pudesse, ele a manteria em um saco. Pai invisível, Jillian maçante, confiável, sua moral rígida como a dele.

Os cosméticos tinham alterado sua aparência, pálpebras sombreadas que faziam seus olhos parecer mais azul do que verde. A fraca iluminação auxiliava no disfarce. Não que isso importasse muito. Ninguém esperaria encontrar a filha do conde Stranton em um bordel.

Passos pesados, acompanhado por uma pisada mais leve, soaram do lado de fora do piso de madeira. Pararam diante de sua porta, vozes murmuravam, então, os passos mais leves afastando-se. Jillian mordeu o lábio e reuniu sua coragem. Alisando o vestido, ela enrijeceu sua coluna e enfrentou a porta meio aberta.

*Por favor, não deixe que seja gordo, feio ou fazer qualquer barulho nojento* –, orou silenciosamente. Na última hora o pânico tomou conta dela num aperto frio.

A porta se abriu e seu cliente entrou, lentamente fechando-a atrás dele. Ele estava de pé, as mãos atrás das costas, em silêncio medindo-a.

Respiração presa em seus pulmões. Jillian olhava, fascinada.

Ela tinha orado por um homem não muito feio. Ela não esperava alguém tão bonito.

O choque de cabelo preto escovado, colarinho branco engomado, caído na testa. Seu rosto era classicamente bonito, embora mostrasse um caráter forte como aço temperado em sua mandíbula e no nariz orgulhoso. Seu queixo era firme e forte, mas a boca insinuava uma completa suavidade, lábio inferior cheio sensual. Uma boca feita para beijar.

Jillian recuou ante o desconfortável com o pensamento. É evidente que este era um de linhagem nobre. Mas o que ela esperava?

Ele era de estatura média, alguns centímetros mais alto do que ela, e mostrava uma porção de músculo sob seu terno feito finamente sob medida. Seus olhos eram de ônix, mais negros que a noite, e eles a estudaram atentamente enquanto ela o estudava. Olhos escuros, uma alma cheia com segredos.

Um leve desânimo correu através dela. Ela só queria ter algum controle e banir a memória para o mais profundo canto de sua mente. Como ela poderia esquecer este homem?

Sua boca ficou seca. Ela se sentiu estranha e indecisa. E agora? Ela não tinha certeza do que ele esperava. Deixar que marcasse o ritmo. Se ele apressasse, arrancasse sua roupa... Sua mão trêmula acariciou o lindo vestido azul. Ele tinha uma presença imponente, mas não tinha um brilho cruel naqueles olhos escuros. Parecia... Vigilante. Especulativo.

Finalmente, ele falou. — Alô. Sou Graham.

Sua voz derreteu-se sobre ela como mel quente. Misteriosa e profunda, mas com uma nota áspera. Tão masculino e sólido como granito. Tão diferente dos homens em sua vida. Notavelmente sólido especialmente contrastando com a áspera de Bernard.

Jillian empurrou para trás uma mecha de seu falso cabelo, esperando que os grampos sortidos os mantivessem no lugar.

— Sou Christine. — Ela deu-lhe seu nome do meio.

Ele assentiu e se aproximou seus calcanhares fazendo ruídos abafados no tapete espesso.

— Eu trouxe isto para você –, ele disse suavemente.

Um tremor ligeiro afetou sua mão quando ele lhe deu as rosas. Jillian se derreteu. Ela fechou os olhos, inalando fragrância doce das flores.

— Obrigado –, disse ela timidamente abrindo os olhos para sorrir para ele.

Um olhar pensativo encontrou seus olhos quando ele tocou uma pétala da rosa, depois com o mesmo dedo acariciou sua bochecha.

— Bela, – Ele murmurou.

Ele pegou uma rosa de volta de sua mão e roçou sua bochecha com ela.

— Uma rosa inglesa –, disse ele, com uma delicada e suave beleza.

Seus lábios se curvaram em um sorriso irônico, embora seu coração saltasse ante suas palavras poéticas.

— Rosas Inglesas têm espinhos afiados –, disse ela. Jillian então mordeu o lábio, consternada com o seu tom.

Mas ele parecia imperturbável. Ele levantou o polegar direito, mostrando um pequeno furo marcado por um ponto enferrujado.

— Eu já descobri. Ferido no cumprimento do dever.

Ela sorriu. — Você é muito corajoso, senhor, arriscar se ferir para me trazer um presente.

Ele assentiu. — Sim, completamente certa. Você acha que a rainha merece a minha coragem? Um brilho nos olhos desmentia o tom sério.

Jillian riu sua tensão fugindo. Graham sorriu, mostrando dentes brancos. Seu rosto inteiro havia mudado, as linhas graves suavizando e fazendo-o parecer pueril. Foi uma diferença tão drástica, e Jillian encontrou-se totalmente encantada.

Graham tirou a rosa de sua mão e colocou em uma cômoda próxima. Seu sorriso desapareceu, substituído por um olhar atento. Ele emoldurou seu rosto com mãos grandes e quentes.

Quando ele a beijou tão suavemente que ela se sentiu tão querida como uma noiva na noite de núpcias, Jillian fechou os olhos e fingiu. Seus lábios se moviam debaixo dos dele.

Graham aprofundou o beijo, bebendo em sua boca, sorvendo e saboreando. Ele curvou uma mão sobre sua nuca, segurando-a ainda. Sua língua sondando a linha fechada de seus lábios. Movendo-se levemente rápido, traçando. Uma pergunta.

Ela se abriu para ele como uma flor desabrochando em pétalas. Uma resposta.

Sua língua deslizou para dentro, ele aprofundou o beijo, apertando firmemente sua nuca. Como um aventureiro ansioso, ele explorou a boca, saboreando, mordiscando o lábio inferior. O ar fugiu

de seus pulmões enquanto ela se derretia nele. Uma plenitude estranha agrupou-se em suas entranhas.

Ele quebrou o beijo deles, afastando sua boca com respirações irregulares. Jillian deu um passo para trás, um pouco tonta e assustada. Sua mão voou para a boca inchada.

— Oh –, ela sussurrou.

Ela não esperava ser despertada hoje à noite. Satisfação brilhava no olhar dele.

Sabendo o que se esperava dela, ela chegou para os laços em seu vestido. Graham deslizou para trás dela e ajudou. Seus dedos se sentiam atrapalhados, e uma vez que ele proferiu uma maldição baixa.

— Como diabos vocês mulheres manuseiam estas coisas? Ele murmurou.

Jillian deu uma risada aguda e nervosa. — Elas têm os homens para fazer isso?

A risada quente mexeu suas costas de repente expostas. Ela estremeceu novamente enquanto ele deslizou tirando o vestido.

Ela continuou insegura em seguida. Ela afrouxou os laços da frente com prática facilidade e, em seguida, deslizou incerta para fora de sua camisola e calças... E esteve perante ele, nua e incerta.

Ela estava fria demais por dentro.

O corpo da mulher brilhava como alabastro à luz suave do lampião. Graham sentiu sua respiração falhar.

Tão bonito. O rosto de um anjo, com as maçãs do rosto altas curvas e uma vermelha, convidativa boca inchada pelo beijo. Cabelo louro pendia até os ombros, os cachos sem brilho era única mancha

em sua beleza. Grandes olhos luminosos encontraram o seu. Azul? A esta luz, difícil dizer. Ele supunha que sua cor devia ser de um profundo tom safira. Seus seios eram cheios, pontuados por mamilos rosados. Pele pálida e cremosa implorava por seu toque.

Seus quadris eram redondos, e havia uma ligeira curva na barriga. O monte de Vênus, ele observou com surpresa, fora raspado, mostrando um olhar convidativo para o tesouro entre as coxas. Aquela cavidade úmida com qual tinha sonhado; sonhara afundando no calor molhado e sentindo um prazer que ele nunca tinha experimentado...

Sangue correu para sua virilha, fazendo a leve ereção crescer. Ele enrijeceu como pedra. Ele se sentiu gratificado pela reação. O primeiro obstáculo fora absolvido.

Apenas beijando-a tinha despertado-o. E ele estava satisfeito com seu olhar de espanto atordoado. Embora fosse um virgem, Graham tinha alguma experiência em beijar. A viúva que o tinha visitado uma vez no Egito era uma especialista, e havia lhe ensinado algumas coisas muito prazerosas, mas quando ela efetivamente começou a despir-se para completar o ato, ele congelara.

Isso ocorrera anos atrás, ele lembrou a si mesmo, em silêncio, observando Christine corar até a raiz de seu cabelo loiro. *Você pode fazer isso agora.* De fato, seu corpo ansioso assegurou-lhe que podia.

Graham sentou na cama e desamarrou os sapatos e começou a retirar o seu vestuário. Quando ele ficou nu, um tremor percorreu por seu corpo. Ele esperava que ela não notasse.

A última vez que ele havia tirado a roupa na frente de outra pessoa... As memórias insistiram. As ovelhas sujas, o cheiro de fumaça antiga ardendo em suas narinas. A dor violenta por trás...

Sua respiração dura encheu a sala em silêncio. *Eu não posso fazer isso*, ele pensava freneticamente. *Ela vai saber. Ela vai saber!*

Em seguida, um barulho repentino, pequeno sacudiu a atenção para longe de seu tormento interior. Graham percebeu que tinha vindo dela. Um soluço, pequenos soluços.

Ele estudou-a, percebendo que ela tremia mais do que ele. Como se um brusco calafrio ou medo se apoderasse dela. Seu nervosismo fugiu. *Deus, ela estava mais receosa do que ele.*

Um passo à frente, ele tomou-a em seus braços e a beijou.

O corpo poderoso de Graham assustou Jillian, com seus músculos fortes e o pênis estirado. Nunca antes ela enfrentara tal intimidade masculina. Parecia esculpido em mármore duro, uma riqueza de cabelo escuro cobrindo o peito musculoso.

Ela tinha sido incapaz de impedir que um soluço de medo escapasse de seus lábios. Isso foi um erro terrível. *Como ela poderia fazer isso?* Ela não tinha nenhum amor por este homem. Sem emoções. Ela achava que a falta de emoção tornaria tudo mais fácil.

Em vez disso, tornou mais difícil. Ela deveria estar fazendo isso com um homem que ela amava. Seu amante a tomaria em seus braços fortes e a beijaria, despertando a sua paixão e aliviando seus medos, e eles uniriam seus corpos e corações.

Não, não nesta rigidez impessoal, nesta sala fria com um total estranho. Carne a carne. Sem sentimentos. Sem afeição. Nada além de uma troca de dinheiro.

Mas então ele pegou-a nos braços e beijou-a novamente. Seus medos derreteram um pouco no calor de seus exigentes lábios. Ela fechou os olhos e deixou que pequenos brotos de prazer sensual florescessem.

Graham ergueu-a em seus braços como se ela não pesasse mais do que uma pluma. Com reverência delicada, ele colocou-a na cama.

Ela era mais bonita para ele do que uma lua cheia brilhando sobre as areias do Egito. Graham ficou maravilhado com o seu corpo exuberante, os lugares suaves e doces curvas. Tão suaves comparados com os músculos rígidos de seu próprio corpo.

Ele tocou-lhe devagar, com cuidado, percorrendo-a com as mãos quentes, localizando cada centímetro quadrado de sua pele. Suas pontas dos dedos trilharam sobre seus arredondados ombros delgados, acariciaram com os pontos de sua clavícula. Ele sugou o ar tremendo, cheio de admiração. O corpo da mulher era tão diferente de um homem, tão macio, redondo e flexível, tão generoso e flexível como pétalas de rosa que ele roçara no seu rosto. Inclinando a cabeça, beijou a junção do ombro e do pescoço, saboreando-a. Ele deu uma delicada lambida. Salgado agradável. Um tremor percorreu-a e ela moveu-se debaixo dele. Ah, ela não era indiferente as suas carícias também.

Macio, tão delicada e generosa. Ele continuou beijando-lhe a carne quente, enrijecendo seu próprio corpo para melhor controlar, para evitar impiedosamente mergulhar nela como um fedelho. Seu corpo gritava pela liberação, mas sua mente queria saborear com lentidão, a novidade de sua primeira mulher. Sua boca trilhou uma linha para o topo de um peito firme, e quando ele envolveu seu mamilo endurecido com sua boca, ela deu um grito assustado e arqueou. Um pouco alarmado, ele recuou, então percebeu que o seu grito tinha sido de prazer. Instinto incitou-o.

Ele lambeu e sugou, passando sua língua sobre o bico perolado. Encravada, em parte, abaixo dele, Christine se contorceu e gemeu. Suas mãos cerraram em seu cabelo, segurando-o contra ela.

Graham deixou que suas mãos vagassem pelo seu corpo, sentindo cada curva, os pequenos sulcos e recortes de suas costelas, o arredondamento de seus quadris. Em seguida, mergulhou os dedos na fenda entre as pernas. Ele ouviu seu arquejo. Escondendo um sorriso, ele encontrou a joia pouco mencionada nos livros que ele tinha avidamente devorado. Seu polegar acariciou uma vez, duas vezes.

Recompensado por um gemido agudo de prazer, ele continuou. Ele atraiu o controle famoso que havia aprendido como um guerreiro no Egito e apertou seus músculos, procurando dar-lhe prazer em primeiro lugar. Sua língua moveu-se rápido na dela no ritmo dos pequenos golpes que seus dedos faziam. Umidade orvalhada logo os revestiu.

Ele deslizou um dedo dentro dela, satisfeito com sua resposta. Sua passagem feminina era apertada, oh, tão apertada. O pensamento de seu membro dentro de sua vagina úmida quase o deixava louco. Seu dedo encontrou a barreira de sua virgindade. Ele respirou fundo e pensou inócuo em alguma coisa, como Kenneth tinha instruído.

Finanças. Futuros sobre ações que tinham nas ferrovias americanas. Pensou em fumegantes locomotivas trepidando alegremente continuamente enquanto ela se contorcia soluçando e se remexendo debaixo dele quando seu dedo empurrava dentro e fora dela, acompanhado por golpes selvagens de seu polegar.

Ele aumentou o ritmo, incentivado por seus minúsculos, gritos excitados. Então, de repente ela ficou tensa e arqueada. Sua carne convulsionando sobre seu dedo. Segurando sua cabeça para ela, ela soluçou alto.

Jillian tragou respirações profundas, sentindo-se tão desgastada e confusa que não conseguia se mover. Ela sentiu Graham movimentando-se, afastando suas coxas com as mãos.

Montou-a rapidamente, cobrindo seu corpo nu com o seu. A aspereza de seus cabelos do peito grossos raspando seus seios. O nascimento do medo misturado com prazer maravilhoso quando ele ergueu-se acima dela, a sua intenção prendendo o olhar dela.

Então, ele abaixou a cabeça, deu um beijo doce singular em sua testa. Ela sentiu uma dureza enorme sondando a cavidade sensível entre suas pernas e engoliu um suspiro firme.

— Sinto muito —, disse ele calmamente. Então ele empurrou para dentro dela. A pressão entre as pernas dela aumentou. Parecia que uma barra de ferro grossa invadia seu corpo.

A respiração fugiu num soluço assustado. Ela tentou relaxar, mas a dor súbita pegou-a de forma inesperada.

— Segure-se em mim —, ele sussurrou, tocando sua testa à dela.

Ela o fez, agarrando suas costas, cravando as unhas nos músculos duros quando ele pressionou mais profundo. Ele empurrou e empurrou e depois deu um poderoso impulso, esfacelando sua virgindade.

Jillian deu um pequeno grito. Madame insistiu que ela tinha, advertindo que cavalheiros que gostavam de virgens esperavam isto, mas isso não tinha sido fingido. Enterrou as unhas nas costas de Graham. Uma lágrima caiu de seus olhos.

Lábios quentes desceram para o rosto, perseguindo a gota, beijando esta. A ternura do gesto a tocou.

Graham permaneceu absolutamente imóvel. Esperando. Respirações profundas, irregulares e tensão enrolada em seus músculos avisaram o quanto ele havia sido empurrado. Quanto controle que ele exercia.

Experimentalmente, ela girou seus quadris e sentiu-se relaxar em torno dele. Graham soltou um rugido áspero e começou a se mover.

Seu coração queria explodir quando ele afundou-se nela. Ah, Deus! Nunca se sentira tão intensa felicidade. Ele nunca iria esquecer isto, também.

Ela era quente sedosa e úmida fechando-se em torno dele, tão apertada e quente, ele queria morrer com um estremecimento de prazer, como se o sol tivesse enrolado em torno dele, ele com revestimento de calor derretido. Graham gemeu com o esforço para permanecer imóvel. Instinto masculino o empurrou a se mover, empurrar e puxar. Mas preocupação por ela o acalmava.

E então ele sentiu os músculos minúsculos agarrando-lhe com tanta força e sem relaxar nem um pouco, e ele não pode mais esperar.

Com um gemido estrangulado, ele empurrou para frente uma vez e as comportas estouraram. Ele gritou com voz rouca, bombeando a sua semente dentro dela.

O homem deitou-se sobre ela, seus músculos pesados pressionando-a para a cama. Arquejos profundos encheram o travesseiro onde ele apoiou a cabeça ao lado dela. Jillian moveu-se um pouco, maravilhada com a novidade da experiência. Sentia seus membros lânguidos e pesados. A dor queimava latejante entre suas coxas.

Finalmente, ele levantou a cabeça. Suas pálpebras pesadas, brilhando de exausta paixão, considerando-a com prazer, então se arregalaram.

— Receio que eu esteja esmagando você –, ele murmurou.

— É muito... Certo.

Saindo, ele se deitou ao lado dela. Jillian sentiu uma umidade pegajosa entre as pernas. O seu sangue e o seu semêm. Ela se sentia nua e exposta e, de repente gelada, acometida por um desejo selvagem para que ele a levasse de volta para seus braços. Mas este era um acordo comercial e não amor, ela lembrou-se firmemente.

Para sua surpresa e prazer, Graham se virou para ela e delicadamente puxou-a para um abraço. Jillian encontrou-se instintivamente ondulando seu corpo contra o dele, enterrando o rosto em seu ombro largo.

Então, ele, também, ansiava por calor e proximidade subsequente. Era simplesmente maravilhoso que ele não fosse frio e indiferente. Ela lamentou profundamente. Como era trágico que nunca mais se veriam outra vez.

Graham moveu-se e tocou seu rosto.

— Você está com muita dor? – Ele murmurou.

Constrangida por uma pergunta tão íntima, Jillian deu uma resposta evasiva. Graham mudou de posição e deixou a cama. Ela ouviu a água espirrando no banheiro adjacente. Quando ele surgiu, ele trazia uma toalha limpa molhada e uma nova seca.

Antes que ela pudesse proferir um protesto, ele gentilmente abriu suas pernas e pressionou a toalha lá. Seu rosto ardeu, mas a umidade fria acalmou a dor.

Sua consideração ameaçou-a com lágrimas adicionais. Jillian murmurou seus agradecimentos e ficou imóvel. Ela sentiu-lhe remover a toalha e secar delicadamente com ela.

— Você está bem? Ele perguntou os olhos escuros cheios de preocupação.

Ela deu um sorriso satisfeito.

— A última parte não foi tão boa, mas a primeira parte... Eu me senti como se valsasse no céu.

Deu-lhe um olhar pensativo. — Sim, eu suponho que dançando no paraíso é uma comparação adequada.

Isto agora acabara. Ele iria embora e ela seguiria logo depois, talvez, dando alguns minutos para recolher seus pensamentos agrídoces. Mas em vez de parar para puxar suas roupas, Graham levantou o lençol e deslizou de volta para a cama.

Ele a reuniu em seus braços de novo e ficou ali, olhando para o teto, em silêncio.

Sua timidez natural desaparecera durante o ato com esse estranho, mas isto parecia ainda mais íntimo do que compartilhamento de seus corpos. Mas como seu corpo, grande e poderoso irradiava calor, ela naturalmente se aproximou, aconchegando-se sobre ele como um gatinho sonolento.

Seus olhos fecharam-se e ela lutou contra o sono... E perdeu, afastando em uma nuvem nebulosa. Um pensamento a incitou, que ela deveria fazer algo antes que dormisse, mas isto foi embora quando ela encontrou um adormecido contentamento.

Graham acordou com a luz de um amanhecer cinzento a espreitar através de uma fenda nas cortinas de brocado. Assustado,

ele piscou e tentou avaliar o seu entorno. Algo macio e quentinho estava ao lado dele. Uma mulher. Agora ele se lembrava.

Muito mais chocante do que passar a noite em um bordel foi uma realização maravilhosa. Ele tinha dormido a noite inteira profundamente. Sem sonhos!

Alegria selvagem surgiu através dele. Sem um único pesadelo. Ele tinha dormido, finalmente!

Cheio de felicidade deu um grito pequeno, então acalmou, percebendo que ela ainda dormia. Graham sorriu e virou-se para a mulher que tinha feito essa possibilidade maravilhosa vir à vida. Foi ela, ele sabia disso. Fazer amor com ela baniu seu pesadelo da ruiva de olhos de esmeralda que o perseguia esses poucos meses passados. Com fome, ele acariciou seu rosto com seu olhar. Relaxada durante o sono, ela pareceu mais jovem e infantil do que na noite anterior.

Exuberantes lábios rosados se separaram um pouco enquanto ela respirava. Longos, escuros cílios como fuligem sombreavam o rosto pálido. Ele gentilmente tocou uma curvada sobrelanceira escura.

Quando ele se afastou, preto polvilhava seu polegar. Graham franziu a testa e esfregou um pouco mais forte. Ele olhou para a sobrelanceira vermelha dourada. Seu olhar dirigiu-se para o cabelo. O pavor súbito alagou seu intestino. Uma mecha tímida de fogo dourado espreitava entre as mechas grossas da peruca loira.

Não é de admirar que seu cabelo parecesse duro e grosso em comparação com o resto dela! Com um grunhido, ele passou um dedo até sua testa e se deparou com uma superfície de gumes ásperos. Graham puxou a mecha presa de chama dourada.

A mulher acordou, piscando sonolenta ante seu olhar de horror atordoado. Olhos arregalados, ela agarrou seus cabelos loiros em uma tentativa inútil de mantê-los plantados.

Em um momento ele rolou em cima dela. Sexo não era sua intenção enquanto seus dedos frenéticos agarraram sua cabeça coberta. Ele procurou os grampos que seguravam esta no lugar e puxou-os livres. Um suspiro estrangulado prendeu-se na garganta da mulher quando ele afastou a peruca.

Tranças cor de fogo rolaram para baixo, livre afinal. Graham olhou desvairadamente para o rosto da mulher, em seguida, saiu, correndo para a janela. Com um puxão apressado do cabo de cortina, a luz do sol inundou o quarto. Ele correu de volta, percorrendo seu rosto.

Cabelo vermelho dourado. Os olhos não eram verdes, e sim olhos azuis que ele tinha imaginado na noite passada.

— Oh, Deus! É você! — Respondeu asperamente, seu coração trovejando no peito.

O pesadelo não cessara, depois de tudo. Ele tinha apenas começado.

## *CAPÍTULO 2*

Apanhada. Totalmente desperta, Jillian tocou o cabelo em pânico. Ele sabia. Ele sabia quem ela era! Ela olhou para ele com um apelo em seus olhos, e ele recuou como se ela fosse Medusa com cobras contorcendo-se em sua cabeça.

— Por favor –, disse ela, odiando os tremores de sua voz. — Eu posso explicar.

Ele rapidamente afastou-se dela, agarrando suas roupas amarrotadas do chão. Ele empurrou suas pernas dentro da calça e prendeu-a, em seguida, vestiu meias e sapatos.

Ela não podia suportar que corresse assim, como se ela fosse o seu pior pesadelo e a doçura e paixão da última noite não existisse. Se ele fizesse isto, ela realmente sentia o que a experiência de vender a sua virgindade fizera a ela: uma prostituta.

— Graham –, disse ela em um tom mais forte. — Olhe para mim!

Ele virou-se, empurrando os braços em sua camisa. A raiva brilhou em seus olhos escuros, transformando-os em lascas de ônix. Ela encolheu-se. Sua voz estava ameaçadoramente calma, controlada e mais ameaçadora do que se ele tivesse gritado.

— Eu solicitei explicitamente que não fosse uma ruiva. Qualquer mulher, não uma ruiva de olhos verdes.

Perplexidade misturada com alívio. Ele não conhecia sua identidade.

— Eu sei –, ela admitiu calmamente.

Seu olhar gelado cravou-se nela, ele ficou parado. Esta imobilidade misteriosa a assustou mais do que a sua ira anterior. Ela puxou os lençóis para seus seios.

— Você me enganou –, disse ele.

— Eu não tinha escolha. Todos os arranjos foram feitos anteriormente com Madame. Eu estava desesperada.

Ele moveu-se com o implacável poder para cama e agarrou-lhe o queixo com uma mão forte. O amante carinhoso havia desaparecido, substituído por um estranho perigoso, cujo aperto de ferro mantinha ela cativa. Seu interior tremeu com a lembrança daquelas mãos fortes tocando-lhe com gentileza, doce fogo excitante. Sua fúria assustou-a, mas ela não baixou seu olhar.

— Por que você estava desesperada? Quem é você? – Ele exigiu.

— Eu precisava de dinheiro. Devo permanecer anônima. Não me atrevo a revelar a minha real identidade.

Ele estudou-a. — Você não pode esconder ser uma lady bem educada. Eu te conheço?

Jillian esperava que ele não ouvisse o som selvagem da batida de seu coração.

— Talvez, milorde. Nós nos movemos-nos mesmos círculos. Por isso, vamos continuar como estamos agora, dois estranhos compartilhando uma noite, faces na escuridão. Uma lembrança bem esquecida.

— Esquecer –, ele repetiu. Seu olhar se estreitou. — Droga, eu quero te esquecer. Mas maldita inferno, eu sei que não irei.

Então ele aproximou o rosto do seu e beijou-a impiedosamente. Seus lábios se moviam sobre os dela, persuadindo uma resposta. Jillian lançou um soluço frustrado e lançou os braços em volta do seu pescoço, arrastando-o mais perto, necessitando de seu calor, sua paixão.

Quando Graham se desvencilhou, Jillian colocou uma mão em sua boca inchada pelo beijo, ansiedade rasgando-a. Como pode um homem fazer ela se sentir dessa maneira? Seu olhar concentrou nela bastante penetrante, isto apontava como uma faca.

Engolindo uma respiração áspera, ele disse:

– Nós nunca devemos nos ver outra vez. – E agarrando sua jaqueta, ele girou e saiu, batendo a porta com tal violência que sacudiu as dobradiças.

Jillian foi deixada sozinha, nua sobre a cama. Um frio tomou conta dela. Ela era uma prostituta.

No deserto do Egito, ele tinha sido conhecido como Pantera, o gato silencioso que caçava sozinho as presas. Nunca socializava com outros guerreiros, nunca se juntando a eles em volta das fogueiras crepitantes à noite para rir e trocar contos vangloriando-se da virilidade e coragem na batalha. Ele ficava espreitando, mantendo-se na periferia de brilho avermelhado do fogo, exatamente fora do círculo dos homens, da luz e do calor. Sempre se escondendo nas sombras, uma criatura noturna que odiava e temia a noite, mas em última análise, não poderia resistir a ela.

Como a pantera, Graham era menor do que outros predadores, mas tinha músculos poderosos que poderia atingir um inimigo com rápidos golpes assassinos. Ele tinha se adaptado por puro instinto de sobrevivência. Esta capacidade serviu-lhe bem, quando ele

finalmente aceitou sua herança e chegou a casa na Inglaterra, deixando o deserto, o calor drenante e as lembranças amargas, para sua metamorfose em papel do duque.

Ele forçou-se a transformar-se de um simples guerreiro do deserto em um sofisticado duque. No entanto, por dentro, ele não tinha mudado. Ele rondava as margens de uma fogueira diferente agora, os bailes brilhantes e as festas em Londres, com seus cristais espumantes e conversa igualmente brilhante. Sorrindo e acenando, ele mantinha uma presença distante ainda que educada. Isto tinha criado uma aura de mistério que as senhoras achavam irresistível, e escondia o seu tormento interior, camuflando sua dor tanto quanto as folhas de uma espinhosa árvore disfarçando uma pantera.

Mas de vez em quando, e sua cuidadosamente compostura cultivada rachava. Um rosto visto em uma multidão poderia abater suas vergonhosas memórias, e o duque se dissolveria de gato selvagem feroz em gatinho ferido, um menino assustado preso no Egito, soluçando pelos pais que ele tinha visto ser brutalmente assassinados, que havia sido arrastado para o interior escuro de uma tenda preta, onde um predador mal tinha se lançado sobre ele. A criança aterrorizada que só queria gritar e gritar...

Durante esses momentos, Graham queria estremecer. Ele lutava contra a compulsão infantil de gritar; ele engolia profundas respirações que acalmavam. Ele fugia para um lugar profundo dentro de si, onde ninguém iria testemunhar sua vergonha, e forçaria o mundo lá fora para ver apenas um homem com um sorriso apertado.

Ele não tinha experimentado um desses episódios, fora dos sonhos de costume, em mais de um ano. Até agora. Até a mulher que ele tinha tomado no calor feroz do desejo acabar se tornando o seu pesadelo.

O tremor violento que lhe tomara desde que tinha saído de Madame Lafontant tinha cessado. No momento em que a carruagem de aluguel chegou a sua casa em Mayfair, ele foi capaz de apresentar seu controle usual sossegado para os lacaios altivos que atenderam a porta maciça de carvalho. No andar de cima desaparecendo em seu quarto expansivo no final do longo corredor, ele firmemente fechou a porta atrás dele. Graham enfiou a mão trêmula pelo cabelo úmido.

A ruiva em seus sonhos. Olhos de esmeralda. Como poderia ser?

*Destino*, a sua voz interior ridicularizava. *Ela é o seu destino*. O seu destino. *Sim*, disse sua educação supersticiosa egípcia. Seus anos de formação foram gastos moldados por contos de maus gênios assombrando as areias do deserto. Seu lado inglês desprezava tais ideias e empurrava tais pensamentos de lado.

Caminhando para o quarto de vestir, ele tirou a roupa, despindo-a e jogando-a no chão. Nu, ele caminhou até o armário de água adjacente e jogou água fria na bacia. Graham encharcou o rosto e jogou a cabeça para trás, pulverizando gotículas no espelho. Seu rosto, pálido e escorrido, olhava para ele.

Ele olhou para baixo e se encolheu no escarlate seco em suas coxas e seu membro mole. O sangue virgem dela o marcou.

Com uma maldição baixa, ele tomou uma toalha molhada e esfregou-se vigorosamente, mas culpa o atacou com a ideia de tomar a sua inocência e a forma insensível que ele a abandonou, deitada na cama, olhando para ele com aqueles olhos verdes estampado de dor. Tratando-a como uma prostituta.

*Mas ela me enganou!*

Graham jogou a toalha de lado, caminhando nu em seu quarto de vestir e pegando as roupas frescas que seu criado tinha colocado

fora na noite anterior. Vestiu-se rapidamente com uma camisa branca com colarinho engomado, calças de seda preta e cinza, gravata preta, um casaco trespassado cinza-carvão e colete preto, um fraque cinza e sapatos de verniz. O espelho dourado mostrou uma pele morena, de olhos escuros, aristocrata, sem expressão numa vestimenta inglesa adequada. Não mostravam a turbulência violenta de sua agitação interior.

Ele desceu as escadas em busca de comida e de sua rotina calma.

O amarelo pálido da alegre sala de jantar estava vazio. Em um aparador polido, bandejas de prata continha seus pratos favoritos. Graham selecionou os ovos recém-mexidos, um bolinho quente com manteiga escorrendo como fios de ouro e quatro tiras de bacon crocante. Ele sentou-se e pegou o Times de Londres deitado em seu lugar costumeiro e enterrou-se nele.

– Chá, Sua Graça?

Graham olhou em torno do papel no lacaio. Os servos sabiam que ele bebia o forte café amargo árabe, todas as manhãs, uma lembrança de sua vida egípcia que ele não tinha abandonado.

– Não há nada mais o forte? Café?

– Sinto muito, sua graça. Seu irmão bebeu tudo. O cozinheiro enviou alguém para o mercado para comprar mais. Eu posso ir ao lado agora e pedir algum se você quiser...

– Não se preocupe. – Graham se escondeu atrás de seu jornal novamente, percorrendo as manchetes. Outras famílias aristocráticas de Londres estavam leiloando seus objetos de valor. Um rico americano chamado Henry Flagler tinha construído uma estrada de ferro de Jacksonville, Flórida, em algum lugar esquecido por Deus chamado Biscayne Bay.

Graham devorava esta segunda notícia com interesse. Ferrovias americanas era um bom investimento. Mas as perdas da família no Baltimore & Ohio estavam começando a apertar; que precisavam recuperar o seu dinheiro. Ainda assim, as coisas não eram muito terríveis. Ele era rico o suficiente para comprar uma virgem por uma noite de encantador prazer... E depois acordar na cama da bruxa dos seus pesadelos para o horror que ele ansiosamente queria esquecer. Pontas dos dedos arrastando sobre sua pele, macias como pétalas de rosa... Seu coração batia quando se lembrou dos seus gritos guturais de prazer, o calor escaldante que ele a tocava.

Era apenas sexo, ele firmemente admoestou a si mesmo. Tão quente e doce como tinha sido o sexo, apenas. Nada mais. Certamente ele sentiria a mesma coisa com qualquer outra mulher.

Ele retornou sua atenção para o papel, obrigando-se a se concentrar. Um ruído tilintou e fez esquecer o tabloide. Graham levantou o olhar do tabloide para a criada abaixo trabalhando pesado, carregando um balde de carvão. Sua cabeça estava baixa. Envergonhada e tímida. Lembrou-se do alerta de Kenneth para tratar de ser amigável com os serventes e dispensou-o. Uma saudação civilizada não poderia machucar.

Graham baixou o papel e observou-a colocar o balde no chão. Ela começou a escavar o carvão na lareira, sua cabeça virou como um pássaro tímido.

Ele deu um sorriso breve, amigável.

– Bom dia.

A pequena serva o olhou, então um sorriso hesitante tocou seus lábios. Ela balançou uma reverência desajeitada.

– Bom dia, sua graça. Eu terei a lareira agradável e acolhedora, logo.

Lareira no verão era um luxo necessário, depois de viver no Egito durante anos. Ele assistiu a delicada chama azul e as brasas começaram a brilhar. Seus pensamentos voltaram para esta sala onde ele tinha compartilhado café da manhã com seus indulgentes pais. Graham sorriu perdido na memória. Tortas de framboesa. Ele amava-as.

Uma torta quente... – Ele ponderou em voz alta.

Ele ouviu um suspiro e, olhando por cima, ficou surpreso ao ver os olhos azuis da serva aumentar.

– Vós gostais de tortas, sua Graça?

– Oh sim. – Ele sorriu, lembrando-se. – Lambendo seus recheios, tendo aquela deliciosa doçura inundando sua boca...

Ela umedeceu os lábios.

– Vós gostaríeis saborear tortas, sua Graça?

– Sim, eu gostaria de pedir ao cozinheiro para me preparar.

Um olhar cômico de incredulidade encheu o rosto da serva

– Eu posso servi-lo, sua Graça. O prazer seria meu.

E para seu espantado choque, a serva baixou a pá e se moveu para o seu rumo. Ela se inclinou, pressionando seios fartos contra ele.

– Sua Graça. É um homem tão fino, apto para aquecer cama de uma garota. É tão frio no sótão.

Graham sentiu uma estrangulada respiração escapar.

– Eu vou buscar lhe um cobertor –, disse ele.

Sua mão enfiou a mão no colo dele e acariciou-o. Ele engasgou, mas o seu pênis deu um interessante espasmo.

– Você gosta de tortas. Eu gosto de salsicha –, ela ronronou. – Quer dar uma table-ender<sup>1</sup>? Bem rápido?

– Como? – Ele suspirou. Por baixo de sua mão, ansiosa massageando, o seu pênis empurrou novamente.

– Nossa! É uma salsicha grande e grossa. – Disse ela com um olhar de admiração. Ele não sabia se a repreendia ou agradecia.

Ela esfregou os seios generosos contra ele. Seu corpo apertou, mas não com o desejo feroz que tinha experimentado na noite passada. A última noite tinha sido doce, apaixonada. Esta sensação luxuriosa, de mau gosto. O conhecimento encheu de puro pavor. Ele precisava esquecer aquela bruxa ruiva, mas seu corpo não podia.

Ele agarrou as mãos da serva, tentando escapar do aperto de suas mãos em suas partes íntimas.

– Houve um mal-entendido. – Disse ele.

Passos firmes soaram no chão de madeira, estalando em direção à sala de jantar. Graham levantou o olhar quando seu irmão apareceu na porta. A pequena serva lançou um suspiro chocado e fugiu, pegou o balde de carvão enquanto corria. Um olhar intrigado de Kenneth a seguiu, então atirou de volta para seu irmão. Ele deslizou em uma cadeira ao lado dele.

– O que aconteceu?

– A serva... Apertou minha salsicha –, Graham falou áspero.

Kenneth deu-lhe um olhar exasperado.

– Ajudou-a? Certamente você não iria...

– Eu não. – Graham disparou de volta, ofendido. – Tudo que fiz foi falar o quanto uma vez eu amava as tortas...

---

<sup>1</sup> Sexo sobre uma mesa.

Kenneth encarou-o.

– Bom Deus, Graham! Eu não avisei sobre ser amigável com os serventes? Você não sabe que na linguagem de rua, torta significa uma mulher?

Graham sentiu o enrubescimento lavar seu rosto.

– Obviamente não. – Ele murmurou. – Ela pensou que eu queria lambar seu... – Ele enterrou a cabeça entre as mãos e gemeu. Ele olhou para fora através espalhados dedos. – O que é uma table-ender?

– Uma relação sexual sobre uma mesa.

Graham gemeu novamente.

Kenneth sorriu.

– Isto pode ser bastante coisa, mas eu não recomendaria isso em uma mesa com pratos. Barulhos da china<sup>2</sup>, você sabe. Falando no assunto, algumas notícias para compartilhar?

Obrigando-se a recuperar a compostura, Graham deu a seu irmão um olhar fixo. Ele bebeu um chá, franzindo o cenho. Ele podia parecer um inglês, mas ele odiava essa bebida insípida. Oh, uma xícara de café forte e estimulante...

– Apenas a notícia de que você bebeu todo o meu café. Novamente.

Seu irmão deu de ombros e pegou o bolinho de Graham, mordiscando as bordas. Ele disse:

–Sou um pai expectante, o que você queria? Eu estou bebendo por três. Por mim, Badra e o bebê.

---

<sup>2</sup> Referencia a porcelana chinesa.

– Você deve armazenar o café como um camelo armazena água. E você está claramente comendo por três também –, advertiu Graham, arrebatando o bolinho para longe e jogando-o de volta no prato azul raiado. – Pare de comer assim ou você vai crescer mais do que esta casa. Ou sua esposa.

Kenneth levantou uma sobrancelha zombando e acariciou sua barriga lisa.

– Sempre espaço para mais. E, tanto por minha esposa, tão logo nós fizemos um, nós vamos ter outro.

Graham assentiu.

– Dê a pobre mulher um descanso, homem, ou você quer preencher todos aqueles quartos vazios no andar de cima do berçário –, ele aconselhou. Um sorriso apaixonado tocou sua boca, então ele olhou para o teto, franzindo a testa. – Como está Badra? Ela não desceu para as refeições há dois dias. Ela está bem?

Ele conhecia seu irmão bem o suficiente agora para discernir a preocupação em seus olhos.

– Cansada. Preocupada. O médico disse que o bebê poderia estar aqui a qualquer dia. Ela está pronta. Mais do que prontaa. – Ele soltou um suspiro. – Assim como eu.

Graham se sentiu estranho. Ele sentiu a ansiedade de Kenneth, mas não sabia como oferecer conforto.

– Ela ficará bem. – Disse ele com firmeza.

– Eu sei que ela vai. Basta disto. – Ele esticou as pernas e bateu os dedos na toalha de renda branca. – Como você se saiu na noite passada?

A pergunta, feita casualmente, mascarava a ansiedade de Kenneth, mas Graham sabia que estava lá. Ele se inclinou para trás com um sorriso triste, lembrando o ato.

– Eu, saiu... Tudo bem.

Prazer brilhou nos olhos de seu irmão. Graham sentiu uma onda de afeição profunda. Este irmão que tinha apenas começado a conhecer no ano passado. Este irmão que tinha uma vez considerado um inimigo. Este irmão que ele nunca veria mais uma vez no ataque feito e ele balançasse na forca...

Kenneth deu um grande grito e deu-lhe um tapa nas costas.

– Eu sabia! Parabéns. – Então ele olhou em volta apressadamente e enrubesceu. – Desculpe. Então me diga fez tudo como o planejado? Sem percalços?

Seu sorriso deslizou quando Graham cerrou suas mãos e disse:

– Apenas um ou dois. Ela tinha o cabelo vermelho. Olhos verdes. Como o pesadelo.

Kenneth parecia chocado.

– Maldição!

Graham concordou.

– Ela, a mulher estava usando uma peruca. E sob a luz fraca, a cor de seus olhos foi difícil de discernir.

– Sinto muito, Graham.

– Por que você deveria pedir desculpas? Se não fosse por você empurrando-me para isso... – Ele encolheu os ombros. – O objetivo foi alcançado, e muito agradável, devo acrescentar. Claro, eu acordei esta manhã e percebi que tinha sido enganado.

O olhar de seu irmão era nítido.

– Você dormiu lá?

– Durante toda a noite. – Graham suspirou. – Toda a noite passada. – Disse ele de forma significativa.

Os olhos de Kenneth se arregalaram como os pires.

– Sem pesadelos?

– Nenhum.

Kenneth agarrou-se ao tema como um filhote de cachorro com um osso.

– Talvez... Isto soa como se ela fosse à resposta para seus sonhos. – ele sugeriu, estudando Graham.

Graham bufou escárnio.

– Meu pior pesadelo?

– Graham, há uma razão porque as coisas acontecem da maneira que fazem. Eu acredito nisso. E você também. Destino.

Graham começou a protestar, depois parou, olhando para seu prato. Tanto ele quanto seu irmão, criados separados tribos egípcias quando seus pais foram assassinados durante um ataque a caravana; mantinham firme a supersticiosa educação beduína. Eles não poderiam mais apagar isso do que eles poderiam mudar seus genes ingleses.

– Você ainda irá hoje à noite ao baile Huntley?

– Sim –, Graham disse calmamente. – Obrigações sociais.

– Bem, você já treinou o suficiente. Você quase parece Inglês completo novamente. Você come como um inglês, você valsa, mesmo

muito melhor do que eu. Ninguém pode dizer que fomos educados no Egito. E o céu sabe que você é tão altivo como um inglês-, Kenneth brincou.

Quando Graham reunira-se com Kenneth no ano passado no Egito, ele tinha concordado em voltar para a Inglaterra com ele, sua nova esposa, Badra, e sua filha, Jasmine. Tinham ido para a fazenda da família em Yorkshire. A partir daí, Kenneth circulou uma história elaborada sobre o passado de Graham para fazer a sua aceitação de volta à sociedade mais segura. No tranquilo campo, Graham estudou os maneirismos da etiqueta inglesa, e perdeu a maioria de seu sotaque egípcio. Os primeiros bailes e festas em Londres no mês passado tinham sido bem sucedidos. Mas valsar com debutantes era muito mais fácil do que dançar com o diabo de seus pesadelos...

Os olhos azuis de Kenneth eram afiados.

- Você acha que ele vai estar lá, agora que a temporada foi totalmente aberta, o que você disse quando al-Hajid o chamou? Al-Hamra?

- Sim. O vermelho. Eu tenho outros nomes para ele.

- Ele pode não estar lá hoje à noite.

- A *sociedade* inteira assiste à festa do Huntley. Tenho certeza que ele vai estar lá. Ele vive em Londres, Kenneth. Tenho certeza que era ele que eu vi no ano passado na praça.

No ano passado, antes que ele deixasse de lado a vida de um guerreiro egípcio e revelasse o seu verdadeiro patrimônio, Graham tinha visitado Londres. Enquanto caminhava no parque ele viu um nobre ruivo e sentiu com certeza que era al-Hamra. Incapaz de aguentar a ideia de enfrentar seu algoz, ele havia fugido em pânico trêmulo de volta ao Egito, onde ele permaneceu escondido, jurando nunca mais voltar para a Inglaterra. Tinha sido necessário uma

grande dose de incentivo de Kenneth e Badra para persuadi-lo a retornar. Ele tinha muita vergonha, medo demais.

Agora que ele voltou e começou a reaprender a vida inglesa, sua vergonha tinha-se dissolvido lentamente em raiva amarga. Al-Hamra devia ser impedido de pegar outras desesperadas crianças indefesas. E uma ideia de repente cristalizada, como uma coifa levantando seu rosto. Ele tinha visto instalando-se como duque com um puro propósito: misturar-se nos bailes de sua primeira temporada, e, em seguida, revelar o seu passado...

- Graham, todos da sociedade pensam que fomos criados por um excêntrico casal apaixonado inglês que viajou por toda a Arábia. Além disso, você tinha apenas oito anos quando ele... Quando... Você sabe. Ele não poderia reconhecê-lo.

Graham ergueu o atormentado olhar para seu irmão.

- Não estou preocupado com ele reconhecer-me. Estou preocupado que...

Ele quase caiu. Ele apertou os lábios.

Seu irmão se inclinou para frente, seu olhar compassivo.

- Você está preocupado que você vá fugir como fez antes?

As palavras não foram concebidas como um insulto, mas Graham sentiu seu aguilhão penetrante.

- Eu não estou preocupado se vou fugir. Desta vez, estou preocupado que uma vez que vá reconhecê-lo... - Ele deu um sorriso frio, o que sentia. - Eu o matei.

Ela sempre tinha sido uma boa menina. Correta, calma e educada. *Sim, pai.* Sem temperamento exaltado. Coluna reta, moldada pela vontade de seu pai. Um fantasma de si mesma. A

parede de tijolo vermelho escondendo fogo em silêncio. Dentro, como ela queimava e se enfurecia. Nunca fora. Nunca.

Jillian bateu seu ovo matinal com o fio da faca, com força, rápido como uma garota tentando se libertar da casca.

Havia sempre ovos cozidos em casa do Lord Stranton, porque seu pai queria apenas ovos cozidos no café da manhã. Um dia, ela prometeu a si mesma, teria ovos mexidos. Talvez com um traço de pimenta jogada no meio e queijo duro. Ela tinha dado um passo muito maior para a liberdade na noite passada.

O Conde de Stranton grunhiu enquanto comia seu ovo com bom gosto, golpes precisos. Sua impactante cabeleira vermelha ficando cinza estava ficando careca e tinha um corpo que era navalha fina e uma tez pastosa. Seus brilhantes olhos verdes eram como os dela. E eles não perdiam nada. Jillian sentiu seu coração acelerar de pavor. Ele poderia saber o que ela tinha feito?

Ela pensou no dinheiro ganho, cuidadosamente escondido no quarto dela. Tanto dinheiro, tudo para uma noite de paixão nos braços de um estranho. Um estranho que ela não conseguia esquecer.

Sua mandíbula cerrou, e ela olhou com náuseas para seu ovo. Em mordidas pequenas, ela começou a comer. Jillian pensou no andar de cima, na tábua solta no quarto dela escondendo outros segredos. Logo ela estaria nos Estados Unidos. Aventura. Faculdade. A vida. Que o padre da terrível escola insistiu em moldá-la em uma mulher de modelo para um aristocrata rico tinha apenas aguçado o seu apetite para o aprendizado.

Certamente na América alguém ouviria seus pensamentos, seria respeitada. Nesta casa, Jillian sentia como móveis cobertos de

lençóis Holandês, conservados sob dobras de civilidade até que o pai poderia casá-la com o maior lance.

Ela tentou preencher o silêncio desconfortável com a conversa:

– Eu entendo que os americanos construíram um trilho através da Flórida, Pai. Mr. Flagler terminou a linha em algum pântano terrível que eles chamam de Miami. É fascinante como eles continuam a se expandir. Você acha que algum desenvolvimento se seguirá?

Silêncio ainda. Podia também falar com o papel de parede. Jillian tentou de novo, empurrando para trás uma dor na garganta. Seu pai nunca a escutou.

– Mr. Dow nos Estados Unidos criou um padrão fascinante novo chamado o Dow Jones Industrial Average. Eu acho que a depressão americana vai acabar em breve, com a sua eleição presidencial. Pai, você acha que a diversidade é um fator importante para manter as finanças de um? Tia Mary diz que se o marido tivesse diversificado seus investimentos americanos mais, ela não estaria em tão grandes dificuldades financeiras.

Agora, ele se virou e olhou, seu olhar penetrante rastreando sobre ela. O silêncio pairava no ar mais uma vez, nítido e mortal. Jillian encolheu.

– Sim, sua tia Mary. Jillian, você não me pediu permissão para passar a noite na casa dela. Quando voltei na última noite e sua mãe me contou, eu estava muito chateado.

A mentira que ela contou para a mãe, usando sua tia favorita como um álibi, estava prestes a cumprir o seu ajuste de contas. Jillian reuniu sua coragem e ousadia encontrou seu olhar.

- Eu tenho vinte dois, Pai, e não sou mais uma criança. Certamente eu posso ter autoridade para sair uma noite de vez em quando.

Lá! Ela tinha feito isso. As palmas das mãos ficando úmidas enquanto ela cerrava-as no colo. O ataque foi feito. Ela se sentiu um tanto eufórica e com medo. Nunca antes tinha falado daquele jeito.

Lord Stranton colocou sua xícara de café com muito cuidado para baixo e colocou as duas mãos sobre a mesa. Ele sorriu para a esposa do outro lado da mesa infinitamente longa. Mas Jillian conhecia aquele sorriso; o Conde de Stranton nunca levantava a voz. Ele só deu um sorriso frio que cravou o terror em seus ossos.

O olhar frenético de Jillian moveu rápido para sua mãe, que empalideceu. Oh, querido Deus, não, por favor...

- Sylvia, você tem negligenciado o jardim de rosas que afirmou tanto amar, como você negligencia o controle de nossa filha na minha ausência. Os arbustos estão bastante crescidos e espinhosos. Poda disciplinada é necessária para o cultivo de qualquer coisa, seja um jardim ou uma criança voluntariosa. Não é, minha querida?

- Por favor, Reginald. - A voz de sua mãe tremia.

O Lord Stranton acenou para o laçao presente.

- James, busque a tesoura de poda. Leve todo o pessoal do andar de baixo com você para o jardim. Quero que cada roseira seja cortada. Imediatamente. Pelas raízes.

Ela não podia permitir que a mãe levasse a punição. Ignorando-lhe o pulso rápido, Jillian se forçou a falar.

- Pai, por favor, a culpa é minha. Eu devia ter lhe contado. Não culpe mamãe. Ela não tem nada a ver com isso.

O conde concentrou sua atenção sobre o laçao.

– Imediatamente, James. Cortem todos eles, rente. E queime-os.

– Sim, meu senhor –, respondeu o laçao.

Um nó subiu na garganta de Jillian quando ela observou o servo sair da sala de jantar. Sua mãe abaixou seu olhar para a mesa, mas não antes de Jillian ver um brilho tênue de lágrimas. No entanto, Lady Stranton não permitiria que seu marido as visse.

Familiar desolação encheu Jillian. Ela concentrou-se em comer, mas não conseguiu empurrar para trás a sua raiva e medo. Trevas pressionadas por trás das pálpebras. O velho pesadelo lançado a superfície. Uma porta silenciosamente fechada, uma volta na chave na fechadura, um grito baixo de dor...

Jillian mordeu o lábio, querendo afastar-se da escuridão. Ela devia manter a porta fechada para sempre. Ela não queria saber dos segredos por trás.

– Agora, Jillian, sua agenda. Estou liberando-a de suas visitas habituais, esta tarde. Eu quero que você finamente vestida e brilhante para hoje à noite no baile Huntley. E para o Sr. Augustine. – Seu pai considerava ligeiramente por cima da borda de sua xícara de café, mas não havia dúvidas quanto à vontade de ferro nesse tom. Esta era uma ordem, declarou, tão precisamente quanto um comandante militar.

– Sim, Pai, eu vou estar à noite no baile Huntley.

– Bom. Sr. Augustine pediu formalmente a sua mão, e eu aceitei. Eu disse que irei anunciar o seu noivado esta noite.

A boca de Jillian ficou seca. Algo dentro dela gritou. Diga-lhe que não pode se casar com Bernard! *Diz não, apenas por uma vez!* O

guardanapo de linho amassou em suas palmas suadas. Ela moveu os lábios, em seguida, ouviu-se dizendo em voz baixa:

– Sim, Pai.

Repulsa agarrou seu estômago. Ela olhou para o seu ovo, a casca rachada. Ela não era um fogo silencioso que ruga para dentro. Ela era um ovo, cuja casca frágil exterior escondia suavidade ainda maior. Tão fraca. Oh, muito fraca.

*É por isso que eu tenho que sair.*

Era tarde demais para sua mãe. Jillian olhou dolorida para a silenciosa condessa, para as sombras roxas sob os grandes olhos azuis, as depressões em suas bochechas. Jillian não podia suportar deixá-la, mas a tia Mary prometeu que seria vigiada. Irmã de seu pai, que tinha incentivado Jillian a procurar Madame Lafontant para ganhar o dinheiro que precisava para fugir. Elas haviam trabalhado juntas nos arranjos, à espera do momento em que o conde saísse de sua casa em uma das excursões que ele ia para resolver questões em sua propriedade em Derbyshire.

– Ela é proprietária de um dos bordéis mais elegantes de Londres. Você será bem tratada, Jillian –, Mary tinha dado certeza a ela.

Agora, mais uma baile, e depois que ela partiria.

Mas até então ela deve ser escrupulosamente cuidadosa para não despertar suspeitas de seu pai. Ato tão normal quanto possível, ser a filha, obediente e estúpida que ele conhecia.

Logo, ela prometeu a si mesma, segurando o guardanapo no colo, torcendo e virando o linho. Logo ela estaria livre.

Quando o café da manhã acabou, Jillian educadamente se desculpou e fugiu para dentro do santuário silencioso da biblioteca.

Fechando a porta, ela se inclinou contra esta com um suspiro trêmulo, inalando profundamente o cheiro de capa de couro de aprendizagem.

Aqui era a paz. Aqui era de seu conhecimento. Seu porto.

Ela se acomodou em uma poltrona estofada, com um volume de Princípios de economia de Alfred Marshall. Seus dedos carinhosamente acariciaram o pesado tomo. No entanto, por uma vez, as palavras não conseguiram segurar a atenção dela. Em vez disso, ela continuou vendo o homem da noite passada. Graham.

A dor que queimava ainda existia entre as pernas, e pensamentos enchendo sua cabeça. Paixão desencadeada nos braços de um estranho, seu grito agudo enchendo o ar que ele trouxe para o prazer sem sentido. Uma noite com um homem bonito que tinha pagado caro por aquilo que o marido teria de graça. Graham com seu rosto, tenso com o desejo, oscilou ante ela. Seu terno cuidado. Seu corpo duro aninhando-se no dela.

Seu rosto irado quando ele descobriu seu truque. Jillian retesou-se no interior. Quem era ele? Um nobre com um sabor de inocência? Tudo o que ele era, sua maneiras para ela tinha sido gentil, terna, sem nenhuma das asperezas ou desmandos que ela esperava.

Pensou em sua semente dentro dela, um segredo, um botão minúsculo florescendo em um jardim úmido. Mas sua menstruação tinha acabado de terminar e ela tinha tomado a mistura de ervas que Madame garantiu que impediria sua concepção. Ela não tinha corrido nenhum risco.

Logo, ela prometeu a si mesma. Muito em breve estaria livre e na América.

– Você não pode matá-lo, Graham.

Kenneth não iria desistir. Todos os dias ele tinha acochado Graham, perseguindo-o, tentando convencê-lo a falar sobre o assunto que Graham estava determinado a não discutir. Oh, como ele lamentou ter deixado escapar aquelas palavras!

Seu irmão encostou-se na porta fechada, a preocupação franzindo sua testa enquanto se encontravam no espaçoso quarto de vestir de Graham. Graham estudou seu reflexo no espelho dourado. O desgaste da noite pendia em linhas bem definidas em suas feições. Ele olhou para o inglês, mas por dentro ele ainda era um guerreiro egípcio treinado para revanche certa.

Silêncio espesso pairava no ar entre eles. Graham passou um dedo ao longo de sua gravata apertada. Todos estes anos restantes escondido, uma pantera à espreita disfarçada, temendo mostrar sua verdadeira identidade. Pantera que estava pronto agora para atacar.

O valete voltou, silenciosamente recolhendo roupas descartadas. Kenneth passou a falar árabe, uma língua que ambos os irmãos sabiam e nenhum dos servos conhecia.

– Você não pode fazer isto, Graham. Você não é mais um guerreiro. Você não pode simplesmente brandir sua cimitarra, exigindo justiça.

Um sorriso sem graça tocou os lábios de Graham.

– Sim –, uma pistola seria mais eficiente. – Ele considerou. – Embora não seja tão dolorosa.

– Você não pode matá-lo. Tanto quanto aquele bastardo maldito mereça. – A voz de Kenneth permaneceu leve, mas duas linhas marcavam sua testa. Ele parecia muito perturbado.

- Talvez não. A castração é muito mais apropriada. Há algum eunuco ruivo? Mas a brincadeira não fez seu irmão sorrir.

- Contrate alguém. - ele deixou escapar. - Deixe o bastardo sem sentido ou até mesmo morto na esquina de uma rua, mas não o faça você.

- Não. Isto é pessoal. Devo fazer isso sozinho.

- Então, o que, Graham? Droga, eu não gosto da ideia do chagal estar andando pelas ruas livre e despreocupado mais do que você. Mas esta é a Inglaterra, não o Egito. Existem leis. - Seu irmão estava quase gritando.

- Existem leis no deserto, assim. - Graham lembrou-lhe calmamente. - As punições um pouco mais primitivas, pode se dizer são mais eficazes.

- Se você for pego, você vai ser preso e enforcado. - A face de Kenneth, o belo rosto trançado pela tristeza. - Todos esses anos pensando que você estava morto, Graham. Todos esses malditos anos desperdiçados. Eu não vou perder você de novo, não por isto. Você está na família, e eu te amo tanto quanto eu amo a minha própria esposa e filha.

Seu irmão admitiu agora o quanto ele se importava. Ele não merecia tal afeto. Sua alma estava tão escura como o interior de uma tumba egípcia fria. Ele tinha matado cruelmente antes, e ele mataria novamente. Qualquer mulher que se atrevesse a escolher a tê-lo por perto iria ter um em desgosto se descobrisse quem ele era por dentro. No entanto, Kenneth e Badra, e Jasmine, todos eles tentando convencê-lo a dar um espaço pequeno feliz a vida e ao amor. Graham resistiu, permitindo-lhes apenas abrir a porta para que ele pudesse ver o interior.

Foi o melhor. Porque quando a sociedade inglesa descobrisse o seu segredo, só a riqueza e a posição Kenneth iriam permitir que ele e sua família pudessem manter a cabeça erguida. Nesta sociedade, o dinheiro era mais importante do que a honra, Graham pensou cinicamente.

A preocupação pesou para ele. As finanças da família tinham estado tão instáveis ultimamente. As perdas no Baltimore & Ohio realmente tinham sido impressionantes. Os preços agrícolas caíram e a colheita tinha sido pobre. No entanto, Kenneth parecia otimista que iria se recuperar. Eles deveriam, se o plano de Graham tivesse sucesso. Eles deveriam pelo bem do seu irmão.

Apesar de não ter nascido no seu profundo senso de honra beduíno, ele corria em suas veias. Ele queria proteger sua família do escândalo. Ainda assim, sua única chance de redenção era eliminando a besta. Al-Hamra morreria, envergonhado diante de seus pares, seu abominável comportamento revelado. Embora o expondo perante o seu *beau monde*<sup>3</sup> significava expor sua própria vergonha.

Sua vergonha iria morrer com ele na forca do carrasco. Enquanto ele não cobiçasse a morte, darias boas vindas ao fim da dor.

Graham estudou os olhos azuis preocupados encontrando os seus no espelho dourado. Ele engoliu um espesso nó que entupia sua garganta. Kenneth tinha Badra e Jasmine. Eles não podiam entender a escuridão dentro dele.

Ele forçou um sorriso e falou em inglês.

– Não se preocupe. Prometo ser bastante cuidadoso ao ir até Huntley. Se ele estiver lá, provavelmente não irei vê-lo.

---

<sup>3</sup> Expressão em francês que significa: Alta sociedade.

Mas quando o valete moveu-se para ajustar os punhos, ele alcançou a expressão de seu irmão no espelho. Ambos sabiam que era apenas uma questão de tempo.

Graham esperou até que ambos, o valete e o irmão, saíssem então ele passou até a parede mais distante do seu quarto de dormir. Numa depressão de um entalhe no revestimento de pinho, ele puxou o mecanismo que revelava o compartimento secreto. A velha casa estava cheia de tais segredos.

Um grande caixão de madeira de cedro repousava no nicho da parede. Graham pegou uma chave da gaveta da cômoda e abriu a caixa. Riquezas deitavam lá dentro: metade de um mapa de papiro que levava a um tesouro enterrado, mas era inútil sem a outra metade, uma foto amarelada de seus pais, pilhas de cédulas de libra. Graham tinha resolvido nunca mais ser pego sem dinheiro. Olhando para a foto com o sofrimento familiar, ele acariciou-a. Olhos castanhos serenos de sua mãe olhavam para ele.

*"Uma criança tão linda, seu Graham, seus amigos diziam. Ele se parece com você, querida Miranda. Tão bonita."*

*Um menino tão bonito, o demônio sussurrou zombando.*

O estômago de Graham retesou-se. O mapa de papiro levava a uma estátua de ouro e uma esmeralda de valor inestimável enterrado no deserto do Egito. Al-Hamra tinha a metade perdida.

Graham deixou de lado sua raiva e o pesar e escavou o fundo da caixa. Ele desembrulhou na palma da mão, um objeto oblongo do seu manto de anil, colocando-o sobre a cômoda, então recolocou o caixão e fechou o painel da parede. Então ele pegou o objeto de revestido de couro e o estudou.

Ao contrário do *jambiyā*<sup>4</sup> que ele utilizava no Egito, essa faca tinha sido feito por encomenda. Era pequena e fina suficiente para esconder dentro da manga de um homem. E escorregar para baixo na palma da mão.

Ele embolsou o punhal e saiu do quarto de vestir, então seguiu pelo corredor para ir ao baile de Huntley.

---

<sup>4</sup> jambiya - adaga árabe.

## *CAPÍTULO 3*

Um fantasma cinzento olhou de volta para ela no espelho quando Jillian se olhou envolvida na roupa de seda cinza. Minúsculas gotas de suor pontilhavam sua testa. Ela tentou respirar fundo, mas foi restringida pela barbatana de seu espartilho.

Sua serva terminou puxando o tecido no lugar. Jillian reprimiu uma careta. O vestido de baile fora de moda tinha um corpete de gola alta e linhas rígidas. Só por uma vez ela desejava usar verde esmeralda, para mostrar os ombros nus e o indistinto salpicado de sardas entre eles. Sardas que tinha sido escondida pela luz fraca do bordel.

Graham gostava de sardas? Em um mundo diferente seus lábios acariciariam cada uma, bendizendo os pequenos pontos enquanto os aquecia com sua boca?

Graham, aquele nobre bonito tinha tirado sua virgindade. Sua voz tinha um ligeiro sotaque que ela não reconheceu, mas seu porte e estatura a convenceram de que tinha uma posição de grande riqueza e importância. Quão terrivelmente embaraçoso seria se ele estivesse lá hoje à noite.

Quão terrivelmente delicioso também.

Jillian alisou o vestido. Rendas marfim resvalavam da manga. Seu cabelo, confinado, foi aconchegado com tanta força que sua cabeça doía. Lord Stranton insistia em penteados severos para superar a desvantagem do cabelo vermelho. Ela rebeldemente puxou algumas mechas.

Em Radcliffe, ela não iria usar um espartilho, ela decidiu.

Na carruagem, ela se sentou em frente ao seu pai e ao lado de sua acompanhante, tia Mary. Sua mãe tinha permanecido no seu quarto todo o dia, tomando remédios para dor de cabeça. Jillian ansiosamente virou-se para sua tia, a única pessoa que a escutava.

- Eu li que o Sr. Dow publicou sua média industrial. Ele também criou uma média de ferrovia-, ela comentou.

Sua tia deu-lhe um olhar interrogativo.

- Você acha que ações ferroviárias ainda é um investimento digno?

- Eu não acho que eles se inclinam para a administração como Baltimore e Ohio. Estou mais interessada na campanha presidencial nos Estados Unidos. Que será bastante reveladora.

Sua tia olhou para o pai de Jillian, que estava olhando em silêncio meditativo para fora da janela da carruagem. Ela baixou a voz.

- Como assim?

- Mr. Bryan está defendendo a bandeira prata. Mr. McKinley é compatível a bandeira ouro.

- E quem você acha que vai ganhar?

Jillian franziu o cenho.

- Mr. McKinley. Ele apoia uma América mercantil e os interesses industriais, e aqueles que permanecem sendo o poder real na América. Além disso, desde que a Lei Sherman para compra de prata foi revogada, como pode alguém considerar seriamente o apoio a moeda de prata?

- O ouro, então, é o que o Sr. Pepperton deve considerar?

– O Sr. Pepperton foi sábio ao vender suas ações das minas de prata, quando o fez.

– Eu sei. Pepperton recebeu bons conselhos –, murmurou Mary.

Jillian escondeu um sorriso. O mítico Sr. H.M. Pepperton era um personagem que Mary tinha criado após a morte de seu marido americano. Horace tinha deixado uma pequena herança, da qual o advogado de Mary cedeu a ela uma renda muito modesta. Jillian começou a imaginar que o Sr. Pepperton já tinha dobrado o dinheiro de Mary afundando-o em vários investimentos ou conseqüentemente em venda de ações.

– O Sr. Pepperton recebe bons conselhos, porque ele ouve seu conselheiro –, mesmo que ela seja uma mulher. – Sugeriu Jillian.

Como se tivesse finalmente pego a conversa, o pai virou-se para Jillian com uma carranca. Seu olhar severo repousou sobre ela. Crítico. Julgador. Avaliando-a como se fosse uma obra de arte em leilão.

– Quantas vezes eu devo avisá-la para acabar com esta tagarelice, Jillian? Nada ofende mais um homem que uma mulher que finge ser tão inteligente quanto um homem. Espero que você seja um modelo de respeitabilidade hoje à noite. O seu noivado com o Sr. Augustine é importante para mim. Eu preciso de sua ajuda para que meu projeto de reforma seja aprovado na Câmara dos Comuns. Eu tenho uma chance de avançar na minha carreira política se for aprovado. Em troca de sua mão, ele prometeu um bem-sucedido acordo de casamento.

Jillian se sentiu mais como uma prostituta agora do que na noite passada, quando se vendeu para reabastecer os cofres cada vez minguados de seu pai. Ela sentiu uma mão enluvada descansando em

cima da sua e olhou para baixo. Mary deu-lhe um aperto de mão, rápido e reconfortante.

A carruagem parou abruptamente. Jillian desembarcou e suas sapatilhas infantis pisaram silenciosamente sobre o tapete vermelho que levava à entrada principal de Huntley. Ela forçou um sorriso quando passou pelo elaborado pórtico da mansão Mayfair, ladeada por seu pai, vestido na sua casaca vermelha e gravata branca, e sua tia de cabelos escuros em *bombazine*<sup>5</sup> preta. Na sala de estar, ela retirou o casaco, sentindo-se como um pássaro despojado de suas penas, mas o sorriso permaneceu congelado em seu rosto enquanto desciam a escadaria de mogno que dava para o salão, e quando o mordomo os anunciou em tom alto.

Lustres de cristal brilhavam sobre as cabeças, lançando luz suave sobre as dezenas de casais que giravam em torno da pista de dança. As saias das mulheres ondulavam em arcos graciosos de seda, cetins, rendas e tafetás. Como flores coloridas desabrochando, Jillian pensou vagamente.

Guiada por sua tia, ela se estabeleceu perto de um grupo de matronas. As damas de companhia olhavam atentamente para jovens aos seus cuidados que se distanciavam bastante, ou para os cavalheiros que desejavam mais do que um simples beijo nos dedos enluvados.

O leque de rendas com paus de marfim que Jillian apertava fortemente na mão de permaneceu fechado. Seu cartão de dança pendia de seu pulso em torno das luvas brancas. Rodeada por um rebanho de matronas em severas bombazine, ela era um cavalo encurralado, que já estava comprada. Bernard estava perto, conversando com alguns outros.

---

<sup>5</sup> Um tecido entrançado, especialmente um com uma urdidura de seda e trama de lã, antigamente usado pintado de preto para o luto.

Uma última dança. Uma última dança, então a liberdade. O navio para a América saía em cinco dias. Mais cinco dias e ela estaria reclinada no seu convés.

Mas, quando seu pai se aproximou com Bernard e apertou sua mão cordialmente, Jillian teve a sensação de que não seria logo. Os negociantes estavam claramente fazendo uma operação rentável.

Jillian olhou com medo para o rosto corado de Bernard com um encerado bigode. Ela o imaginava sobre ela na noite de núpcias, o seu corpo tenso, sua respiração áspera, sua barriga flácida esfregando-se nela. Ela se obrigou a abrir um sorriso novamente enquanto ele se aproximava.

– Sra. Huntington. – Ele cumprimentou tia Jillian com uma inclinação formal.

– Bernard. – Mary deu-lhe um olhar frio, mas ele a ignorou e se virou para ela.

– Jillian, minha querida. – Se inclinou sobre a mão dela, beijando a luva. Ela reprimiu sua repulsa. – Eu já pedi formalmente a sua mão a seu pai, e ele deu a sua bênção e me disse que você vai aceitar. Vamos casar em julho. Em seguida, uma lua de mel em Bath. Delicioso, hein? – Ele acrescentou.

*"Ah, pai. Minha opinião não conta para nada."*

– É delicioso de fato. – Disse Mary inexpressiva.

Jillian engoliu sua angústia.

– Tão cedo?

– Quanto mais cedo melhor, hein, minha querida? Eu não tenho nenhuma vontade de esperar. – Ele baixou a voz. – Eu sei como você

é tímida e virginal, mas não tem nada a temer de mim na nossa noite de núpcias.

Ele sorriu afetadamente. Bernard, com o olhar lascivo, lábios finos e o encerado bigode... Jillian pensou na paixão que ela tinha encontrado nos braços de Graham. Como ela tinha sido imprudente, como tinha sido ousada. E lembrando os lábios de Graham sobre os dela, o desejo que ela sentia...

– Claro que ela não tem nada a temer. – comentou Mary. Um sorriso simples tocou seus lábios. Ela lançou um olhar para o lado de Jillian, e esta se encheu com coragem. Jillian jogou para trás seus ombros, preparada para dizer a Bernard que ela não poderia casar com ele. Mas as palavras congelaram em seus lábios quando viu seu pai aproximar-se.

Os paus de seu leque quase racharam sob a pressão de seus dedos. Quando ele finalmente se afastou com Bernard, deixando o salão de baile, ela suspirou tremulamente. Eles iriam entrar em um jogo de *whist*<sup>6</sup> com amigos políticos. Seu pai poderia estar perdido, mas convivia com oficiais poderosos. Agora, com o dinheiro de Bernard, ele podia se dar ao luxo de perder.

Quão fraca Jillian era! Muito, exceto uma noite nos braços de Graham, quando ela sentiu toda a paixão e vida dentro dela vir a ferver em uma felicidade turbulenta. Nunca mais.

\*\*\*\*

Ele chegou tarde, como seria de se esperar dos de sua classe. Dentro, Graham procurava uma inimiga ruiva.

Como uma pantera ele rondava o perímetro do salão. Não ouviu os sussurros femininos vibrando a seu redor, ignorava os olhares de

---

<sup>6</sup> Whist - um jogo de origem inglesa, e foi o jogo de cartas mais popular do mundo nos séculos XVIII e XIX.

admiração e as rápidas reverências enquanto ele se aproximava. Como sempre, ele apertou levemente suas luvas brancas de baile. Raramente ele dançava, e quando o fez, era com um seleto grupo. Graham não queria encorajar a especulação quanto à possibilidade de uma futura noiva.

No ano passado, seu irmão tinha convivido com essas mesmas pessoas. Kenneth tinha chegado antes dele com seu sotaque e seu passado egípcio. Dinheiro e a classe social eram o que o tinha feito ganhar aceitação. Ainda assim, ele se destacou como uma pirâmide. Um selvagem, eles pensavam dele.

Graham não se destacou. Ele se misturou; seu sotaque quase desaparecido, seus hábitos muito ingleses. Ele já era respeitado como um deles, e acreditavam que tinha sido criado por pais adequadamente ingleses. A verdade poderia girá-los nos seus saltos delicados. Que ele tinha sido capturado por um guerreiro da tribo egípcia e aprendera a matar para sobreviver, que ele era muito mais selvagem do que seu irmão...

Rostos nadavam diante dele em uma névoa embaçada. Individualmente, ele deixou cair um sorriso aqui, conversou algo educado lá, e seguiu em frente. Hoje à noite, sua inquietação era grande demais para ser suavizada com a conversa fiada.

Seus olhos percorreram o salão de baile procurando um lampejo de cabelo vermelho. Não viu nenhum. Até... Virou-se e seu olhar pousou sobre uma massa alta de cachos vermelho dourado. Seu coração disparou. Era ela.

Ele a localizou em toda a multidão de pessoas. Ela se destacava como uma chama viva em um horizonte esfumado. Graham não conseguia respirar. Ele não podia pensar, nem agir, apenas permanecer simplesmente, os lábios entreabertos. O cabelo vermelho o hipnotizava. Ele não tinha visto a glória dos cabelos, nem antecipou

como seriam os fios soltos ao vento se enrolando em torno de seu coração como a seda pegajosa de uma aranha.

Ele se lembrou dela, nua diante dele. Pele a pele.

O suor escorregando de seus corpos quando eles se comprimiam um contra o outro, estranhos forjando um breve laço carnal.

Compartilhando paixões. Segredos escondidos.

Sua autodisciplina e controle despedaçaram como vidro. Graham começou a dar longos passos para frente, sem reparar nos olhares de bajulação se lançaram para seu lado.

Apenas seis metros de distância, parou, desafiando-a a olhá-lo. Ela virou-se. Seus olhares capturaram e se prenderam. Eles poderiam ter sido as duas únicas pessoas presentes.

Fome intensa o preencheu. Como um desejo profundo de um viciado em ópio, isto o pegou com garras de aço. Graham ficou olhando, lembrando a doçura e a paixão em seus braços. Ele queria segurá-la em seus braços novamente, mesmo para uma simples dança. Ela era seu pior pesadelo. E ainda assim ele não poderia deixar de desejá-la.

Apesar de todos os instintos gritarem em protesto, embora seus sentidos pedissem para ele parar, virar e deixar para trás a doçura da noite passada, ele não prestou atenção. Graham, o duque distante que raramente dançava, puxou suas luvas brancas de baile, tornando suas intenções perfeitamente claras.

- Olhe para o Duque de Caldwell. Como é impressionante Graham. - Mary murmurou.

O ar ficou preso na garganta de Jillian. O Duque de Caldwell? Ela colocou a mão trêmula em seu cabelo enrolado. Graham. Seu amante.

Vestido em um elegante traje preto de noite, ele era uma figura régia e imponente. Mulheres giraram para olhar. Marfim e rendas dos leques agitaram loucamente como borboletas erráticas. Sussurros estavam em toda parte. Vários pares de olhos admirados se fixaram nele quando seguiu seu caminho em direção a ela. Meninas se pavoneavam. Mulheres mais velhas lançavam sorrisos. Jillian simplesmente ficou imóvel. Seu coração bateu de forma irregular contra o peito.

Lembrou-se da glória masculina de sua nudez. Os poderosos músculos de seus ombros, as linhas limpas de suas costas.

Seu corpo estava agora envolto em uma severa seda preta, um colete branco e gravata. Seu espesso cabelo de ébano curvava sobre a testa. Aqueles olhos escuros perfurantes permaneciam resguardados.

Ele avançou para ela. Suas pernas compridas com passos soltos, graciosos lembravam os de um poderoso gato selvagem. A imagem fugaz de um leopardo veio à mente. Um leopardo negro, lustroso, caçador. Ela era sua presa.

Jillian se preparou, forçou um sorriso no rosto.

Uma mudança surpreendente veio das matronas quando ele se aproximou. Ela riu entre dentes, e um brilho iluminou seus olhos. Quando ele ficou em silêncio ante Jillian, ela olhou para a tia. O olhar severo de tia Mary suavizou. Ela fez em uma elegante reverência.

– Sua Graça. Como é bom vê-lo de novo. Foi realmente um prazer conhecê-lo na assembleia de Knightsbridge.

Graham assentiu seus olhos buscando o rosto de Jillian.

– Sra. Huntington, posso conhecer sua companhia?

Sua voz era suave e profunda, como a queimadura de uísque descendo pela garganta seca. A queimadura de pelos raspando através da carne macia de uma garganta, tão acalorada quanto seus beijos...

Jillian automaticamente colocou a mão enluvada no pescoço quando algo lhe veio à memória. O olhar de sua tia se dirigiu para ela.

– Excelência, Lady Jillian Stranton, filha do Conde de Stranton. Minha sobrinha. Lady Jillian, Sua Graça, o Duque de Caldwell.

Corada, ela mergulhou em uma profunda reverência, seus joelhos oscilando tão precariamente que era uma incógnita como não caíra sobre suas saias. Graham fez um sinal para seu cartão de dança, o lápis curto pendendo neste.

– Posso ter o prazer da próxima valsa? – Ele perguntou.

Moveu os lábios secos. Bernard tinha solicitado aquela dança.

– Eu já... A valsa seguinte já foi solicitada Sua Graça.

– Então eu tenho que pegar aquela que esteja disponível.

Graham pegou seu cartão de dança e escreveu com o lápis seu nome. Seu conhecido olhar escuro fixo nela. Deixou cair o cartão, gentilmente enquanto tocava levemente seu pulso com a mão enluvada. Calor ardia entre eles, vida, como uma coisa se contorcendo. O lápis oscilou quando seu pulso tremeu.

– Até então. – Ele murmurou.

Com uma mão trêmula, Jillian examinou o cartão. Até então.

Ela valsou com Bernard em um borrão de deliciosa antecipação e terrível pavor. O Duque de Caldwell era seu amante. O duque. O misterioso duque de olhos escuros que tinha causando sussurros através do salão de baile a noite toda. O duque, elegível rico e enigmático.

Seu olhar subiu até testa larga do seu parceiro, as maçãs do rosto largas e novamente para o bigode, espesso e encerado acima de seus finos lábios franzidos. Ele dançava com uma leve inclinação. A grande quantidade de colônia mal encobria o cheiro de suor azedo de seu corpo. Umidade porejava em sua testa, embora a valsa mal tivesse começado, e como sempre Bernard dançava de forma desastrada, quase fazendo com que Jillian tropeçasse. Ela se recuperou, tentou se concentrar e pisou em seu pé.

– Jillian, minha querida, olhe para seus pés. – advertiu.

Ela murmurou um pedido de desculpas e se concentrou em seus passos. Pelo canto do olho, ela avistou o duque conversando com algumas matronas. Ele olhou para cima, pegou o seu perturbador olhar ardente. Ela rapidamente desviou o olhar.

– Bernard, o que você sabe do Duque de Caldwell? Eu nunca o vi em uma reunião ou baile antes.

– Jillian, não é educado mexericar.

– Ele pediu a próxima dança. Se eu tiver que conversar com ele, eu não quero cometer erros sociais.

Bernard deu um aceno de aprovação.

– Bem, o duque ficou órfão aos seis anos quando sua família viajou para o Egito e um bando de árabes selvagens atacou a caravana. Os pagãos mataram todos. Ele se escondeu atrás de algumas pedras e viu tudo.

- Meu Deus, pobre menino!- Disse, horrorizada com o pensamento de um jovem Graham sendo forçado a assistir seus pais serem brutalmente assassinados.

- Todos pensaram que ele e seu irmão mais novo, Kenneth, o Visconde Arndale, estavam mortos. Um casal inglês que passava resgatou o duque e o levou com eles. Eles eram um casal de idosos, excêntrico e gostavam de viajar pela Arábia. Kenneth foi levado por alguns pagãos da tribo egípcia. O velho avô o encontrou no Egito e o trouxe de volta para a Inglaterra para treiná-lo como seu herdeiro. No ano passado, Kenneth se tornou duque quando o avô morreu e quando ele foi para o Egito supervisionar uma escavação, encontrou seu irmão mais velho que vivia no Cairo!

- O encontrou, após todos esses anos que tinha estado perdido?

- Aparentemente, o duque sofreu uma perda de memória quando viu seus pais serem assassinados. Sua memória voltou quando ele conheceu seu irmão. Kenneth renunciou o título. Coisa boa, porque o visconde se casou com uma menina árabe pagã, uma imunda mulher nativa com pouca posição social, e adotou sua filha. No entanto, a família é rica e Tristan o velho duque era bem visto.

- Você parece saber muito sobre eles.

- Eu faço de tudo por meus negócios para saber de cada família que tenha poder e riqueza. Isso me ajuda politicamente.

Jillian se lembrou do olhar assombrado nos olhos escuros de Graham.

- Ele parece trágico.

- É claro. Embora tenha sido criado pelo casal inglês, eles o estragaram, forçando-o a viver na Arábia entre os repulsivos sujos pagãos.

Jillian suspeitava que a turbulência nos olhos do duque não tinha nada a ver com viver entre os nativos. Ela sentiu profundos segredos. E oh, como ela sabia sobre guardar segredos.

A valsa terminou e Bernard escoltou-a desde o meio do salão. Ele examinou o salão de dança a procura do duque.

- Sua Graça pode ser útil para mim no Parlamento. Seja espirituosa e encantadora, e não tente conversar sobre qualquer coisa intelectual. - Ele a pegou pelo queixo. - Nenhuma das suas conversas bobas sobre o estado lamentável da economia inglesa.

Ela se encheu de ressentimento.

- Por quê? Não é bastante lamentável?

Ele riu.

- Jillian, deixe as discussões intelectuais aos homens. Tal conversa não é para seu intelecto.

*Como você sabe? Meu intelecto nunca foi testado, ela pensou. Se eles abrissem a cabeça de Bernard, não iria encontrar nada mais que o óleo de Macassar terrível que manchava o cabelo dele.*

- Sim, é claro, Bernard. - Disse ela.

Ele se afastou, presumivelmente para se encontrar com seu pai em um jogo de whist. O coração de Jillian batia de excitação e inquietação quando o duque se aproximou.

Silenciosamente, ele estendeu a mão enluvada. Silenciosamente, ela a segurou. As mãos de Graham pousaram decisivamente na sua cintura, seu calor queimando como combustível

através do tecido do vestido. Jillian engoliu em seco e eles começaram a valsa.

Nos braços dele novamente, desta vez em plena vista da sociedade. Completamente vestida. A mão dela apertou sobre o ombro largo envolto em seda preta, lembrando os dedos apertando os músculos de suas costas duras enquanto ele empurrava dentro dela...

Embora extremamente nervosa, ela se encontrou dançando muito mais fácil com ele do que com Bernard. Jillian deslizou seguindo sua liderança de conhecedor e arqueou o pescoço para olhar para ele.

– Você falou expressamente que nunca deveríamos nos ver outra vez. Por que a dança?– Ela perguntou sem rodeios.

– Talvez para que pudéssemos conversar sem que os mexeriqueiros fiquem ansiosamente escutando.

– Deus. Fale então.

Ele riu.

– Você é muito direta.

*Só com você*, pensou ela. Com todos os outros, ela era um rato, um rato ruivo. A sombra do seu verdadeiro eu.

Ele fez um giro muito suave e ela o seguiu sem esforço. Eles eram compatíveis, como tinham sido na noite passada. Um rubor queimou sua pele enquanto ela se lembrava. Ela esperava que ele não notasse.

– Você está ficando ruborizada. – Ele comentou.

Jillian ergueu o olhar para ele e cortou a brincadeira.

- Você precisa falar comigo, Sua Graça? Diga-me o que você queria dizer.

Ele lhe deu um olhar atento.

- Talvez eu apenas quisesse cumprimentá-la sobre a cor real do seu cabelo. É como fogo dourado, ou o reflexo de um pôr do sol egípcio.

- Isso é tudo? Louvores ao meu cabelo? Não homenagem poética à beleza de minhas sobrancelhas e como elas se assemelham a asas das pombas em voo? Ou como meu cotovelo é suavemente arredondado, como um pêssego maduro e rico?

Seus lábios se contraíram em diversão.

- Temo que eu não tenha tal eloquência dentro de mim. Devo confessar, eu não sou uma autoridade em cotovelos, a não serem os das mulheres das que têm um tipo bastante pontiagudo e que me espetam as costelas.

Jillian riu. Cabeças se voltaram, olhando para ela. Sua alegria morreu assim que começou, ela não correria o risco de chamar a atenção para si mesma. Ela desviou o olhar do duque, longe do homem que tinha tomado sua virgindade.

- Eu lhe disse a última noite que é melhor permanecermos estranhos na escuridão. - Disse ela, olhando por cima do ombro.

- É o melhor. - Ele concordou. - Mas isso foi antes que nos víssemos do outro lado da sala. Então se tornou mais sábio para mim lhe pedir para dançar, para me familiarizar com você em qualquer sentido... Conhecemo-nos de algum modo. Pretensão não é o meu forte mesmo.

Ela deu um sorriso irônico.

– É o meu.

– Apenas quando necessário, eu acho. Você se disfarça, mas eu sinto que o que você quer é mostrar ao mundo quem você realmente é. – Ele murmurou.

Assustada, ela olhou para ele.

– Mas não estamos todos no disfarçando de alguma forma ou de outra? Nós todos não escondemos nosso verdadeiro eu do mundo? Até mesmo você, Graham Tristan.

Ele quase tropeçou, mas se recuperou rapidamente.

– Quem é você?– Perguntou ele.

– Uma estranha que compartilhou a noite de ontem com você. A filha de um nobre que deseja discrição. – Corajosamente, ela olhou para ele. – E Vossa Graça? Quem é você?

Um sorriso misterioso surgiu em seus lábios.

– Um Duque, dançando com a filha de um nobre. Um estranho compartilhando uma segunda noite.

– Se eu soubesse quem você realmente era... – Ela começou.

– Você teria ido embora?

Jillian comprimiu os lábios trêmulos. Ela olhou diretamente nos olhos dele.

– Não. – Ela admitiu. – Eu não teria.

Satisfação encheu seus olhos. Ela não se enrijeceu quando ele a puxou mais perto do que a sociedade educada permitia. O ar entre seus corpos quentes cresceu produzindo calor mútuo.

- Sua Graça, você teria se afastado se soubesse minha identidade? Se eu tivesse indicado o meu nome e revelado tudo?

A melodia do violino e violoncelo encheu o silêncio quando uma segunda dança começou. Seu aroma provocou suas narinas, um cheiro leve, que não conseguia identificar, misturado com o cheiro de pele limpa e sabão de barbear. Jillian aguardava sua resposta. Alguma emoção desconhecida cintilou em seus olhos. Em seguida, o seu olhar escureceu.

- Não. - Ele admitiu calmamente. - Eu não poderia.

Seu olhar suavizou quando eles se olharam. Por um momento mágico, ela sentia que eles eram as únicas duas pessoas no salão imenso, e eles não tinham se encontrado anteriormente, mas estavam começando de novo. Preenchidos com a maravilha de descobrir um ao outro.

Ela sorriu se enchendo de coragem.

- Por que você não poderia se afastar?

Mas ele não respondeu. Um olhar distante tomou conta do seu rosto, como se ele tivesse se fechando para ela não desejando mais contato. Jillian ficou surpresa e magoada, mas se resignou a terminar a dança em silêncio. Ela ficara rígida nos braços de Bernard. Os seus passos eram mais detidos e menos relaxados.

Felizmente, a valsa terminou. Ela fez uma reverência e Graham executou uma elegante inclinação. Ela sentiu camadas impermeáveis neste homem, escondido sob as toneladas de seus modos perfeitos e indiferença fria. Ele queria se misturar, e, portanto negava uma parte de si mesmo.

Ela tinha se relacionado fisicamente com esse homem, ele tinha conhecido todas as partes do seu corpo, e ainda assim ela não o conhecia de todo. Eles eram estranhos.

Graham colocou a mão sobre o meio de suas costas, guiando-a através do aglomerado de pessoas. Seu toque era leve e ainda assim queimava através do vestido. Ele a entregou para sua tia, cujo sorriso suave mostrava um traço de aprovação. Oh, Deus, sua tia achava que um homem tal como este poderoso duque charmoso rico poderia resgatá-la?

Ela estava além do resgate.

A boca do duque moveu-se desajeitadamente quando ele pegou a mão dela, beijando-lhe os dedos enluvados.

- Meus agradecimentos pelo enorme privilégio que me concedeu Lady Jillian. Nossa dança me deu grande prazer. Foi como... Valsar no céu. - Ele disse suavemente.

Ela enrijeceu pega de surpresa pelas palavras. Um eco do que ela mesma tinha falado na noite passada. Desejo esfumaçado escureceu o olhar dele. Ela sabia de seu verdadeiro significado, sabia que ele falava da dança onde eles, emaranhados giraram juntos em tenso abandono, nus e felizes. Ele ainda a queria.

Jillian inclinou elevando o queixo.

- Eu experimentei o mesmo prazer, Sua Graça. Isto foi na verdade... O paraíso.

Ele a estudou atentamente. Ela ficou inquieta com o brilho em seus olhos.

- Eu confio em você esteja bem, Lady Jillian, e nossa dança não a deixou cansada ou... Ferida de alguma forma? Eu tentei ser gentil

como eu poderia, pois sei que a atividade física extenuante pode às vezes se revelar dolorosa para as ladies.

Maldito! Ele não sabia que falar poderia ser perigoso para ambos? Por que ele estava fazendo isso?

Sua tia interveio aparentemente ansiosa.

- Eu asseguro a Vossa Graça, minha sobrinha pode muito bem lidar com o dever da dança. Ladies, mesmo delicadamente criadas, são bastante capazes. E uma dança pode deixá-la cansada, mas tal desconforto é facilmente superado e não deve causar sofrimento indevido.

- No entanto -, ele murmurou seu olhar nunca deixando Jillian,  
- O seu desconforto iria me causar angústia e um desejo ansioso por alterá-lo. Eu gostaria de experimentar as delícias de outra dança, logo que você se sentir confortável o suficiente para me conceder.

Oh, maldito homem! O que ele estava pensando? Jillian tentou controlar o pulso que batia descontroladamente com desejo. Ela olhou para ele friamente, mas deu com o fogo em seus olhos.

- Estou muito bem, Sua Graça. Eu sou perfeitamente capaz de dançar com qualquer parceiro.

- Isto soa como se você desfrutasse bastante da dança. - Ele sugeriu, seu olhar trespassando sobre ela. Jillian puxou a mão.

- Toda temporada eu tento ficar mais competente -, ela respondeu desta vez se recusando a seguir sua direção.

Seus olhos escuros brilhavam.

- Você? - Perguntou ele em um sotaque arrastado, profundo preguiçoso. Então, ele acrescentou:

- Eu posso imaginar que o homem que foi seu primeiro parceiro dividiu um momento muito especial, realmente.

Ela levantou seu olhar corajosamente para ele.

- Especial de fato, bom senhor. Nunca vou esquecer.

Seus olhos se ampliaram e escureceram, e um olhar de melancolia tomou conta dele. Sem sorrir, ele a observou. Ela podia ver um pulso bater em sua garganta. Seu próprio batimento cardíaco ecoava nesta cadência. A tensão pairava no ar. O que estava acontecendo? Jillian nunca antes tinha visto um homem que a fizesse se sentir desta forma, como se todos os seus planos cuidadosos pudessem ficar reduzidos a pó e ela murcha como um figo. Nem mesmo Radcliffe.

A tensão doce quebrou quando Bernard apareceu. Murmurando desculpas, tia Mary escapou. Jillian se sentiu recuar para a posição anterior. Ela gaguejou apresentações educadas, mas incorretamente, dizendo:

- Graham, o Duque de Caldwell.

Ela o chamou pelo primeiro nome. Perturbada, ficou quieta.

Bernard assentiu levemente arrogantemente divertido.

- Perdoe Lady Jillian, Sua Graça. Ela geralmente não é tão desastrada.

O duque não retornou seu sorriso. Seus olhos se esfriaram.

- Prefiro pensar que sua introdução foi correta. Graham é o meu nome, um nome que eu peço às pessoas certas para me chamar.

Bernard empalideceu.

- Eu peço desculpas. Eu não sabia que Lady Jillian estava familiarizada o suficiente para tratá-lo pelo seu nome.

- Nós compartilhamos uma dança maravilhosa, e que certamente faz com que ela seja o suficiente familiar. - Ele respondeu, olhando para ela.

- Eu espero que ela não tenha pisado nos seus dedos do pé, como ela fez com os meus. - Disse Bernard suavemente, para mortificação de Jillian.

- Pelo contrário -, eu achei que Lady Jillian valsa muito bem. Nós apreciamos imensamente.

Jillian lhe lançou um olhar de advertência. Graham ignorou seus olhos escuros agora brilhando.

- Você dança, muitas vezes, Sr. Augustine? - Ele perguntou.

- Eu estou receoso que não sou tão hábil em dançar como alguns. - Admitiu Bernard. - Eu não aprecio.

- Realmente? - O duque levantou suas sobrancelhas escuras.

- Dançar é necessário, mas pode ser muito maçante. - Bernard continuou, ignorando as entrelinhas da conversa. Graham se recusou a ceder.

- Eu ousou dizer que você está errado, Sr. Augustine. Com uma parceira como Lady Jillian, um homem deve achar uma experiência muito agradável. - Seus sensuais lábios cheios levantaram em um meio sorriso torto. Um vermelho vivo apareceu nas bochechas de Jillian.

Graham não podia deixar de afogar uma risada. Maldição, Jillian tinha espírito. Ele sentiu que transbordava sob sua superfície calma, sufocada pela sua educação. O vestido cinza sem graça que ela usava

escondia tudo. Ela parecia uma feia governanta. Mas a cobertura o intrigou quando ele se imaginou tirando-a lentamente para revelar o branco marfim de sua pele, como tinha feito a última noite no brilho opaco das lâmpadas do bordel, beijando cada centímetro de sua pele branca, persuadindo um longo grito gutural a sair de sua garganta esbelta agora escondida em uma espuma de rendas severa.

Ah, mas a paixão que eles tinham encontrado na sua última noite... Certamente ainda ardia dentro dela. Ele escondeu um sorriso, se contentando com Lady Jillian mentalmente tirando a roupa e ficando nua, valsando com ela sobre o colchão, essa mulher ruiva de olhos verdes com o desejo ardente... Rindo dele no deserto enquanto o prendia ali.

Sua fantasia terminou abruptamente. O sorriso de Graham desapareceu. Ele devia deixar a sua ligação em segredo e jurar que nunca iria prová-la novamente. Todas as células dentro dele avisaram que ela era perigosa. Até mesmo a pergunta que inocentemente ela tinha feito: *Por que você não se vira e vai embora?*

Não importava. Depois desta noite, depois que ele descobrisse sua presa, nada importava. Nem mesmo uma noite doce em seus braços macios. Paixão e calor. Que viria a morrer com ele, como uma memória de quando ele fosse enforcado.

Sua compostura gelada quebrou. Nunca mais o gosto dela, para experimentar a felicidade, como eles tinham experimentado, como um emaranhado...

O pequeno pedante pouco importante que se chamava Bernard estava dizendo alguma coisa. Graham forçou um sorriso nos lábios e inclinou a cabeça.

– Lady Jillian e eu pretendemos passar a lua de mel em Bath, Sua Graça. Você já provou as águas de lá?

O quê? Jillian estava para casar com este almofadinha de cara pastosa? O choque percorreu Graham, mas ele conseguiu dar uma resposta evasiva, enquanto olhava para ela. Duas rosas delicadas coloriam as bochechas dela. Ela desviou o olhar.

Um inesperado aumento de possessividade masculina o abalou. Se ela sabia do noivado, por que ela entregou sua inocência a ele, um virtual estranho? Em um bordel?

A menos que ela tivesse uma boa razão para não permanecer virgem... Seu olhar perturbado se voltou para Jillian. Ah, Deus, ela era linda, sua figura esbelta em pé, muito orgulhosa, os alvos deliciosos ombros que ele adorava beijar agora escondidos pelo cinza, feio e maçante.

Jillian empalideceu. Ela fez uma reverência e murmurou:

– Por favor, me desculpe. – Então, girando nos calcanhares, ela se virou e se misturou na multidão, como se fosse deixar o salão.

Bernard encolheu os ombros.

– Nervosismo de casamento. Toda noiva tem.

Graham a observou ir. Depois de um momento educado, ele pediu licença e seguiu seu caminho através da multidão, seguindo-a discretamente. Foi fácil, também, depois de tantos anos de aprendizado furtivo como um guerreiro beduíno. Seus polidos sapatos, apesar da sola dura, pisavam leves como na areia. Graham a avistou entrando no corredor direto a um conjunto de portas duplas, ela abriu uma e entrou. Ele seguiu.

Uma biblioteca. E pela silhueta brilhante do luar através de portas francesas do outro lado da sala, Jillian estava olhando para fora. Graham fechou a porta suavemente atrás dele.

– Lady Jillian -, disse ele asperamente. – Há mais para falar.

O medo inundou no fundo do seu estômago. Jillian reconheceu a voz profunda e confiante, o tom exigente e esperando respostas. A mão trêmula suavizada pela seda cinza. Graham queria respostas que ela não poderia lhe dar.

Ela não se virou, mas sentiu o calor de seu corpo perto dela, como um fogo de carvão aceso. Um arrepio de saudade nasceu e correu ao longo de sua espinha. Sua voz era profunda com a raiva.

– Você é louca? Porque a última noite se você está para se casar?

Jillian fechou os olhos. Ela inalou uma golfada de ar.

– Não é da sua conta... Sua Graça. Eu tenho minhas razões.

– Não da minha conta?– Sua risada dura raspou em seu ouvido.

– Você se entrega a mim, um estranho em um bordel, e se atreve a dizer que não é da minha conta?

Agora ela se virou, sentindo o desespero e a raiva emergindo dentro dela.

– Você pagou dinheiro pela discricção, e conduziu a transação. Seu negócio terminou esta manhã, quando você se foi.

Uma nota áspera encheu sua voz.

– Foi um acordo de negócios, onde o executor não conseguiu cumprir todos os termos do contrato. Eu não queria uma ruiva.

Jillian estremeceu seu calor se transformando em frio cobrindo-a. Ela girou e encontrou sua expressão tempestuosa com um olhar desafiador. Suas palavras tingidas pela raiva vulcânica guardada dentro dela por um longo tempo.

- Se você se sentiu enganado, então faça outro acordo com Madame. Eu paguei o valor do seu dinheiro, Sua Graça. Agora vá embora e me deixe em paz!

Ele não se moveu. Ela olhou para ele.

- Eu disse para você ir.

O duque a observou com um olhar solene.

- Esse espírito. Que estranho. Você parecia um rato tão manso ao lado de seu noivo.

Jillian suspirou.

O luar prata atravessou as janelas afiando a fome crua no rosto de Graham. Depois de um momento ele disse:

- Nossos caminhos não deveriam se cruzar novamente, mas não posso resistir a qualquer destino que nos faz chocar um com o outro.

- Você nunca quis me ver de novo. - Ela lembrou em um sussurro.

- Eu não queria. Mas meu bom senso se afasta de mim quando eu vejo você. Eu não consigo pensar em mais ninguém. - Disse ele asperamente.

- Você deve. Eu vou me casar. O que aconteceu entre nós, é melhor deixar na memória.

Graham ficou imóvel, estudando-a. As narinas infladas, como se ele pudesse sentir sua angústia. Jillian sentiu um toque de inquietação. O instinto a avisou que este homem era perigoso quando enganado.

- Uma lady bem-educada vai a um bordel, buscando perder sua virgindade. Na noite seguinte, a mesma mulher está ao lado do homem que ela está para se casar... - Ele meditou.

- Vendê-la, e não perdê-la. - Ela corrigiu amargamente. Ela mordeu o lábio, desejando que pudesse engolir de volta as palavras.

Um sorriso triste tocou sua boca.

- É claro. Vender a sua virgindade. Mas por quê? Quando o pai tem dinheiro, e ela também.

- Por nada. Eu precisava do dinheiro. Agora, por favor, eu gostaria de estar sozinha.

- Por que uma jovem lady bem-educada precisa tanto de dinheiro?- Ele começou a circundá-la, fazendo-a doer com a tensão.

- Sua Graça, por favor, me deixe. Se você for encontrado aqui...

- Por que, quando seu pai pode proporcionar a ela tudo que ela precisa, e então seu futuro marido também? Talvez ela fosse precisar dele porque há algo que ela não poderia pedir para eles.

- Um vestido, uma fita de cabelo, futilidades. - Ela concordou, girando quando ele a circunou. Oh por favor, por que ele não a deixava sozinha?

- Mas esse não é um meio drástico de obter fundos? Vendendo o corpo para um estranho? Isso soa como o ato de uma mulher verdadeiramente desesperada.

Ela brincou fracamente.

- É preciso fazer o que se deve fazer para permanecer na moda.

- Uma mulher que quer fugir.

Ela congelou. Os ombros afundaram.

- É isso aí, não é Lady Jillian? - A piedade encheu sua voz. - É por isso que você fez aquilo?

Sua voz quebrou.

- Bernard é rico. Ele convenceu meu pai me dar em casamento em troca de vantagens. Em troca de uma noiva pura. Ah! Não mais pura

- Seu pai está com problemas financeiros?

Jillian desviou o olhar, se abraçando.

- Muitas famílias na Inglaterra estão durante estes tempos difíceis.

- E para onde você estava fugindo?

- Para longe.

- Por que fugir? Basta dizer que não.

- Eu não posso.

Graham deu um sorriso gentil.

- É uma palavra simples, não. Muito fácil de dizer.

Ele era um duque poderoso, ele não conseguia entender as restrições de viver sob o julgo de ferro de um pai exigente, ou o que era ser uma mulher com uma sede de conhecimento. Ele, como outros, assumia que as mulheres em seu tempo viviam apenas para casar bem e produzir crianças. Mesmo que este duque parecesse diferente, ele iria rir de seus sonhos. As ladies aristocratas criadas

delicadamente não frequentam faculdades para melhorar suas mentes.

– Não houve um tempo em sua vida quando você queria, mas simplesmente não poderia dizer não?– Perguntou ela aos pedaços.

Graham ficou mudo. Quantas vezes? Não. Ele queria dizer a palavra Al-Hamra. Ele não podia. Ele respirou fundo para conter suas emoções.

– Minhas felicitações em seu casamento. – Ele murmurou. Ele se encaminhou para a porta então se virou para uma última olhada.

Faixas de prata de lágrimas brilhavam ao luar nas bochechas pálidas de Jillian. Surpreso, ele se aproximou dela, tocou uma lágrima. Ela limpou o resto com um punho furioso.

– Por que você está chorando?– Ele perguntou em voz baixa.

– Nada, não é nada. Por favor, me deixe.

Ele a estudou, preocupado com seu sofrimento óbvio. Em vez de obedecer, ele acariciou seu rosto coberto de lágrimas em sua mão... E a beijou.

Seus lábios tinham sabor de mel morno. Ela oscilou ligeiramente para trás, mas ele envolveu sua cabeça com as mãos, segurando-a suave, aprofundando o beijo. Ela correspondeu, abrindo a boca para os urgentes pequenos golpes de sua língua. Graham persuadiu sua boca com a dele, corajosamente emaranhando suas línguas. Intensa emoção correu através dele. Sangue precipitou-se para seu órgão, endurecendo-o como pedra.

Nenhuma outra mulher jamais tinha causado uma reação tão instantânea. Maldição, ele a queria. Deus o ajudasse.

Graham quebrou o beijo, dando um passo para trás com um sentimento de auto-aversão. Ele estava secretamente beijando a noiva de outro homem.

No entanto, ele tinha clamado-a primeiro. Seu sangue se agitou com a lembrança. Graham tocou sua boca, inchada pelo beijo. Sua primeira mulher. Seu pior pesadelo. No entanto, ele tinha dormido como uma criança com ela em seus braços. Sem mais sonhos violentos.

– O que você vai fazer, Lady Jillian?– Ele perguntou.

Ela deu de ombros.

– O que eu preciso. A vida da mulher é governada por seu pai até que ela se case, então ela se torna propriedade do marido. Mesmo que o marido seja um cafajeste pomposo.

Seu tom desanimado despertou nele um feroz protecionismo de protegê-la da dor. Graham nunca se sentiu assim com uma mulher antes. Mesmo com Badra, quando ele tinha sido seu guarda costas antes de casar com Kenneth, seu protecionismo não era tão grande. Ele percebeu com desânimo triste que Kenneth estava certo. Seu irmão tinha advertido que nunca se esqueceria da sua primeira mulher.

Kenneth deixou de mencionar que ela também poderia escorregar em seu cérebro, se infiltrando em tudo como minúsculos grãos de areia.

– Nem todo marido é um cafajeste pomposo. Um homem atencioso poderia fazê-la feliz. – Observou.

– Talvez. Mas você é o único homem que já foi atencioso comigo. A última noite... – Duas rosas vermelhas floriram em seu rosto.

- Um homem que é o contra é um tolo. Você merece consideração, cuidadosa consideração. - Ele rosnou.

Ela olhou timidamente para ele por baixo dos incrivelmente longos cílios. - Eu gostei de nossa dança.

- De qual? - Ele brincou.

- Ambas. Você nunca iria pisar meus pés -. Jillian sorriu.

Lamento melancólico o percorria. Por ela, forçada a casar com um homem que detestava. Por ele, forçado a um ato onde ele certamente travaria. Graham passou a junta dos dedos contra a bochecha suave como pétala, sentindo a umidade ainda lá.

- Adeus Lady Jillian. - Disse ele calmamente. E ele deixou-a sozinha ao luar.



Ele andava sem parar na sala antes de se forçar a voltar para o salão. Uma vez dentro, Graham tirou uma taça de champanhe de um lacaio que passava. Ele tomou um gole, fazendo uma careta. Seus anos de não beber álcool entre os beduínos eram difíceis de mudar.

*E eu não sou um bêbado admirável.*

Mas esta noite, ele só queria poder mudar isso.

Um movimento à frente na direção do salão chamou sua atenção. Jillian surgiu aparentemente composta. Não havia nenhum traço de sua angústia de antes.

Os músicos tinham parado de tocar e Bernard pegou Jillian pelo cotovelo e a levou até a plataforma para se unir ao Lord Huntley. Um cavaleiro, com a careca ruiva e usando traje negro formal emergiu da multidão e se juntou a eles. Seu anfitrião radiante fez as apresentações.

Graham se engasgou com o champanhe. Ele apertou a haste delicada do vidro com tanta força que ameaçava rachar.

Não. Não. Não.

Não podia ser.

Não ele.

Mas não havia dúvida de que não fosse. Ele o tinha visto centenas de vezes ao longo dos anos em seus sonhos mais obscuros.

Graham resmungou num sussurro de descrença. Sua taça de champanhe inclinada. Ele vagamente sentiu água gelada espirrando sobre a perna da calça.

Seu coração bateu mais forte contra seu peito. Ele olhou desvairadamente para o inglês de cabeça vermelha no palanque: Reginald Quigley, o Conde de Stranton. Al-Hamra. O inglês ruivo de seu passado e pai de Lady Jillian.

Graham ficou tenso. O menino dentro de si – Oh, como ele queria sair correndo gritando do salão e chorar. O homem crescido queria uivar com raiva, esmagar Stranton com seus punhos nus. Em vez disso, ele se via como se através de um espelho, muito calmamente observando sua mão direita escavou dentro do bolso. Ele tocou sua adaga em miniatura na bainha de couro.

A alça estava fria na palma da mão suada quando ele a escorregou para dentro da manga esquerda do casaco. Pareceu certo.

Ele esperou vinte anos por este momento, que já tinha chegado. Era hora de a pantera se mover para matar.

## *CAPÍTULO 4*

Preso. Pega como um pássaro nas garras de um gato. Jillian freneticamente olhou para o salão de dança. Sem poder escapar. Seu pai tornaria público seu noivado, iria forçá-la a reconhecer o que ela não queria.

Ela tinha esperado escapar pleiteando uma dor de cabeça antes de seu pai fazer o anúncio. Mas, vendo que o duque tinha abalado-a severamente, e pelo tempo que tomou para recuperar a compostura, Bernard tinha chamado seu pai, consultado seus anfitriões, o Huntleys, e ordenou que os músicos parassem de tocar.

Suas mãos estavam úmidas e frias. Jillian tinha tentado protestar quando Bernard a apressou para subir no estrado, mas foi inútil.

O rosto pálido do Lord Huntley assumiu uma nova luz quando ele enfrentou a multidão. Sua voz explodiu.

– Senhoras e senhores, tenho um anúncio esplêndido! É uma honra anunciar o noivado formal de Lady Jillian Quigley, filha do Conde de Stranton, com o Sr. Bernard Augustine!

A cara rosada de Bernard brilhou com alegria. Jillian viu um trecho de sua vida: seu pai ainda decidindo sobre ela como um senhor, seu novo marido a unir forças com ele, de portas fechadas, segredos obscuros... Uma dor se pressionou por trás das pálpebras. Não! Ela lutou contra a escuridão que a ameaçava, a névoa turva de memórias por trás da grossa porta de carvalho.

Jillian procurou por sua tia na sala, mas não conseguiu encontrá-la. Ah, se encontrasse um único rosto conhecido na

multidão enorme para alimentar sua coragem de escapar! Para fugir dos aplausos e rostos felizes. Não havia nenhum.

Então, ela avistou uma figura elegante vestido de seda preta. Sozinho, régio e orgulhoso. O Duque de Caldwell.

O olhar de Jillian se lançou para o duque. Ela forçou um sorriso para cobrir o seu medo, mas sua mente tinha um grito silencioso. *Ajude-me.*

Suor umedeceu as palmas de Graham. Seu pulso acelerado. O Conde de Stranton ia morrer hoje. Ele devia morrer.

Se obrigando a dar um pequeno passo, seus olhos não deixaram o tablado de pequeno porte. *Se concentre na sua meta. Sem emoções.* As palavras ensinadas a ele por um guerreiro ecoaram em sua cabeça. Graham deu mais um passo, então, com o canto do olho, notou Lady Jillian de pé ao lado de seu inimigo. Seu rosto estava pálido. Seus lábios se moveram como se sorrissem sem querer.

Graham hesitou. O terror nos olhos dela brilhando mascarado por um sorriso corajoso – Oh, como ele reconheceu isto! Ele tinha visto o suficiente no espelho. Ele sabia como era o medo impotente de estar preso em um dilema inevitável. Raiva amarga entupida sua garganta. Não importa. O pai pagaria.

Mas seu olhar, ah, tão lamentável!

Ninguém tinha tido pena do menino de oito anos de idade vinte anos atrás. E se alguém tivesse?

A possibilidade assombrosa chegou a ele. Graham olhou para a manga de seu traje elegante, para a faca escondida dentro. Seus

músculos tensos prontos para a ação, mas seus pés não tomaram nenhuma atitude.

Jillian com os olhos arregalados tinha convocado uma memória distante, puxando-o para o passado...

A tribo al-Hajid tinha chamado o inglês al-Hamra, O Vermelho, para visitá-los. Escoltado por guerreiros fortemente armados, chegaram ao acampamento para comprar uma linda e elegante mulher da tribo árabe. Graham tinha oito anos de idade e olhou para o inglês, o primeiro que ele tinha visto desde que seus pais morreram dois anos antes. Uma esperança fugaz o sacudiu. Certamente este homem, a quem disse que era poderoso nas terras inglesas, pudesse resgatá-lo.

Ele pairou silenciosamente perto do círculo de homens enquanto eles conversavam. Ninguém o notou, a criança pequena e invisível, ele foi ignorado pela maioria, menos pelo guerreiro que o manteve como um cão premiado. Graham prendeu a respiração, esperando a chance de falar.

A oportunidade veio quando o inglês ruivo foi andando e tropeçou nas rochas em um cânion para se aliviar. Graham foi atrás dele. Quando o homem ruivo terminou, Graham se aproximou.

– Por favor, senhor, me ajude. Eu sou inglês, como você, mas um prisioneiro. Fui capturado por al-Hajid como um escravo. Por favor, me tire daqui. – Falando sua língua nativa, pela primeira vez em dois anos, sua voz tinha quebrado cheia de tanto desespero e esperança.

O homem abotoou calças.

– E por que eu deveria acreditar em você e ajudá-lo pondo em risco minha amizade com al-Hajid? Você tem dinheiro?

– Não, senhor. – Graham tinha sentido o desespero afundando-o. – Mas eu prometo, eu vou pegar um pouco quando estiver na Inglaterra. – Minha família é rica.

– Promessas de uma criança. Não é bom.

Graham mordeu o lábio. Ele não tinha dinheiro. Mas ele tinha o mapa do tesouro, seu bem mais precioso. Dividido em dois, havia outra metade.

– Espere aqui, por favor, implorou. – Eu tenho alguma coisa.

Em seguida, Graham correu ao lugar próximo ao esconderijo que ele havia cavado na areia. Ele tirou a metade rasgada do mapa e voltou, oferecendo-o para al-Hamra.

– É um mapa do tesouro. Sabe hieróglifos?

Al-Hamra bufou.

– Não, por que eu saberia a escrita pagã dos antigos egípcios?

– Eu aprendi um pouco. Meu pai... Ele me ensinou. Este mapa leva a grandes riquezas em uma pirâmide.

O homem estudou o antigo, dividido papiro e cheirou.

– Interessante, mas não o suficiente para arriscar ser pego. Você sabe o que al-Hajid faz com os inimigos, garoto?

Oh, ele sabia. Ele tinha visto o fluxo de sangue de seus pais como água em cima das areias por se atrever a cruzar a terra que al-Hajid reivindicou como dele.

– Por favor, senhor, por favor, eu imploro. Eu farei qualquer coisa. – Graham lutou para controlar as lágrimas.

Al-Hamra olhou para ele.

- Um menino tão bonito -, disse ele, uma intensidade ímpar iluminando seus olhos verdes. - Muito, muito bonito.

Graham tinha encolhido de volta. Ele tinha reconhecido aquele brilho feroz, desejo.

- Qual o seu nome, garoto?

Um profundo sentimento de auto preservação que aprendera cedo entre o selvagem al-Hajid em dar seu nome real, ou sua condição de herdeiro do Duque de Caldwell.

- Eu sou chamado Rashid.

- Bem, Rashid. O mapa é bom. Vou lhe dizer o que fazer. Eu vou ajudá-lo a escapar, se você me der o mapa e outra coisa.

E então o diabo ruivo o tinha convidado para uma dança infernal. Horrorizado, ele tinha se recusado, até que al-Hamra astutamente sugeriu:

- O que é um tempo comigo, um compatriota, em comparação a uma vida com o seu mestre árabe? Vem agora, menino. Eu prometo, não vai demorar muito.

E assim Graham tinha fechado os olhos e seguira o homem para a sua tenda onde ele vendeu sua alma.

*Pare com isso! Você está perfeitamente seguro. Calma homem, calma.* Graham sacudiu o passado com um esforço vigoroso. O suor molhava a camisa de seda branca aderindo-a a sua pele.

- Sir? Seu copo.

- O quê?- Graham perguntou, então, olhou para o servo de luvas brancas em confusão total.

- A sua taça de champanhe, sua graça. Gostaria de outra?

Graham olhou para o cristal, que foi derrubado de cabeça para baixo em seu punho esquerdo. Ele respirou estremeando.

- Sim.

Ele entregou o copo agora vazio e pegou um novo. Engoliu o conteúdo, sem notar as bolhas fazendo cócegas em sua garganta, ele agradeceu o protocolo inglês que impedia os serventes de fazerem perguntas a duques que derramavam champanhe sobre as calças.

O momento foi perdido, a sua determinação enfraquecida. O conde viveria. Por agora.

Graham bloqueou a sua atenção sobre o estrado, tentando controlar as batidas frenéticas do seu coração. Seu olhar focalizou Jillian. Ele tentou desviar o olhar da súplica em seus olhos, mas o eles o atraíam implorando por ajuda.

Ele tentou dizer a si mesmo que não importava. Jillian sobreviveria. Assim como ele tinha sobrevivido. Mas a que preço?

Graham colocou a taça de champanhe vazia em uma mesa próxima, cerrou suas mãos. Ele olhou para al-Hamra. O conde estava balançando a cabeça e sorrindo enquanto congratulações foram oferecidas a ele. Assistindo, Graham percebeu uma verdade terrível. O conde estava firmemente arraigado entre os líderes mais influentes e poderosos da sociedade, e o Lord Huntley era um deles. Se ele gritasse para a multidão reunida o que Stranton tinha feito, eles o chamariam de louco. Ninguém acreditaria. Graças à Kenneth, nada da história sobre seu passado tinha circulado, ninguém sequer sabia que ele tinha sido levado por al-Hajid. Quão irônico que as histórias

muito fabricadas para conceder respeitabilidade entre os seus pares seriam sua queda.

Ele não tinha prova do crime de Stranton. Ele precisava de provas.

O bastardo estava bramindo um discurso xaroposo para a multidão. Graham se obrigou a ouvir. Bom Deus, isto soou como arrogância política.

- Como vocês sabem, o Sr. Augustine se juntou a mim na campanha para revitalizar e reestruturar a Lei das Doenças Contagiosas. Não só vamos registrar mulheres caídas em nossa cidade justa, mas a legislação proposta será fiscalizar fortemente casas de má fama. O dinheiro será canalizado para um fundo para ajudar essas mulheres caídas a conseguir um emprego mais respeitoso. Os vícios vis que afligem nossa sociedade são uma afronta para as flores inglesas da feminilidade virtuosa, como a minha filha aqui.

Graham quase engasgou. O sorriso congelado de Jillian parecia prestes a estilhaçar-se.

Ela vendeu sua virgindade em um desses prostíbulos. Não seria a influência política do conde quebrada se alguém soubesse? Graham sorriu sombriamente. No entanto, isso não era suficiente. Stranton devia sofrer mais do que mera humilhação pública. Graham queria o bastardo de joelhos, implorando por misericórdia. Mendigando como o próprio Graham pedira.

A resposta veio como um eco do passado, as palavras do sheik Khamsin que o tinha aconselhado quando Graham fizera o juramento de lealdade e tornou-se um Guerreiro do Vento.

- Conheça as falhas de seu inimigo. Seja como um predador estudando um rebanho de gazelas. Disfarce o seu cheiro e encubra

suas intenções. Aprenda seus desejos secretos, então os use para enfraquecer e derrotá-lo. Conhecimento é uma arma muito mais poderosa que a maior cimitarra -, Jabari tinha dito.

E Graham sabia qual era a de fraqueza al-Hamra. Mas ele precisava estabelecer uma relação de confiança com o conde para atraí-lo para a armadilha com perspectivas mais difíceis e aterrorizantes.

E uma vez que ele conseguisse? A família de Stranton sofreria com o escândalo. Jillian seria esmagada. Se ao menos houvesse uma maneira com que ele pudesse protegê-la do ataque.

A resposta veio a ele com a força de uma tempestade de areia que varre através do deserto. Lady Jillian queria sair de um casamento que ela temia. Ele queria uma estreita ligação com seu pai.

Surpreendentemente, ele antecipou a solução. Ele faria isto e danem-se as consequências.

Jillian respirou, imaginando-se orgulhosamente se dirigindo a seu pai, explodindo com o espírito que tinha impiedosamente esmagado. Dizendo-lhe não.

Apanhada na fantasia, ela lançou um olhar para o homem. O triunfo brilhou em seu olhar. Seus ombros cederam. Ela não podia fazê-lo. Oh, ela era fraca demais para enfrentá-lo!

Um movimento no meio da multidão chamou sua atenção. A figura alta em seda preta elegante, caminhando com força de comando. O Duque de Caldwell abrindo caminho, esmagando as deferências. Parou a curta distância do estrado, seu olhar de obsidiana varrendo-os. O Lord Huntley o cumprimentou com uma voz estrondosa e respeitosa, e para sua surpresa, o duque subiu os

degraus e parou diante da multidão, pernas e ombros jogados para trás em uma postura orgulhosa.

E em voz alta e autoritária que ecoou em todo o salão, ele proferiu as palavras que congelaram seu sangue.

- Se você realmente quer dizer o que você diz, Lord Stranton, então por que sua filha já não é virgem?

A respiração prendeu em sua garganta. Oh meu Deus...

A mandíbula de Bernard caiu. Seu pai pareceu comicamente chocado.

- Como você se atreve a insultá-la!- Bernard engasgou.

O olhar de Graham encontrou o dela.

- Insulto? Eu sei, senhor, porque na última noite Lady Jillian e eu nos tornamos amantes.

Jillian olhou em choque espantado. Oh Deus, o que ele estava fazendo? Admitindo tal coisa, e logo após seu pai triunfantemente anunciar sua campanha contra o submundo de Londres?

- Sua Graça, minha filha é virtuosa. Eu mesmo salvaguardo sua virgindade. Exatamente onde este ato aconteceu? - Seu pai perguntou.

O duque sorriu.

Silenciosamente, Jillian implorou-lhe com os olhos. Por favor, por favor, pare. *Não diga a eles. Não, não diga a eles onde você tirou minha virgindade. Se o fizesse, ela iria morrer de vergonha.*

Graham viu sua expressão perturbada.

- Isso, senhor, é um assunto particular entre mim e a lady.

Jillian quase entrou em colapso de alívio. Mas ela sentiu os olhos irados de seu pai queimando-a como duas brasas.

- Jillian, qual é o significado disso?- Ele perguntou com uma voz cortada.

Seus lábios se moviam em protesto silencioso. Um rubor humilhante subiu-lhe pela garganta queimando suas bochechas. Murmúrios ondularam pela multidão. O olhar escuro de Graham a transpassou.

Bernard se voltou com um gemido.

- Jillian, por que ele está dizendo essas coisas? Diga-lhe para parar.

Mas ela não podia.

Graham deu ao noivo de Jillian um olhar suave, quase de pena.

- Em sã consciência, eu não poderia permitir que você se casasse com ela sob falsos pretextos, Sr. Augustine. A culpa é apenas minha.

Então, com uma nota de admiração na voz rouca baixa:

- Eu não pude resistir à beleza de Lady Jillian, e eu a seduzi.

Foi um pedido de desculpas sem realmente pedir desculpas, ela percebeu. E ela estava grata.

- Jillian, diga-me que ele está mentindo -, pediu Bernard.

Os lábios que tinham mentido antes abriram para concordar, *sim, ele está me acusando falsamente*. Ela abriu a boca para negar as palavras do duque. Os lábios de Jillian se moveram para sussurrar:

- Ele está... Não.

Um ligeiro rubor iluminou o rosto de seu noivo. Bernard lançou seu pai um olhar de nojo mortificado.

– Nestas circunstâncias, Lord Stranton, eu não posso casar com sua filha.

– Não, Sr. Augustine, você não vai. – Afirmou Graham. – Porque eu estou reclamando formalmente a mão dela.

Jillian o fitou em estado de choque espantado.

O Lord Huntley esfregou o bigode, parecendo desconcertado.

– Estou muito confuso. Er, que noivo eu devo anunciar?

– Eu. – O duque disse suavemente. – Mas, primeiro, alguns detalhes devem ser acertados antes de quaisquer parabéns sejam oferecidos.

A boca do pai de Jillian **trabalhou** violentamente. Pela primeira vez em sua vida, Jillian se viu sem palavras. O duque tinha tomado todo o espaço na sala. Sua presença poderosa e imponente fazia todos os outros homens parecerem diminuídos. Sua chocante confissão e a finalidade da ousada declaração tinha feito cada olhar de acusação fraquejar.

De repente Jillian se deu conta do rebanho de jovens, mulheres elegíveis olhando com interesse mal disfarçado para Graham. Com sua confissão, ele tinha aumentado as apostas, se transformando de um espetáculo distante a um ladino arrojado. Suspiros de arrependimento das meninas e até mesmo de algumas damas de companhia hipócritas ondularam pela sala. Murmúrios de censura se misturaram com eles.

Graham deu um sorriso sem humor.

- Eu acho que seria melhor nos juntarmos em uma sala onde isso pode ser discutido em particular. Mas, primeiro, peço uma palavra com a sua filha, Lord Stranton. - E sem esperar resposta de seu pai, o duque segurou seu cotovelo e começou a escoltar Jillian para fora do salão.

- Eles não deveriam estar sozinhos! Não é bom! - Bernard protestou.

Ela ouviu a resposta irônica do Lord Huntley.

- Eu acredito que é um pouco tarde para se preocupar com isso.

## *CAPÍTULO 5*

A mente de Jillian rodopiava quando Graham guiou-a para a expansiva biblioteca com painéis de pinho ao entrar, fechou a porta dupla. Uma chave de bronze permaneceu na fechadura. Ele virou-a, trancando-os dentro ou, mais provável, seu pai fora.

Ele ligou um interruptor, inundando o quarto com luz elétrica, e encostou-se a porta. Cruzando os braços, ele a observava.

- Você me desgraçou!- Disse.

Sem sorrir, ele olhou para ela.

- Eu salvei você, Lady Jillian, desse insípido almofadinha, determinado a casar com você. Eu não quis dizer aquilo para que te aflija, mas eu não vi uma melhor solução para nós dois.

Um rubor queimou seu rosto. Jillian segurou suas mãos enluvadas tão firme que sentia suas unhas nas palmas das mãos cavando através da seda fina.

- Por quê? Por quê?

- Eu preciso de uma esposa. Você queria fugir. Portanto, a solução: o casamento para mim.

- Não creio que seja uma solução. E se você, senhor, estava no mercado à caça de uma mulher, certamente você poderia encontrar uma candidata mais disposta entre as que estão no mercado de casamento sem criar um escândalo!

- Talvez eu pudesse encontrar uma noiva entre os risinhos, pálidas faces jovens que circulam nesses assuntos. Mas eu quero você.

– Estou sem um tostão. E você não me conhece mesmo!

– Nós tivemos um melhor início do que muitos casamentos. Nós já conhecemos cada um dos prazeres do outro.

– Você é muito louco. – Ela retrucou. – Nós passamos uma noite juntos e você declara que você não quer me ver novamente, e agora você me oferece seu nome?

– Eu mudei de ideia.

– Eu não tenho que aceitar isso. Eu não vou casar com você!

– Você tem pouca escolha agora. – Ele ressaltou.

Foi uma loucura. Ela se sentiu apanhada no vórtice de uma força invencível.

– Então você está me forçando a me casar publicamente dizendo à sociedade que eu não sou virgem? Você arruinou o bom nome do meu pai.

A expressão do duque mudou. Suas feições tornaram-se dura como o granito, seus olhos de obsidiana. Ela observava inquieta ainda que fascinada. Jillian suprimiu um arrepio, lembrando-se do poder envolto nele que ela vislumbrou no bordel.

– Arruinado? Acho que não. Pelo contrário, ele está ganhando um duque por genro. E não vamos esquecer as finanças. Seu pai está ansioso para ganhar dinheiro com seu casamento. Vou oferecer à liquidação do casamento o mesmo que o Sr. Augustine tinha oferecido.

Lágrimas queimaram no fundo da garganta.

– E as vantagens para mim, senhor, uma vez que meu pai é pago? Não haverá nenhuma.

Uma batida soou na porta de madeira pesada. Ela começou.

- Jillian? Vossa Graça? - Seu pai chamou.

O duque ignorou este, observando-a atentamente. Ela colocou uma mão junta à boca, querendo fugir. Seu olhar nervoso disparou em direção às portas francesas na parede extremo oeste da biblioteca.

Graham cruzou o quarto para ela. Sua voz era baixa e persuasiva.

- Fugir não é a resposta, Jillian. Estou disposto a dar generosamente o que você quiser, e você terá riqueza e posição. Basta pedir e eu vou dar para você. Joias. Peles. Vestidos com os melhores costureiros de Paris. Qualquer coisa que seu coração desejar.

- Qualquer coisa que deseje meu coração? - Jillian riu. Oh, isso era muito precioso. Sim, ele lhe daria qualquer coisa, menos a única coisa que ela mais desejava: a sua liberdade.

- O que é uso um vestido fino e posição quando toda a sociedade me vê como uma mulher caída? Eles mal podem esperar para arrancar-me em pedaços.

A maçaneta sacudindo era seu pai, tentando entrar.

- Sua Graça, uma palavra, por favor. Preciso falar com você, sua voz insubstancial chamava.

Graham olhou para a porta.

- Eles vão esquecer nosso começo bastante questionável, uma vez que estivermos casados.

- Esquecer? Você sabe pouco sobre a sociedade, Sua Graça, se você acha que eles vão esquecer. Eles têm memória longa.

Seu olhar se estreitou. Mais uma vez sentiu a ameaça envolta neste homem, como se o seu exterior polido escondesse um núcleo escuro.

– Ninguém ousará insultá-la se você for minha esposa. Eu prometo a você, não vou tolerar uma única afronta.

– Eles não vão me insultar. Eles simplesmente vão me ignorar - , ela hesitou.

– Eles não podem ignorá-la se você for minha duquesa, Jillian. Pense nisso. Eu estou oferecendo escapar de estar presa ao insuportável Sr. Augustine. – Fez uma pausa, um sorriso lento tocou sua boca. – Você não prefere estar presa a mim? Na cama, digamos, por longas horas de prazer delicioso?

Calor erótico correu através dela. Ela tentou ignorá-lo.

– Como você sabe que ele é insuportável?

– Seu bigode. É evidente que ele gasta uma grande quantidade de tempo para encerar. Você realmente deseja se tornar a esposa de um homem obcecado com seu pelo facial? Seus beijos devem ser tão terríveis quanto o óleo Macassar que ele usa em seu cabelo.

– Eu não sei -, ela murmurou.

– Ele nunca beijou você?

– Ele tentou. Eu o impedi. Isto me pareceu tão terrível quanto a lamber cera de abelha fora de seu casulo.

Seu riso abrupto, quase profundo incitou um sorriso nela. Jillian o suprimiu.

– Por que você quer casar comigo? Que razão possível você poderia ter?

- O mais elementar de todos, Jillian. Você é uma mulher linda e eu quero você na minha cama.

Um delicado arrepio percorreu sua coluna no tom determinado em sua voz.

- Sexo é uma base fraca para o casamento.

- É? - Ele avançou, um brilho nos seus olhos escuros. Ela encolheu-se quando seus dedos encontraram seu rosto e percorreu-o num toques mais simples. Jillian fechou os olhos, necessidade estremecendo através dela. Ah, o poder de sua carícia.

- Eu acho que é uma razão poderosa para se casar. É como o ducado continua. Preciso de um filho. - Nesta revelação, os olhos dela se abriram. O leve olhar de Graham acariciou até seu abdômen plano. Suas grandes mãos quentes, pousadas nos ombros de seu vestido. Ela se lembrou delas acariciando e, criando um calor delicioso. - Estou muitíssimo ansioso para começar a tentar um herdeiro depois que casar.

Hálito quente fez cócegas por trás das suas sensíveis orelhas. Ele inclinou em direção ao seu ouvido, e sussurrou:

- Eu receio que suas opções estejam bastante arruinadas, Lady Jillian. Não há como escapar do casamento comigo.

Ela engoliu em seco, difícil. Casamento não era a resposta. Deixar a Inglaterra era. O duque tinha criado um impasse. Jillian preocupada mordeu o lábio inferior. Havia ainda o dinheiro escondido em seu quarto. Ela ainda poderia escapar. Por enquanto ela fingiria, para ganhar tempo precioso.

- Muito bem. - Ela murmurou. - Eu vou casar com você.

O simples sorriso tocou sua boca. Então ele baixou a cabeça e beijou-a levemente um beijo breve prometendo prazeres sensuais.

Contudo, era um prazer que ela não experimentaria, pois ela não iria se casar com ele, se ela pudesse fugir primeiro.

A raiva de seu pai poderia ser aplacada por Graham, o Duque, em vez de Bernard, o Insuportável, mas no fundo ela tinha a sensação desagradável de que Graham, com sua intensidade escura e charme perigoso, poderia se revelar a escolha muito mais mortal.

Graham conseguiu prender suas furiosas emoções quando ele agarrou a mão de Jillian e se preparou para enfrentar seu pai. Dentro de sua cabeça uma voz gritava, *você está louco?*

Talvez ele estivesse. Forçando a mão dela e garantindo que o seu inimigo se tornaria seu sogro soava completamente insano.

Mas mantenha seus inimigos próximos, seu amigo, o sheik Khamsin havia aconselhado. Quanto mais perto do que fazer Stranton um parente?

Há muito tempo atrás, Graham jurara nunca mais se casar. Mas esta solução significava que Jillian permaneceria sob seu cuidado e proteção, quando o grande escândalo estourasse. Sexualmente ela lhe agradou, e o pensamento de tê-la na sua cama de novo intumescera seu corpo com prazer.

E ela poderia dar-lhe um herdeiro. Ter filhos seria mantê-la ocupada e longe de problemas. E seu temido pesadelo não se realizaria enquanto ele a mantivesse no deserto. As chances dela viajar em qualquer tempo pelo Egito com ele era tão improvável quanto ele encontrar um tesouro perdido de Khufu.

Graham enfiou a mão de Jillian na curva de seu braço. Ele forçou uma expressão vazia no rosto e, inalando uma respiração

profunda, destrancando e abrindo a porta, olhou para o rosto enfurecido de seu inimigo.

Graham não tinha confrontado-o durante vinte anos. Uma vez, no ano passado em Londres, ele tinha escolhido fugir com medo vergonhoso deste homem. Ele não fugiria mais.

O sangue pulsava em sua cabeça. Queria apertar, esmagar, estrangular. Ao invés disso, um sorriso entediado brincou em seus lábios.

- Boa noite, Lord Stranton. Sua filha gentilmente concordou em casar comigo. - Jillian pressionou seu braço em uma advertência.

Graham ignorou isto, seu corpo tenso e pronto para envolver o homem na batalha, verbal ou não. Mas Stranton apenas entrou e fechou a porta atrás dele. Ele não olhou para sua filha.

- Ela concordar ou não é irrelevante, Sua Graça. Jillian vai fazer como eu lhe disser. Ela desgraçou-me com seu comportamento e não vai fazê-lo novamente.

Tendões destacaram-se no pescoço do Stranton. O conde olhou para a filha com profundo desprezo.

- E eu lhe disse -, Stranton, eu assumo total responsabilidade pelo que aconteceu. Eu a seduzi.

Stranton sorriu, os olhos frios.

- Eu não vou prendê-lo a esta responsabilidade, Sua graça. Eu ensinei Jillian a resistir, a não ceder aos pecados da carne. Ela falhou miseravelmente.

Ao lado, ele sentiu Jillian tensa. Graham percebeu que o homem estava ameaçando-a, porque ela era um alvo seguro que não

iria se defender. Ele queria partir o pescoço de Stranton. Seria tão fácil.

- Somos todos seres humanos fracos, Sir. - Disse ele educadamente.

- A fraqueza não é desculpa para tal lapso moral grave.

O nojo pontuava a voz do conde. Ele estreitou os olhos para sua filha. Ela baixou o seu para o chão.

- E o meu lapso moral? - Graham perguntou, estudando o conde através dos olhos de capuz.

Stranton deu-lhe um sorriso adulator.

- É diferente para os homens, Sua Graça. É por isso que a minha campanha para controlar as casas de má reputação é muito importante. Devemos concentrar-nos em regular o comportamento das fêmeas rebeldes. Talvez você vá se interessar.

- Talvez. - Graham não tinha intenções de uma carreira política.

Encorajado, o conde continuou.

- Perdi hoje uma considerável influência por causa de seu comportamento. O que ela fez vai além do medíocre. Ela publicamente desonrou o meu nome.

O homem tinha toda a profundidade emocional de um nabo. Ele se importava apenas que tivesse sido envergonhado diante de seus pares. - E agora ela vai fazer as pazes quando a tornar sua esposa.

Graham, de repente sentiu uma vontade urgente de brincar com o conde, como um gato golpeando um rato encurralado.

- Eu poderia fazê-la minha amante, disse ele. - Ele sorriu por dentro quando Stranton recuou.

- Eu preciso recuperar a minha reputação. Você precisa se casar com ela!

- Eu não preciso casar.

Stranton hesitou. - É seu dever como um cavalheiro inglês se casar com ela, Sua Graça.

- Eu não tenho nenhum desejo de ser um cavalheiro inglês.

Pânico queimou no olhar verde do homem. - Mas, você... Você pediu a mão dela.

- Talvez eu tenha mudado meu pensamento.

*Como é a sensação de ser totalmente impotente, seu bastardo?*

Impotente como Graham tinha sido.

Nenhum outro homem se casaria com Jillian agora. Ela tinha sido um pêssigo maduro que seu pai tinha cuidadosamente preservado para vender a um preço exorbitante, mas Graham tinha arrancado o fruto, mordido em seu centro suculento, saboreado o seu sabor delicioso e, em seguida, jogou-o no lixo. Sem pagar um único centavo.

Ele olhou de soslaio sobre Jillian. Ela erguia-se, porte ereto, uma estátua de madeira silenciosa. Então ela levantou a olhar para ele. Umidade transformou os olhos em joias brilhantes. Seu coração retorceu-se. Ele não queria machucá-la.

- Você está dizendo que você não vai se casar com Jillian, Sua Graça? - Stranton perguntou.

Silêncio fino como o fio de sua cimitarra pairou. Graham deixou persistir um momento. Ele olhou para Jillian. Seu olhar estava abatido, com os ombros caídos.

– Eu vou casar com ela. Mas porque eu desejo me casar com ela. – E não por qualquer obrigação.

Stranton soltou um suspiro de alívio.

– Claro, sua Graça. Você virá para o chá amanhã para discutir os termos?

O acordo de casamento.

–Ah! Sim.

O conde relaxou visivelmente. Graham lembrou-se quando ele tinha escapado de seu captor egípcio. O homem tinha pensado em derrotar facilmente Graham, que não foi aceito como um guerreiro. Ele tinha abaixado a guarda e... Naquele instante essencial, Graham o matou.

A guarda de Stranton foi diminuindo. Esta se iria completamente quando Graham desse o golpe de misericórdia. Ele continuou no esforço para desarmá-lo.

– Sua campanha não me intriga, Stranton. Gostaria de saber mais sobre seus esforços.

O conde pareceu ansioso.

– Podemos discutir em minha casa no chá.

– É claro -, murmurou Graham. – Ele olhou para Jillian, e pegou sua mão trêmula, pressionando um beijo nos nós dos dedos com luvas.

– Boa noite. – Ele murmurou, acenando para Stranton.

Quando ele virou as costas e saiu, Graham respirou irregular. Por um momento ele esteve tentado a ir trás e prosseguir com seu plano original. Seria tão fácil matá-lo. Fazendo Stranton seu sogro seria difícil. Isto ia ser mais difícil do que ele já tinha previsto.

Muito mais difícil. Mas ele esperava que a recompensa fosse mais doce.

Por todo o caminho de carruagem até sua casa, Jillian permaneceu imóvel e silenciosa. A punição seria rápida e exata. Ela sabia muito bem que seu pai não deixaria passar.

Eles chegaram à casa do conde e ele tinha ordenado aos serventes para montar guarda na sala de visitas. Silenciosos, eficientes fantasmas, eles estavam alinhados em uma fileira. Jillian tensa enquanto ele falava.

– Eu chamei vocês aqui para ordenar que a minha filha não irá deixar esta casa a partir de agora, sem eu como seu acompanhante. Só eu e mais ninguém, até que ela esteja casada. A única exceção será o seu passeio diário no parque com um moço de estábulo. Se algum dia eu pegá-la saindo de casa sem mim, eu vou demitir todos vocês. Sem referências. Está claro?

Quando balançaram a cabeça, ele continuou – Minha filha é uma prostituta. Ela publicamente me desonrou esta noite. Não posso arriscar mais nenhum escândalo no qual ela decida se expor a mais ruína.

Ele caminhou em sua direção. Uma brisa fresca tocou suas costas, quando ele começou a desabotoar o vestido. Ele então rasgou de seus ombros, o som trovejando através da sala silenciosa. Seu espartilho desbotado e a surrada chemise mostraram o contorno dos

seios completos quando ele ordenou que ela removesse a roupa. Jillian sentiu uma onda rasteira transformar sua pele vermelha.

– De agora em diante, para garantir que ela não se afaste da minha casa, vai lhe ser negada roupa, a menos se for acompanhada por mim, quando ela se aventurar a sair, ou para seu passeio à tarde no parque. – Seu olhar severo determinado dirigia-se ao criado. – Você, Beckett, vai acompanhá-la. Se deixá-la fora de sua vista, você estará demitido.

O criado empalideceu e assentiu vigorosamente. Jillian olhou para frente. Lágrimas brilhavam em seus olhos, mas ela mordeu o lábio. Um riacho minúsculo de sangue escorria pelo seu queixo. Ela mordeu o lábio com tanta força que sangrou.

Seu pai continuou olhando para ela com desdém.

– Eu quero todas as roupas dela sejam removidas de seu guarda-roupa. Mas primeiro...

Pavor encheu quando ele bramiu uma ordem. Quando os servos voltaram, seu coração se afundou. Oh Deus, por favor, não...

Em seus braços havia uma pequena pilha de livros. Seus tesouros. Marshall. A edição inestimável de *Adams, The Economist*. O conde tomou-os e marchou em direção à lareira.

Os lábios de Jillian finalmente se moveram.

– Pai, por favor, não...

Ele jogou a pilha na lareira.

O som do golpe foi estrondoso na sala em silêncio. Chamas logo capturando, lambendo as páginas. Eles enrolaram, chiando com o fogo. Murchando como seu coração encolhido. Jillian olhou em agonia sem palavras. Seus amigos preciosos, morrendo.

– A partir de agora, você não vai ler nada. – Seu pai ordenou.

Um único pensamento surgiu, ecoando novamente e novamente em sua mente. *Eu não vou chorar na frente dos servos.*

Seu pai deu-lhe um olhar de nojo.

– Retire-se para seu quarto e reflita sobre como você não está apta a ser noiva de alguém, e agradeça a Deus, pelo Duque oferecer-se para casar com você. E é melhor não encher Sua Graça com seu palavreiro insípido de economia e fazê-lo mudar de ideia. Vá. A partir de agora você vai tomar as suas refeições no seu quarto. Vê-la na minha frente, me faz mal.

Jillian conseguiu subir as escadas. Dentro de seu quarto ela deitou na cama em sua roupa íntima. Ela ficou lá por um longo tempo, em silêncio, entorpecida enquanto os servos desfilaram dentro e fora de seu quarto de vestir, removendo todos os seus vestidos. Ela não chorou.

## CAPÍTULO 6

Graham deu a notícia no café da manhã no dia seguinte ao seu irmão e aos brilhantes olhos de sua sobrinha de nove anos de idade. O olhar de Kenneth foi de admirado choque. Jasmine bateu palmas de alegria.

– Oh, tio Graham um casamento. Posso ajudar?

Deu-lhe um sorriso indulgente.

– Vai ser um casamento muito calmo, muito rápido, eu penso. As circunstâncias não exigem um casamento elaborado, Jasmine.

– Posso imaginar as circunstâncias. – Kenneth disse secamente.

– As circunstâncias não são uma consequência.

– O que você sabe desta mulher?

– Eu conheci-a... Bastante bem quem ela na outra noite-, ele falou lentamente, sabendo que seu irmão iria entender.

Kenneth pareceu profundamente perturbado.

– Graham, realmente, eu sei como a primeira vez pode ser... Memorável, mas casamento?

O olhar agudo de Jasmine moveu rápido de um para o outro.

– O que é uma primeira vez?

– Algo que você não terá até que você esteja com quarenta anos -, Kenneth murmurou. Ele estudou Graham. – Você a ama?

– Eu não preciso de amor. Preciso de um filho.

- Então você está se casando com ela para ter uma égua? Há muito mais no casamento do que produzir um herdeiro.

- Eu ousou dizer que você está correto, mas eu espero que você respeite a minha decisão. Só gostaria de ter filhos com ela, é assunto meu e de mais ninguém. - Graham tomou um longo gole do amargo, pungente café árabe.

- Tio Graham, se você estiver indo se reproduzir com esta lady, você vai montá-la como Prometheus fez com Cassandra nos estábulos? - Jasmine perguntou com interesse.

Graham sufocou. A mandíbula de Kenneth caiu.

- Jasmine! O que o... De onde você tirou essa ideia?

- Ora observando. - Disse ela, praticamente. - Eu estava na tenda com o meu gatinho quando eu vi você levando Prometheus a Cassandra, tio Graham. Foi muito interessante. Ele começou empinado e aproximando, e então essa coisa entre as pernas começou a crescer muito.

- Como é o seu pônei, Jasmine? - Graham interrompeu apressadamente, antes de sua sobrinha precoce pudesse perguntar como ele fora comparado ao seu garanhão favorito árabe.

Ela lançou em uma conversa animada sobre seu favorito tópico - montar seu cavalo - e o olhar de Graham encontrou o de seu irmão enquanto ela falava rapidamente. Isto prometia, *vamos terminar mais tarde.*

Quando terminaram de comer e Jasmine desapareceu no andar de cima para aulas, ele se fixou em Kenneth novamente. Havia apenas um lugar garantido livre de ouvidos curiosos.

- Vamos jogar uma partida? - Ele empurrou para trás da mesa.

O olhar preocupado de Kenneth elevou-se para o teto.

– Badra...

– Nunca vai saber. – Vamos, então, Graham pediu.

Eles foram para o estúdio de exercício. Graham dirigiu para a linha de armas penduradas na parede. Agitação violenta apoderou-se dele. Ele ignorou as lâminas de esgrima com os seus botões de proteção e foi direto para as peças pesadas.

Kenneth encarou a cimitarra curva na mão de seu irmão.

– Você sabe como ela se preocupa com um de nós nos machucando. Se ela descobre que... Badra terá minha cabeça.

– Não se eu a tiver primeiro -, Graham escarneceu. – Venha agora, Kenneth, não temos praticado há algum tempo com estas. – Ele jogou a cimitarra para seu irmão, que pegou pelo punho, com uma só mão. Kenneth examinou a ponta da arma reluzente.

– Mais maçante do que um abridor de papel-, observou. – Ainda assim... Devemos usar... – Kenneth substituiu a arma e entregou uma lâmina para Graham, que deu a lâmina um sibilar desdenhoso. Ambos tiraram seus casacos e coletes e olharam para os coletes de couro de proteção próximos. Seus olhares miraram as regras escritas em um quadro branco em negrito pelo instrutor de esgrima que Kenneth tinha contratado: Senhores sempre usam coletes de couro para proteger seus corpos.

Os dois trocaram olhares irônicos.

– Somos guerreiros, não senhores. – Comentou Graham.

Em seguida, com total abandono, os dois irmãos estabeleceram as lâminas e puxaram a camisa. Sem camisa, eles tomaram as espadas e se enfrentaram.

Bem combinado, eles estavam com a mesma altura. Kenneth era menos musculoso, mas possuía uma força extrema e era mais rápido em seus pés. Graham tinha aprendido a identificar as vantagens de seu irmão e usar sua própria. O seu sangue zumbia com entusiasmo. Um brilho semelhante brilhou nos olhos de seu irmão.

- Vamos lá, vamos ver a quanta anda a sua estocada nos dias de hoje. Aposto que os empurrões são muito lentos. - Disse Kenneth desafiando.

- Isso não é o que a lady disse. - Graham respondeu.

- E por isto você está casando com ela. Maldição, sexo não é uma boa razão para se casar.

Eles se engajaram. Kenneth lançou um ataque furioso, claramente frustrado. Graham rangeu os dentes, segurando seu temperamento suficiente para desviar e dar a estocada.

- Realmente, Graham, casar-se com uma prostituta só porque você gostou dela na cama.

- Uma virgem.- Ele corrigiu, sem esforço, desviando do mais recente impulso de Kenneth. - E uma lady.

O irmão deu um ronco alto de escárnio.

- Você deve ser louco por ela, se você está chamando uma prostituta de uma lady.

- Uma lady real. Filha de um conde, que eu a vi de novo a última noite no baile.

O choque retorceu o rosto de Kenneth. Quando ele hesitou, Graham aproveitou cruelmente, e executou um golpe perfeito, derrubando sua folha de lado e tocando no peito do seu irmão.

– Direto no coração. – Disse ele com satisfação. – Você estaria morto.

– Eu poderia ainda morrer de choque. Você quer dizer que a mulher que você comprou a virgindade é filha de um conde? Bom Deus, o que ela estava fazendo em um bordel?

– Dando prazer a mim. – Disse Graham. – Agora vamos continuar, ou você está muito chocado para se defender?

Em resposta, o seu irmão levantou sua espada e atacou. Saboreando o desafio, Graham concentrou-se em se defender. Kenneth era um adversário excelente que aperfeiçoou seus movimentos de esgrima. No Egito, havia sido chamado Khepri, um guerreiro destemido Khamsin na batalha. Ele havia matado a muitos. Mas Graham tinha matado mais.

Graham, o guerreiro tinha tirado a vida de seu captor egípcio. Então, ele tinha cortado fora os testículos do homem, apresentando-os para o sheik al-Hajid como um troféu.

– Percebi que você não vai me dizer detalhes. – Kenneth ofegou quando Graham começou um novo assalto.

– Eu não vou.

Aço contra aço retiniu quando eles trocaram golpes. Graham evitou o golpe de Kenneth e moveu-se para terminar o jogo apenas quando um grito assustado encheu o ar. Ambos os homens congelaram.

– Vocês dois estão loucos? Vocês podem se machucar!

Badra, a gravidíssima esposa de Kenneth, muito carrancuda, estava nas proximidades. Os irmãos trocaram olhares culpados. Com o rosto vermelho, bem ciente de seu estado seminu, Graham mexeu para sua camisa, sacudindo-a apressadamente. Enquanto ele se

concentrou em seu colete, seu irmão enfrentou Badra, descaradamente sem camisa.

– Querida... – Kenneth começou.

– É minha culpa. – Exclamou Graham. – Eu o fiz. Eu queria um pouco da emoção de outros tempos.

Badra balançou seu olhar irritado para ele.

– Ninguém faz nada. Vocês são piores do que um par de crianças. – Graham ofereceu um sorriso encabulado e Kenneth às pressas se vestiu. – É muito perigoso. – Continuou Badra, gíngando para eles.

Um olhar exasperado tocou o rosto de Kenneth.

– Querida, Graham e eu lutamos como guerreiros. Nós matávamos inimigos nas batalhas e tenho as cicatrizes para provar isso. Você acha que o duelo com estas -, ele correu um dedo na lâmina, – espadas que não pode cortar manteiga mole em um dia quente, é mais perigoso do que isso?

– Aqui é a Inglaterra, onde os homens são civilizados. Não há necessidade de duelo. – Protestou ela.

– Como devo proteger a minha família? E se algum louco se enfurece e ameaça a minha linda esposa? – Kenneth perguntou. Ela revirou os olhos.

– Faça como todos os outros ingleses fazem.

– Fugir?– Ofereceu Graham.

Badra fez uma careta.

– Eu posso me defender. Você me ensinou Kenneth, lembra? Você chuta um homem nas partes privadas.

Ambos os irmãos olharam sua pequena estrutura, mas muito arredondada um olhar duvidoso. Graham conteve um sorriso.

– Chutar um homem é uma boa ideia, mas a minha espada é muito mais eficaz -, afirmou Kenneth.

– Eu concordo. Você pode cortar suas peças baixas em vez de chutá-lo. –sugeriu Graham proveitosamente.

Badra revirou os olhos.

– Não seria mais esportivo simplesmente matá-lo?

Graham concordou.

– Chutá-lo nas partes privadas. – Eu suponho.

Badra riu, segurando a barriga enorme.

– Pare com isso. – Ela engasgou. – Ou eu vou ter o bebê aqui.

Kenneth sorriu.

– Relaxe, meu amor. Estávamos apenas celebrando um pequeno anúncio que Graham fez. Prepare-se. Meu irmão vai se casar.

A risada curta de Badra parou. Choque surgiu em seus belos olhos. Ela olhou para Graham, que se moveu pouco à vontade.

Badra conhecera seu passado torturado muito antes de seu irmão saber. Quando ele tinha sido conhecido como Rashid, Khamsin Guerreiro do Vento, Graham tinha sido designado para protegê-la. Eles forjaram uma amizade selada com os segredos de seu passado individual, e ambos concordaram nunca se casar. Kenneth com amor, gentileza e paciência tinha ajudado Badra a mudar de ideia. Mas ambos sabiam que os demônios de Graham ainda o atormentavam,

montando a sua mente como ele uma vez montou sua égua, rápido e forte nas areias.

– C– casamento? Com quem?– Ela perguntou, ainda olhando.

– Alguma bela donzela ansiosa sem roupa. – Disse Kenneth uniformemente. – Ela capturou o coração do meu irmão. Ou outro órgão vital.

Graham lhe lançou um olhar de advertência.

– Você tem certeza? Ela é especial? Ela teria que ser... – Sua voz foi sumindo. Badra olhou como se Graham fosse um gênio, um espírito do deserto. Graham sentiu o rubor da humilhação. Maldição, ele sabia o que ela pensava. Que mulher iria querer ele?

No entanto, ele esperava pela compreensão de Badra. Sem palavras, ele pegou as lâminas abandonadas e suas pontas de borracha e colocou-as com cuidado na parede. Dentro ele se sentia como aquele menino de muito tempo há atrás, doente e machucado. Ele forçou uma nota indiferente em sua voz enquanto estudava a parede.

– Você não precisa se preocupar. Eu não vou me casar com alguma vadia comum das ruas. Lady Jillian é a filha de um par do reino bem conhecido. Ela é bastante adequada para se tornar a minha duquesa. – Ele olhou rápido para Badra e a enfrentou com um olhar defensivo.

Badra colocou a mão sobre a barriga imensa, com calma olhando para ele. Uma vez que tinham sido o apoio emocional um do outro, tinham sido amigos e aliados na dor compartilhada de seus passados. Ela tinha sido a única em quem confiava. Ainda assim, ele tinha retido parte de si mesmo, nunca inteiramente partilhada. Agora ela estava casada com seu irmão, esperando um filho dele, e tinha sua própria família. Sua vida tinha mudado muito.

Kenneth discretamente moveu-se para o outro lado da grande sala, arrumando um monte de raquetes de tênis de grama. Badra gingou mais perto de Graham. Tão pequena, tão aparentemente delicada, ela mal alcançava o seu ombro. Mas ele conhecia que sua aparência era enganadora. Dentro, ela era forte como um vento feroz do deserto.

- Rashid, fale comigo sobre isso. Não se esconda de mim. Eu sinto que você está carregando um fardo pesado, e tornou-se muito mais pesado nos últimos meses desde que chegamos a Londres.

O uso do seu nome árabe que tinha sido dado pelo al-Hajid o fez cauteloso. Ele cruzou os braços sobre o peito.

- O que você quer, Badra?

Angústia estampava em seu rosto.

- Você mudou, Rashid. Uma vez que fomos próximos. Desde que veio para a Inglaterra, você fica cada dia mais distante. Mal conheço sobre meu amigo. Por que isso?

- Você e Kenneth pediram-me para assumir o título. É claro que eu tinha que mudar. Não sou mais Rashid. Aqueles dias se foram.

- E a nossa amizade, também? Uma vez você teria feito qualquer coisa por mim.

Sua voz amaciou.

- Como eu poderia continuar a fazer, mas você agora está casada com Kenneth. Ele vem em primeiro lugar em sua vida, como deve ser. Como será para mim quando eu me casar com minha noiva.

- Oh, Rashid. - Profundo suspiro Badra indicava descontentamento. - Sua noiva. Quem é essa mulher? Você nunca mencionou qualquer mulher antes. Como você sabe que ela é a pessoa certa para você? Ela tocou seu torso suavemente. - Como você sabe que ela é a única a partilhar o seu coração?

Graham esfregou o rosto.

- Badra, o que você tem com Kenneth é especial. Minhas expectativas do casamento não são tão altas.

- Por que não? Por que você não deveria esperar encontrar uma mulher com quem você pode compartilhar cada parte de si mesmo, com quem vai preencher esse espaço vazio dentro de você? Não, não me diga que não existe, - Ela acrescentou quando ele começou a protestar. - Eu sei que, mais do que qualquer outra pessoa, como o vazio que dói pode fazer você se sentir. E eu sei como é maravilhoso ter alguém para finalmente preencher esse vazio, e sentir a paz de ser amado e apreciado por quem você é.

Muito desconfortável agora, ele encolheu os ombros.

- Estou feliz porque isso aconteceu para você. Verdadeiramente, Badra. *Simplesmente nunca vai acontecer para mim.*

Juntando-se a sua esposa, Kenneth deslizou um braço ao redor de sua cintura ampla. Seu olhar calmo encontrou o conturbado de seu irmão.

- Nós queremos que você seja feliz, Graham. Você não merece nada menos. Essa mulher pode fazer você feliz?

- Ela me agradou bastante a outra noite. - Repetiu ele. Ele se lembrou do que Kenneth tinha dito e lançou-a de volta para ele. - Você disse que ela era o meu destino. E você não pode lutar contra o

destino. Eu vou casar com ela. Vocês não podem ambos apenas tentar serem felizes por mim?

Kenneth olhou para sua esposa.

– Sim-, disse ele. – Nós podemos.

– Sim, - Badra ecoou suavemente. – Por favor, traga-a para tomar chá. Eu quero fazê-la se sentir bem-vinda aqui. Muito bem-vinda.

Graham manejou um sorriso genuíno quando ela se separou do marido e veio até ele. Ela beijou sua bochecha, sua grande barriga batendo em seu quadril.

Kenneth deu-lhe um olhar solene.

– Se é isso que você quer então eu ficarei feliz por você. Eu só quero uma mulher que seja boa o suficiente. Você merece o melhor. – Ele pareceu melancólico. – Eu teria dado qualquer coisa para vê-lo feliz, antes disso, mas não podemos voltar apenas seguir em frente. Por isso, vamos saber o que você precisa e estaremos lá com você.

Lutando com suas emoções, Graham concordou. Depois de todos estes anos de caminhada sozinho, ele finalmente tinha uma família que se importava. Sentiu-se dividido entre a vontade de ficar mais perto, e sua reserva natural. Quanto mais fácil teria sido simplesmente permanecer no Egito, mascarado por seu traje de Khamsin Índigo, se escondendo do mundo.

Quando Kenneth levantou Badra em seus braços, apesar de seus protestos de que podia andar, Graham sentiu-se ainda mais sozinho. Murmurando desculpas, ele desapareceu em seus aposentos. Lá, ele se vestiu para ir andar no parque.

Batendo seu chicote contra a coxa, ele desceu a polida escadaria. Jasmim galopou pelo corredor em direção a ele. Seu rosto

abriu um sorriso radiante. Um turbilhão de excitação árabe derramando sobre ela.

- Tio Graham! Você irá montar? Posso ir com você? Por favor, por favor! Eu não monto o meu cavalo em dois dias!

- Inglês, Jasmine, - ele automaticamente corrigindo. - E o seu pai disse que não era para andar sem um criado? Você ainda não está boa o suficiente em montar de lado.

Seu rosto se abaixou.

- Sim.

- Você será melhor com o tempo. - Ele encorajou.

Em Yorkshire, Kenneth tinha ensinado sua filha adotiva a montar a maneira dos beduínos. Jasmine não tinha montado até duas semanas atrás, quando os meninos no parque tinham brincado com ela sobre seu estranho estilo de montaria, chamando-a de pagã. Profundamente perturbado, ele discretamente convidou Jasmine a aprender a maneira que os ingleses montavam para passear.

Graham sentiu um empuxo de piedade profunda por sua expressão cabisbaixa. Ele deu um sorriso indulgente.

- Vá colocar sua roupa de equitação, e eu vou encontrá-la no estábulo. - Prometeu.

Seguido por Charles - O silencioso cavaleiro que Graham mais confiava - Ele e sua sobrinha dirigiram para o Hyde Park. Graham controlou seu garanhão árabe com os joelhos, enquanto Jasmine sentou-se no seu pônei, lutando com a posição de lado. Enquanto se aproximavam da linha, ele notou sua postura rígida. Graham incitou sua montaria a uma parada e se inclinou para frente em sua sela.

– Ouça-me, Jasmine, relaxe. Seu cavalo sente seu desconforto. Quanto mais você se sentir confortável, mais você é capaz de controlar sua montaria. Animais sentem quando você está nervoso. Flexione os joelhos um pouco e relaxe a sua postura.

– Minha governanta diz que devo sentar-me em linha reta como uma tábua.

– Você já viu uma tábua andar a cavalo?– Ele piscou. Jasmine riu, e os ombros relaxaram.

Enquanto cavalgavam para o parque, Graham virou novamente um olhar curioso em sua sobrinha. Como ele, ela era uma solitária. Ele perguntou a ela sobre os amigos que tinha. Sua expressão acabrunhada apertou mais seu coração.

Olhando por cima do seu ombro para o aparentemente indiferente Charles, ela falou em um tom abafado em árabe.

– Tio Graham, eu quero brincar com eles, mas eles não querem brincar comigo. Eles dizem que eu sou muito estranha. Especialmente Tommy Wallenford. Ele diz que sou apenas uma garota boba pagã da Arábia, sem nenhuma opinião.

Então Jasmine tinha sido esnobada por seu inglês imperfeito. Graham se encrespou de raiva.

– Ouça-me, bem. – Disse ele sombriamente. – Eles se acham superiores. Você deve mostrar-lhes que vocês são iguais. Você é a Honorável Jasmine Tristan, filha de um Visconde. E a sobrinha de um duque.

Ele viu sua luta interior para segurar bravamente suas lágrimas.

- Mas eu fiz. Eles não me ouvem. Eles continuam ouvindo Tommy. Dói quando ele me chama de nomes, tio Graham. Só porque eu sou egípcia e minha pele é mais escura.

Graham sentiu uma torção de angústia, lembrando suas próprias dificuldades, quando ele retornou à Inglaterra, os sussurros e olhares curiosos da comunidade de Yorkshire.

- O que você faria tio Graham? - Ela perguntou.

Sua natural precaução rompeu com a visão de seu lábio inferior trêmulo. Isto atormentou sua mente, lembrou.

- Quando vim pela primeira vez para a Inglaterra, um imbecil, - er... Companheiro zombou do meu sotaque. Ele não tinha respeito pela minha opinião e me chamou de pagão da Arábia.

- E o que você fez tio Graham?

Ele não pode resistir a um sorriso irônico.

- Eu dei a ele o que chamamos em inglês de golpe. Eu dei um soco no lábio e disse-lhe: Você vê imbecil estúpido, um pagão da Arábia pode lutar tão bem quanto um inglês. E depois eu ganhei o respeito por reaprender o costume inglês e formas inglesas. Eventualmente, a maioria tem me aceitado.

O olhar maravilhado de Jasmine encontrou o seu.

- Então eu devo me concentrar em aprender as maneiras inglesas e eles vão me aceitar assim?

Graham estava afinado o suficiente para predispor a conhecer a resposta em primeira mão. Os cabelos escuros puro como a noite de Jasmine, grandes olhos escuros e pele escura a diferenciavam, isto sempre aconteceria, não importa quão perfeito fosse o seu inglês ou quanto ocidental fosse seu vestido ocidental.

– Aprender os costumes ingleses e aperfeiçoar seu inglês vai ajudar, mas também é importante que você não sacrifique quem você realmente é, nenhum pouco. Seja você mesma e esteja confiante em quem você é. Vale a pena, as pessoas irão respeitá-la.

Jasmine deu um aceno solene.

– Obrigado, tio Graham. Agora, talvez você deva ir adiante. Tenho de andar mais lento no meu pônei. Preciso praticar equitação ao estilo inglês, para provar a eles que eu posso fazer isso.

Cedo ou tarde, ela teria que enfrentar sozinha seus problemas. Graham prometeu reunir-se logo que ele fizesse um bom galope.

Com um suspiro, ele se dirigiu para a pista macia, projetada para acomodar o andar rápido. Uma vez lá, ele deixou Prometheus seguir sua marcha, saboreando o poder de trabalhar os músculos do grande garanhão. Graham conduziu o garanhão com a pressão de suas coxas, assim como ele aprendera com os beduínos.

Minutos depois, ele abrandou o ofegante cavalo a um galope e deixou-o esfriar, em seguida, dirigiu para Jasmine. Ele trotou para a pista, seu olhar aguçado em busca de uma menina com cara de elfo e um moço de estábulo que se parecia com um cão melancólico. O som de um riso atraiu sua atenção para um pequeno descanso de carvalhos. Lady Jillian estava lá, conversando com Jasmine. Charles esperava pacientemente nas proximidades.

O peito de Graham contraiu. Não era assim que ele pretendia apresentar Jillian a sua família. Ele esporeou o grande cavalo para seguir em frente, galopando até que chegou a ela. Ele habilmente puxou o garanhão para uma parada abrupta.

– Bom dia, Lady Jillian-, disse ele.

– Bom dia, Sua Graça. – Seu sorriso encantador vacilou.

Alheio ao desconforto dos adultos, Jasmine olhou para Graham com um sorriso brilhante.

- Tio Graham! Jillian estava me contando sobre cavalos e a equitação!

- Lady Jillian. - Ele corrigiu.

- E eu estava dizendo a ela sobre o Egito e como você, Papai e Mamãe me trouxeram até aqui no ano passado.

O sangue de Graham esfriou. Exatamente quanto Jasmine tinha contado a Jillian? Que ele tinha sido um guerreiro egípcio - vivendo, lutando e matando? Qualquer indício de como ele tinha vivido com uma tribo de beduínos e Jillian pode passar isso para seu pai, que pode fazer algumas sérias reflexões sobre seu futuro genro e lembrar-se...

Ele conseguiu dar um sorriso tenso.

- Você fez isso? O que exatamente você disse para Lady Jillian?

- Oh, que mamãe conheceu papai no ano passado no Egito, e como ele não é meu verdadeiro pai, mas ele adaptou-me...

- Adotou. - Graham corrigiu.

- E como Papai viu você no Cairo, e todos nós fomos jantar em um bom hotel antes de irmos para Londres.

Fora isto num piscar de olhos? Graham reprimiu de volta um sorriso. Pequena precoce esperta. Ela disse muito sem dizer nada.

- O Egito soa terrivelmente longe. - comentou Jillian.

- Oh, ele é. Mas é lindo. Ele tem muito... Pôneis árabes? Jasmine lutava com o inglês, mas ela trabalhara duro para dominá-lo nos últimos meses.

– Cavalos árabes. – Graham corrigiu em árabe. Então ele repetiu em inglês para o benefício dela.

– Vejo que você é bastante fluente na língua árabe, Sua Graça.  
– comentou Jillian.

Calor abafado percorreu seu corpo.

– Muito. Mas eu falo isso apenas quando necessário, de modo a não ofender a sensibilidade de quem olha de cima para baixo. – Ele respondeu com firmeza.

Ela deu-lhe um olhar inquisitivo.

– Eu não quis ofender. Pelo contrário, eu desejo muito viajar para o exterior, e para ver as fantásticas vistas do Egito e outros países.

– O Egito tem muitos espetáculos. – Ele concordou.

Uma faísca acendeu seus olhos verdes.

– Oh, de fato! E você deve tê-las visto. Eu nunca fui além da Inglaterra, exceto uma viagem para a América quando criança para visitar a minha tia.

– Você deseja viajar?– Perguntou ele.

– Sim. Deve ser maravilhoso viajar a qualquer lugar que você deseja, para conhecer novas culturas e ter grandes aventuras.

Ele olhou para ela.

– Alguém pode chamar meu tempo no Egito de uma grande aventura. Atrevo-me a chamá-lo de algo diferente. – Felizmente, seu sarcasmo amargo não foi percebido por ela.

– Conte-me sobre suas viagens. Elas devem ter sido tão fascinantes. Como é o Egito? Você subiu e desceu o Nilo em um

*dahabiya*<sup>7</sup>? Oh, sentir o cheiro da água do rio, ver os espetáculos das floridas árvores e a exuberância tranquila das palmeiras.

Graham lançou-lhe um olhar divertido.

– Onde você ouviu sobre casas flutuantes egípcia?

– Eu fugia para outros lugares nos livros. – Ela respondeu. Ela suspirou, parecendo desanimada. – Agora eu nunca vou viajar até lá.

– Nunca diga nunca. – Disse ele. – Os árabes acreditam em destino, e você não pode lutar contra seu destino.

Como bem ele sabia.

Pela primeira vez desde a punição severa do pai, Jillian sentiu a elevar uma nuvem de desolação. Destino. Sim, em breve ela também teria grandes aventuras. Nos Estados Unidos. Radcliffe. As salas de aprendizagem. Que maior busca a vida poderia oferecer?

– Papai viajou por todo o Egito. Ele gostava das pirâmides. Ele disse que elas eram interessantes, mas ele disse que as pessoas eram espertos mendigos. Como você encontrou o Egito? Você passou algum tempo com tribos beduínas? Papai passou. Ele fala um árabe excelente.

Graham permaneceu em silêncio enquanto trotava ao longo da pista. Ele parecia tão distante quanto as próprias pirâmides.

Então ela se lembrou. Ele tinha perdido seus pais no Egito, tinha-os visto ser cruelmente assassinados.

– Oh, eu sinto muito, Sua Graça. – Disse ela. – Eu não queria lembrá-lo de qualquer dor do passado.

Lançou-lhe um olhar rápido e assustado.

---

<sup>7</sup> Barco de passageiros do Egito.

– O que você quer dizer?

– O ataque a sua caravana. Quando tinha seis anos e perdeu seus pais para uma tribo de beduínos.

Tensão apertou sua mandíbula quando ele desviou o olhar.

– Isso foi há muito tempo. Lembro-me muito pouco.

Ela assentiu. Ele parecia reticente, fechado para ela. E enquanto Jillian cavalgava ao lado dele, ela se perguntava qual das suas palavras havia causado-lhe inquietação.

Então, seu pai lhe dissera que o povo egípcio eram mendigos? Que ironia. Mendigos, iguais a Graham que havia implorado a Stranton? Ele imaginou uma extensão de pele escura da palma e do riso superior de Stranton, quando ele ignorou isto, assim como ele ignorou os apelos de Graham.

Mas Jillian não sabia nada do seu passado. Ele o manteria como tal.

Jillian desejava poder viajar. Bem, talvez quando eles se casassem ele a levasse a Grécia. Ou Roma. Qualquer lugar, menos o Egito. Graham suspeitava que Jillian fosse como uma potranca espirituosa, ansiosa para correr livremente. Se lhe dessem rédeas, ela vagaria sem limites.

E ainda que ela parecesse tão sem vida naquele baile, ofuscada por seu pai. Exceto ao dançar com ele, e depois, quando acuada na biblioteca. Ele sentiu debaixo daquele exterior enfadonho cinzento havia no coração da mulher, uma grande paixão pela vida, e uma faísca que queimava por viver. As outras faíscas conseguiram amortecer, mas não extinguiram inteiramente. De repente, ele tinha um grande desejo de vê-la rugir em um inferno. Em que ela se

converteria realmente Jillian se lhe permitisse a liberdade de fazer o que queria?

Ele olhou para sua sobrinha em silêncio. Ela parecia muito uma miniatura das outras mulheres que trotava ao longo da pista: adequada, reservada, sua animação natural se fora...

De repente, ele desejava que nunca tivessem saído do Egito. Muito melhor permanecer em uma terra considerada como pagãos do que moldar meninas vivazes como Jasmine em modelos silenciosos de decoro. Ele não podia suportar que ela se tornasse um fantasma silencioso cinzento ou uma maldosa mexeriqueira como muitas jovens imaturas que ele conheceu desde a sua chegada em Londres. O dia de verão brilhante em Londres de repente tornou-se mais opressivo do que o calor escaldante do Egito.

Enquanto cavalgavam pelo parque, Jasmine parou seu pônei o que deixou um vago caminho para o animado árabe.

– Oh, tio Graham, há algumas crianças que eu conheço. Posso me juntar a elas? Por favor?

Dividido entre querer protegê-la de ser ferida e sabendo que ela precisava lutar suas próprias batalhas -, ele assentiu. Acompanhada por Charles, a empertigada Jasmine trotou seu pônei para o agrupamento de crianças na pista de boliche no parque.

– Ela é uma criança adorável. – comentou Jillian.

Graham estudou sua futura esposa. Vestida com um traje de montaria cinza maçante, ela quase desaparecia em segundo plano. As outras ladies estavam elegantemente vestidas com seus hábitos de moda, chapéus altos empoleirado em ângulos atrevidos. Jillian era como a névoa, camuflada, por aqueles cachos vermelhos flamejantes. Ele se perguntou se ela desejava esconder, como o sol escondendo-se atrás das nuvens escuras.

Graham deixou sua mente vagar. Ele imaginou Jillian nua, de quatro. Ele estava tomando-a, duro e rápido, montando-a como um garanhão faz a uma égua, arrancando gritos guturais de prazer quente daqueles lábios sensuais.

– Você tem um bom cavalo, Sua Graça. Um árabe?

Ele começou a pestanejar. Consciente de sua ereção, Graham mudou de posição na sela para escondê-la.

– Sim, Prometheus é um puro sangue árabe. Espirituoso, e gosta seguir sua cabeça quando corre. Seu?

– Daphne é suave, mas rápida.

– Vamos seguir para a pista de corrida -, ele sugeriu.

Suas sobrancelhas vermelhas douradas ergueram-se.

– Desafia-me?

– Você diz que sua montaria é rápida. – Acariciou Prometheus com um tapinha amoroso. – Minha própria montaria está inquieta por um novo galope.

Ela deu-lhe um olhar irônico.

– Montar de lado me coloca em clara desvantagem.

– Então, cavalgue montada. – Disse ele de forma imprudente. – Se você é uma amazona excelente, você sabe como controlar um cavalo com os joelhos. A sela não importa.

Aqueles olhos verdes claros se arregalaram. Ela olhou para o próprio impassível cavalariaço, que estava perto atrás do dela, e sussurrou: – Eu não posso.

Graham estudou o cavalariaço, e em seguida, falou.

- Você pode deixar-nos agora, e esperar por Lady Jillian no portão.

O homem parecia nervoso.

- Não, desculpe Sua Graça, eu não posso. O conde ordenou-me a permanecer com ela em todos os momentos dos passeios à tarde. Se eu desobedecer, eu vou ser demitido.

Hmmm. Era um pequeno problema, mas fácil de resolver.

- Lady Jillian vai precisar de um bom cavaleiro, quando ela se casar comigo. Se você permanecer no emprego na casa do conde até então, eu vou pagar-lhe o salário que você ganha agora, mais um bônus de cinco libras se você concordar em deixar-nos sozinhos quando ela cavalgar no parque comigo. Se ele te demitir antes disso, eu vou contratá-lo.

O cavalariaço pareceu ansioso.

- Sim, Vossa Graça! - E ele foi embora, parecendo bastante feliz. Jillian cuidava dele com o ar de um prisioneiro que havia recebido liberdade condicional.

- Bem? Vamos correr agora? - Perguntou ele.

Uma faísca acendeu seus olhos. Erguendo-se, ela puxou a saia solta. Debaixo ela usava calças de couro. Graham sorriu de alegria quando ela resolveu montar. Maldição, ela tinha espírito! E quando eles se dirigiram para a pista, o seu olhar de admiração absorveu suas pernas longas e bem torneadas.

- Choquei você? - Perguntou ela.

- Pelo contrário, prefiro assim. Põe-nos mais uma vez em um nível ainda mais perto. - Ele murmurou. Jillian nesta posição enviou um choque de desejo fresco através dele.

- Eu ousou dizer que não somos; minha montaria não é tão esplêndida quanto o seu árabe. - Disse ela, soando melancólica.

- Sim, Prometheus tem gerações de sangue puro árabe. Meu livro de criação traça linhagens de centenas de anos. Eu pretendo começar uma criação de negócio, aqui na Inglaterra.

- Eu não sei muito de reproduções árabes -, ela confessou.

- É uma questão simples. Quando uma fêmea entra em temporada de cio, um garanhão selecionado é escolhido para montá-la. Quase o mesmo que a Temporada de Londres, para os casamentos. - Ele riu de sua piada.

Jillian lhe lançou um olhar fulminante, mas suas palavras tinham definido uma imagem de devassidão dançando em sua cabeça. Ela suprimiu-o, tentando ignorar o formigueiro desobediente entre suas coxas. Coxas abertas, sua junção feminina úmida pressionada contra o couro duro de sua sela, o comichão para esfregar e escorregar enquanto as mãos dele haviam criado o prazer perverso como na outra noite...

Quando chegaram à pista, com um olhar ousado ela cavou seus calcanhares em sua ruana<sup>8</sup>. Graham riu novamente, deixando-a assumir a liderança. Ela levantou o olhar por sobre o ombro e o vi seguir.

Galoparam na pista longa, Prometheus mal suou. Jillian no seu cavalo olhou para trás. Quando chegaram ao fim, Graham deixou sua montaria lenta para um trote e ela se juntou a ele, ofegante do exercício vigoroso. Um bom brilho da transpiração revestia a testa sob o seu chapéu cinza maçante.

- Você monta bem. - Disse ele. - Você só precisa de uma montaria melhor para um rápido passeio.

---

<sup>8</sup> De pelo castanho.

– Mas não antes do casamento. – Ela respondeu.

O duque jogou a cabeça para trás e riu. Jillian ruborizou-se pelo esforço da cavalgada e pela ousadia de sua piada. Ela olhou ao redor e percebeu que os outros cavaleiros estavam olhando com ávida curiosidade.

Eles deixaram a pista e Jillian estendeu a mão.

– Você me ajudaria Sua Graça? Preciso retomar para meu lugar.

Com a graça sem esforço, o duque deslizou para fora de seu garanhão. Ele a ajudou a desmontar, suas grandes mãos quentes curvando sobre sua cintura. Um arrepio correu através dela. Curvando-se, ele juntou as próprias mãos, ajudando-a a montar de lado. Jillian dispôs suas saias e tomou as rédeas.

Eles cavalgaram de volta para onde tinham deixado Jasmine. Ao se aproximarem do pequeno descanso de carvalho, viram uma figura desafiadora em um hábito verde despenteado andando ao lado de um pônei. O prazer momentâneo de Graham entrou em colapso, enquanto olhava para sua sobrinha. Jasmine marchou em direção a eles quando desmontaram. Ele observou com preocupação que sua roupa estava manchada de grama e terra, com o rosto definido em uma máscara de infelicidade.

– O que aconteceu? – Jillian falou alto.

– Eu fui muito educada, como você disse tio Graham, até o momento que o Honorável Tommy Wallenford chegou. Ele me comparou com uma feia égua árabe. – O lábio inferior de Jasmine se projetou em desafio. – Então eu fiz o que você fez. Dei-lhe um soco e lhe disse: – Se eu sou uma potranca, você é um imbecil estúpido! Eu sou muito jovem para ser uma égua!

Graham não pode segurar uma risada, mas depois ele deu a ela um olhar sério. Isso não ajudaria as coisas.

– Jovens ladies não dão socos em meninos, Jasmine. Se você deseja se adequar, você não vai acertar alguém novamente.

O rosto de sua sobrinha caiu. Ela assentiu melancolicamente.

Jillian debruçou-se sobre sua montaria e disse:

– Mas eu aposto que o soco valeu a pena, não foi?

A expressão cabisbaixa de Jasmine se iluminou. Ela deu um grande sorriso e concordou.

Graham estudou sua intenção, que era claramente boa com crianças. Jasmine, pelo menos, tinha se ligado de imediato a ela.

– Venha para a casa encontrar meu irmão e minha cunhada. – Ele sugeriu.

Jillian hesitou.

– Eu não tenho certeza de que seria adequado.

Sua mão serpenteou para fora e ela agarrou as rédeas, em seguida, amarrou a sua sela.

– Agora você não tem escolha. Siga-me.

Jillian protestou quando ele cavalgava para o portão e foi recebida por seu radiante moço do estábulo.

– Eu não posso, não com esta roupa!

Graham assentiu.

– Não se preocupe. Eles não dão importância à cerimônia.

– Mas eu estou cheirando igual a cavalos -, Ela reclamou.

- Um delicioso perfume. Eles gostam de cavalos. Eles são da Arábia, terra do cavalo, lembra?

O gemido exasperado de Jillian se misturou com a de tenor rouco do seu riso.

## *CAPÍTULO 7*

Apesar de ser sua sugestão, Graham se sentiu excepcionalmente tenso quando ele apresentou Jillian para Kenneth e Badra. Ele descartou seu guardião, seguindo o moço dos estábulos de Jillian.

Eles agora estavam na sala de visitas informal, Jillian autoconsciente de sua roupa de montaria empoeirado. Ambos Kenneth e Badra deram-lhe um olhar firme, parecendo avaliar. Graham tornou-se intensamente consciente da pele mais escura de Badra, sua barriga imensa arredondada; Jillian tinha a pele branca, muito inglesa, embora a surrada roupa de equitação fosse cinzenta. Ele observou as diferenças entre sua pequena família e ela, o intenso escrutínio de Kenneth concedido a ela. Ele viu os olhos azuis de seu irmão devorar Jillian e sabia dos pensamentos de Kenneth.

A filha de um conde que vendeu a sua virgindade em um prostíbulo. Talvez isso tivesse sido um erro.

Mas Badra deu-lhe um sorriso amigável e estendeu a mão.

– Eu também aguardo ansiosamente encontrá-la, Lady Jillian. Estava ansiosa para conhecê-la melhor e espero que possamos ser amigas. – Disse ela. Sua expressão era sincera, suas palavras faladas em perfeito acento inglês. Graham ficou tenso. Se Jillian não aceitasse a sua cunhada e esnobasse como fizeram os outros...

Jillian ficou visivelmente relaxada.

– Eu também ansiava por isto, Lady Tristan. Eu estive ansiosa para encontrar a mãe de Jasmine. Ela é uma garota muito inteligente.

Um sorriso radiante iluminou o rosto de elfo da menina. – E tenho um soco excelente.

Badra deu a Graham um olhar interrogativo.

– O que é um soco?

Graham enrubesceu.

– Algo que Jasmine não vai fazer de novo se ela quiser aprender a tornar-se uma boa dama inglesa.

– Eu penso que nunca vou ser uma boa dama Inglesa, tio Graham. – Jasmine disse alegremente. – Mas vou tentar ser mais parecida com Lady Jillian.

Jillian sorriu.

– Seja você mesma Jasmine. Não se inspire em alguém como eu.

Kenneth deu-lhe um olhar pensativo.

Graham não gostou da avaliação nos olhos de seu irmão. Ele olhou a sua sobrinha inclinar a cabeça, parecendo muito confusa:

– Eu queria ser um cavalo. Parece muito mais simples do que ser uma menina.

Jillian deu uma risada sufocada, mas Badra fez uma careta, colocando a mão por trás.

– Se vocês me dão licença, eu vou para os meus aposentos. – Ela fez uma careta de novo e Kenneth pulou para o lado dela.

– Está tudo bem, meu amor?

– Apenas algumas dores nas costas eu tive a noite toda.

Kenneth murmurou algumas desculpas e eles saíram. O olhar arregalado de Jasmine encontrou o de Jillian.

– Minha mãe terá um bebê em breve. Eu mal posso esperar para ter um irmão ou irmã. Será melhor do que quando eu vi minha gata ter gatinhos. – Virou-se para Graham, com uma expressão séria. – Você acha que eu posso assistir tio Graham?

Graham passou um dedo ao longo de sua gola demasiado apertada.

– Uh, eu não acho que seria sábio Jasmine.

– Por quê?– Ela exigiu.

– Er, esses assuntos são normalmente reservados para as mulheres.

– Eu sou uma mulher. – Ressaltou.

Um vago rubor cobriu as bochechas de Graham. Seu olhar impotente procurando Jillian. Ela ofereceu apenas um sorriso sereno.

– Mulheres mais velhas. – Explicou.

– Mas eu sei como os bebês são feitos. Então, por que não posso ver como eles nascem? – A menina virou-se para Jillian. – Gostaria de saber como os bebês são feitos, Lady Jillian? Eu vi com os cavalos. De primeira.

– Jasmine, jovens ladies não discutem essas questões. – Exclamou Graham.

Jillian piscou-lhe um sorriso perverso. À sua sobrinha, ela disse:

– Há tempo suficiente para tais discussões quando você estiver mais velha.

– Talvez quando eu tiver dez?

– Talvez quando você estiver com quarenta anos, como seu pai quer -, Graham fez cócegas em suas costelas. – Jasmine guinchou de rir.

De repente, um grito feminino rasgou o ar e Kenneth gritou para o corredor.

– Graham, a bolsa irrompeu! Chame o médico!

O sangue drenou do rosto de Graham.

– Lady Jillian, fique aqui com Jasmine. – Ele ordenou.

Por um momento queria fugir da casa, em vez disso correu para o telefone. Com dedos trêmulos, ele pegou o telefone e chamou o médico. A pavorosa governanta do médico avisou que o homem estava em seu clube, mas assegurou a Graham que enviaria um servo para buscá-lo imediatamente.

– Faça isto. Encontre-o e mande vir agora. – Graham bramiu ao telefone, então desligou.

Outro grito chegou a seus ouvidos. Graham correu lá em cima, ao dormitório de Badra. Ela estava sentada na cama, Kenneth sentado ao lado dela, os dois igualmente pálidos e angustiados. Os olhos arregalados de Badra encontraram com os dele.

– O bebê está vindo. Eu pensei que era apenas dor nas costas, mas minha bolsa irrompeu.

Graham sentiu um ataque de tontura.

– Justo neste minuto? Ele não pode vir agora Dr. Andrews está fora!

A governanta correu para o quarto. Graham se virou para ela, a urgência em sua voz.

– Sra. White, você pode ajudar um bebê a nascer?

Seus olhos se arregalaram.

– Eu nunca fiz isso antes.

Badra proferiu outro gemido e Kenneth ficou ainda mais pálido, apertando sua mão.

– Você pode ajudar o bebê a vir? – Perguntou para Graham.

– Eu já ajudei um camelo. – Graham admitiu, sentindo um suor frio sair nas costas. – Não pode ser muito diferente, certo?

Badra olhou para ele.

– Eu não sou um camelo!

– Claro que não, meu amor. – Kenneth acalmou.

Angústia encheu seu rosto.

– Se eu não posso ter o Dr. Andrews, então eu quero dar à luz a velha forma. Olha debaixo da cama.

Kenneth lhe lançou um olhar confuso, mas ele caiu de joelhos e olhou por baixo da massa de dossel. Lentamente ele se levantou dois tijolos de barro escuro na mão. Elaborados hieróglifos foram gravados nas laterais. Ao reconhecê-los, Graham respirou.

– Parto sobre tijolos, disse ele.

Badra olhou para o marido.

– Sim, Khepri. – Disse ela suplicante, usando seu nome árabe.  
– Deitada sobre os tijolos. Assim como eu pari Jasmine.

A boca de Kenneth permaneceu aberta enquanto colocava os tijolos abaixo. – V-você concordou com meu pedido de um médico inglês. Você me disse que queria dar à luz como uma esposa inglesa faz.

– Se eu não posso ter o médico, então eu quero isto. Por favor.  
– Ela sussurrou. – Estou muito assustada. Preciso de algo familiar. – Lágrimas brilhavam em seus olhos e ela fez uma careta, segurando a barriga. Outra contração? Graham contou lentamente, sentindo o pânico crescer quando ele percebeu o quão perto as dores estavam.

Kenneth deu à governanta um olhar desesperado. Ela recuou, balançando os braços no ar.

– Não, meu senhor. Eu não posso. Eu não sei formas pagãs de parto. Eu só vi um nascimento, que era um parto inglês adequado, a mãe deitada em uma cama. E os homens não estavam presentes. É indecente, o que ela quer.

Um rosnado baixo retumbou do peito de Graham.

– Sra. White, outras culturas têm costumes diferentes. O que não os torna indecentes. Pelo contrário, o método de parto que ela descreve tem sido usado por milhares de anos. Se for isso que Badra quer, então ela terá. Vou ajudar o bebê.

Três cabeças surpresas viraram em direção a ele. Ele enfiou as mãos nos bolsos das calças e acrescentou:

– Eu vi outro nascimento. – Badra parecia esperançosa. Kenneth parecia duvidoso. A Sra. White olhou escandalizada.

– Um duque agindo como uma parteira!– A governanta gaguejava.

Graham revirou sua mente, lembrando.

- Vamos precisar de duas pessoas, uma de cada lado, para ajudá-la enquanto Badra empurra.

Kenneth beijou a bochecha de sua esposa

- Eu vou estar ao seu lado, meu amor. Eu não te deixarei. - Então todos eles olharam para a governanta, que assentiu.

- É chocante e impróprio. Isto é negócio das mulheres!

Graham deu à mulher um olhar duro.

- Um homem ajudou a gerar a criança, de modo que faz com que seja um assunto de homem também. Agora, pare de gritar e ajude.

Sua voz baixa e tranquila eram como uma chicotada. Com grande satisfação, viu-a recuar.

- D- desculpe, Sua Graça. - Ela gaguejou. - O que você quer que eu faça?

Graham respirou fundo, tentando acalmar as batidas rápidas de seu coração.

- Vou ajudar o bebê à maneira dos desejos da viscondessa. Entre dores, ela vai deitar na cama e você deve cuidar dela. Quero que ela descanse o máximo possível para conservar a sua força para o parto. Vou precisar de sua ajuda para tirar a criança. Oh, e limpeza, Sra. White. Não toque na viscondessa sem lavar as mãos.

Ele passou a mão pelos cabelos, duvidou que pudesse contar inteiramente com a Sra. White. No entanto, ele não queria que nada desse errado. Mulheres morrem no parto. Se alguma coisa acontecesse com Badra...

Ele não podia se preocupar com isso. Fechou os olhos, recriando uma cena que tinha espiado anos atrás no acampamento al-Hajid.

– Vamos precisar de palha fresca e lençóis. Nós vamos fazer em meu quarto de dormir, é mais confortável e privado.

– Somente os herdeiros do ducado nascem lá. É tradição. – Kenneth protestou.

Graham deu a seu irmão um olhar.

– Estou bem ciente disso.

A governanta ficou boquiaberta.

– Palha, Sua Graça? A viscondessa está dando à luz. Ela não é um animal!

Ele lançou um duro olhar para ela.

– Mande trazer palha fresca, leve ao meu quarto de dormir. – Ela engoliu um protesto e foi atrás da palha.

Kenneth muito gentilmente levantou sua esposa em seus braços, depois seguiu Graham para o quarto de dormir do duque. Dentro do quarto, Graham arrumava os tijolos no tapete persa antigo em vez do piso de madeira polida. Badra fez uma careta quando Kenneth a deitou na cama.

Olhando para a Sra. White, Graham decidiu que precisava de outra mulher para apoiar Badra como ela fazia; alguém que poderia manter sua atenção sobre ela e deixar de resmungar e condenar. Jillian? Ele poderia pedir a ela para fazer algo tão pessoal? Ela era sua futura esposa. Melhor que ambos soubessem se ela podia ajudar numa crise. Ele olhou para Kenneth, que estava extremamente pálido, mas calmo.

– Fale com ela até passar a dor. Respire fundo. – Ele aconselhou.

O visconde sugou o ar.

– Não é você! Sua esposa. – Ele sussurrou. – Ela vai precisar tirar a roupa. Totalmente.

Kenneth deu-lhe um olhar em branco.

– Você quer que a minha mulher dê à luz nua?

*Não, em um vestido de baile.* Graham revirou os olhos.

– Ajude-a a se despir. Eu estarei de costas.

Ele correu até a formal sala de estar. Parou na soleira da porta, vendo Jillian sentada no sofá, Jasmine segurando sua mão, parecendo assustada. Vendo o jeito que ela falava suavemente com a criança lhe deu novas esperanças.

– Eu preciso de sua ajuda, Lady Jillian. – Disse ele asperamente. – Badra está em trabalho de parto e vamos tirar o bebê. O médico não está disponível.

Jasmine saltava para cima e para baixo no assento.

– Mamãe está tendo minha irmã ou irmão. – Ela cantou.

Mas o pânico queimou nos olhos verdes de Jillian.

– Eu, Sua Graça? Eu não tenho nenhuma experiência em parto!

– Tudo que você precisa fazer é ficar ao lado de Badra, dar apoio e incentivá-la. Ela precisa de outra mulher.

– Certamente a governanta...

– Sra. White é necessária para ajudar-me a tirar o bebê.

Os dedos de Jillian agarraram o assento.

– Você não me conhece. E se eu sou o tipo a cair em prantos? Ou desmaio?

Seu olhar era firme e inabalável.

– Você não é. Eu posso ver isso em você. Eu preciso de você. Badra precisa de você.

Um grito rasgou a casa. Jasmine parou de saltar e olhou assustada. Preocupada franziu seu rosto.

– Mamãe? Minha mãe ficará bem? – Ela sussurrou.

Jillian colocou um braço sobre a criança.

– Está tudo certo, Jasmine. É perfeitamente normal e natural, e não há nada a temer. – Ela sorriu, acariciou a mão da menina e se empertigou. – Diga-me o que devo fazer.

Alívio inundou Graham. – Venha comigo.

E saíram, Jasmine insistindo em acompanhá-los.

Por toda sua vida, Jillian tinha desejava ser necessária, uma participante ativa na vida em vez de uma observadora, em silêncio. Ela nunca tinha imaginado ser necessária para ajudar um bebê a nascer.

Suor umedeceu as palmas das mãos quando ela correu pelo corredor atrás do duque, cujo longo passo nunca abrandou. Em um quarto no final do corredor, ele torceu a maçaneta de bronze e entrou. Jillian hesitou.

Coragem. Ela respirou fundo e se juntou a eles.

De cabelos escuros, lindamente exótica Lady Tristan estava em uma cama enorme, com uma majestosa cabeceira esculpida com o brasão ducal. Seu marido sentou ao lado dela, segurando sua mão.

Ela usava apenas uma camisa grande de homem, amarrado abaixo dos seios. Da cintura para baixo estava nua, com as pernas abertas. O crespo cabelo escuro mostrou abaixo da barriga imensa.

Um rubor feroz aqueceu as bochechas de Jillian. Ela nunca tinha visto outra mulher nua, nem participou em qualquer coisa tão particular. E tão escandaloso; dois homens com ela que não eram médicos!

Então ela notou o olhar preocupado do visconde, e a carranca sombrio rígida na mandíbula de Graham e o próprio medo da lady. O que importa privacidade em tal crise?

Badra de repente gemeu como um animal em sofrimento. Seu rosto contorcido.

– Respire fundo Badra. – Graham aconselhou. – Fale com ela quando passar a dor, Kenneth.

O visconde passou o braço sobre sua esposa, cantando, o rosto severo da governanta dobrado entre as pernas de Badra. Ela pôs a mão dentro - Bom Deus!

– Ele está vindo, sua graça. Melhor se apressar. – Disse a Sra. White.

O duque tirou o casaco listrado e rapidamente desabotoou e tirou seu colete cinza, jogando tudo em uma cadeira próxima. Ele arregaçou as mangas de sua imaculada camisa branca. Um punhado de preocupados servos correu para o quarto, carregando braçadas de palha. Despejaram entre os tijolos como o duque havia instruído, deram um rápido olhar para a mulher na cama e saíram às pressas.

Jasmine foi até a cama. Seu lábio inferior tremia precariamente.

– Mamãe? Você está bem?

O duque gentilmente a empurrou.

– Ela está bem, pequena. Agora, você pode fazer algo por mim para ajudar a sua mãe?

Seu olhar encontrou o meu.

– O que, tio Graham?

– Eu quero que você vá lá embaixo esperar o médico. Assim que o mordomo o deixar entrar, eu preciso que você o mande subir. Eu preciso de alguém em que possa confiar. Você pode fazer isso?

Jasmine olhou desconfiado para a mãe. Graham apertou seu ombro.

– Está tudo bem. Seu pai e eu não vamos deixar que nada aconteça com ela. Eu prometo.

A menina franziu o cenho.

– Quando meu gato teve gatinhos, nós os colocamos em uma bela caixa com um cobertor. Você não conseguiu uma caixa mamãe?

Jillian quase riu. Mas o duque sorriu gentilmente a sua jovem sobrinha e disse:

– É diferente do seu gato.

– Você quer dizer que ela não vai lambe o meu novo irmão ou irmã como Cleo fez?

– Ela ficará bem, Jasmine. Agora, diga adeus à sua mãe e desça as escadas. Nós realmente precisamos de sua ajuda.

A criança beijou sua mãe, em seguida, lançou um olhar confuso por cima do ombro e saiu. Graham entrou no banheiro para lavar as mãos.

Sentindo-se fora do lugar com sua roupa de equitação, Jillian tirou a desbotada capa externa cinza e o chapéu, colocando-os cuidadosamente sobre a cômoda. Mas Lady Tristan parecia aliviada ao vê-la.

Quando ouviu outro gemido baixo tortuoso, a governanta anunciou que o bebê estava chegando. O duque voltou do banheiro, e eles moveram Badra para os tijolos.

Como Graham instruíra, Jillian estava ao lado de Badra, que ocupava os tijolos. Curvando-se, ela passou o braço em torno da cintura de Badra, segurando-a na posição vertical.

O duque se agachou diante de sua cunhada, com as mãos posicionadas entre as pernas da lady, enquanto fazia barulhos encorajadores.

- Você está fazendo esplendidamente, Badra. Continue empurrando, suavemente.

Jillian não sabia o que fazer, sentindo-se absurdamente inútil. Badra a agarrou com os braços trêmulos, e a dor da mulher tornou-se a dela própria. Seu olhar preocupado fixos no visconde, que estava inclinando a cabeça para sua esposa, cantando baixinho para ela enquanto ela gemia e gemia. Apoiar Badra levou toda a sua força. Os músculos da perna desacostumados à posição estranha começaram a doer, mas Jillian ignorou a dor. Ela preferiu se concentrar na viscondessa, fazendo sons encorajadores de que não fazia sentido, mas parecia certo.

Suas palavras não tiveram nenhum efeito visível. Com o rosto contorcido de dor, Badra grunhia e gritava para liberar seu filho. Seu marido agarrou-a com força, murmurando palavras tranquilizadoras, enquanto o duque agachava diante de sua cunhada, seu rosto agressivo pela concentração. Jillian se calou, maravilhada com a

forma e os comandos e Graham fez Badra se concentrar, mesmo quando ela gritou, o quão frio e constante ele parecia. E, de repente, as mãos grandes gentilmente pegaram uma cabeça com cabelo escuro que surgiu entre as pernas de Badra.

Fascinada, Jillian ficou sem palavras, observando o duque deslizar uma forma minúscula azulada de dentro de sua mãe. A onda de sangue derramou fora do corpo, banhando suas mãos e a criança. Ele gentilmente massageou as costas do recém-nascido, cantando baixinho para o bebê que berrava. Ouve um suspiro coletivo pela sala.

A viscondessa caiu contra Jillian, que sentiu uma vontade absurda de chorar. Ela apertou o braço de Badra, em vez disso e sorriu.

– Você tem um bebê. – Ela sussurrou.

– Um menino forte, saudável. – a Sra. White declarou com satisfação.

Graham olhou para cima, não para a mãe, mas diretamente para Jillian. Em seus olhos ela viu uma maravilhosa satisfação. Jillian sorriu em meio às lágrimas. Este era o homem mais completamente inconvençãoal, imprevisível e maravilhoso que ela já conheceu.

Talvez pudesse se apaixonar por ele. Céus a ajudasse.

\*\*\*

Sua mente havia trabalhado como um relógio tiquetaqueando constantemente, sem emoção, permitindo-lhe lidar com a crise em mãos. Ele se lembrava todos os detalhes de ver o nascimento, e aplicou-os com desapego. Mesmo ao chamar as palavras de encorajamento para Badra empurrar, Graham se sentiu severo pela da experiência - imparcial e distante, como sempre.

Mas quando o bebê caiu em suas mãos estendidas e ele segurou a frágil nova vida em suas palmas, algo dentro dele se mexeu. Uma ligação que não queria.

Isto veio, no entanto.

Graham segurava o bebê que berrava, olhando com admiração. Um pequenino inocente, indefesa vida, despertando cada sentimento intenso, ele desesperadamente procurou anular. Ele lutou para conter suas emoções e manter a compostura, mas ele aconchegando seu sobrinho em seu peito, esquecido do revestimento líquido sanguinolento da pele agora avermelhada do bebê. Ele começou a massagear o bebê costas e olhou para Jillian. Ela olhou para ele como se tivesse realizado um milagre.

Ele sentiu-se transformado, como se fosse recém-nascido no começo, ele também poderia começar de novo. E ele faria qualquer coisa, absolutamente qualquer coisa, para proteger essa nova vida.

Graham delicadamente abaixou a cabeça e apertou os lábios para a cabeça cabeluda escuro do recém nascido, sentindo a umidade de repente queimar seus olhos.

Vida, em toda a sua força incrível, brutal e temível, tinha ocorrido antes dela. Jillian olhou maravilhada como o duque beijou seu sobrinho com toda a ternura de uma recém mãe. Então, sua altivez habitual retornou enquanto ele e a governanta rapidamente enrolaram uma manta azulada no bebê o entregaram para sua mãe. O duque cortou o cordão umbilical com uma adaga de aparência estranha, curvada com um punho de prata elaborada.

Os olhos do visconde estavam molhados quando ele beijou sua esposa. Ele disse:

– Meu punhal, se lembra meu amor? O que você perdeu no ano passado, quando nós ficamos presos na loja.

- Uma maneira de saudar o seu novo filho para o mundo. - Graham murmurou, tomando uma toalha fresca da governanta e cuidadosamente limpou o bebê.

Em pé, seu corpo tremendo, Badra afundou fortemente contra Jillian e estendeu os braços.

- Por favor, deixe-me vê-lo. Deixe-me segurá-lo.

- Agora não, milady. Ele precisa ser limpo antes de enrolá-lo - aconselhou a Sra. White.

Jillian sentiu o tremor violento que sacudiu Badra. - Não, eu preciso vê-lo. Deixe-me segurá-lo. Não o leve embora, não! - Badra gritou quando a governanta arrancou o bebê das mãos do duque e começou a ir embora.

Imediatamente, o visconde recuperou seu filho. Ele trouxe o bebê berrando de volta para sua chorosa mãe. Ternamente ele aconchegou a criança nua em seus braços.

- Aqui está o seu bebê, meu amor. Nosso filho.

Badra apertou seu filho ao peito e chorou. Jillian olhou inquieta. O olhar do duque, brilhando escuro levantou para ela, queimando ferozmente. Então ele se levantou e foi buscar um cobertor da cama, delicadamente enrolou sobre os ombros trêmulos de Badra.

Um turbilhão de atividade soou no corredor. A porta bateu e Jasmine irrompeu dentro. - O médico está aqui. - Gritou ela.

Uma desapontada Senhora White, rapidamente moveu-se para os olhos arregalados de Jasmine para o quarto, depois se voltou. O médico de cabelos grisalhos com calma avaliou a situação, instruindo Badra para empurrar para fora a placenta. Kenneth e Jillian retomaram suas posições, apoiando-a. O médico pegou o bebê. Ele começou a entregá-lo a Sra. White.

- Não -, gritou Badra. - Seu olhar suplicante procurou Graham.  
- Dê o meu filho para o duque segurar.

O médico fez então. Graham suavemente aconchegando o recém-nascido contra o peito, mantendo-o quente em seus braços enquanto o médico retirou a placenta. Em seguida, ele cuidadosamente devolveu o bebê para Badra.

O duque olhou para Jillian.

- Vamos dar-lhes privacidade. Por que você não me encontra na sala de visitas?

Mas Jillian, no entanto arrastou-o para dentro do banheiro. O clima dentro do quarto de dormir tinha mudado dramaticamente quando a governanta tinha tentado remover o recém-nascido para a limpeza e enrolá-lo. Ela queria saber o porquê.

Graham tirou a camisa ensanguentada. A carne tensa dos seus ombros largos nus capturando o seu olhar. Ele se curvou sobre a bacia, usando água para esfregar suas mãos e braços ferozmente.

- Eu não entendo. Por que ela estava tão transtornada? - Jillian perguntou.

Graham parou. Espuma de sabão revestindo o pelo escuro em seus braços enquanto ele se curvou sobre a bacia. Sob a pele lisa de suas costas, os músculos ondularam.

Sua voz era baixa.

- Quando ela pariu, Jasmine foi tirada enquanto Badra dormia, Quando ela acordou, disseram-lhe que Jasmine era muito pequena e morrerá. Ela só descobriu que sua filha estava viva no ano passado, no Egito. Ela tinha sido vendida como escrava, treinada como uma futura prostituta.

Jillian olhou para ele com horror.

– Quem faria uma coisa tão cruel? Isso acontece o tempo todo na Arábia?

O duque terminou de lavar seus braços e mãos, e rapidamente secou com uma toalha. Ele levantou a cabeça, seu olhar penetrante a olhou através do espelho. Fria raiva retesou seu rosto.

– Há muitas pessoas neste mundo que são cruéis, Jillian. Incluindo neste país. – Ele jogou a toalha. – Às vezes as pessoas neste país são ainda mais cruéis.

## *CAPÍTULO 8*

A dureza de sua respiração rápida trovejou em seus ouvidos enquanto Graham estava fora de casa Mayfair de Stranton.

Jillian provado para si mesma, ser calma e confiante na assistência ao parto. Seus enormes olhos verdes sinalizaram simpatia quando ele disse a ela a história do nascimento de Jasmine. E então ela lhe tinha dito algo que ele nunca iria esquecer.

– É horrível o que aconteceu com Jasmine. – Ela disse. – mas ela está feliz agora, e tem uma nova vida. Não podemos mudar o passado, só podemos construir um novo e olhar para o futuro. Se alguém permanece com memórias infelizes, destrói suas chances de alegria futura.

Em poucas palavras, ele tinha rigidamente agradecido a assistência. Jillian tinha então murmurado desculpas e a necessidade de voltar para casa.

Suas palavras sábias agora lhe deram uma pausa. Por um momento selvagem Graham perguntou se ele não tinha cometido um erro terrível na tentativa de derrubar seu pai. Não é exatamente o que ele estava fazendo, o que ela advertira contra, destruindo qualquer chance de felicidade? E ele começou a se perguntar se ela realmente não era seu destino, enviada para reconstruir sua vida despedaçada a partir de fragmentos de seu passado conturbado.

Graham hesitou quando ia levantar a aldrava de bronze. Por vinte anos ele tinha se escondido dentro de si. Sentia o bastão de prata em sua mão esquerda como um peso de chumbo. Sua mão tremia quando ele toqueteava a aldrava para chamar o mordomo e era conduzido para dentro. Na cova da besta.

Mas seria melhor, como afirmou Jillian, liberar o passado?

Ele fechou os olhos. Uma imagem do sarcástico Stranton dançava em sua memória, dizendo palavras que Graham não podia esquecer. Elas consumiram-no, o fizeram duvidar de tudo.

- Você gostou. Você sabe o que você fez. Você não pode esconder o que você realmente é, garoto bonito.

*As palavras não eram verdadeiras, ele pensou em agonia. Ou será que eram?*

Ele empurrou as palavras de ódio de sua mente. O curso fora marcado, ele devia segui-lo. Mas sua mão tremia violentamente enquanto tentava bater na porta. Dentro, o menino nele gritava para virar e correr longe, bem longe. Ele ainda podia voltar para casa, viver em segurança dentro das suas confortáveis quatro paredes e nunca ter de enfrentar Stranton. Nunca o fazendo seu sogro.

Um momento quase selvagem o fez virar e ir embora. Mas o rosto de Jillian surgiu em sua mente. Ele tinha arruinado sua reputação, e em sua honra que lhe devia casamento. Sem honra, ele não era nada. Todos aqueles anos crescendo com a al-Hajid, ele tinha sede de honra como um guerreiro. Virar as costas para Jillian significaria virar as costas para tudo o que ele valorizava. Graham deu à aldrava uma batida sólida, confiante.

Uniforme prata e verde desgastado cobriam o mordomo que lhe respondeu. Ele pegou o chapéu de Graham, casaco e bengala, em seguida, acompanhou-o para uma sala de estar. Graham sentou-se em uma poltrona puída. Seu experiente olhar o levou a espaços luminosos na parede que indicava retratos em falta no papel de parede de seda desbotada. À semelhança de outros aristocratas ingleses, Stranton tinha sido forçado a vender sua arte para manter sua família?

Uma peça moldada em relevo completo permanecia na parede. Graham se levantou e vagou até lá, uma sensação súbita de medo embrulhou seu estômago. Mesmo antes de ver o roteiro revelador, ele sabia. O papiro era antigo como as areias do Egito, de aparência frágil por trás de sua caixa de vidro. As linhas desenhadas com tinta vegetal estavam desbotadas e desgastadas, mas perceptível.

A metade restante do mapa! O que Stranton tinha tirado dele na infância.

Graham cerrou suas mãos, quase o arrancando da parede. *Isto é meu. Meu!* Angústia fresca encheu a memórias.

Ouvindo passos no corredor, ele retomou seu assento. Ele se forçou a relaxar quando o conde corajosamente entrou na sala de estar, Jillian arrastando atrás dele, acompanhada por uma mulher morena de aparência frágil. Sua noiva usava um vestido cinza horrivelmente feio abotoado até o pescoço. Sua brilhante cabeleira vermelha dourado estava fortemente enrolada. Ela manteve seu olhar para baixo.

Desconcertado, Graham estudou-a. *Onde estava a mulher segura que tinha ajudado a nascer um bebê? Jillian tinha desaparecido de volta em sua calma névoa cinza, escorregando na névoa.*

O conde bruscamente apresentou sua esposa. Graham pegou a mão flácida de Lady Stranton. Seu sorriso parecia tenso.

Enquanto eles todos se sentaram, o desconforto de Graham triplicou. Obrigando-se a falar baboseiras sobre o tempo, ele então perguntou questões sobre a legislação proposta de Stranton. O conde lançou-se a uma conversa entusiasmada enquanto sua esposa e sua filha permaneciam em silêncio.

Quando Stranton perguntou sobre o acordo de casamento, Graham interrompeu sugerindo que eles fossem à biblioteca de Sua Senhoria para uma conversa de negócios privados. Ele não queria Jillian ouvindo seu pai discutindo como se ela fosse uma troca de bens. O conde não olhou para sua filha.

– Não há necessidade, Sua Graça. Aqui é privado o suficiente.

Jillian serviu o chá em silêncio enquanto seu pai grosseiramente definia os termos para sua mão em casamento. Graham ouviu com aversão o conde falar de sua filha como se estivesse vendendo um cavalo. O acordo foi muito saudável. Por um minuto ele hesitou em pagar, pensando na precária finança de sua família. Então ele olhou para Jillian, pálida e trêmula. Ela valia cada centavo. Ele se casaria com ela, então esmagar seu pai como calcário macio.

Os olhos verdes do conde eram frios e duros, onde o da sua filha era incandescente como a vida. Apesar de não o serem agora. Jillian manteve seu olhar baixo, suas emoções escondidas atrás da seda cinza fosca.

– Como você conheceu Jillian, Sua Graça? Minha filha raramente se aventura a sair sem a minha permissão. Ela disse que tinha passado a noite na casa de sua tia.

Surpreendido em suas reflexões, Graham olhou para Jillian. Suas mãos tremiam um pouco no colo.

– Sra. Huntington pediu-me para ir a sua casa para o jantar. Depois, Jillian e eu fomos caminhar no seu jardim.

Raiva queimava no olhar do Stranton. – Minha irmã claramente falhou em seu dever.

No baile, a irmã do conde tinha puxado Graham para o lado enquanto esperava por sua carruagem, e disse-lhe a verdade, como

ela era a pessoa que tinha enviado Jillian ao bordel. Ela implorou para que ele colaborasse na mentira para proteger Jillian de seu pai.

Mais mentiras. Mais engano. Enquanto Stranton sentou-se, de costas ereta, a desaprovação enchendo seu rosto.

*Você mentiu para mim. Você prometeu que iria me salvar. Eu deveria matá-lo agora.* Seria tão fácil para pressionar o polegar contra a cavidade de sua garganta e apertar...

– Sra. Huntington foi distraída por um problema doméstico, enquanto eu estava no jardim com a sua filha. – Graham mentiu.

Gratidão brilhou nos olhos de Jillian.

O conde ofegou.

– Ela é uma ineficiente dama de companhia, e eu disse a minha esposa isso.

Lady Stranton se encolheu e Jillian empalideceu. O desconforto de Graham cresceu. Esta família tinha segredos sombrios, como uma tumba egípcia.

Abruptamente ele murmurou desculpas sobre a necessidade de voltar para casa. Ele manteve um olhar atento sobre Jillian quando ele estava pressionando os lábios na mão trêmula. Ódio ferveu dentro dele enquanto apertava a mão do conde, desejando que ele pudesse esmagá-lo. Seria tão fácil.

Quando ele saiu de casa, Graham franziu o cenho. Algo estava errado. Lady Stranton com os olhos vermelhos e ar letárgico tinha a atitude de uma drogada viciada em ópio. Jillian estava em silêncio, a centelha da sua risada ausente, a confiança exibida durante o parto desaparecida. O que aquele bastardo fez com ela?

Graham entrou em sua carruagem e bateu no teto com sua bengala. Quando chegou a casa, ele foi para seu estúdio e sentou-se, pensando bem sobre o papiro que tinha visto. O mapa. Ele devia tê-lo de volta. Mesmo que isso significasse arrombar a casa de Stranton.

Muito mais tarde naquela noite, vestido com calça preta, camisa preta e um casaco preto, Graham foi até a casa Stranton. Ele estava na rua, olhando para cima. Uma luz brilhou em um quarto no andar de cima, de onde ele podia ver a figura esguia de uma mulher sentada em uma cadeira perto da janela. Cabelos vermelhos dourado brilharam na luz.

Graham sugou o ar. A mulher estava vestida apenas com a blusa. Lançando um olhar sobre a rua deserta, ele rapidamente cruzou o gramado. Ele estudou a varanda e jogou a corda que tinha trazido. Ele deu um nó duplo da maneira que lhe tinha sido ensinado por Bedu, e escalou.

Ágil como um gato, ele escalou a grade e saltou silenciosamente na varanda. Jillian, sentada perto das portas abertas francesas, engasgou quando o viu.

Avançou para o lado dela em dois passos rápidos. Graham esqueceu o seu propósito de roubar o papiro. Nada mais importava no momento, só ela.

- Por que você está sentada na janela despida? - Ele sussurrou.

Ela encolheu virando-se para ele. Arrepio na pele irrompeu em seus braços nus de alabastro. Ele gentilmente colocou seu casaco sobre os ombros trêmulos. Graham repetiu a pergunta em voz suave que reservava para éguas espantadas prestes a ter crias. Finalmente ela levantou seu olhar luminoso para ele.

– Punição de meu pai. Estou sendo negada qualquer roupa, exceto quando eu me aventurar com ele ou um criado para um passeio vigiado. Porque ele diz que eu sou. – Ela engoliu. Uma prostituta.

Suas entranhas retorceram-se de raiva.

– E mais de uma hora da manhã, *Habiba*<sup>9</sup> -, ele disse suavemente. – Você tem que dormir.

Curiosidade cintilou no olhar dela sem vida.

– O que é *Habiba*?

Uma expressão carinhosa. Mas ele não respondeu, em vez disso, tomou-lhe a mão gelada na palma quente. Ele começou a esfregar sua mão para aquecer sua carne.

– Por que você está sentada na janela aberta?– Perguntou ele.

– Meu pai diz que uma prostituta deve exibir seus produtos para o mundo. – Disse ela devidamente.

Graham reprimiu de volta uma maldição e concentrou sua atenção na sua futura esposa. Ela sentou-se quieta e rígida, como a boneca chinesa de Jasmine.

Ele foi até a porta do quarto e colocou uma cadeira dourada por baixo do trinco para impedir que alguém entrasse. Em seguida, ele voltou a Jillian e se agachou ao lado dela, desejando que ela pudesse falar e soltar a sua angústia. Desejando que ele pudesse ajudar. Mas tudo o que podia fazer era se casar com ela e removê-la do seu agregado familiar hediondo o mais rápido possível.

Jillian sentiu como se fosse quebrar. A dormência de gelar os ossos a golpeou quando ele testemunhou sua vergonha. O duque

---

<sup>9</sup> Nome de menina cujo significado em árabe é Amada.

levantou-se e fechou as portas francesas com um clique. Sua larga estrutura permaneceu borrada pelas lágrimas que ela se recusou a derramar. Por que ele veio aqui? Ela baixou a cabeça, querendo morrer de mortificação.

– Venha para a cama, onde está mais quente. – Disse ele com uma voz suave, hipnótica em seus tons suaves.

Como um fantoche sem sentido ela obedeceu, colocando sua mão, trêmula em seus cobertores. O duque sentou na cama, que estava perfeitamente virada para se deitar por sua serva. Ela queria desaparecer debaixo das cobertas. Mas de repente ele descalçou os sapatos dele e depois começou a desabotoar o colete, aumentando o estupor dela. Depois, ele fez o mesmo com a camisa. Seu peito nu e poderoso com sua espessa cobertura pelos escuros provocou um pouco de formigamento entre suas coxas. Bom Deus, ele não poderia querer...

– O que você está fazendo?

– Uma vez que lhe foi negada roupa, eu removi a minha também. Não é justo que apenas um de nós possa estar totalmente vestido. Eu quero que você se sinta confortável. – Seus olhos brilhavam a meia-noite.

Mas ela só podia olhar com alarme e excitação. Um desejo intenso encheu-a, quando ela absorveu ante a visão volumosa de seu bíceps firme, dos redemoinhos de pelos escuros no peito forte. Ele se sentou ao lado dela e segurou as duas mãos levemente na sua.

– Está tudo bem -, ele murmurou. – Eu não vou fazer amor com você. Ainda não. Não até que nos casemos.

Decepção e vergonha substituíram a excitação. Ela desviou o olhar. Ela era uma prostituta, assim como seu pai indicara. Cobiçar a

tensa carne masculina sem a santidade do casamento para procriar. O longo e cansativo sermão de seu pai soou em seus ouvidos:

– A luxúria sexual é reservada para o leito conjugal, Jillian, e apenas então para criar herdeiros. Você fará o seu dever para com o duque lhe dar um filho, mas antes, então eu serei amaldiçoado se eu vou deixar a espantosa vergonha da sua natureza vigorar novamente. Você está me ouvindo?

Ele não gritou, apenas olhou para ela com aquela fria careta de desgosto.

Ela era uma desgraça.

– *Habiba*, não me expulse. Você esta tão fria. – Graham sussurrou.

Forçou-se a responder.

– O que você está fazendo aqui, Graham? É certamente um momento ímpar para fazer uma visita social. Eu temo que seja um pouco tarde para o chá.

Ele não sorriu para ela.

– Eu quero roubar algo de seu pai.

Jillian olhou para ele, assustada.

– Roubar o quê?

– Você. Deixe comigo, Jillian. Hoje à noite. Vamos fugir e nos casar em Gretna Green. Você não pode ficar aqui com ele por mais um dia. Não quando ele te trata assim.

Tentadora, oh, tão tentadora. Ela gostava de Graham, e do jeito que ele a fez sentir, mas ela também queria ser uma mulher independente. Se ela cedesse e fosse com ele, o sonho dela iria

morrer. Apenas por um tempo, um navio a vapor para a América e ela estaria livre. E ela marcharia nua pelas docas se precisasse.

– Por favor, vá. Os servos vão descobrir e falar.

– Não. – Graham disse suavemente, roçando o dedo pelos lábios comprimidos. – Não até que você se solte. Você é como a porcelana, *Habiba*. E se você mantiver tudo dentro, você vai quebrar. Não deixe que ele te quebre. Deixe a dor ir para fora agora, enquanto ele não pode ver.

Espremendo os olhos fechados, tentando segurar a enorme pressão lá dentro, ela assentiu. Os braços de Graham estavam sobre ela. Ele apertou os lábios em sua têmpora, murmurando palavras suaves. Sua compaixão a desfez. Jillian sentiu uma lágrima traiçoeira deslizando de um olho. Como uma barragem de fuga, o dilúvio ameaçou. Ela empurrou levemente os braços musculosos. Ele só acariciou seus cabelos. Ele não a deixou ir. Ela ficou.

A barragem irrompeu em uma violenta rajada. Lágrimas escorriam pelo seu rosto tão grande, sufocantes soluços escaparam. Jillian balançava para frente e para trás, gemendo enquanto ela chorava sobre as mãos, toda a dor dos últimos anos finalmente saindo. Graham continuou a segurá-la, acariciando seus cabelos.

– Sim, deixe isto sair. Ponha tudo para fora. Está tudo certo.

A explosão não durou muito. Jillian se sentiu totalmente drenada quando ele enxugou os olhos e o nariz com uma ponta de seus lençóis. Bem, ele tinha visto o pior. Mas o duque simplesmente olhou para ela.

– Você está com raiva? – Perguntou ele.

Deus, sim, ela estava. Ela queria quebrar as coisas, gritar de raiva, mas os anos de silêncio reprimiram suas emoções deixando

seu temperamento sob controle. Sua respiração veio cansada em grandes goles de ar.

– Eu quero bater em alguma coisa. – Ela engasgou.

O duque pegou um dos travesseiros da cama grande. – Vá em frente, soque. – Ele encorajou. – Vai se sentir bem quando libertar a sua raiva.

Ela olhou para o travesseiro com horror, ela apertou o estômago.

– Eu não posso. É totalmente absurdo.

– É absurdo. Soque-o. – Ele ordenou. – Soque até que todas estas emoções estejam fora de você.

Jillian aquiesceu. Ela pegou e jogou-o sobre a cama, batendo-o contra a borda com uma fúria selvagem.

– Forte!

Atirou o travesseiro contra a cama. O travesseiro envelhecido amarelo de repente arrebentou. Penas explodiram, cobrindo-o com um spray branco. Ela olhou de olhos arregalados, ao duque. Graham irrompeu uma respiração. Uma pena flutuara para cima de seus lábios. Ele deu um sorriso irônico.

– Bem, talvez você esteja certa. Fez parecer ridículo. – Disse ele.

Jillian desabou ao lado do duque e riu.

– Sente-se melhor agora?

Ela assentiu, percebendo que ele estava certo. Mas ainda assim, a vergonha rastejou de volta. Ele testemunhou sua humilhação, e agora esta violenta explosão...

– Por que você fez isso? – Ela sussurrou.

– Porque eu sei como é ser pego em uma situação onde você precisa liberar tudo acumulado dentro de você.

Ambos se deitaram na cama. Ele envolveu-a nos braços, que se sentiu maravilhosa. Ela tornou-se ciente da rigidez da sua longa estatura, e de uma rigidez diferente abaixo. Jillian ficou tensa.

Graham deu um sorriso triste.

– Oh, certo. Isso. Relaxe. É uma reação normal do sexo masculino que eu tenho perto de você. Mas eu prometo que não vou demonstrar o meu, ah carinho, até que nós estejamos casados.

Ele atraiu-a mais para perto. Seu peito musculoso tornou-se seu travesseiro. Jillian sentiu os cabelos eriçados fazer cócegas em seu rosto.

– Você cheira tão bem. – Ela murmurou contra sua pele quente.  
– O que é esse cheiro?

Ele acariciava seus cabelos.

– Sabonete de Sândalo. Um hábito que ficou de meus dias na Arábia.

Jillian inalou o delicioso cheiro, substituindo a sua tensão absoluta.

– Graham, você deve sair. Pai... Ele não pode pegá-lo aqui. – Ela protestou sonolenta.

Ele colocou o dedo indicador único em seus lábios.

– Shhh. – Ele disse suavemente. – Durma agora. Tudo está bem.

– Mas, Graham...

Ele apenas estreitou-a ainda mais.

– Cinco minutos. Mais cinco minutos e eu vou sair. – prometeu.

Graham ouviu a respiração de Jillian se tornar profunda e uniforme. Por que ele se sentia tão em paz com ela, como se tudo deslizesse de seus ombros e ele conseguisse dormir? Sem pesadelos. Sem sonhos. Apenas a paz total.

Basta fechar os olhos. Cinco minutos, disse a si mesmo.

Ele fechou os olhos e adormeceu.

## CAPÍTULO 9

Algo estava terrivelmente errado. No sonho, ela estava, como sempre, no corredor em frente da pesada porta de carvalho. A porta proibida. Queria tocar o botão brilhante, mas ela estava com muito medo. No entanto, ela tinha. Ela tinha que abrir a porta!

Jillian tremia de terror quando os dedos foram tocar no botão de vidro bonito, e uma voz fantasmagórica dirigiu-se dentro de sua mente, cheia de raiva selvagem.

– Vá embora, ou você vai sofrer as consequências.

Um clique fraco soou, e a chave de bronze girou na fechadura.

Jillian não conseguia se mover ou pensar, ela só podia olhar com horror, sabendo que coisas terríveis poderiam acontecer.

E então ele veio. Um som fraco, mas de alta frequência de angústia por trás da porta. Um grito abafado soou lá dentro. Um grito que...

Jillian acordou com um arquejo alto. O suor molhava seu corpo. Seu coração batia freneticamente enquanto ela lentamente tornou-se ciente de seu redor. Dispôs-se a se acalmar, ela contou lentamente. O pesadelo voltara.

Ela não tinha experimentado desde a infância. Por que agora? Por que ela começou a sonhar de novo com a porta trancada? Algo estava terrivelmente errado. O peso de outro corpo pressionava contra ela. Ela levantou o olhar.

Braços musculosos a cercavam. Jillian ficou imóvel, processando seus pensamentos. O duque. Ele subiu em seu quarto na noite passada e ele ainda estava aqui.

Descontroladamente ela lutou para se sentar. Uma amanhecer cinzento, esfumaçado londrino brilhava lá fora.

Oh, Deus! Graham tinha dormido a noite toda. Aqui, na sua cama! Logo a serva viria a despertá-la. O pai sempre insistiu em levantar cedo e tomarem café juntos. Uma risada histérica borbulhava. O que diria a serva ao ver o belo estranho na cama de Jillian?

Ela empurrou Graham.

– Sua Graça, acorda! Você tem que sair agora!

Ele despertou tão instantaneamente que ela se perguntou se ele estava dormindo depois de tudo. Ele deitou-se, o dedo rastreando umidade na bochecha. Deu-lhe um olhar pensativo.

– Você teve um pesadelo? Você estava chorando em seu sono.

– Oh céus, não importa o porquê! Por favor, você deve sair. Agora!

Graham virou e esticou, bocejando como um gato satisfeito. Bíceps abaulados esticaram-se enquanto sua grande estatura montava nela. Ela sentiu a protuberância dura de sua ereção em sua barriga.

– Responda-me, Jillian. Você teve um pesadelo?

– Será que todos não têm pesadelos? Por favor, você deve sair!

Seu olhar sonolento prendeu o dela.

– Não mereço um beijo de bom dia? – Ele falou lentamente.

– Não até que estejamos casados. Se casarmos.

– Você está planejando fugir de mim também, Jillian?– Ele perguntou, parecendo surpreso.

Seu olhar automaticamente girou para o assoalho que escondia o dinheiro. O duque seguiu o seu olhar, e ele deu-lhe um olhar sagaz. Ele pulou da cama e andou sobre as tábuas, testando seu peso. Ah, não... Na tábua mais próxima da parede, ele bateu o pé.

Em minutos ele teve seu espaço escondido revelado, o dinheiro na mão. Graham tinha nos dedos o tesouro, um pavor tomou conta dela.

- Fugindo mesmo assim. - Observou.

- Eu não quero me casar. - Ela deixou escapar.

Ele permaneceu em silêncio por um momento, pesando o dinheiro na mão, como se pesasse algo muito mais pesado. Quando falou, sua voz era baixa e séria.

- Vou propor-lhe uma barganha, Jillian. Se você der ao casamento e a mim uma chance, por três meses, e você ainda quiser ir, eu vou deixar você ir. Podemos obter uma anulação e eu vou dar-lhe dinheiro suficiente para ter sua própria liberdade, para o seu bem.

Confusa, ela arregalou os olhos.

- Você quer dizer, você não vai... tocar-me?

- Eu não disse isso. Se você for minha esposa, eu espero exercer meus direitos de marido. - Deixou cair o dinheiro em seu esconderijo. - O dinheiro vai garantir a anulação. O dinheiro pode comprar qualquer coisa.

Suspeita floresceu.

- Por que você está tão empenhado em se casar comigo?

Sua expressão permaneceu inexpressiva.

– Ter uma esposa inglesa cujo pai é bem visto seria um enorme trunfo para a minha família. A mulher do meu irmão é esnobada por causa de sua herança egípcia. Temo que Jasmine sofra o mesmo. Você pode ajudar Jasmine a aprender traquejo social que vai ajudá-la a ganhar aceitação, quando ela fizer a sua apresentação à sociedade.

Jillian lembrava o escárnio de Bernard por Lady Tristan. Seu olhar encontrou o seu.

– Eu entendo. Mas e se... Eu fico grávida?

– A criança permanece comigo. Vou criá-lo como meu herdeiro.

Ela pensou rapidamente. A chance de liberdade. Mas ela estaria muito longe antes então.

– Ele não vai deixar você sair antes disso, você sabe. – O olhar de Graham era afiado e calculista. Jillian puxou a lençol até o queixo. A intensidade selvagem apareceu em seus olhos. Ela sabia que ele não a deixaria escapar. Ele a teria. Jillian engoliu em seco.

– É uma barganha?

– Você vai casar comigo e se tornará minha esposa, em todos os sentidos da palavra, por três meses. Se você não estiver satisfeita, você está livre para sair.

– Vou tentar fugir antes disso. Devo. – Ela sussurrou.

Silencioso e como um felino, Graham atravessou a sala. Ele agarrou o queixo com uma mão quente, firme.

– Não fuja antes de meus três meses vencerem. Vou encontrá-la se você fizer.

Assustada com a advertência profunda em sua voz de veludo, ela estremeceu.

– Você me quer tanto assim?

Ele pegou sua mão e gentilmente colocou-a sobre a volume em suas calças. Seus olhos se arregalaram.

– O que você acha?– Perguntou ele.

Ele abaixou a cabeça e roçou os lábios suavemente com os seus. Sabendo que era um erro, as mãos de Jillian deslizaram ao redor de seu pescoço enquanto ela se agarrava ao seu calor. A dureza de sua tenra excitação contra o seu corpo trêmulo. Com humor negro ela percebeu que estava igualmente excitada.

Delicadamente, ele tirou as mãos e roçou o rosto com os dedos. O duque virou-se, indo para as portas francesas, vestido apenas com calças amarrotadas de seda preta. Ela viu seu bumbum, o traseiro redondo movendo-se a cada passo elegante.

– O que você está fazendo? – Ela exclamou.

– Partindo, como você pediu.

– Não assim. Coloque sua roupa!

Ele olhou para baixo.

– Oh, muito bem. Estou terrivelmente mal vestido. Talvez eu pudesse perguntar ao seu pai se posso tomar emprestado um de seus vestidos desde que você não está atualmente a usá-los.

Apesar da gravidade da situação, ela riu, e o duque sorriu.

– Assim está muito melhor. – Disse ele. Vestiu-se rapidamente.

– Agora, então, eu preciso de um favor. No andar de baixo há um mapa, o papiro emoldurado na sala de visitas. Eu preciso de um traçado do mesmo.

– Por quê?

– Porque eu acho que posso ter a metade que falta. Eu não quero dizer ao seu pai, há uma chance ímpar de eu estar errado. Mas se eu tiver um traçado, posso dizer com certeza.

– Você quer dizer que realmente pode valer a pena algo assim?

Seu noivo olhou pensativo.

– Sim. É um mapa que conduz a um antigo tesouro enterrado. Um mito que pode ser verdade.

Excitação percorria Jillian. Tesouro enterrado?

– Eu posso fazê-lo. Mas entregar isto em sua casa pode ser um desafio, meu pai tem minha correspondência acompanhada de perto nestes dias.

Graham sorriu e ergueu a mão, pressionando um beijo para ela.

– Você pode escondê-lo com cuidado entre as suas coisas e trazê-lo com você quando for se tornar minha esposa.

Ela quase chorou. *Mas eu nunca irei me tornar sua esposa, Graham.*

Ele a beijou, seus lábios duros e rudes, e ela cedeu contra ele, segurando a lapela do casaco. Passos soou do lado de fora corredor acarpetado. Jillian começou.

– Graham, você tem que sair.

Ele franziu a testa para a porta.

– Talvez eu deva permanecer e deixá-lo saber o que eu penso do seu tratamento a você.

Os passos cessaram. O olhar frenético Jillian moveu rápido até a porta. A maçaneta fez ruídos.

- Lady Jillian? Por que não posso entrar? - Uma voz feminina chamou.

- Só um minuto, Dotty. - Ela mordeu o lábio.

O som de uma voz familiar do sexo masculino fez congelar o sangue. A porta sacudiu nos gonzos como um peso pesado pressionou contra ela.

- Jillian! Deixe-me entrar de uma vez!

Pai.

Seu olhar alcançou o de Graham, que estava cheia de raiva. Graham rapidamente atou seus sapatos. Ele acariciou sua bochecha levemente.

- Seja forte por mim. - Ele murmurou então abaixou as portas francesas.

Jillian olhou freneticamente. O quarto cheirava a ele, sândalo e masculinidade pura. Ela correu para sua cômoda, pegou um frasco de perfume francês pesado e derramou-o, a coloração da madeira e perfumando o ar. Ela puxou as cobertas amarrotadas e correu para a porta, prendeu o seu envoltório ao longo do caminho.

Empurrando a cadeira de distância, e ao abrir a porta, ela olhou para o rosto enfurecido de seu pai. Jillian puxou o xale próximo sobre seus ombros. Seu pai invadiu por dentro. Seu olhar duro vasculhou o quarto. Ele aterrissou no assoalho mal ajustado. Ele correu para isto.

Oh não, não, não. O duque tinha se esquecido de cobrir...

Em suas mãos, seu pai segurou todo o seu dinheiro. Sua liberdade.

– Por que você escondeu dinheiro? – Notas de libras, observou, começaram a abanar o ar quando ele acenou-as, um leque de moda pela venda de seu corpo.

– É... É meu, pai. Eu tenho poupado.

– Não há necessidade de dinheiro para onde você vai. Eu forneço todas as suas necessidades. Eu levarei isto.

Um grito silencioso ecoou dentro de sua cabeça. Mas ela empurrou para trás seus gritos, vendo em mudo sofrimento quando ele embolsou o dinheiro dela.

Suas duramente conquistadas libras e pences. Sua educação.

Seu sonho morreu, murchando como uma batata frita enegrecida, assim como aqueles livros tinham queimado no fogo.

Atentos olhos verdes, espelhos do seu, estudaram-na. Um arrepio tomou sua espinha.

– Jillian, você estava pensando em fugir?

Sua boca ficou seca. Sem palavras, ela olhou.

– Você não vai. Você vai se casar como planejado, Jillian. – Um sorriso frio deslizou sobre o rosto do conde. – Moças adequadas fazem ofertas aos pais. Como vai você. Ou então...

A ameaça pairava no ar entre eles, mas um cerne de coragem à tona. Jillian ficou nos pensamentos de sua paixão nos braços de Graham. Ela encontrou coragem para fazer o que ela devia. O que mais ele poderia fazer com ela? Jillian forçou uma nota corajosa em sua voz.

– Ou então o quê, pai? – Ela desafiou.

Surpresa queimou em seus olhos. O conde endireitou com calma avaliando-a.

– Você realmente deseja saber?

Ela sentiu sua coragem tremer como uma chama da lâmpada. Com toda a força, ela abanou isto.

– Eu sou uma mulher crescida, pai. Não mais uma criança.

Os cantos da boca puxaram para baixo.

– Você é minha filha Jillian. – Ele começou. Então ele parou. O olhar dele provocou-lhe medo. Ela tinha visto isso antes, uma vez, um longo, longo tempo atrás.

O rangido de uma porta que se fechava lentamente...

Jillian engoliu em seco. Suor umedecendo suas têmporas, resfriado na brisa leve flutuando pelas portas francesas abertas. Seu coração trovejou no peito. Ela permaneceu imóvel, mesmo quando ele girou, quase graciosamente. Ele silenciosamente avaliando-a.

O crack da palma da mão contra sua bochecha não doeu tanto quanto as seguintes palavras. Seu rosto se contorceu em uma raiva feia quando ele disse.

– Você vai se casar com o duque, Jillian. Você vai, ou você vai encontrar uma cela em Bedlam bastante confinada. Sim, muito confinada, de fato.

– Você não iria. – ela sussurrou.

– Um pai tem todo o direito de internar sua filha quando seu comportamento, forte rebelde a põe em perigo. – Ele virou-se bruscamente nos calcanhais e, na porta, falou sobre seu ombro. – Pense nisso, Jillian. Casamento com o duque, ou uma cela em um asilo de loucos. A escolha é sua.

Pavor frio tomou conta dela quando ele fechou a porta atrás dele. A chave girou por fora. Ela estava trancada lá dentro.

## *CAPÍTULO 10*

O dia depois de invadir a casa do conde, Graham fez a Stranton uma visita educada. Ele manifestou duas objeções aos arranjos do casamento. Graham disse a Stranton que queria se casar pela licença comum, evitando uma leitura em voz alta dos proclamas que era melhor não chamar a atenção para Jillian. Mas o conde recusou. Ele queria que o público soubesse exatamente com quem se casou. Ele finalmente concordou, relutantemente, com a proposta de Graham de um casamento em uma igreja pequena, com apenas a presença da família imediata.

No domingo na igreja, Graham tranquilamente assistiu a partir de um banco distante quando Jillian rubor agonizante vergonha enquanto os proclamas eram lidos. Cabeças se voltaram para olhar para ela. Eles sabiam por que ela estava se casando com o duque.

Duas semanas depois, o conde, sua esposa e Jillian sentavam-se rigidamente na imensa sala de visitas do duque para um chá de noivado. Jillian mais uma vez perdeu a centelha interior. Seus olhos estavam sem brilho e sem vida. Graham lançou um olhar rápido e duro ao conde. Bastardo. Ele queria torcer o pescoço de Stranton pelas crueldades cometidas contra Jillian.

Em vez disso, ele tratou de falar de política com conde, fingindo interesse arrebatado em sua proposta de legislação. Então ele bateu o primeiro passo para enganar o seu inimigo.

– Talvez o seu projeto de lei promovesse o apoio do público, se demonstrasse o bem que pode fazer. – sugeriu Graham.

Stranton se inclinou para frente.

– O que você sugere?

Graham manteve seu tom deliberadamente casual.

- Por que você não encontra uma vítima do vil comércio do sexo, digamos, um jovem rapaz e reforma-o? Ensine-lhe uma profissão e crie um modelo vivo do bem que a lei poderia alcançar.

O silêncio encheu a sala. Graham ignorou o olhar preocupado de Kenneth. Ele concentrou toda a sua atenção sobre o conde. Stranton mergulhou seus dedos longos e finos e assentiu.

- Excelente sugestão. Uma criança jovem que vive nas ruas, dar uma nova chance e transformá-lo em um modelo de cidadão. Onde posso encontrar tal criança, embora?

- Eu poderia ajudá-lo a encontrar um. Meu criado, Charles, morava em St. Giles, uma área conhecida pela atividade miserável.

- Gostaria de contar com seu apoio, Caldwell. Mas... Eu acho que para o melhor do empreendimento seja que permaneça entre nós. Não devemos dizer a outros senhores, caso se revele um fracasso.

Graham lutou para manter seu nível de emoções. Oh, ele iria se revelar um fracasso, quando ele apresentasse Stranton com um presente que o conde não poderia recusar...

- Eu prometo. - Disse uniformemente. *Como você me prometeu que iria me ajudar a escapar da al-Hajid, seu bastardo. Promessas podem ser quebradas.*

Ele se atreveu a varrer o seu olhar sobre a sala. Jillian mantinha seu olhar envergonhado. Lady Stranton parecia tão pacata e distante, como sua filha. Kenneth e Graham trocaram um olhar cauteloso. *Que diabos você está planejando?* Ele parecia dizer.

Um fragmento de culpa lancetou-o. Graham ignorou e se virou para Badra, perguntando sobre o bebê. A mulher abençoada pegou a

deixa e habilmente começou uma conversa a respeito de crianças. Graham sorriu e ouviu com meio ouvido, só ficando cauteloso quando a esposa do conde pediu para ver o recém-nascido.

Badra tocou chamando a babá, que entrou na sala com o garoto, entregando Michael a sua mãe. Lady Stranton se animou ao ver o bebê dormindo. O conde inclinou para frente, seu rosto magro faiscou com interesse.

– Posso vê-lo?

Angústia apoderou-se de Graham quando Badra foi para o conde. Quando ela baixou minúsculo vulto para sua inspeção, Stranton sorriu.

– Um menino tão bonito. – Ele murmurou. Graham ficou perfeitamente imóvel.

As palavras ecoavam na sua cabeça, uma memória irregular perfurando-o. Aquela voz, aquelas palavras, como ele se encolheu no terror entorpecido, odiando-se pelo que fez. Odiava esse homem...

*Um menino tão bonito.* Não. Não. Não. Não novamente. Não desta vez!

O conde estendeu a mão para tocar o recém-nascido. Graham precipitou-se de sua cadeira, sem pensar na transpiração escorrendo nas suas costas.

– Deixe o tio orgulhoso segurá-lo, Badra. Ele é o meu herdeiro.  
– Disse ele. – Lutando para esconder a trêmula nota em sua voz.

Perplexidade escureceu sua expressão, mas ela entregou Michael. Graham levou o bebê. Ele murmurou para ele como um tio orgulhoso deveria. Dentro, ele tremia violentamente. Forçando um sorriso inflexível, ele olhou seus convidados.

– Acho que ele precisa dormir agora. Certamente estar com todos estes adultos não é bom para ele. Vou levá-lo fora com sua ama. – Disse ele, balançando a cabeça como forma de adeus.

Ignorando o olhar mudo de Badra, ele forçou-se a caminhar lentamente para fora do aposento, embalando o bebê contra o peito. *Eu não devo deixá-lo tocar Michael*, pensou. Ele tinha que protegê-lo, proteger o garoto de Stranton. Michael, tão vulnerável e inocente.

Graham aconchegando seu sobrinho precioso quando entrou no quarto do bebê com as suas alegres paredes amarelas e o berço, elaborado e esculpido que Kenneth tinha feito. A enfermeira de rosto redondo em seu avental branco e vestido cinza simples lia no assento da janela. Ela surgiu em sua entrada.

– Sua Graça?

Ignorando-a, ele cuidadosamente colocou o bebê no berço. Graham então montou guarda, embalando o bebê, tentando acalmar o pânico violento do interior. A enfermeira observou.

Michael agitou, choramingando no sono. Graham colocou a mão suavemente em sua cabeça.

– Eu não vou deixá-lo machucar você, Michael. Isso é uma promessa. Eu vou rasgá-lo em pedaços antes que ele coloque a mão em você. – Ele sussurrou em árabe.

Ele olhou para a enfermeira, que estava em silêncio nas proximidades.

– Observe que ninguém, exceto os pais do bebê, Jasmine e eu entremos nesta sala. Sob nenhuma circunstância é para Michael deixar o berçário até que eu dê permissão.

– Sim, Sua Graça.

Ele calmamente agradecia a todos os serventes ingleses, que sempre obedeceram às ordens ímpares de seus empregadores e não faziam perguntas.

Uma batida soou na porta. Seu corpo ficou tenso, Graham virou seus braços espalhados sobre o berço, como se para proteger o bebê. A maçaneta balançou. Seu sangue esfriou. Memórias afirmaram-se, perfurando como facas. Um menino tão bonito...

A *jambiya* que ele escondera em sua jaqueta desde que vira Stranton caiu da sua mão. Sua borda de aço brilhava. A enfermeira engasgou e chegou para o berço para tirar Michael.

Graham reagiu rapidamente, a lâmina cortou o ar, parando um sussurro garganta dela.

– Não toque nele, alertou. Despertado do sono, o bebê começou um gemido fino e débil.

Graham se voltava em direção à porta. A chave girou, a porta começou a abrir. Assumindo uma postura defensiva, ele estendeu a faca e esperou em pavor cauteloso a entrada do intruso. Um homem entrou no quarto. Graham levantou a faca.

– Graham, por favor, coloque o *jambiya* para baixo antes que se machuque ou meu filho.

Alívio encheu-o quando ele reconheceu Kenneth e Badra. Mas ele não abaixou a faca ou deixou seu posto.

Olhos azuis encontraram os marrons escuros.

– Enfermeira, deixe-nos, disse Kenneth.

Ela flutuou por eles para fora da porta, um fantasma cinza em um avental branco áspero. Cinza como Jillian. Invisível.

- O que aconteceu lá embaixo? - Seu irmão exigiu. Badra colocou uma mão no braço de Graham. Seu olhar era inabalável.

- Um menino tão bonito. - Ela disse em um tom de cantilena.

Graham tremeu, sacudindo a faca em suas mãos.

- Não -, ele encrespou-se. - Ele não deve tocar em Michael. Não deve tocar, não toque, não toque, deixe-o sozinho.

- Graham!

Ele piscou, tentou se concentrar. Sua cunhada. Seu irmão.

- Oh Deus, não. É ele, não é? Stranton é o tal. Ele é al-Hamra, seu futuro sogro! Kenneth cuspiu a boca cheia de palavrões em árabe. - E você convidou-o aqui!- A repulsa apertou a boca de Kenneth. Mas repulsa de quem?

Graham enrijeceu.

- Eu não deixaria Michael se machucar. - Nunca. Nunca. Nem por Stranton ou si mesmo. Dor súbita apertou seu peito. Kenneth pensava assim?

- Claro que não. O bebê está com fome, eu imagino, - Observou Badra. Ela ofereceu um sorriso gentil. - Posso alimentá-lo?

Ele olhou para ela, em seguida, percebeu que ainda segurava a faca. O duque embainhou a lâmina e escondendo-a, afastando do berço. Com calma notável, Badra recuperou o filho dela, aninhada contra o peito dele.

- Eu sei que você estava tentando protegê-lo, Rashid...

O uso de seu nome em árabe puxou de volta para o presente. Graham respirou, engoliu, lutando para recuperar seu autocontrole

imparcial. Quando ela caminhou até o assento da janela com Michael, ele forçou seu controle normalmente rígido de volta.

Kenneth não estava tão calmo. Ele olhou.

– Por que você se casará com Jillian, se você sabe de seu pai é al-Hamra? Qual é o seu propósito?

– Para saber os pontos fracos do inimigo, deve-se estudá-los atentamente. Mesmo se infiltrando em suas defesas deslizando entre eles, misturando-se e persuadindo-os para aparecerem. – recitou.

– Jabari sempre disse isso. – Kenneth empurrou a mão pelos cabelos. – É por isso que você fez isto. Você está casando com o inimigo. Bom Deus, Graham, você está louco?

– Completamente -, ele orquestrou.

Seu irmão olhou, então jogou as mãos para o ar.

– Qualquer que seja. – Ele murmurou. – É a sua vida. Case com ela. Mas eu estou te dizendo isso, Graham, vou ficar de fora e assim como minha família. Trame sua vingança, mas não vou ter a minha família machucada. Entendeu?

A dor vazia estabeleceu-se em seu peito. Sentiu-se terrivelmente só mais uma vez.

– Você tem a minha palavra. – Graham disse calmamente.

Kenneth pareceu desnortado.

– Eu não te entendo, Graham. Eu sinto que nunca vou te entender.

– Não, você nunca vai poder Kenneth. – Ele concordou. – E agradeça a Deus por isso.

Reunindo sua determinação, ele se dirigiu para a porta.

- Desculpe-me. Devo voltar para meus convidados. E os fantasmas do passado dele.

## *CAPÍTULO 11*

Graham e Jillian se casaram em uma cerimônia tranquila na igreja. Ela usava um vestido cinza modesto; seu pai a proibiu expressamente de usar branco. Quando Graham solenemente deslizou a aliança de ouro fino em seu dedo, parecia que as mandíbulas de uma armadilha de aço prendendo-se.

O almoço do casamento foi torturantemente lento. Recebido por Jillian e seus pais, a atmosfera fúnebre a deprimia, com as pesadas cortinas cor de vinho impedindo a luz do sol na sinistra longa mesa de mogno, onde todos eles rigidamente se sentaram. Nem precisava de música triste. Mesmo Jasmine não conseguiria preencher o ar com sua conversa animada, pois ela não estava presente; Graham tinha pensado ser mais sábio deixá-la em sua casa. O irmão do duque continuava estudando-a e, em seguida, olhando para seu pai quando falava com Graham. As tentativas de Badra em manter uma conversa com a mãe de Jillian acabaram-se e morreram.

Quando acabou, Jillian proferiu uma oração silenciosa de agradecimento. Graham a levou para casa e lá para cima para os quartos da duquesa. Seu olhar vagou para o bonito quarto de dormir azul e branco com a sua sala de estar espaçosa.

– Eu vou deixar você descansar. O jantar é as sete. – Disse ele.

– Eu não estou certa se os meus vestidos chegaram.

– Eu os queimei. – Disse ele calmamente.

Jillian ergueu as sobrancelhas.

– Pelo menos meu Pai me permitia usar a minha roupa de baixo. Deseja-me andando nua?

Ele sorriu. – Esse é o espírito. Mas não. Tomei medidas dos sacos de batatas que seu pai tinha enviado, e mandei fazer outros novos. Eu não quero que você use cinza. Use esmeralda. Safira. Joias coloridas para combinar com o que eu sei que está dentro de você. Não cinza.

– O que está dentro de mim, Graham? – Perguntou ela. Hoje ela sentia um desespero agudo.

Ele tocou seu rosto. – Paixão. Um espírito que estava quase extinto, e que precisa de encorajamento para se transformar em chama viva.

Perturbada com o que ele viu, ela deu um tapinha na cabeça com um sorriso irônico. – Para corresponder com meu cabelo? Pai mandou-me usar vestidos maçantes para esconder isto. Eu prefiro cores escuras.

Um olhar sombrio penetrou nos olhos dele. – Não, Jillian. A escuridão pode ser terrivelmente solitária.

Ele posou um leve beijo na sua bochecha. – Como você precisa de uma criada de quarto, eu designei uma das criadas mais experientes do andar de cima como sua ajudante. Use o vestido safira. Eu sei que ficará encantador em você.

Então ela o viu sair, perguntando se a escuridão que ele mencionou não era a razão para o segredo nos seus próprios olhos.

Muito nervosa pela noite que viria, Jillian mal provou o seu jantar. A descontração informal aqui chocava especialmente por permitir Jasmine jantar com os outros adultos em vez de tomar uma bandeja no quarto infantil. Jillian ainda se viu ficando melancólica enquanto Kenneth, Badra e Jasmine falavam e riam um com o outro. Aqui era o tipo de família que ela sempre quis, honesta e afetuosa e não remota e fria.

Apenas o duque ficou um pouco distante, sorrindo de vez em quando. Acima de seu copo de vinho, o seu brilhante olhar mirava-a. Intrigada, ela olhou para a taça de Graham enquanto ele abaixava-a. Um lacaios saltou para enchê-lo com água.

- Eu não bebo. - Disse ele. - Mas eu não quero estragar o jantar das pessoas que estão à mesa.

Então ele sorriu, o mesmo sorriso de menino que tinha apresentado na sua primeira noite em Madame Lafontant. Jillian riu.

Após o jantar, a serva que ele tinha designado como sua ajudante pessoal ajudou Jillian a remover seu vestido safira. Jillian suspirou enquanto ela acariciava o cetim liso. Nunca tinha possuído algo mais vibrante ou luxuoso. Emily ajudou-a colocar um penhoar de cetim creme. Suas pesadas linhas fluíam envoltas de seu corpo.

- O duque mandou fazer este para você como um presente. Ele disse que sua linda noiva merecia vestir algo especial em sua noite de núpcias. - Explicou a serva, a olhando com admiração.

Jillian tocou a roupa de dormir com a mão trêmula. Branco, para a noite de núpcias. Ela não era virgem, mas ele a estava tratando tão honrada como uma. Seu pai a chamou de prostituta e a tinha envergonhado na frente dos servos; Graham chamou-a de bela e honrada diante deles.

Ela respirou irregular, apreensiva e animada, quando ela sentou-se na maciça cama de dossel. A cama era enorme, com ondas de lençóis de algodão macio e pilhas de almofadas de seda. Ela engoliu em seco, querendo saber o que a esperava.

O duque havia comprado a sua virgindade, mas isto era diferente. Antes, não havia nada, mas a intimidade física e uma separação de caminhos. Hoje à noite o seu amante não seria um

estranho, mas seu marido, que deveria partilhar a sua cama cada noite.

A porta para sua câmara adjacente abriu. Graham entrou, vestindo um robe negro que se estendia sobre os ombros largos e caía em seus joelhos nus. A visão das suas musculosas, tensas panturrilhas com seus grossos pelos escuros pareciam mais sensuais do que quando ele tinha se descoberto no bordel.

Com falta de ar como sua primeira vez juntos, ela estudou seu rosto. Uma mecha do espesso cabelo de ébano caía rebelde na testa. Olhos escuros, iluminados com uma intensidade feroz. Um nariz, orgulhoso em linha reta, maçãs do rosto esculpido exibindo sua linhagem aristocrática e firme, lábios sensuais. Seu olhar voou para dos músculos espessos em seu pescoço para os longos cílios quase femininos. Bom Deus, ele era lindo. Quase bonito, mas a linha dura de seu maxilar tenso e cílios levemente sombreavam isto. Graham encaminhou para ela, com a ágil graça, silencioso como um gato.

Ele estendeu a mão.

– Venha comigo.

Confusa, ela arregalou os olhos.

– Por quê?

Sua voz grave esfumou com paixão inesgotada, acariciou sua pele.

– É tradição que todos os herdeiros do ducado sejam concebidos na cama do duque.

Obediente, ela se levantou. A palma da mão grande engoliu a dela como um pequeno pássaro. Não importava, pois ele a tomaria onde ele quisesse. Seu quarto de dormir ou no seu, os resultados seriam os mesmos. Nenhum bebê seria concebido.

O duque levou-a a sua cama. Pilares de madeira maciços, grossos como troncos de árvore predominantemente carvalho. Graham arrebatou-a nos braços e colocou-a cuidadosamente sobre os lençóis. Ele ficou atrás, sem sorrir, sem o cinto do robe. Isto se abriu e escorregou para seus pés, e ele ficou parado diante dela totalmente nu. A câmara estava inundada de luz, diferente de sua primeira vez.

De repente tímida, ela encolheu-se.

- Por que tanta luz?

- Eu quero ver você neste momento. Tudo.

O receio a encheu. Ela não amava este homem, mas sentia uma profunda atração sensual por ele. Isto a tornava receosa e vulnerável. Jillian não podia esquecer o vínculo inquebrável entre eles. Ele tinha sido seu primeiro amante.

No entanto, anos de sua experiência sexual estava diante deles. Ela levantou os braços quando ele retirou a roupa de dormir dela. Jillian estava deitada na cama, nua.

- Você é realmente uma ruiva. - Ele meditou, olhando para o emaranhado de cachos macios cobrindo suas partes femininas.

Um rubor quente cobriu suas bochechas. Ele sabia tudo. Não havia engano.

Graham estudou os contornos do corpo de sua mulher, os seios firmes, pesados com pontas avermelhadas, mamilos tenso. Sua pele de marfim estava lisa e sedosa, implorando por seu toque. A ligeiramente barriga arredondada deu lugar a alargamento das curvas de seus quadris. Sua respiração suspendeu quando ele avistou os cachos vermelho dourado escondendo suas partes femininas.

Um rubor ficando vermelho, como um nascer do sol, penetrou do horizonte de sua garganta até as maçãs do rosto. Sua respiração

ficou pesada e irregular. Desejo feroz misturou com paixão. Sangue inundou sua virilha. Sua boca, luxuriante, repleta se separou e seus olhos esmeralda escureceram com evidência de sua necessidade.

Ele se juntou a ela na cama, uma mão com ternura envolveu seu seio, a outro acariciando seu rosto quando ela levantou o olhar para ele. Suas mãos se levantaram, tocou seu rosto como se traçando um mapa. Ele tremia.

Oh, Deus, ele a queria demais. Bastante. Como ele nunca quis, e não desde a infância. Graham tinha aprendido a renunciar, a nunca mais permitir que seus desejos o dominassem.

Não agora. Ele não podia mais evitar sua necessidade furiosa do que ele poderia forçar um vento Khamsin a parar. Ele deixou o vento envolvê-lo em seu abraço quente, tórrido quando ele acariciava-a sua esposa.

Sua pele era pálida e luminosa, branca como alabastro dos antigos no Egito, que esculpiram estátuas em homenagem. Graham queria adorá-la, para cobrir sua pele de marfim com beijos adoradores até que ela se contorcesse debaixo dele. Sarda cor de canela salpicava no ombro pálido. Intrigado, ele se inclinou mais perto, estudando. Ele não tinha visto no bordel. Deitando-a, Graham roçou os lábios contra uma, deu uma delicada lambida, então começou a beijar cada um dos minúsculos pontos adoráveis. Antecipação quente enroscou-se dentro dele enquanto ela gemia e segurava sua cabeça. Graham recuou, impulsionado por uma necessidade de explorar seu corpo macio.

Jillian estava estendida, como um sacrifício nu para ele. Ele olhou, extasiado. Graham colocou uma palma quente sobre sua pele sedosa. Muito lentamente, ele traçou uma linha de recuo profundo em sua barriga trêmula até o emaranhado suave de vermelho e

dourado cachos. Com reverência delicada, ele deu um beijo em cima de sua barriga.

Suas mãos acariciaram a pele macia de suas pernas. Ela recuou quando ele escorregou para cima, para o fecho apertado de suas coxas cerradas, mergulhando nas profundezas. Um olhar assustado entrou nos olhos e Jillian contorceu-se afastando.

Ele acalmou-a com um murmúrio rouco de tranquilidade masculina, em seguida, continuou a sua exploração, beijando mais para baixo suas pernas, suas coxas, em seguida, ajoelhando-se além e escorregando entre elas. Suas mãos se levantaram, tremendo descontroladamente, empurrando o peito dele.

– Nós fizemos um negócio, Jillian. – Disse a ela suavemente. — Lembra-se? Você vai ser minha mulher em todos os sentidos da palavra.

Ela não queria isso, não queria a ele e sua sensualidade, escura exótica a dominando. Mas o desejo pegou Jillian, incitando-a se abrir, a aceitá-lo. A necessidade queimava nos olhos dele ecoando na sua dor interna. Seu ventre se sentiu pesado e querendo.

Jillian gemeu quando ele beijou a cavidade de seu pescoço, acariciou-lhe a pele em pequenas carícias delicadas que a encheu de desejo ardente. Graham abaixou a cabeça e tomou o mamilo em sua boca. Ela choramingou seu corpo ficando tenso enquanto sua língua roçava o pico endurecido. Seus quadris pressionaram para cima em necessidade sem nome.

Graham situou-se entre suas pernas, prendendo-lhe os pulsos à cama. Seu torso musculoso deslizou através do seu corpo, seus cabelos macios do peito acariciando seus mamilos doloridos.

Ele entrou nela num impulso, duro rápido. A pressão brusca entre suas pernas, engrossando e enchendo. Nenhuma dor neste

momento, apenas esse alongamento interminável, e empurrando - oh, tão incrível. Ela apertou as mãos contra os seus músculos lisos pelo suor para incitá-lo ainda mais. Ele elevou-se acima dela, seu olhar quase escuro preso ao dela.

Ele começou a se mover, estocadas rápidas insinuando o poder contido. Ela se sentiu envolvida, cercada, como se ele tentasse absorvê-la em si mesmo. Ou empurrar-se para ela. A parte que ela protegia alargando na luz. Jillian fechou os olhos, com medo de deixá-lo ver seus segredos tremeluzindo lá.

- Abra seus olhos. - Ele ordenou. - Eu quero que você me veja.

Seus olhos se abriram ao vê-lo esticando acima dela, seus dedos entrelaçados nos dela. O macio colchão rangeu no ritmo de suas estocadas martelantes, seus quadris se arqueando. A dança, ela pensou em uma névoa de prazer aquecida. A dança da carne, encontrando carne.

Ela gritou quando calor queimou e explodiu dentro dela. Graham gemeu profundamente e deu um grito rouco, depois de uma estocada final. Sua semente quente jorrou dentro dela.

Jillian ficou imóvel, dobrada contra seu recente marido após o clímax. O pesar afunilou-se através dela. Se apenas isso pudesse ser real. Se ela o amasse e ele a ela, poderia confessar o desejo de seu coração. Mas ela não confiava em ninguém.

Ele acariciou seus cabelos numa carícia suave. Ela lembrou-se que não havia amor entre eles. Intimidade física e intimidade emocional não eram iguais. Duas lágrimas silenciosas deslizavam pelo seu rosto.

Graham apertou os lábios numa, beijando a água salgada.

- Jillian, por que você está chorando? - Ele perguntou em voz baixa.

Ela não respondeu, tentando resistir ao impulso feroz para recostar-se em seu ombro e enterrar a cabeça dela. Preocupação encheu seus olhos, e ele se sentou, colocando o rosto em suas grandes e quentes palmas.

- Eu machuquei você?

Sobrecarregada em sua preocupação, ela negou com a cabeça.

- Eu estou apenas... Um pouco tonta. Eu estou bem.

- Eu temia que nossa dança pudesse ter machucado você. - Ele sorriu.

O queixo levantou-se em desafio.

- Nunca.

- É claro. Você é uma dançarina forte. - Sua expressão encantadora levantou sua tristeza. Jillian riu quando ele a puxou contra ele.

- Você, minha lady, é capaz de me envolver.

Eles ficaram em silêncio um tempo, absorvido no silêncio. Jillian deitou a cabeça dela contra seu peito. Graham era firme, duro e musculoso tão diferente dela suave, flexível corpo. Extasiada pela forte admiração, ela deslizou a mão no pelo escuro de sua coxa, saboreando sua textura macia. Ela respirou hesitante, olhando para a carne grossa balançando entre as pernas. Um instrumento de dor a sua primeira vez, e de profundo prazer agora. Ela tocou-o. Isto saltou violentamente, e ela engasgou.

Os olhos de Graham se abriram. Seu olhar divertido conheceu sua vergonha.

- Está tudo bem. Você não vai me machucar.

Incentivada, ela deu outra tentadora carícia. Ele mexeu-se e enrijeceu ante seu olhar fascinado. Sua risada rouca encheu o ar.

- A tribo Khamsin, onde eu... Fiquei uma vez, chamavam-no "a cimitarra de amor". Eles dizem que a passagem de uma mulher se encaixa confortavelmente a cimitarra de um homem, tanto quanto uma bainha acaricia sua espada.

Jillian sentou-se, franzindo a testa, olhando mais de perto sua parte masculina.

- Ele não se assemelha a uma espada, Graham. Sim um pepino muito grosso ou a uma abobrinha.

As sobrancelhas escuras contorceram-se em aparente diversão.

- Você está comparando minha masculinidade a um vegetal, Jilly?

- Ou talvez uma fruta. Talvez uma grande banana.

Sangue drenou de seu rosto quando Graham ansiosamente olhou para baixo.

- Uma banana! Macio e esponjoso!- Ele balbuciou.

- Bem. - Ela escondeu um sorriso. - É curvado para um lado...

Um rosnado áspero explodiu em seu peito. Ele rolou, prendendo-a a cama, envolvendo-a em seu abraço apertado quando ela riu. A dureza repentina sondou sua coxa nua.

Ela olhou para baixo.

- Oh, meu. Não é mais curva... - Jillian arrastou-a o olhar cativo para encontrar o seu feroz, com o desejo.

– Não uma banana, Jillian. – Disse ele com voz rouca.

– Não, ela sussurrou enquanto ele dava pequenos beijos quentes sobre a pele corada. – O Khamsin estava certo. Definitivamente uma espada.

Triunfo intenso encheu-o. Jillian, sua ruiva flamejante cuja paixão igualava a dele. Suor porejou na testa. Ele não pôde resistir ao chamado doce de sua carne pela sua. Ele a queria. Precisava dela.

Em minutos, ele a teve embaixo dele novamente. Grandes olhos verdes, brilhantes como jade raro, encontraram-se com o dele. Ele a beijou, sua língua rastreando sua boca, persuadindo os lábios a abrirem. Instinto bateu, exigiu. Ela lutou contra ele, tomou seu tempo, explorando seu corpo com avidez, mas não com pressa. Levando seu mamilo em sua boca, ele sugou a carne tenra, deliciando-se com seus gritos. Jillian ondulou os quadris, enviando calor doce através dele.

Lentamente, tão lentamente dessa vez, ele entrou nela. Jillian envolveu suas longas pernas delgadas sobre seus quadris estreitos, pressionando-o perto. Ele provocou-a com suaves pequenas pressões, até que ela choramingou e bateu nos tensos músculos firmes de suas costas.

– Graham, por favor. – Ela ofegou encorajando.

Seu riso baixo encheu o ar. Moveu mais forte então, batendo os quadris contra ela, sombriamente triunfante pelo modo como ela soluçava e se contorcia debaixo dele. Dele. Completamente sua. Ele a tomou, clamando-a, amando-a com ardente loucura. Ele tinha afastado de seu pai uma filha virginal e ela se tornara uma criatura devassa implorando-lhe prazer, ardente suave.

Ela gritou e se agarrou a ele enquanto o íntimo calor úmido de sua vagina contraía no êxtase. Graham gemeu profundamente

quando jorrou profundamente em seu corpo. Ah, Deus, ela era sua. Parte dela seria sempre.

Ele rolou para o lado, aconchegando-a no peito, sentindo sua pele úmida esfregar uma contra a outra. Isto era ruim, esta luxúria negligente o açoitando. Ele não podia resistir. E se ele não resistisse, ele a teria de novo. E de novo. Amá-la até que ela gritasse, implorasse e chorasse. Até que ela ansiasse por ele como ópio e pensar que nenhum outro seria suficiente. Curvando-se até ele com desejo e ela não poderia abandoná-lo.

Um arrepio passou por ele quando pensou em seu pai. Aquele sorriso meio demoníaco, os olhos frios verdes como pedras brilhantes sem vida. Não o fogo verde como era o de Jillian. Graham resistiu ao arrepio. Ele iria vingar-se, e tudo o mais que se danasse.

Ele não tinha a intenção disso, mas lhe pareceu perfeito. Levando a filha de seu inimigo, clamando o seu corpo e causando gritos suaves retorcidos de sua boca carnuda.

A mulher em seus braços agitou-se, suas tranças sedosas roçando contra seu ombro nu.

*Minha*, pensou ele. *Completamente minha*. Sua mão espalmou sobre sua barriga, acariciando a pele macia. Ele plantara sua semente dentro dela, duas vezes. Talvez ela já estivesse carregando seu filho. Graham sentiu um o feroz brilho de satisfação.

Então, ela levantou a cabeça, olhando-o sonolenta.

- Graham, temos de conversar. Por favor, eu tenho algo a lhe dizer.

Em seu peignoir, Jillian estava reclinada no assento ducal do quarto, apertando bem as mãos. Graham tinha prometido voltar em

breve para falar com ela. Ele estava lá embaixo, buscando um pequeno lanche.

Ele retornou em seu robe de veludo preto, equilibrando um prato pequeno de bolos marrons e uma taça de conhaque cheia de um líquido branco. Jillian ergueu as sobrancelhas em um olhar interrogativo.

– Leite e pão de especiarias. – Explicou ele, sentando-se em uma cadeira perto da lareira crepitante. – Agora, me diga o que está incomodando você.

– Graham, eu quero só a verdade entre nós. – Disse ela com sinceridade. – Eu não quero um bebê. Eu preciso informá-lo que estou tomando ervas para evitar a concepção. Considerando que a minha família não é muito fértil, eu duvido que eu conceba.

Ela esperava uma carranca furiosa. Em vez disso, um olhar pensativo encontrou seus olhos. Graham colocou tanto o prato como o copo sobre uma pequena mesa ao lado da cadeira.

– Está tudo bem. Kenneth tem um filho que ficará sendo meu herdeiro. Eu não preciso de um filho agora.

Imenso alívio encheu-a. *Bom. Porque eu também não posso correr o risco de fazer amor com você novamente. Você vai me fazer perder a vontade de deixá-lo.* – Então eu não preciso dividir sua cama. – Ela se aventurou.

Um lento sorriso entortou a boca. Ele se levantou e arrancou a sua túnica, menosprezando isto. O duque retomou ao seu assento. Nu. Oh, Bom Deus. Um rubor violento cobriu o rosto.

– Assim é melhor. Eu me sinto mais confortável agora. Você estava dizendo, Jillian, que você não deseja compartilhar minha

cama? – O olhar faminto dela acariciou os músculos fortes ondulando sob sua pele quando ele torceu para pegar seu copo novamente.

– Er, não há necessidade. Eu n–não planejo permanecer com você. – Ela gaguejou.

Sobre a borda de sua taça, seu olhar escuro perfurou o dela.

– Você ainda deseja fugir depois de nossos três meses terem passado?

Oh, Deus, isso era muito estranho. Aqui estava ela tendo uma conversa séria com o marido nu, um duque poderoso e influente. Parecendo perfeitamente à vontade, Graham espreguiçava na poltrona estofada. Suas longas pernas, com músculos tensos e salpicados de pelos escuros, estendidas para frente dele sobre uma otomana azul. A bandeja cheia de pão de gengibre repousava ao lado dele na fina mesa embutida. Ele pegou um pequeno quadrado do biscoito escuro, lambeu-o em golpes sensuais lentos.

O centro feminino de Jillian se apertou ao recordar.

Graham bateu o bolo em sua boca. Ele sentou-se perto do fogo crepitante, comer como um paxá mimado na sua tenda de seda. Com seus dedos longos e delgados ofereceu um quadrado pão de gengibre para ela.

Jillian olhou como se ele tivesse oferecido um fruto proibido. Sacudiu a cabeça. O duque arremessou e pegou isto entre os dentes.

Um arrepio delicado a devastou sua memória: os dentes, sempre mordendo seu mamilo tão suavemente...

Ficar aqui era cheio de perigos. Quanto mais tempo ela ficasse, Graham mais a atrainha com seu laço sensual. Um sentido interno avisava para ela não sair, a mágoa viria a seguir.

– Você quer fugir de mim, Jillian? – Repetiu ele. A declaração proferida em tom plano a assustou. Ela sentiu como se ele pudesse ver a parte mais escura dela.

– Ir embora. Não fugir. – Ela corrigiu.

– Você não está fugindo de mim, Jilly. – A maneira carinhosa que ele disse o nome dela num tom suave e sedoso, fez suas pernas fraquejarem. Ele sorveu seu leite como se fosse o melhor conhaque.

– Você está fugindo de si mesma.

– Perdão?

Graham elevou uma sobrancelha escura.

– Não há nenhuma razão para pedir qualquer coisa para mim. Somos marido e mulher agora. Pare com essa formalidade como se você estivesse se dirigindo a realeza.

– Não seja bobo. Normalmente, quando me dirijo à realeza, diante da realeza é costume usar um pouco mais de roupa. Ou devo chamá-lo de sua graça nu?

Sua risada alta e profunda ressoou na sala. Divertida também, ela sorriu. Graham sorveu seu leite. – Você é tão deliciosa. Você já ficou assim em sua casa?

Sua alegria sumiu.

– Não.

Seu olhar baixou para suas mãos, que estavam cerradas com força no colo. Graham pousou seu copo.

– Jilly, não há razão para ter medo. Eu sou seu marido agora. Foi sempre difícil em casa?

A gentileza pura de seu tom quase a desfez. Jillian respirou. Mas ele não conseguia entender.

– Minha vida foi uma educação da típica garota inglesa.

– Eu vejo. Aulas de dança, bordados, como servir um chá perfeitamente delicioso, ser um modelo perfeito de decoro e nessa noite de núpcias perfeitamente terrível, sua mãe diz-lhe para descansar e pensar na Inglaterra.

Assustada, ela torceu um sorriso.

– É tão estranho, você dizendo isso. Parece tão... Inglês.

Sem sorrir, ele a estudou.

– E eu não sou inglês.

– Você é como um terreno proibido exótico, chamando por mim.

– Meus tutores iriam desmaiar em desgraça, se ouvissem você, o que com todas as suas tentativas de me treinarem para o ducado depois do meu regresso do Egito. O que o estraga isto - é o sotaque?

– Não. É apenas o ar distante que permanece em você. – Ela apontou. – A maioria dos duques não bebe leite em uma taça de conhaque.

– Ou sentem-se perfeitamente livres conversando nus com suas esposas. – Disse ele.

Um rubor violento inflamou seu rosto. Jillian se contorceu na cadeira rígida. O cetim rico acariciava seu bumbum nu, lembrando-lhe das mãos de Graham. Ela mudou de tópico.

– Você mencionou tutores. Você frequentou a escola no Egito?

Graham estudou sua taça, agitando o leite.

- A educação que recebi não foi à altura dos padrões ingleses. Eu sempre quis tomar parte de Oxford ou Cambridge, como meus pares do reino. Acho que tenho uma grande sede padrão de educação que eu nunca satisfiz. Sem tempo ou oportunidade.

Sua confissão a tocou.

- Você pode ir para a escola agora.

- Há também muitas outras funções que requerem a minha atenção. Sem tempo. Talvez um dia eu possa. Mas eu discordo. Voltando ao meu pensamento original. Você está determinada a sair, não importa o quê. Mas isto sou eu, ou algo mais?

Por um momento ela queria confessar o seu sonho secreto. Mas será que ele entenderia, ou a condenaria por compartilhar seu desejo para a educação?

- Graham, este casamento foi... Organizado sob as condições mais peculiares. Eu aprecio você ter se sentindo obrigado a se casar comigo. Mas você realmente deseja permanecer sendo meu marido?

Suas duas sobrancelhas escuras se juntaram.

- Por que você pergunta isso?

Os lábios tremiam.

- Você vai se aborrecer comigo e terá uma amante. Muitos maridos fazem isso nos casamentos. Isso acontece. Eu não sou uma tola, nem ignoro o fato.

Ele estudou-a atentamente. Ela tentou não deixar que seus olhos ficassem a deriva a olhar fascinada para a pele suave e quente dos seus braços, para o lado ninho escuro de cabelo no peito, mais abaixo para os músculos ondulando em seu estômago plano para o seu... Sua respiração prendeu na garganta. Bom Deus, ele estava -.

Graham alcançou o seu olhar. Um sorriso tocou seus lábios sensuais.

– Apesar de termos acabado de fazer amor, eu já te desejo. Eu não me cansarei de você, *Habiba*.

Ela aproveitou o momento.

– O que *Habiba* quer dizer?

– É árabe para amada. Um carinho. Mas você não respondeu minha pergunta. É de mim que você deseja fugir?

Seu olhar escuro exigia a verdade. Jillian esfregou os olhos com a palma da sua mão. Ela sacudiu a cabeça.

– Você está segura comigo aqui. – Ele disse suavemente.

Em nenhum lugar estou a salvo do alcance do seu pai, exceto na América, ela pensou.

– Você não pode fugir daquilo que você realmente é.

As palavras despertaram memórias antigas. Jillian sentiu-se profundamente perturbada e não sabia por quê. Eu posso tentar. – Ela sussurrou.

Graham deixou abruptamente seu assento e caminhou até ela. Calor cercava-a na forma de seus braços fortes.

– Jilly, não fuja de mim. – Ele murmurou. – Não vá.

Ele agarrou o rosto dela em suas mãos quentes e levantou-o. Seus lábios tocaram dela.

Ele tinha um sabor leve de gengibre. Ela fechou os olhos e deu para os golpes sensuais de sua língua. Exigindo mais, acariciando cada sutil movimento de seda persuadindo uma resposta. Jillian se

rendeu e entrou na dança, chupando sua língua com tal terror que era como se ela estivesse se afogando e só ele pudesse resgatá-la.

Ou prendê-la em seu abraço sensual.

Ela se afastou, tremendo violentamente.

– Jillian. – Disse ele calmamente. – Olhe para mim.

Ela assentiu. Ele virou para encará-la.

– Por que você está com tanto medo de mim?– Perguntou ele em sua mais macia voz.

– Eu não estou. – Ela conseguiu dizer.

Ela não tinha medo de seu marido, ela temia o que ele podia fazê-la sentir. *Você poderia fazer eu me apaixonar por você e me prender aqui.*

A manhã raiou, invadindo o grande quarto um amanhecer fantasmagórico, cinzento. Graham saiu de sua cama, olhando para sua mulher adormecida. Passar a noite toda em seus braços tinha afugentado seus pesadelos. Vestiu-se, pressionou um beijo na testa dela e desceu.

Madrugar era um hábito aprendido com anos de orações do amanhecer com al-Hajid. Ele não poderia quebrá-lo agora.

Para sua surpresa, Kenneth sentou-se num silêncio sombrio na sala de jantar. Seu irmão a estudou-o.

– Eu não achei que você acordaria tão cedo.

Ele encolheu os ombros.

– Velhos hábitos.

Graham afundou em uma cadeira, observando Kenneth. Algo estava incomodando seu irmão, que não enfrentava seu olhar. Em vez disso, ele tamborilou os dedos sobre a mesa.

- Na verdade, eu estava esperando para alcançá-lo antes de todo mundo acordar. Eu descobri algo. Eu não queria arruinar seu casamento, mas é hora de você saber. Fiz uma visita ao nosso contador na semana passada, e ele finalmente me deu a declaração completa de nossas finanças que lhe pedi para calcular. As perdas que tivemos da estrada de ferro B & O, e outros... A notícia não é boa.

Kenneth deslizou um papel sobre a mesa para ele. Graham lentamente leu-o, uma sensação de mal estar se reuniu no estômago. Ele empurrou-a de lado, seu olhar encontrando o olhar preocupado de seu irmão.

- Mas isso significa que estamos...

- Quase falidos. - Kenneth terminou. - Todos os nossos investimentos falharam. Estamos à beira da ruína financeira.

## *CAPÍTULO 12*

Graham encarou Kenneth, sentindo-se doente.

Como isso pôde acontecer? Ele devia ter dinheiro. A propriedade Yorkshire mal precisava de reparos. Ele tinha um pequeno batalhão de inquilinos lavradores que não tinham trabalhado mal na última safra. Para compensar, ele havia planejado criar árabes, usando Prometheus para cruzar com éguas novas que ele havia comprado da tribo Khamsin.

E, claro, o seu plano para arruinar Stranton necessitaria de fundos. Por um pequeno momento ele quis correr de volta para a areia áspera do Egito, para ser Rashid, o guerreiro beduíno que impiedosamente cortava inimigos com uma espada. Mas esta era a Inglaterra. As únicas armas que importavam eram o dinheiro e o poder. E sem dinheiro, ele não tinha poder real.

– Podemos sempre escavar um tesouro. – Kenneth brincou. A preocupação ensombrou seus olhos.

Graham agarrou a esperança que fugia com ambas as mãos.

– Há algo que eu tenho mantido em silêncio. Algo que eu encontrei quando eu era um menino no Egito. Se eu achar, nossas perdas vão parecer minúsculas.

Interesse ardeu no olhar esperançoso de Kenneth.

– O que é isso?

– Uma fortuna além de nossos sonhos. Enterrado dentro de uma tumba egípcia.

Seu irmão se inclinou para frente.

– Vá em frente.

– Lembra-se do Pai contando o conto do caixão mágico de Khufu<sup>10</sup> desejado? Quando Kenneth assentiu, ele continuou. – Al-Hajid me obrigou a cavar para o Almha, o disco de ouro sagrado de seus inimigos, os Khamsin. Durante uma escavação, eu encontrei um mapa em papiro antigo, rasgado em dois. Lembrei-me dos hieróglifos que Pai me ensinou, e discerni que conta sobre o tesouro perdido do faraó Khufu.

Os olhos azuis de Kenneth arregalaram-se com entusiasmo inconfundível. Um pequeno sorriso tocou a boca de Graham. Seu pai havia repassado o conto para os meninos, preenchendo suas mentes com sonhos de um grande tesouro enterrado deitado no deserto ocidental do Egito.

– A primeira metade do mapa revela onde está a chave que abrirá a tumba contendo o caixão. A chave está escondida dentro da Grande Pirâmide. Está me... Faltando a segunda metade do papiro que mostrava a localização da tumba no deserto ocidental.

– E agora, a metade que falta do mapa... – Kenneth estimulou.

– Está com al-Hamra. Pedi a Jillian para fazer uma cópia.

Kenneth deu-lhe um olhar cauteloso.

– Então o conde poderia se quisesse encontrar o tesouro também.

– Ele não tem a chave e não tem como encontrá-lo.

---

<sup>10</sup> *Khufu*, em egípcio antigo, ou *Quéops* em grego, foi um faraó do Antigo Império do Egito Antigo. Ele reinou por volta de 2551 a.C. a 2528 a.C. Foi o segundo faraó da Quarta Dinastia. Khufu foi filho do faraó Snefru e, ao contrário de seu pai, foi lembrado como sendo cruel e sem piedade.

O irmão de Graham se inclinou para trás, batendo os dedos contra o tampo da mesa polida.

– É uma chance remota. Mas talvez valha a pena. Você poderia ir para o Egito e levar sua noiva. Fazer disto uma espécie de lua de mel.

Graham encarou.

– O quê? – Kenneth perguntou impaciente.

– Nós vamos encontrar outra maneira. – Disse ele rigidamente.

– Eu não irei para o Egito, e eu certamente não levarei minha esposa.

– Graham...

– Levar a minha linda noiva para as areias do deserto, minha ruiva...

Um olhar culpado atravessou o rosto de Kenneth.

– O pesadelo. – Ele disse suavemente. – Sinto muito, Graham. Eu esqueci. Você está certo, nós vamos encontrar outra maneira. O tesouro de Khufu é um mito, de qualquer maneira.

– O que é o tesouro de Khufu?

Os dois homens viraram para ver Jillian, que estava parada na porta.

– Olá amor. – Graham disse alegremente, dando Kenneth um olhar de advertência. – Venha, sente-se. Os serviçais trarão o café da manhã em breve.

Ela tinha acordado numa cama vazia, sentindo falta do calor de seu marido. Ela tinha a sensação mesquinha que nem tudo estava muito bem nesta casa. – E ela sentiu que Graham escondia segredos, viu estes envoltos em seus olhos escuros, quando eles fizeram amor.

Sentada ao lado de Graham, ela deu-lhe um olhar indagador.

– Quem era Khufu?

Os dois irmãos trocaram olhares. Graham desenhou uma linha sobre a mesa polida com o dedo.

– Ele é o faraó sobre o mapa que lhe pedi para copiar.

O coração de Jillian gelou.

– Graham, eu quis fazer. Eu não pude fazer a cópia. Eu estava sendo vigiada bastante. – A expressão de seu marido retesou-se, e ela continuou – Eu posso tentar de novo, agora que estou casada e tenho mais liberdade.

– Tentativa difícil –, ele disse suavemente. – Mas precisamos dele, Jilly.

Ele parecia um pouco desesperado, como se não fosse um mapa que ele procurasse, mas algo mais significativo, como um desejo do seu coração.

– Conte-me sobre a história que estavam discutindo. – Disse ela.

O duque assentiu.

– Muito bem. Khufu é o faraó para quem a Grande Pirâmide foi construída. Seus filhos gostavam de se divertir com histórias de seu pai. Alguém falou de um poderoso mago que desejava vingança contra o amante de sua esposa. Ele criou um crocodilo de cera pequeno, e fez seu servo atirá-lo no lago onde o amante banhava. O crocodilo criou vida e engoliu o jovem.

Graham continuou, a sua rica e profunda voz emprestava drama ao conto. Ela ouvia encantada.

– Enquanto jantava com o Faraó Nebka, o mago chamou diante o crocodilo, e abriu a boca deste, cuspido o amante da esposa, totalmente ileso. O mago ordenou que o réptil levasse o rapaz, e ambos, o homem e o animal, desapareceram da vista.

– A lenda diz que o faraó Khufu estava tão intrigado com o conto que recompensou seu filho com uma caixa mágica de desejo com poderes para transformar sonhos em realidade. Dentro desta caixa, ele colocou um crocodilo de ouro com uma pequena esmeralda do tamanho de um ovo em sua mandíbula bocejante, como homenagem a Sobek, o deus crocodilo, – Kenneth acrescentou.

– No entanto. – Graham continuou. – O inteligente faraó disse a seu filho que ele receberia o único tesouro depois de sua morte, se ele pudesse encontrá-lo. Khufu enterrou o tesouro no deserto ocidental, mas criou um mapa com pistas para encontrá-lo. Mas, primeiro, alguém precisava encontrar a chave para destravar o esconderijo, e a chave estava escondida no túmulo de Khufu.

Jillian focou em Graham.

– E o mapa para encontrar este caixão que deseja inestimavelmente... É o papiro que você precisa?

Um estranho olhar entrou em seus olhos.

– Sim. E quem achar o caixão terá tudo que desejar. Não é meramente um tesouro inestimável. O nosso pai disse que tinha a capacidade de conceder desejos, mesmo aqueles sonhos que parecem desesperadamente fora de alcance. – Então, ele deu de ombros elegantemente. – É um mito. Pode estar lá. Ou não.

– Eu vou fazer o que eu puder para traçar o mapa. – Prometeu.

– Faça isto, Jilly. O mais rapidamente possível. Precisamos desse mapa. Eu preciso desse caixão.

Por um momento, o desespero atravessou seu rosto bonito. Então a expressão vazia usual caiu sobre ele. Ela assistiu Graham servir-se a partir das bandejas de ovos cozinhados que os servos começaram a trazer. Por que seu marido estava tão determinado a buscar esse tesouro? Será que ele realmente acreditava em seus poderes mágicos?

E se o encontrasse isto finalmente dissiparia o olhar assombrado que rondava seus olhos escuros?

## *CAPÍTULO 13*

Nas semanas seguintes, Jillian tinha se envolvido em uma rotina agradável. Durante o dia ela andava no parque, sentava-se por horas na vasta biblioteca de seu marido, devorando sua grande coleção. Jillian ficava maravilhada com seus gostos, sempre tendo o cuidado de sair antes de Graham chegar em casa e pegá-la lendo. Ela havia aprendido essa lição de seu pai, que desdenhava sua sede de conhecimento.

Às vezes, ela se sentava na sala, fazendo bordados como uma esposa obediente enquanto Badra discutia livros e amamentava seu filho. No início, se sentindo envergonhada Jillian ficou chocada com hábito de sua cunhada de alimentar Michael na frente dela. Mas depois de um tempo ela percebeu que a viscondessa era muito mais discreta em torno de outros. E quando elas se conheceram melhor, Jillian percebeu que Badra pensava nela como uma irmã que compartilhava intimidades. Ela estava profundamente tocada com a confiança que a mulher tinha concedido a ela.

Confiança e proximidade emocional, coisas com os quais o duque não estava de acordo. Graham frequentemente desaparecia por longos períodos durante o dia, e quando ela uma vez perguntou timidamente onde ele fora e ele respondeu secamente:

- Não é assunto seu. - Magoada, ela se retirou, e não perguntou novamente.

Parecia que a intimidade só iria ser partilhada na cama a cada noite. Lá, ele fazia amor com grande paixão. Ainda assim, quando ela se agarrava a ele, buscando seus olhos, ele parecia distante, como se ele compartilhasse apenas o seu corpo e retivesse o resto para si mesmo.

Jillian encontrou-se na posição peculiar de ficar mais perto de seus cunhados que do marido. Reticente no início, mesmo Kenneth tornara-se amigo. Ele se juntou a ela na biblioteca, explicando que ele só aprendera a ler inglês no ano passado. Ele falou do crescimento entre os Khamsin, a tribo guerreira egípcia que o criou, e como ele tinha se apaixonado por Badra. A família de Graham compartilhava abertamente. Graham não.

Jillian tentou durante o jantar envolver seu marido na conversa. Ela se atreveu até mesmo comentar quando Graham e Kenneth discutiam investimentos. Mas quando o olhar penetrante de Graham cruzou com o dela, ela se calou e focou em comer sua comida. Ela não queria ver o eco da condenação de seu pai no rosto do marido.

Hoje, ela realmente se sentira necessária. A governanta de Jasmine estava doente, e Jillian se ofereceu para dar lições. Na animada sala de aula, o par patinou através da leitura e somas, e depois Jillian decidiu carregar a mente da menina afiada com o seu amor pela economia. Jasmine estava sentada à sua pequena mesa escolar de madeira, ouvindo com muita atenção.

– A Inglaterra vem sofrendo uma depressão econômica desde 1873. A culpa é, em parte, da Revolução Industrial. Nós não somos mais um país imperialista na liderança do comércio internacional. Por exemplo, olhe para a produção de aço. Todas as embarcações à vela nova são construídas com isto. América produz muito mais barato. E o que significa quando você pode produzir um produto mais barato? Jillian perguntou a jovem aluna.

– Você pode vender por menos?

– Exatamente, e ainda fazer lucro. É chamado de oferta e procura. Os compradores querem cortar custos, eles vão comprá-lo da fonte mais barata. E se há tantos navios a serem construídos, e

todos eles querem seu aço da América e não da Inglaterra, então isso significa.

– Que nosso navio está afundando. – Exclamou Graham.

O frio pavor rastejou sobre ela ao som daquela voz profunda, esfumada. Jillian cautelosamente se virou. Seu marido descansava na porta, braços cruzados sobre o peito largo. Ele estudou-a atentamente. Sentindo-se tão culpada quanto uma criança pega roubando um biscoito, ela saltou para os pés, derrubando sua cadeira.

O duque entrou na sala, endireitou a cadeira. Um rubor violento inflamou o rosto dela.

– Sinto muito. A Senhorita Hunter está doente hoje e eu... Eu... Jasmine pense... Quer dizer, a economia é... E...

Ela mordeu a língua. Será que o duque, sorriria como Bernard fazia, ou a puniria como o pai? Certamente ele poderia estar desaprovando seu interesse.

– Você acha que a Inglaterra já não lidera o mundo no crescimento industrial, Jillian? – Perguntou ele.

Sem palavras, ela olhou. O interesse enchia seus olhos. O coração disparou, Jillian esperou, mas ele apoiou um quadril contra a mesa escolar numa respiração hesitante, ela explicou.

– A produção em massa reduziu custos e ampliou a produtividade, mas a demanda na Inglaterra simplesmente não é suficiente para que as nossas fábricas produzam. E os nossos mercados de exportação no exterior estão encolhendo, graças à competição da América.

– Mas os Estados Unidos tem sofrido também. Olhe para a depressão de 1883. – Ele respondeu.

Mais energética, ela assentiu.

– É verdade, mas a América pode provavelmente se recuperar mais facilmente do que a Inglaterra devido ao seu preço competitivo e recursos naturais. Como uma nação industrial, estamos atrasados. É a lei da oferta e da procura.

O olhar do duque piscou para sua sobrinha.

– Jasmine, não é hora de sua cavalgada da tarde? Charles está esperando por você.

A menina olhou para Jillian a procura de afirmação. Jillian assentiu e Jasmine correu para fora. O duque endireitou sua poderosa estrutura e caminhou em sua direção.

*Oh não, aqui vem isto, a palestra e a condenação, a repreensão.* Ela não conseguiria suportar. Jillian mordeu o lábio.

Assim, esperando as críticas, ela começou a tremer quando sua mão grande e quente envolveu seu rosto. Jillian tremia quando ele acariciou uma linha ao longo de sua mandíbula.

– Minha esposa, uma economista brilhante. Estou fascinado. Com quem você estudou?

Jillian olhou. Ele não mostrou sinais de escárnio.

– Marshall. *Os Princípios da Economia* é um livro que meu pai comprou para sua biblioteca. Ele raramente o lê.

– É claro que você fez. – Ele murmurou. – Por que você parece tão assustada? Eu não sou um animal. Você não percebeu quando levou o assunto ao jantar que eu estava interessado?

– Eu pensei que... A opinião da mulher sobre tais coisas, não importava para os homens.

Certamente isto nunca tinha importado para seu pai. Seu pai, que interrompeu sua mãe quando ela se atrevia a falar. Seu pai, que sempre criticou a mãe até que a mãe ficou em silêncio e sem dar a mais sua opinião.

Ele deu um grunhido de escárnio.

- Alguns homens, talvez. Não eu. Eu não sou bem educado sobre os investimentos e economia. Talvez você cuide de esclarecer-me.

Seu marido sentou-se sobre a mesa e acenou para ela se sentar. Encorajada pelo interesse brilhando em seus olhos, hesitante Jillian começou a falar. Ele perguntou, apontou, perguntas inteligentes. Ele persuadiu suas respostas, argumentou vários pontos. Ela se viu encantada, e ficou surpresa ao ver no relógio de ouro preso em sua blusa indicar que mais de uma hora tinha se passado. Ela se levantou e começou a juntar às pressas os papéis e organizá-los sobre a mesa de carvalho.

Graham deu-lhe um olhar pensativo.

- Você é uma excelente professora. Você já considerou aprimorar sua educação?

Jillian mordeu o lábio. Ela olhou para sua expressão amável. Será que ela ousaria confiar nele? Ela não tinha nada a perder agora. Suas mãos tremiam quando ela alisou os papéis.

- O desejo do meu coração é ir à faculdade. Eu tinha posto minha mira em Radcliffe College nos Estados Unidos. - Ousou levantar o olhar, ela viu a compreensão em seu rosto.

- Ah, é por isso que você estava fugindo. Seu pai não iria enviá-la para a escola.

Riso amargo subiu em sua garganta.

- Ele enviou-me para terminar a escola para aprender a servir o chá. Ele me repreendeu para expressar minhas opiniões e teorias. Ele disse que sou uma mulher fraca que tagarela sobre as coisas que ela não entende. A escola na América pareceu à única opção.

Sua mão quente descansava sobre a dela. Ela olhou para os elegantes dedos, longos pressionados contra sua pele.

- Você não é tagarela. Acho você imensamente envolvente e fascinante. Porque você não pode acreditar em mim? - Ele perguntou em voz baixa.

- Os homens de classe não esperam discussões intelectuais com suas esposas. Eles esperam compartilharem seus corpos, não suas mentes. - Jillian não poderia evitar o cinismo modulando sua voz.

- Acho que homens e mulheres podem compartilhar os dois. - Ele respondeu.

- Você acha? - Seu coração bateu violentamente ante o olhar atento que ele lhe deu, a luz sensual naqueles olhos escuros.

- Tome a sua discussão de ouro, por exemplo. - Ele murmurou. - O ouro, que é como a cor de seu cabelo quando o sol ilumina-o. Você prevê que o ouro será o patrocinador da moeda corrente na América. - Ele arrancou os pinos que estava segurando seus cabelos. Eles caíram livres em ondas suaves, abaixo dos seios, um dos quais o duque alisou, o calor ardendo em seu olhar.

- O poder de compra do ouro continua a subir. - Ela gaguejou o seu olhar fixo no volume igualmente fascinante de sua calça de seda.

- Eu duvido que vá esvaziar em um futuro próximo.

Desejo escureceu seu olhar para preto. Graham suavemente puxou-a até o chão polido com ele. Ele apertou sua nuca, puxando-a para ele.

- O ouro é muito mais estável e confiável, e tal... - Ela choramingou quando ele mordeu levemente o pescoço, então mudou isto para um afago suave com sua língua. Ele empurrou-a de costa contra o piso duro. Suas mãos - Oh Bom Deus, suas mãos estavam sob suas saias simples... Aqui estava ela, em uma sala de aula, balbuciando sobre os padrões de ouro, enquanto seu marido estava empurrando a saia para cima. Sua mão deslizou ao longo do interior de sua coxa, provocando e removendo o topo das meias. Seus olhos sonolentos capturaram o dela enquanto ele desabotoou sua blusa branca, abrindo esta para revelar as metades superiores dos seios levantados por seu espartilho.

- Você sabe o quanto eu adoro quando você fala assim? - Perguntou ele.

- C-como o quê?- Oh Deus, ele estava correndo o dedo ao longo da borda de seu peito. Ela ficou tensa com a terna antecipação.

- Como a mulher inteligente que você é. Isto me emociona. - Soprou contra seu ouvido, mordiscando o lóbulo.

- Eu não sabia que você encontrava a economia tão... Estimulante.

Graham fez uma pausa e pegou no seu queixo. Ela se dissolveu ante seu olhar terno.

- É você, Jilly, que eu acho estimulante. Sua mente brilhante, sua sagacidade inteligente... Sua paixão.

Ele se abaixou e soltou seu espartilho, em seguida, um peito saltou livre. Jillian respirou, sentindo sua pele corar.

Com uma lenta, e deliberada lambida, sua língua aveludada e sua áspera barba contornou seu mamilo. Graham girou em volta do pico rígido, no qual sua boca se fechou. Ele sugou profundamente.

Jillian arqueou ofegante de calor, tremendo engolindo-a com cada puxão insistente de sua boca. Graham soltou seu mamilo e recostou-se, um lento, conhecido sorriso provocante em sua boca. A boca úmida, avermelhada e quente. Oh, ela precisava da sua boca, precisava disto sobre ela, agora. Jillian estendeu a mão e enrolando as mãos no seu pescoço, arrastou-o ao seu encontro.

Ele beijou seus lábios, acariciou o interior de sua boca, saboreando e persuadindo sua resposta. Graham então se afastou seus olhos escuros intensos.

– Conte-me mais sobre a teoria de Marshall. – Ele exigiu.

Falar? Em meio a esse prazer irracional?

– Ah, hum, bem... Sr. Marshall expressa a lógica de que o homem tende a evoluir para um meio mais sofisticado sendo que até mesmo suas paixões animais precisam de associação com uma estimulação mental...

– Paixões animais. – Graham respirava. Ele fez um barulho áspero, rosnando no fundo de sua garganta enquanto ele dava vários beijos minúsculos sobre a clavícula, ao longo da borda de sua garganta.

– Hum, oh... Oh... Mesmo quando ele tem os meios para adquirir alimentos mais caros e bebida, ele ainda tem um apetite limitado, porque a natureza lhe restringe. Oh, Deus. – Ela gemeu quando a boca se fechou em seu mamilo. Com golpes longos, lentos, ele moveu rápido sua língua sobre o bico endurecido.

Graham levantou a cabeça, seu olhar queimando dentro dela.

– E?– Ele exigiu.

– Graham, por favor, é uma merda da economia sangrenta. – Ela implorou. Ela precisava dele dentro dela, agora.

Riso profundo retumbou em seu peito. Graham desamarrou suas calças. Ele se inclinou sobre ela, seu olhar escuro, ele se estabeleceu entre suas coxas e subiu nela. Ela sentiu a dura espessura empurrando a sua entrada molhada, e com um golpe poderoso, ele entrou nela. Seu traseiro derrapou ao longo do assoalho de carvalho polido, ele pegou seus quadris e segurou-a firmemente enquanto ele movia-se para frente e para trás, penetrando profundamente.

Jillian mordeu de volta um grito minúsculo enquanto agarrou suas lapelas, sentindo como se afogasse em prazer. Redendo-se, ela arqueou e abafou seu grito de libertação contra a seda preta do casaco. Seu corpo ficou tenso e convulsionado, fundido como fogo derretido. Graham acima dela enrijeceu e seu queixo tensionou quando ele cerrou os dentes, mordendo um grito áspero enquanto violentamente estremeceu.

Liberando uma respiração irregular, ele olhou para ela.

– Será que você tirou proveito de sua lição?– Perguntou ele.

Jillian conseguiu encontrar sua voz vacilante.

– E... E que lição foi essa?

– Isso, *Habiba*, foi uma lição de oferta e procura. Desde que eu pretendo ser um marido muito exigente, eu vou fornecer-lhe tanto prazer quanto você pode possivelmente estar afim, um acordo comercial benéfico para ambas as partes envolvidas.

–Mas a que preço?– Ela segurou seu olhar, sentindo-o ainda duro dentro dela.

Graham deixou cair um leve beijo em sua testa suada.

- Qualquer ao preço que você deseja. Que tal cursar a faculdade aqui em Inglaterra? Gostaria disso?

O coração de Jillian deu um saltou.

- É verdade? Mas o dinheiro...

- Dane-se o dinheiro. Vamos encontrar um caminho. Se frequentar a escola é o desejo do seu coração, Jilly, então eu quero cumpri-lo. - Ele acariciou sua bochecha. - Em um prato de ouro, se eu pudesse.

Ela conseguiu dar um sorriso.

- Prata. Não podemos permitir ouro.

Ele riu.

- Se eu te encontrar uma escola para frequentar, Jilly, você ficará comigo?

Assombrosa solidão cintilou em seus olhos. Pensou em tudo o que ele devia ter perdido quando uma criança, e seu coração se revirou. Mas ela precisava mais dele. Ela jurou nunca ter o casamento de seus pais: apenas duas pessoas dividindo um espaço e não o outro.

- Se eu ficar, Graham, as coisas devem mudar. - Disse ela lentamente.

Ele pairava sobre ela. O corpo poderoso do duque a mantinha impotente presa ao chão. Seu corpo, leve feminino foi invadido, mantido em clara desvantagem. Mas ela seguiu em frente e sabia o que ela tinha que falar agora, enquanto ela tinha toda a sua atenção.

– Eu não posso ter um casamento em que meu marido se fecha para mim. Você desaparece por horas e não me diz onde você foi. Você constrói um muro de pedra em torno de si e ninguém é permitido entrar. Você disse que os homens e mulheres podem compartilhar seus corpos e suas mentes. Partilhe comigo, Graham. Tudo.

Seu olhar ficou frio. Sentiu-o abruptamente retirar-se dela, tanto física como emocionalmente. Ele parou, ajustando-se, escovando sua calça de seda, como se a sua roupa nada significasse. Como se suas palavras nada tivesse significado.

Na porta, ele parou, de costas para ela, sua voz sem emoção.

– Vou instruir o meu secretário para começar a busca por uma universidade que vai admitir você. Pense nisso, Jillian. Posso dar-lhe o desejo de seu coração – Se você não me deixar.

*Mas você me dará seu coração, Graham,* ela pediu silenciosa. Como posso permanecer se você insistir em me deixar de fora?

Deixou-a deitada no chão, suas saias até a cintura, sua semente compartilhada entre ela suas coxas úmidas, trêmulas.

Com precisão meticulosa, Graham estava pondo seu plano em ação. Ele guardava tudo escondido de Jillian. À maré de sorte de sua família acabara; ele tinha vendido uma das quatro éguas árabes que ele comprara dos Khamsin. Ele ofereceu metade do dinheiro para o sheik Khamsin como pagamento parcial sobre as éguas adquiridas a partir deles, mas Jabari tinha escrito para trás, recusando o pagamento. Em vez disso, ele solicitou uma pequena porcentagem de dinheiro ganho de ações.

– Taxas de seu garanhão, meu amigo, não seu. – Jabari havia escrito. – Falando da criação, parabéns pelo seu casamento. Considere as éguas um presente de casamento.

Graham suspirou enquanto lia mais suave do sheik, texto fluindo inglês. Seus problemas financeiros foram temporariamente resolvidos.

Sob menos pressão agora, ele havia passado as tardes com o pai de Jillian, no seu clube de construção, permitindo-se, apesar de sua terrível situação financeira, a perder no jogo de cartas. Convencendo o conde que tinha tomado a sua causa.

Apenas buscando uma forma de desviá-lo de seu zeloso caminho à sua própria ruína. Graham enviou o seu secretário para perguntar sobre faculdades que Jillian poderia comparecer. Ele fez isso com uma pontada de culpa, sabendo que Jillian queria dele o que ele não poderia oferecer. Si mesmo. Compartilhar o interior a terrível escuridão? Ele não poderia fazê-lo. Nunca mais ele iria se permitir ser vulnerável.

Causando a ruína de Stranton ele tomou sua precedência. Graham enviou o seu criado de confiança, Charles, a um dos piores viveiros de Londres. O servo retornou finalmente à sombriamente informá-lo que ele tinha encontrado o tipo de garoto que Graham necessitaria.

Na tarde seguinte, Graham vestido com roupas limpas, mas modesto. Ele estudou seu reflexo para ver se estava com cara de um homem que trabalha. Ele deveria se misturar ao ambiente, como a pantera que estava camuflada para a caça.

A colônia de St. Giles aninhado no coração de Londres como uma ferida inflamada. O duque e seu criado caminharam pelas ruas estreitas com cautela, olhos abertos à pesquisa. Dobrada no bolso abaulado do casaco o duque tinha uma bolsa para a certeza de atrair sua presa. O nariz de Graham amassado no cheiro de gim velho, vômito, urina e suor permeando as ruas.

Este rio repleto de miséria humana, repleta de criminalidade e pobreza, refrigerada em seu sangue. A massa de pessoas se contorcendo lembrou-lhe de um ninho de escorpiões negros que ele tropeçou em uma caverna no Egito. Tão feio, e letal em sua picada.

Com o olhar treinado para o perigo, ele vasculhava as ruas enquanto caminhava. Não demorou muito. Graham sentiu um menor puxão em seu bolso. Como gato ele girou, capturando sua presa pelo pulso do rapaz, uma altura com trapos para sapatos, vestido com um casaco razoavelmente bom que era muito provável roubado.

– Me solta, protestou o garoto, se contorcendo para se libertar.

Mais velhos. Talvez treze. Nenhum com a inocência infantil que ele precisava. Graham apertou o pulso em alerta e jogou-lhe uma moeda.

– Aqui, vá comprar um par de sapatos, disse ele rispidamente.

O menino arrancou, desaparecendo no meio da multidão.

Eles continuaram andando. Graham olhando o terreno, ignorando as casas em ruínas com suas janelas quebradas e remendadas com papel amarelado, as meninas com os pés descalços com rostos endurecidos. Eles passaram por um homem em um casaco marrom rasgado pressionando uma mulher contra a parede. As pernas da mulher se enrolaram na sua cintura quando ele grunhiu e empurrou para dentro dela. Ela olhou para o ar com o olhar apático de um usuário de ópio.

Graham obrigou-se a continuar caminhando. Em breve, outro puxão no casaco. Ele girou, pegou o pulso do ladrão.

– Hey!– O diabrete protestou.

O menino vestido com um trapo imundo tinha o rosto de um anjo com fome.

Suas bochechas sujas estavam escavadas, com os olhos desafiadores, mas com medo. O duque ficou a estudá-lo. Cerca de oito anos de idade, ele tinha uma beleza sobrenatural com que o cabelo preto desgrenhado e sujo e olhos grandes e escuros. Se o limpasse ele apresentaria um pacote tentador.

Auto-aversão retorceu suas vísceras, mas Graham soltou um suspiro. Nada aconteceria, ele prometeu a si mesmo. Ele pegaria o conde antes de qualquer dano físico real ser feito.

E os danos psicológicos?

O menino vivia nas ruas. Apesar de sua aparência de inocência, Graham sabia que ele tinha visto e feito muita coisa feia, também, o mais provável. Na idade de oito anos, ele já era um veterano cansado da guerra para reivindicar comida e um lugar quente para a noite.

Por sua vez, Graham iria arranjar para tê-lo trazido com sua família como seu inquilino no campo. Se alguém pudesse conter tal selvagem, indomado menino. Ele não iria correr. Mas talvez a promessa de segurança, calor e alimentos seriam atrelados a ele, assim como isto tinha finalmente atrelado Graham quando tinha a idade do menino.

O duque tomou uma respiração irregular e acenou para Charles. O nome do menino era Jeremy, em seguida, Charles fez a oferta. Os grandes olhos escuros de Jeremy se arregalaram com suspeita e, em seguida, admiraram as duas moedas que Graham estendeu.

– Você entende o que estou requerendo?– Graham perguntou.

O ladrão estendeu a palma da mão suja.

– Os primeiros meninos, *guvna*<sup>11</sup> Graham sorriu. Criança inteligente. Ele entregou a Jeremy dois xelins brilhantes. A criança freou e olhou.

– Há mais, se você terminar o trabalho. Muito mais. E uma casa com uma cama de sua preferência, todos os alimentos que você poderia querer.

– Uma casa real? Então, o olhar do menino se estreitou. – Para que?

Um nó na garganta de Graham subiu. Viu-se, oito anos de idade, devidamente renunciou para não escapar da al-Hajid, ofereceu tudo o que ele queria. Como o animal feroz que ele estava, ele não queria confiar na bondade oferecida de mão estendida. Como domesticar um animal selvagem, Faisal tinha persuadido ele, pouco a pouco. Uma refeição quente, palavras amáveis, um lugar de segurança. No final, Graham tinha comido fora da mão.

Claro, ele tinha encontrado uma família para substituir aquela que tinha perdido, um lugar onde ele finalmente se sentiu seguro, ele lembrou a si mesmo. Então, engolindo o passado a espessura em sua garganta, ele disse:

– Porque, Jeremy, você me lembra alguém que eu já conheci.

Era quase demasiado fácil.

Depois de muitas conversas com o conde sobre seu projeto de lei havia formado uma camaradagem entre eles. Graham informou a Stranton que tinha encontrado um menino perfeito jovem a reforma, uma vítima exata do sexo.

O conde não sabia que Graham também tinha discretamente reunido com oito membros estimados da Câmara dos Lordes.

---

<sup>11</sup> Uma velha saudação inglesa para alguém da alta sociedade e status político.

Senhor Harold Bailey fez vigilante campanha para fechar antros de Londres por causa do ópio.

– Salas da iniquidade –, o par tinha zurrado.

Graham tinha informado ao Senhor Bailey que sabia de um cidadão de destaque que frequentava os antros. Ele então sugeriu uma batida policial para capturá-lo, para fazer um exemplo público para fechar as covas. Os senhores podem observar a prisão e que gostaria de convidar jornalistas para registrar o evento. Eles iriam tornar de conhecimento público que esses ataques se tornariam mais frequentes.

– Vou tomar todas as providências. – Graham tinha proposto. Bailey pensou que seria uma excelente ideia.

Bailey não sabia que Graham tinha planejado uma batida policial em um antro de ópio, mas sim a exposição pública do vice Stranton. Graham em seguida escreveu uma carta ao Lord Stranton.

– Eu tenho o candidato perfeito, um jovem rapaz, para que você possa reformar. Mas você deve ir ter com ele. Ele está com muito medo de se aventurar em Mayfair.

Ele enviou uma nota com instruções, e uma vez organizado reivindicou ao jovem Jeremy se ele estava disposto a fazer qualquer coisa por dinheiro. Graham prometeu ao conde.

A armadilha seria em St. Giles num edifício imundo com cheiro de urina velha e sexo. Dentro da sala, escondido por uma agência de grande porte, Graham se agachou e esperou. No quarto ao lado, oito membros estimados da Câmara dos Lordes, um bando de policiais e dois jornalistas esperaram por seu sinal para dentro da tempestade. O duque assistiu Jeremy sentar em um colchão flácido, parecer vulnerável e um pouco assustado.

Ganância encheu o rosto de Stranton quando ele entrou sozinho na sala. Jeremy olhou desesperado, desesperado como Graham tinha sido.

A próxima palavra de Stranton não surpreendeu o duque.

– O que você quer? – O conde perguntou ríspidamente.

Um apelo singular de urgência atado a voz do garoto.

– Por favor, guvna, eu não tenho mais ninguém. Preciso de cinco xelins.

Stranton lambeu os lábios grossos. Saliva os fez brilhantes.

– Por que eu deveria ajudá-lo?

– Eu faço o que quiser. Qualquer coisa.

– Remova as suas calças. – Disse ele com voz rouca.

Jeremy levantou-se e soltou sua patética calça surrada. Difícil luxúria brilhava nos olhos verdes de Stranton. Ele se atrapalhou com a cúpula de tendas de sua própria calça de lã preta.

Graham estremeceu, lembrando-se da vergonha terrível de como Stranton disse a Jeremy, em termos claros o que era exigido. Vem agora, menino, você está acostumado a isso... Suas nádegas contraídas involuntariamente.

Jeremy parecia muito mais jovem e apreensivo quando Stranton o abordou.

Agora. Graham bateu com força na parede. Os guardas irromperam na sala, seguido pelos jornalistas e os oito membros estimados da Câmara dos Lordes. Pararam, vendo o homem crescido, o menino agora com medo.

Lord Baker parecia confuso.

– Este não parece ser um antro de ópio.

Boca aberta, o Senhor olhou Hundy.

– Bom muito bem, Stranton, o que diabo está acontecendo aqui?

Nojo tingido sua voz. Ele sabia. Todos sabiam. Os jornalistas rabiscaram em seus blocos de nota. Jeremy, malandro das ruas que era já tinha fugido para o corredor.

– Eu estava assentado sobre a provar os vícios das classes mais baixas, afirmou o conde.

– Estes malandros faltam moral e fariam qualquer coisa por dinheiro. Eles preferem não trabalhar, mas o desejo da corrupção da nossa sociedade e pessoas boas e decentes.

Graham entrou.

– Eles desejam a corrupção da nossa sociedade? Oferta e demanda Stranton. Simples economia. Ele ofereceu-lhe um serviço que você queria muito. Não culpe o garoto. – Disse ele em tom de zombaria. Ele olhou para os senhores.

– Cavalheiros, eu sei que disse que vocês seriam expostos a um antro de ópio, mas eu pensei que este seria mais claramente demonstrado um dos maiores vícios que devemos trabalhar para eliminar.

– Você... Seu sem-vergonha! O conde disse com voz rouca. -- Caldwell, você prometeu... Você armou para mim!

– Promessas podem ser quebradas, al-Hamra.

Stranton levantou sua calça sobre sua ereção que estava diminuindo rapidamente. Com o rosto vermelho de fúria, escura nos olhos, ele lutou na firme mão dos dois policiais que estava

segurando-o. Furioso olho verde encontrou-se com os seus pretos. O reconhecimento o provocou.

Graham enrijeceu. Superadas com exultante triunfo, ele tinha cometido um erro. Stranton sabia...

- Ninguém me chamou assim nos últimos anos. Eu sei quem é você. Eu sei quem você.

O conde passou para o árabe, e Graham se retraiu.

- É você, não é... Rashid? - O homem respirava.

Graham recuperou a compostura e sorriu friamente

- Sou eu? - Ele falou lentamente na mesma língua.

- Você vai pagar por isso, bastardo. Por muito bem, você vai. Sei disso: você não está seguro. E nem a sua família.

Terror frio atingiu Graham. Ele saltou em direção a conde. Stranton riu enquanto a polícia o puxou livre.

- Você não pode negá-lo, porque eu sei a verdade. Você não pode esconder o que você realmente é. Admiti-lo, Caldwell. Lembram-se?

Graham foi perfeitamente imóvel, entorpecido observando o seu inimigo arrastado pela polícia. Mais sussurros de Stranton com zombaria em árabe o insultavam. Palavras ditas vinte anos atrás.

Com um olhar atordoado o Senhor Hundy ficou olhando Stranton, depois olhou para Graham.

- O que ele disse?

Graham não deu nenhuma resposta.

Ele foi para casa para encontrar sua esposa. Jillian, que estava lendo na biblioteca, deu uma olhada para ele e gritou.

– Graham? O que aconteceu? Você está horrível.

Graham agarrou as mãos dela.

– Alguma vez você conseguiu obter o traçado do mapa, Jilly?

– Ainda não. Eu não tive a coragem de voltar lá.

– Vá. Agora. Imediatamente. Você deve encontrar um caminho. Você deve. – Ele sussurrou.

Seus olhos se arregalaram.

– Graham, que há de errado?

– Eu preciso encontrar o caixão dos desejos. – Ele ficou com as pernas trêmulas. – Eu vou estar lá em cima. Eu confio que você vai encontrar uma maneira, Jilly. Você deve.

– Tudo bem –, disse ela. – Olhando para ele. – Eu vou sair agora.

Quando o fez, pela primeira vez em sua vida, Graham deliberadamente bebeu para ficar bêbado. Ele agarrou o decanter de cristal de conhaque mantido no aparador e serviu-se de uma taça grande. Tomar um gole, ele fez uma careta. O licor queimava como o fogo prima para baixo em sua garganta.

Gelado até os ossos, ele se sentou, o líquido âmbar derramando no copo, mas sua mão tremia. Durante muito tempo ele se sentou, olhando para a parede em silêncio imóvel. Ele olhou para o copo. Então, tão inglês. Tão cavalheiro...

Com um grito baixo, ele atirou na lareira. Não queria que sua família testemunhasse o sofrimento que ele não poderia esconder, ele fugiu para seu quarto e se enrolou com uma bola no chão.

Ele permaneceu lá por um longo tempo, à espera do retorno de Jillian. O tempo avançou. O caixão de desejo mágico. Quantas vezes ele sonhou sobre ele como um menino, querendo o seu incrível poder para libertá-lo? Ele deve ter o poder de restaurar a esperança. E agora estava ao seu alcance, se Jillian conseguisse obter o traçado.

Passos fora de sua porta lhe avisou o retorno de sua esposa. Graham levantou, estava cambaleando à beira da lareira quando a porta se abriu. Vestida em seu casaco, as faces coradas com cor, Jillian entrou.

- Eu tenho Graham. Vou colocá-lo em um lugar seguro, porque parecia tão importante para você.

-Dê-me. - insistiu ele com voz rouca.

Sua boca funcionou violentamente. Ela foi até ele, segurando seus braços.

- Graham, por favor, me diga o que está errado. Se você esteve bebendo. Você nunca bebe. Por favor, me diga o que aconteceu!

- Vá embora - , ele murmurou, virando as costas.

Descansando a cabeça sobre o mantel, ouviu seu retiro macio, a porta se fechar atrás dela. Ela tinha o rastreamento. Que era seguro. No fundo, ele sabia que ele deve dizer a verdade. Mas não agora. Ele não podia suportar ver o sofrimento nos olhos dela.

Horas depois, o mordomo veio chamá-lo, informando-o que o Lord Huntley tinha vindo fazer uma visita "de extrema urgência".

Ele conseguiu restabelecer-se a direitos e correu para a sala de estar. O marquês parecia chocado.

Graham olhou incrédulo, mudo como a história se desenrolou. Huntley com os dedos em seu chapéu-coco.

– Desculpe Caldwell. Eu não podia vê-lo desgraçado. Bom amigo há anos. Eu lhe devia.

Usando sua influência, Huntley tinha convencido o magistrado para liberar Stranton em cinco mil libras de fiança. Então o marquês tinha pagado. Mas quando ele chegou à casa de Stranton naquela tarde para garantir que ele iria encontrar uma maneira bastante legal para ajudá-lo, o conde tinha fugido, deixando para trás uma nota dirigida ao Duque de Caldwell. O marquês entregou a Graham um pergaminho elegante. O som amarrotado quando Graham desdobrou rugiu como um trovão no silêncio vazio.

O seu sangue gelou quando ele leu as palavras em árabe:

*"Eu vou te pegar, Caldwell. E você vai gostar exatamente como você fez antes. Eu vou te pegar. Você pode se esconder até os confins da terra e eu vou encontrá-lo. E quando eu fizer, eu vou te destruir. Sua família ficará arruinada e sem um tostão. Você não pode esconder o que você realmente é, menino bonito. Você gostou do que eu fiz para você. Você sabe que você fez."*

## *CAPÍTULO 14*

Graham sabia o que é que devia fazer. A todo o custo, ele deve proteger sua família da ira do conde. E ele tinha o mapa agora. Ele voltaria para o Egito, atrairia o animal para longe, enquanto procurava o tesouro perdido. No Egito, ele mataria o conde ou seria morto.

Com o coração pesado, ele sentou com seu irmão e disse-lhe o que tinha acontecido. Graham aconselhou a ele a levar sua família para sua propriedade Yorkshire. Kenneth estudou-o com resignação.

– Eu queria que você tivesse confiado em mim antes. Vou tomar as providências para Badra, Jillian e os meus filhos para ir embora, mas eu vou com você para o Egito.

Emoções entupiam a garganta de Graham. Ele assentiu.

– Eu vou ficar bem. – Disse ele ríspidamente.

Kenneth tamborilou os dedos sobre a mesa.

– Você é meu irmão. Eu te decepcionei anos atrás, quando o al-Hajid invadiu nossa caravana. Eu não vou fazer isso de novo.

– Não foi culpa sua. – Disse Graham, ferido.

Olhos azuis encontraram os seus pretos.

– Sim, foi. Porque a mãe e o pai conseguiram me esconder e você foi deixado para trás. Você era o herdeiro. Eles deveriam ter te salvado. Não a mim.

Seu coração torcia, e pela primeira vez, Graham percebeu que por tudo que ele tinha sofrido no passado, seu irmão havia sofrido também.

- O que está feito está feito, Kenneth. Seu lugar é com sua família. A melhor maneira de ajudar é assegurando-me que minha mulher está segura com você, ele conseguiu dizer.

Kenneth empurrou a mão pelos cabelos.

- Eu gostaria que as coisas pudessem ter sido diferentes, Graham. Para nós dois.

- Eu também, disse ele calmamente.

Kenneth estava à esquerda, e Graham estava sentado à mesa de madeira acetinada, escrevendo uma nota em árabe, dirigida ao conde Stranton.

*"Se você me quer, Stranton, eu estou saindo para o Egito em dez dias. Eu vou encontrar o tesouro de Khufu com o mapa que você tirou de mim anos atrás. Tente me encontrar, pênis de cabra."*

Graham selou o pergaminho e entregou ao seu secretário, com instruções para entregá-lo ao Lord Huntley. Stranton tinha estado em contato com ele. Ele tinha certeza de que o conde entraria em contato com seu amigo novamente.

A armadilha foi criada com ele mesmo, sendo a isca. Stranton não iria resistir.

Isso não era verdade. Não podia ser.

Jillian tinha encontrado o jornal queimado de carvão na sala de estudo do marido, a manchete vil estava gritando a notícia como chamas vermelhas lambendo as palavras, ondulando em cinzas negras. Seu pai, um autor de tais crimes vis? Absurdo.

- Jillian. Ah, bom, eu estive procurando por você.

A voz profunda e esfumaçada levou a girar com um começo culpado. Ela estudou seu marido, que entrou na sala.

- Graham, o que vem acontecendo? Quando eu encontrei tia Mary hoje para o chá ela me disse que meu Pai foi preso por indecente exposição. Você estava tentando esconder isso de mim? Ela apontou para o papel de jornal enegrecido.

-Sim. Por favor, sente. Nós temos muito a discutir, Jillian.

Tomando um assento em uma cadeira estofada fogo, ela dobrou as mãos. Graham passeado o comprimento da lareira como um gato selvagem enjaulado.

- Falei com meu irmão e ele concorda que é melhor enviar sua família e você para Yorkshire para sua própria segurança. Até que o escândalo morra. Estou indo para o Egito para encontrar o tesouro perdido de Khufu, para reforçar as finanças da família. Com o traçado que você fez no mapa de seu pai, estou certo de encontrá-lo.

Muda, ela olhou para ele. Discutir? Ele estava dando ordens. Algo maior do que o escândalo estava em jogo. Graham, indo para o Egito por si só, banindo-a do frio, charnecas úmidas? Tinha chegado o momento para jogar seu trunfo. Ela estudou seu marido, que estava sobre ela com aquele olhar intenso dele.

- Vou precisar do traçado. - Disse para ela.

- Você não pode tê-lo.

- O quê?

Jillian estava tensa vendo a raiva lavar o rosto. Como ele começou a perambular na direção dela, ela acrescentou:

- Esta em um lugar onde você nunca vai encontrá-lo.

Graham interrompeu-a.

-Então... Por isso, se... - Ela engoliu uma respiração profunda.  
-Se você quiser encontrar o tesouro, você terá que me levar com

você para o Egito. Eu sou a única pessoa que sabe exatamente onde a chave esta enterrada.

– Não –, ele disse sem rodeios. – Você vai dizer-me onde está o mapa. Eu não estou levando você a nenhum lugar.

Decepção surgiu através dela. É claro que ele não iria. Ele disse que não, portanto... Não. Ela não podia dar para ele. Isto era muito importante, mais do que um mero tesouro. O caixão dos desejos significava algo para seu marido. Os punhos cerrados. Jillian respirou fundo com coragem.

– Não.

Os olhos escuros do duque estreitaram.

– Não?

– Eu não estou dizendo a você nada. Não até chegarmos ao Egito. E então eu vou dar-lhe o traçado.

Ela endireitou os ombros. Portanto, isto era o que sentia ao tomar uma posição. Parecia assustador, mas estranhamente excitante.

Por um minuto a ira dura no rosto ameaçou resolver. Ela queria capitular. Para dizer "sim", e ser a mesma, ordinária, mansa Jillian. Mas se ela fizesse isso, ela perderia mais do que o tesouro oferecido. Ela perderia tudo.

– Leve-me com você e você terá o mapa, Graham.

Um músculo se contraiu em sua mandíbula.

– Jillian, há algo que você deve saber. Uma razão que eu estou viajando para o Egito tem a ver com a prisão de seu pai. Ele me culpa, e jurou vingança. Estou esperando para levá-lo longe da minha família e de você, para o Egito. Ele tem o mapa e... Vai saber

onde me encontrar. Para sua própria segurança, você deve permanecer aqui.

Ela sentiu-se subitamente doente.

– O que aconteceu?

– Tem a ver com... As circunstâncias desagradáveis em torno de sua detenção. Eu estava presente quando ele foi preso.

Ela olhou.

– Ele foi preso sob a acusação de exposição indecente. Por que você foi lá?

– Vários outros senhores foram também. Foi um ataque em que estavam presentes. – Disse Graham firmemente. – Seu pai foi pego em uma situação indelicada.

Ele estudou-a, um brilho de desafio nos olhos desafiando-a a pergunta exatamente em que as circunstâncias decorrentes. Jillian fechou os olhos, vendo uma porta fechada, ao ouvir um grito, pequenos assustados por trás dele.

– Eu não quero saber. – Ela sussurrou.

Foi alívio em seus olhos? Não importa. Jillian ergueu o queixo, encontro seu olhar duro.

– Eu não tenho mais medo de meu pai, Graham. Eu sou sua mulher. Eu vou com você. Se você quiser encontrar o tesouro, você vai me levar.

– Não, Jillian. Você me dará o mapa e nós vamos acabar com essa discussão. – Ele arrebentou.

Os olhos escuros de Graham crepitavam com fúria. Ele caminhou em sua direção, cada músculo rígido com a tensão. Apenas

a um pé da cadeira parou seu corpo poderoso inclinando-se para ela. Ela sentiu o calor da sua ira como uma brasa viva. Jillian encolheu, lembrando temperamento de seu pai. O instinto pediu capitulação.

Ela apertou os olhos, tremendo violentamente.

- Vá em frente, Graham. Puna-me por ser insolente, mas não vou desenhar o mapa. Eu não vou. - Ela sussurrou.

Um silêncio nítido pairava no ar. Então ela ouviu o duque dizer em uma voz muito suave.

- Jillian, olhe para mim. Olhe para mim. Eu nunca iria puni-la. Não tenha medo de mim. Não.

Ela se atreveu a abrir os olhos. Sua ira dura havia desaparecido, deixando para trás um olhar cansado.

- Você ganhou, Jillian. Você deve me acompanhar. Mas vou avisá-la, você pode acabar lamentando isso. Nós dois podemos.

Egito, Ta-meri, Graham informou a ela. Terra de amor. Sua chegada ao Cairo a encheu de um alívio enorme. Tinha sido uma difícil travessia. Graham tinha corrido quente e frio. Durante o dia, ele manteve distância, meditando enquanto andava no convés do navio. À noite, ele tinha feito amor com ela com uma ferocidade que ela nunca tinha o visto mostrar. Depois ele segurou-a firmemente, murmurando palavras suaves em árabe.

A tensão de seu marido tinha crescido quanto mais perto eles chegavam do Egito. Mesmo depois que eles se estabeleceram no elegante Hotel do Shepherd e um porteiro em silêncio desembarcava suas bagagens, Graham continuava inquieto. Ele levantou o olhar do ombro, como se seu pai estivesse a segui-los de perto.

Jillian tomou a cópia do mapa de papiro que traçou e eles estudaram. Ela apontou para os símbolos intrincados.

– Onde é que vamos olhar primeiro?

Ele levantou o olhar do ombro para o mapa.

– A chave está fora da pirâmide. A chave que você busca é externa, na posição que aponta para Rá, as câmaras irão direcioná-lo. Da pirâmide exterior da parede ocidental.

Jillian estudou o mapa.

– Como assim?

– Eu estudei o relatório detalhado em Flinders Petrie de todas as medidas da Grande Pirâmide. Todas as câmaras da pirâmide são a oeste do sistema de passagem vertical. Pontos verticais para Rá, o deus egípcio do sol. Mas primeiro precisamos extrapolar as pistas do interior da pirâmide na Câmara do rei. A melhor forma de fazê-lo dessa maneira é durante o dia, parecendo turistas regulares.

– Fascinante. – Jillian sorriu para ele, mas ele não perdeu a tensão montada nele.

Mas só quando eles partiram para uma turnê na Grande Pirâmide que ele relaxou. O curto passeio de camelo encheu-o de emoção e deixou-o alegre como se pego em um grande vento. Sol brilhante alimentou seu corpo e uma suave brisa soprava. À medida que desmontou e caminhou até a pirâmide, Jillian olhou para o terreno com um impasse. Sua boca se abriu com espanto. A estrutura dominou as areias morenas, de pé em relevo gritante contra o céu azulafiada.

Um profundo sentimento de excitação inebriante encheu Jillian. A Grande Pirâmide era mais que o outro majestoso templo havia descrito. Foi aqui. Ela havia cumprido um sonho alimentado desde a

infância, quando seu pai voltou de sua viagem para comprar cavalos árabes e lhe contou sobre ter visto paisagens esplêndidas do Egito.

Sua mão tremia tanto, que segurou o braço de Graham e ficou a um passo rápido, determinado.

– Sólido. Duradouro. Nada se compara, ela se admirava.

Graham virou. Apreciação dançou em seu olhar, momentaneamente apagando o segredo contido lá.

– A pirâmide é como você. Intrincado, cheio de maravilhas e mistérios. No entanto, inspiradora, para todos os que a veem deve concordar com a sua beleza, ele murmurou.

Ela se sentiu tocada pela sua poesia, ainda perturbado.

– É assim que você me vê, Graham? A pirâmide é de pedra esplêndida ainda que transmita frio. Não convida calor ou proximidade. – Seu peito apertado. – É construído como um túmulo. É isso que eu sou, Graham?

Ele tocou seu rosto.

– Você vê isso como uma faz inglesa: um monumento construído para abrigar um rei morto. Veja-o como um antigo egípcio faria. Considere o seu propósito.

– Para casa dos mortos.

Sua expressão ficou sóbria.

– Para casa de nova vida. A morte era apenas uma jornada para os antigos egípcios. Uma viagem para uma nova vida. Esta pirâmide foi formada para ajudar o faraó em seu caminho para a alegria eterna na vida futura.

Graham moveu-se atrás dela, envolvendo os braços sobre a cintura. Seu hálito quente fez cócegas seu ouvido enquanto ele murmurou-lhe:

– Olhe para ela. Isso é o que você é para mim. Uma viagem para uma nova vida.

Desapontamento afiado como vidro lanceado ela. Ela esperava algo mais profundo, mais significativo, mais revelador. Mas suas palavras, por muito inteligentes, não trouxeram qualquer mudança. Suas tentativas de sondar este homem e descobrir suas camadas, para alcançar a intimidade emocional que ela ansiava, todas falharam.

– Talvez o que ela queria era pedir demais.

Jillian virou-se em seus braços e sorriu. – Vamos investigar?

Por um momento, a máscara caiu de seu rosto e ela vislumbrou uma solidão doendo. Em seguida, ele voltou a sorrir.

– Você gostaria de escalá-la? Perguntou ele. – Você deve, visto que é sua primeira vez.

– Oh! Posso?

Ele acompanhou-a a estrutura, olhando a varredura de suas longas saias açafraão. Jillian assistiu com entusiasmo contendo o fôlego quando Graham contratou dois guias egípcios. – Eu penso que você vai precisar de ajuda. Alguns blocos são cinco pés de altura, ele disse a ela.

– E você?

– Eu posso conseguir por conta própria. – Ele olhou para ela. – Você se importaria se eu for em frente? Eu não tenho feito isso em algum tempo, e estou ansioso para chegar ao topo.

Ela sorriu. – Vá. Eu não vou retê-lo.

Graham deu um sorriso, então decolou com a graça poderosa de um gato selvagem. Ele arrastou-se até cada bloco com agilidade sem união. Ele subiu, terno cáqui se estendendo por ombros largos, cabelos pretos brilhando ao sol sem fim. Jillian murmurou, graças aos dois egípcios que a puxaram para cima nas pedras mais altas. Determinada a fazer o máximo possível por conta própria, ela conseguiu nos menores.

Quando ela finalmente chegou ao topo, ela viu Graham de pé como um faraó, varrendo o horizonte. Turistas corriam como uma corrente de água. Ele parecia tão distante. Algo em sua postura arrogante e orgulhosa lembrava os antigos reis nesta terra estrangeira.

Mas quando ela se aproximava um arrepio a trespassou. Mais uma vez ela teve a sensação estranha que seu marido não era o que parecia. Testemunhando agora, com os braços cruzados sobre o peito musculoso, sua expressão conjunta como a pedra sombria, um lampejo de percepção atingiu ela:

Ele não se assemelhava a um faraó que se contentou levantando seu reino. Ele parecia mais um invasor amargurado, determinado a conquistar. Era como se a areia o tivesse marcado.

Que conflito se intensificou no interior deste homem, as batalhas que ele nunca quis compartilhar com ela? Graham foi uma fortaleza construída tão duradoura quanto esta pirâmide, travando-a. Mas a pirâmide, como o homem, poderia ser invadida. Basta encontrar rotas alternativas por dentro, assim como exploradores tinha com o túmulo de Khufu.

Graham compartilhava a si mesmo quando eles faziam amor. Ele parecia emocionalmente mais vulnerável. A intuição feminina de

Jillian lhe disse que ela tinha encontrado o caminho para forçar a abertura de seu marido.

Ele virou a cabeça e notou. — Aí está você. Como você se saiu ao longo do caminho? Perguntou ele.

Ela se levantou, deslizando um braço sobre sua cintura, pois ambos bebiam na magnificência austera das areias antigas. Mas ele parecia duro como madeira entalhada. Sentindo que ele precisava de distância, Jillian soltou e saiu para estar por ela mesma.

Quando eles desceram e se juntaram aos turistas faladores para entrar na estrutura, ela sentiu uma mudança distinta. Sua indiferença escorregou, substituído por aquele zumbido de antecipação. Graham não suspirava com admiração para o beco longo de etapas ou o peso opressivo de pedra em torno deles; ele ignorou o entusiasmo do guia, parando para dar explicação dos hieróglifos gravados nas paredes. Impaciência cobria o seu rosto.

Ciente da necessidade de disfarçar suas verdadeiras intenções, Jillian se apegou ao seu braço. Quando ele teria apressado na frente, ela segurou-o de volta. Capturados por seu peso puxando, ele se virou e viu-a. Um sorriso triste forjou seu olhar impaciente.

Atingindo a Câmara do Rei na última, eles andavam com os outros, fingindo interesse entediado. Graham puxou-a de volta quando o turista deixou a última câmara. Eles estavam sozinhos.

A iluminação na câmara lançou o seu perfil angular na sombra. Excitação dançou em seus olhos. Seu marido parecia encantado como um explorador antigo a ser o primeiro a descobrir as ruínas.

Eles vasculharam a câmara completamente, Graham ficou com a seleção do extremo oeste, Jillian leste. Sua busca foi interrompida por outro grupo de turistas. Quando o último visitante dirigiu-se para

fora, o duque enfiou as mãos nos bolsos da calça e se juntou a ela. – Nada. Mas deve estar aqui.

O mapa indicava um indício importante foi especificamente na Câmara do Rei. Ladrão de túmulos tinha varrido a sala, escolhendo-o como completamente como abutres sobre carniça.

– Não há nada aqui.

Jillian olhou para Graham.

– Talvez você esteja pensando em termos ingleses. Seja um egípcio. Pense como eles. Vamos dar outro olhar para o mapa. Explique-me os hieróglifos.

Ele desfraldou a cópia do papiro que ela havia traçado e leu em voz alta:

– Na câmara de Khufu, a chave para destravar o tesouro é encontrada, visível para todos, mas escondido de quem roubariam os mortos sagrados. Seguir o caminho de Rá e siga caminho oposto do Nilo.

– O mapa diz para tomar a pista da Grande Pirâmide em si, pois é como o faraó: camadas sobre camadas, complexa e intrigante.

– Portanto, devemos olhar além do óbvio. Mas o mapa indica que a chave pode ser encontrada em um local bem visível. – Graham cuidadosamente rolou o traçado e colocou-o fora. – Eu não vejo nada de claramente visível aqui.

Jillian estudou a Câmara do Rei vazia.

– E se a chave não fosse um objeto real, mas outra coisa? Vamos quebrar o problema. Primeiro o que é a chave?

Intrigado, ele respondeu:

- É para desbloquear alguma coisa.

- Você está pensando em termos concretos. Vamos ver o resumo. A chave pode desbloquear um objeto sólido, como uma porta, uma caixa, um baú...

- Ou um mistério.

Seus olhares bloqueados. Graham está cheio de entusiasmo quando digeriu lentamente o seu significado.

- E se a chave para destravar o tesouro estiver escondida na Câmara do Rei, mas não for realmente uma chave física, mas... O quê? Quais seriam os ladrões de túmulos que não fossem capazes de roubar? O que está escondido e ainda visível?

Jillian começou a andar.

- Se Khufu quis esconder uma pista em sua câmara funerária de seu filho, onde ele poderia requisitá-lo escondido à vista?

Seus passos tocaram na câmara, clicando na pedra em movimentos precisos. Graham olhou para seus pés

- Jillian! É isso aí. O que é constante e visível, mas escondida?

Ela parou, lançando-lhe um olhar intrigado.

Ele apontou para os pés dela.

- Ande cinco passos.

Obedecendo, ela pisou cuidadosamente cinco passos e depois abruptamente interrompido.

- Medidas! - Jillian exclamou. - Oh, Graham, sim!

Ele esfregou o queixo.

– O mapa diz: 'Siga o caminho de Rá e siga caminho oposto do Nilo. Rá, o sol, viaja de leste para oeste. Naturalmente oposto do Nilo é de norte a sul, porque o Nilo corre para o sul para norte.

Jillian mediu de leste a oeste da câmara, em seguida, de norte a sul, enquanto Graham manteve-se atento para os visitantes.

– Então, fora da parede oeste da pirâmide, vamos de dez metros e quarenta e seis para o oeste, virar para o sul e ir cinco metros e vinte e três. – Ela supôs. – Qual é a terceira pista?

Graham leu em voz alta:

– Em um espaço vazio destinado a um rei, encontrar a profundidade da vida de um homem enquanto ele desce em vida após a morte. – Um espaço vazio destinado a um rei. – Um sarcófago destinado a um rei que nunca foi colocado para descansar lá. Mas o corpo foi roubado há muito tempo.

Graham deu um sorriso lento e continuou:

– E se ele nunca esteve lá? Alguns teorizam que a múmia de Khufu não foi roubada, mas escondida em outra câmara funerária. E sim, está o sarcófago...

– Seria um ardil e permaneceriam vazias. – Seus olhares chicoteavam para o caixão de pedra imensa. Falta tanto a sua tampa e o rei a quem ele foi construído, destacou-se na câmara vazia perto da parede ocidental. Jillian mediram a profundidade e escreveu os números para baixo sobre uma almofada mantida em uma bolsinha. – Quase um metro.

– A chave deve ser enterrada tão longe para baixo. Nós vamos ter que voltar esta noite a cavar. – Ele meditou em voz alta. – Venha, vamos voltar para o hotel.

## *CAPÍTULO 15*

De volta ao Shepheard, eles correram para sua suíte, como estudantes, vertiginosos com alegria sobre sua descoberta. Jillian arrancou seu chapéu de aba larga e colocou-o sobre uma mesa, de olho no armário de água. Um banho antes do jantar soou delicioso.

Olhos negros de Graham dançaram com entusiasmo febril.

– Eu quero estudar essas medidas.

Sentou-se à mesa de madeira pequena, armado com papel e lápis enquanto ela tirava a blusa branca. Jillian olhou para cima e viu que Graham não estava estudando os números que tinham anotado. Seu olhar faminto acariciava mais uma vez.

– Talvez devêssemos jantar mais cedo. – Disse ele com voz rouca. Seu olhar dirigiu para a cama, coberta com um mosquiteiro.

Jillian sorriu.

– Eu gostaria disso.

Após um repasto esplêndido no quarto do hotel, um jantar elegante, eles andaram para o salão imenso para bebidas e dança. O duque ordenou champanhe para os dois. Bolhas faziam cócegas no nariz como ela levantou a taça e tomou um gole.

A sensação vertiginosa, acentuada pelo champanhe, encheu o seu.

O bar do salão imenso e majestoso ostentava colunas pilares de lótus modelado após os de Karnak, um teto com joia tonificando murais Orientais, e de linho cobria mesas onde uma variedade de ricos e poderosos observavam os dançarinos. Uma orquestra tocava enquanto os casais rodopiavam. Uma brisa amena fluía pelas

portas abertas para o terraço famoso. Um aroma floral delicado florescia dos grandes vasos Orientais flanqueavam as colunas misturadas com os aromas mais pesados de colônia de homens poderosos e perfumes exóticos das mulheres.

Apesar de sua emoção por estar no exterior, e no novo cenário e fascinante ante ela, Jillian só tinha olhos para o marido. O burburinho de casais elegante e educado, garçons pairando não existia. Graham rodou o líquido no seu copo, estudando-a por cima da borda. Seu copo ficou cheio, enquanto o dela estava meio vazio.

– Você quer dançar, Jillian? – Perguntou ele.

Ela o viu olhando-a com fome ávida, e instintivamente sabia o que queria.

– A valsa é uma dança muito boa. – Disse ela, observando-o.

– Eu não quis dizer a valsa. – Ele ronronou. – Você gostaria de dançar comigo lá em cima?

Ele se levantou e estendeu a mão para ela. Ela colocou os dedos nos seu quando ele puxou-a na posição vertical.

Claramente a emoção de encontrar a sua tinha traduzido em uma terra diferente de excitação para ele. Ela sentiu o triunfo de um guerreiro, uma ânsia de reivindicar um prêmio muito mais corpóreo e terreno que a chave para desvendar algum tesouro.

Graham não perdeu tempo quando entraram no seu quarto. Ele caiu sobre a cama dela, devorando o seu beijo. O beijo foi duro e rápido, esmagando sua boca contra a dele, suas mãos errantes em seu corpo, tateando em seu vestido.

Jillian sentou-se, deixou-o abri-lo. Ar frio ondulou das janelas abertas lavando sobre a sua carne nua como o vestido e a camisa

subjacentes caíram livres. Vestida apenas com meias, ela tirou os chinelos de pelica macia, sorrindo.

Seu olhar escureceu e ampliou quando ele deslizou para fora da cama e derramou sua roupa. Graham se juntou a ela na cama, beijando-a.

Ela se deitou embaixo dele, levantando seus quadris quando ele abriu as pernas, sua respiração irregular enchendo o ar. Em um impulso poderoso ele estava dentro dela. Um suspiro assustado fugiu dela com a pressão espessa em seu núcleo molhado.

Suas mãos empurram os músculos duros do peito, emaranhados na palha grossa de cabelo enquanto se esforçava acima dela. Jillian segurou seus braços musculosos, escondendo o rosto em seu ombro enquanto ele se movia. Seu grito de prazer foi sepultado em sua pele. O duque estremeceu e gemeu quando ele lançou a sua semente.

Ele olhou para ela, olhos semi-abertos e sonolentos com prazer.

– Ah! – ele suspirou.

– Eu gosto de como você dança. – Disse ela maliciosamente. Um rebocador desagradável de ciúme encheu o seu coração. – Você... – Ela puxou o úmido lençol. – Você teve muitas amantes antes de mim?

Para sua surpresa, ele pareceu envergonhado. Graham deslizou para fora dela, rolou para o lado dele. Ele descansou a cabeça em sua mão.

– Minha querida Jillian, quantas amantes, você acha que eu tive?

Irritada, ela puxou o lençol para cobrir os seios.

– Como eu deveria saber? Eu não sou tão experiente. Eu diria que várias. Enquanto você foi meu primeiro. – Acrescentou sombriamente.

– Como você foi.

Muda, ela olhou. Graham esticou o braço e delicadamente inclinou a mandíbula aberta fechando.

– Eu tenho algo a confessar, querida esposa. Naquela noite no bordel? Você não foi a única virgem.

– Não pode ser.

– Foi. Você foi a minha primeira amante, Jilly.

Profundamente tocada, ela olhou para ele. Realmente havia algo de especial sobre sua confissão. Ele tornou querido para ela ainda mais.

– Existe uma razão específica para que você esperasse? – Perguntou ela.

Ternura gravou seu rosto.

– Eu esperei por você. Suponho que era o meu destino que ficaríamos juntos. Eu estou contente que foi você. Mesmo com aquela peruca ridícula

Jillian sorriu.

– Mesmo que você tenha pedido explicitamente para não ser uma ruiva de olhos verdes? – Seu sorriso desapareceu. – Por que você não queria isso, Graham?

– Eu tenho minhas razões. – Disse ele, com a voz um sussurro rouco. A sombra escura atravessou seu rosto.

– Graham, há algo que você não está me dizendo.

– Sim. – Disse ele. – Talvez algum dia eu possa te dizer. Por enquanto, só sei isso. Nenhuma outra mulher, mas você foi feita para mim, Jilly. Eu sei agora.

Segredos dançaram em seus olhos e Jillian se sentiu incomodada. Ela esperava que ele fosse confessar em seu próprio tempo, e ainda quando o fez, tanto quanto ela queria Graham para compartilhar-se, de repente ela estava com medo o que seus segredos seriam.

– Eu tenho a chave para o tesouro.

O pulso de Jillian se acelerou com a excitação que emanava através de seu marido, que estava sentado à mesa na manhã seguinte. Ela olhou para os papéis espalhados. Cálculos. A partir de um pequeno pedaço de madeira, Graham tinha esculpido o que se assemelhava a uma chave.

A última noite, eles tinham se vestido com roupas escuras e partiram para a Grande Pirâmide. Graham tinha pás curtas e uma lanterna elétrica em sua mochila. O porteiro da noite ignorou-os quando eles deixaram o hotel. Pouco tempo depois, eles chegaram à Grande Pirâmide. Luar derramado sobre a areia, transformando-o em um fantasmagórico cinza. Graham e Jillian mediram a distância da parede ocidental de acordo com as pistas que haviam descoberto. Então eles começaram a cavar, e descobriram um pequeno bloco de pedra com o esboço de uma chave em cima dela.

Esta manhã, depois de traçar o contorno da chave, Graham tinha feito uma duplicata.

– Eu não sabia que eles tinham fechaduras. – confessou.

– Eles eram uma cultura avançada que supõem serem inventores das eclusas em primeiro lugar.

– Será que estamos indo direto para o tesouro?

– Não, primeiro precisamos visitar uma tribo que eu conheço. O Khamsin, que criou o meu irmão, vive ao sul. Mas primeiro, nós precisamos comprar suprimentos para a viagem e eu pensei que você iria gostar de uma turnê pelo Cairo.

– Cairo, com suas torres e minaretes e arquitetura islâmica. – Jillian exclamou com admiração.

Graham levou-a em uma viagem de compras rápida nas feiras, admirando suas curvas femininas quando ela se agachava para examinar um pote de ouro oferecido por um vendedor ansioso. Os ricos tons, o vibrante esmeralda de seu vestido, com sua espumante de renda marfim, complementava sua pele cremosa e cabelo vermelho vivo. Nunca mais ela iria usar cinza, feio, repressivo. Seu pai tinha envolvido ela nele como uma armadura de aço. Lentamente, Graham foi persuadindo seu verdadeiro espírito a emergir. Ele sabia que ela sentia-se despercebida, desvalorizada e mal-amada, e ele queria mudar tudo isso.

Mas ele não a queria com ele enquanto viajava para encontrar o tesouro de Khufu. Ele planejava deixá-la no acampamento Khamsin, aos cuidados de seus amigos, enquanto ele viajava sozinho para o deserto profundo.

No deserto ele iria enfrentar seu algoz, pois, enquanto eles tinham visitado o Cairo, naquela tarde, Graham tinha visto outra cabeça ruiva mergulhando limpa fora da vista. E não havia dúvidas que logo a enfrentaria. Ele sabia disso muito bem.

Eles partiram para o acampamento Khamsin no dia seguinte. Graham surpreendeu Jillian alugando um dahabiya para viajar pelo Nilo. Os dois sentaram-se em um divã aveludado no convés enquanto o capitão dirigiu o ofício. O vento acariciou as bochechas

Jillian, jogou com fios de cabelo que escaparam de seus grampos. O seu olhar ansioso bebeu na mira como o cheiro úmido da água do rio fazendo cócegas nas suas narinas. Burros arrastavam ao lado da margem do rio, carros de reboque empilhados com vegetação. Crianças curiosas olhando.

- Eu me sinto como uma Cleópatra ruiva saltando para frente no tempo. - Ela murmurou, enquanto acenava para as crianças.

Graham sorriu.

- Espere até você encontrar o Khamsin, a tribo que criou o meu irmão. O Khamsin é diferente de outras tribos do deserto. As tendas não são isoladas para segregar os sexos. Homens e mulheres comem juntos, e os homens têm apenas uma esposa.

- Uma tribo progressiva de acordo com os tempos modernos?

Ele riu.

- Uma antiga tribo de rastreamento que orgulhosamente ostenta sua ascendência até os tempos do faraó Akhenaton. Às vezes apanhava a eles. Elizabeth, a esposa do sheik, ajudou.

- Nome estranho para a esposa de um sheik.

- Ela é americana. Muito animada, moderna e muito apaixonada por seu marido. Ela é uma sufragista. Ela quase ensinou toda a tribo, homens e mulheres, a ler.

Jillian escondeu seu entusiasmo surpreso.

- Ela fez?

- Elizabeth gosta de quebrar tradições. Tanto ela quanto Jabari estão preocupados com a capacidade do Khamsin de se fundir com a sociedade moderna e manter a tribo financeiramente solvente. Tenho certeza que eles vão estar ansiosos para solicitar o seu conselho.

– Conte-me sobre a tribo. – Jillian insistiu.

Graham agradecido, informando-lhe que o Khamsin vivia no fundo do deserto.

– O sheik tem um guarda-costas chamado de Guardiã da Idade, que protege Jabari com sua vida. Fiquei muito perto de Jabari e Ramsés, seu tutor. Ramsés é casado com Katherine, cujo pai é um senhor inglês.

Mais surpresas.

– Isso faz Ramsés como o inglês?

Graham deu uma risadinha.

– Uma vez que os desprezou. Mas ele está profundamente apaixonado por sua esposa, e tem aprendido a respeitar o inglês. Ele não os chama de barriga branca de peixe.

– Bom para você já não abominá-los. – Ela murmurou.

– Ele é um piadista. Ele brinca comigo sobre ser inglês.

Seu marido parecia tão muito inglês em seu chapéu de abas largas, o terno de cor creme com seu laço de marfim. Exceto por um fato minúsculo. Graham não se barbeara, esta manhã. A barba já estava pesada sombreando suas bochechas.

Era como se ele tivesse começado a mudar diante de seus olhos.

Eles ancoraram em uma pequena aldeia onde Graham comprou quatro camelos dos moradores locais. Ele carregou dois camelos com suas bagagens e suprimentos que ele havia comprado no Cairo. O acampamento Khamsin estava no fundo do deserto oriental, informou a ela.

Linhas verdes da vegetação marginal do Nilo se vangloriaram palmeiras altas e campos cultivados, mas logo eles deixaram tudo isso para trás e entraram no deserto aberto. O suor escorria no pescoço de Jillian. Graham guiava seu camelo ao lado dela, aparentemente não afetado pelo sol escaldante do meio-dia. Sob a aba da sombra de seu chapéu, ele estudou-a com aqueles olhos intensos, escuros.

Eles tomaram várias pausas curtas. Músculos que ela nunca tinha usado doíam da longa viagem na sela de camelo rígido. O cheiro de animal sujo e calor do deserto incomodavam suas narinas. Jillian deslocou seu peso, cansada de piscar. Era como se tivessem andado durante horas através de cânions imponentes que Graham chamava vales, e no deserto. A paisagem, desolada deprimia. Certamente não a vida que poderia sobreviver nesta terra árida ladeada por altas montanhas de calcário e granito. Um céu azul sem nuvens parecia tão duro como a areia rochosa debaixo das patas dos seus camelos. Como alguém pode viver no meio do deserto?

Ela apertou os olhos quando avistou palmeiras altas e vegetação verde e amarela a distância. Tendas pontilhavam de preto o horizonte. Certamente uma miragem causada pelo calor, implacável queimando? Mas ela podia ver pequenas figuras que se deslocavam. O acampamento Khamsin?

Graham parou seu camelo e pediu que ela fizesse o mesmo. Excitação brilhou em seus olhos. Ele colocou suas mãos em torno de sua boca e soltou um perfurante, ondulante som.

Jillian olhou assustada. Seu marido, com sua vestimenta muito inglesa, de repente parecia tão egípcio quanto as areia circundante.

Uma figura mexeu na distância. Selvagens, gritos ecoaram ondulante de volta. Então ela viu várias figuras agarrar cavalos e

correr em direção a eles. Uma nuvem de poeira levantou no horizonte.

Jillian engoliu em seco. Graham deu um sorriso tranquilizador.

– Não tenha medo. É a saudação Khamsin tradicional para acolher um filho que retorna a casa.

Apesar de seu conforto, o terror apoderou-se dela ao ouvir os selvagens gritos, de guerra. Graham desmontou de seu camelo e ajudou-a a desmontar, o coração de Jillian balançou quando um pequeno grupo de guerreiros vestidos de índigo galopou em direção a eles. Guerreiros árabes em suas montarias vaiaram e gritaram, em seguida, puxou para um pé nu parar a partir deles. Os guerreiros usavam casacos índigo chegando ao meio da coxa, e calças desalinhadas enfiadas dentro das botas de couro. Turbantes adornavam suas cabeças.

Todos tinham à escovinha barbas e bigodes. A figura alta e comandando saltou do cavalo e caminhou em direção a seu marido sorrindo. Os dois se abraçaram, enquanto os outros guerreiros olharam para ela.

Graham a recuou, olhando para ela com carinho.

– Jabari, esta é minha esposa, Jillian. Jilly, este é Jabari bin Tarik Hassid, sheik dos Guerreiros Khamsin do Vento.

Ela não sabia se reverenciava ou salaam<sup>12</sup>. Seu olhar nervoso caiu para a cimitarra longa presa em seu cinto. Para sua surpresa, o sheik bonito pegou a mão dela na sua e sacudiu-a.

– Um costume ocidental que minha esposa gosta. Ela acha que homens e mulheres devem ser tratados como iguais. – Falou perfeito,

---

<sup>12</sup> (Que a paz esteja sobre vós) é uma expressão de cumprimento utilizado pelos povos árabes, em especial os que professam a fé islâmica. Salamaleque em Português.

embora acentuado, inglês. Calor irradiado em seu sorriso. – Estou muito feliz em conhecê-la, Jillian.

Ela sorriu e murmurou seus agradecimentos. O mais baixo e musculoso guerreiro ao lado do sheik olhou com curiosidade aberta. Dentes brancos brilharam num sorriso travesso quando ele olhou para seu marido. Graham apresentou-o como Ramsés.

– Você conseguiu uma esposa, finalmente, meu amigo. E uma muita charmosa, também. – O guerreiro mais baixo curvou-se para ela numa inclinação elaborada. Alegria dançou em seus olhos de uma cor estranha de âmbar.

– Estou muito honrado em conhecê-la, sua senhoria.

– Graça. – Graham corrigiu.

Ramsés olhou confuso.

– Eu pensei que o nome dela era Jillian.

– É. Ela é minha duquesa. Assim, o tratamento é a Sua Graça. Assim como eu sou Sua Graça.

– Meu amigo, você é nada, mas graciosa.

– É um título inglês. – Graham contraiu os lábios com a alegria.  
– Eu não fiz as regras.

Ramsés voltou-se para Jillian.

– Estou honrado em conhecê-la, sua duquesa, senhoria mais graciosa.

Jillian sorria enquanto Ramsés piscava para ela.

– Vamos levá-lo, resolvido, a Sua Graça Suprema Duquesa. Depois disso, tome a sua lady para atender Elizabeth e Katherine. Elas gostariam de conversar com uma duquesa graciosa inglesa.

Eles se estabeleceram em uma tenda grande, espaçosa, com tapetes macios cobrindo o chão, mesas baixas e uma cortina faziam a divisão do quarto. A cama real, baixa para o chão e bastante confortável quando ela se sentou em cima, dominava o ambiente. Para sua surpresa, Graham rapidamente trocou a roupa. Ele escavou em seu baú e retirou um equipamento índigo correspondente à dos guerreiros.

– Eu uso o binish<sup>13</sup> quando os visito. O Khamsin me considera um irmão e até mesmo arrumou um nome árabe para mim Rashid. – Ele explicou. Ele deslizou uma longa espada letal olhando em uma vagina de couro preso ao cinto. Ele fez o mesmo com uma adaga curva.

Em trajes egípcios, ele parecia perigoso. E muito estranho. Jillian ofereceu um sorriso corajoso se vacilante.

– Bem, quando em Roma, se vista como os romanos. – disse ela. – Você quer me encontrar vestido semelhante ao que as mulheres aqui usam?

– Você é perfeita do jeito que é.

– Mas eu devo me vestir para o deserto, se estamos indo para uma longa viagem para encontrar o tesouro. – Ela enfiou-lhe as saias.

Um olhar vazio apoderou-se dele. Jillian começou a suspeitar.

– A menos que você não esteja pensando em não me levar. É por isso que você queria vir aqui primeiro! Para me deixar com seus amigos.

O duque suspirou.

---

<sup>13</sup> Casaco de abertura frontal com mangas largas de estudiosos e sacerdotes usado sobre o caftan.

- Jillian, não é seguro para você atravessar o deserto. Há muitos perigos, e até mesmo o mais resistente dos homens pode morrer lá fora.

- Graham.

Vamos discutir isso mais tarde. - Disse ele firmemente. Sua expressão fechada e Jillian sabiam que ele não ia falar mais nada com ela. Instalou-se uma mão sobre suas costas, conduzindo-a para fora da tenda.

Olhou em volta do acampamento enquanto caminhavam pelo meio do arraial. Jillian se arrastava em uma respiração indecisa. Graham pegou sua mão, dando-lhe um apertão tranquilizador.

Pararam diante de uma árvore curta e grossa, seus ramos com espigas altas rasgando. Uma mulher loira e uma morena sentada debaixo de sua sombra conversando e rindo. Um bebê dormindo estava envolto nas proximidades. Crianças brincavam a seus pés. De cabelos escuros gêmeos, eles tinham cerca de dois anos de idade. O menino que tinha impressionantes cabelos loiros, olhos escuros, parecia ter cerca de três. As mulheres olharam para cima. A expressão de Graham suavizou quando ele as apresentou. A loira era Elizabeth, esposa do sheik, norte-americana de nascimento. A morena de olhos verdes era a esposa inglesa de Ramsés, Katherine.

- Por que você não se senta com elas e se conhecem melhor? Jabari, Ramsés e eu temos assuntos para discutir.

Foi um pedido mais como uma ordem, mas estava ansiosa para conversar com a intrigante Elizabeth, Jillian assentiu. Ela viu o marido se juntar ao sheik e Ramsés na tenda do Jabari. As aberturas foram enroladas para permitir que uma brisa fresca do deserto entrasse. Graham parecia tão estranho, como se a areia o tivesse engolido todo, absorvendo e transformando-o.

Suas chances de persuadi-lo, de alcançar a intimidade que ela ansiava eram mais remotas do que nunca. E agora ele queria deixá-la aqui, neste campo, enquanto ele se aventura no Saara ardente em busca do tesouro sozinho.

Jillian conversou com as duas mulheres, dizendo-lhes do seu casamento e a busca para encontrar o tesouro. E como Graham planejou deixá-la no campo.

- Eu não posso deixá-lo ir sem mim. - Ela disse a Elizabeth, sentindo-se um pouco desesperada.

- Ele quer você aqui para sua própria proteção.

- O que há lá fora, que é tão perigoso?

Um olhar pensativo veio de Elizabeth.

- Diz-se entre os Khamsin que, a fim de encontrar-se, você deve ir para o deserto e se perder. Nossos guerreiros são mandados para o deserto profundo para meditar. O deserto tira-os para o que essencialmente somos. Às vezes, leva os homens a loucura, pois eles não gostam do que encontram.

Jillian estremeceu. Graham, sozinho naquela desolação imensa, exposta ao calor impiedoso e até mesmo fantasmas mais impiedosos a assombrá-lo? Uma imagem horrível encheu o marido, orgulhoso com a angústia contida uivando como ele enfrentando seus demônios. Ela não podia permitir que ele os enfrentasse sozinho.

- Devo ir com ele. Como posso fazer ele me levar?

Travessura encheu os olhos de cobalto da norte-americana.

- Descobri que um homem pode ser bastante maleável depois de certas atividades noturnas.

Jillian pensou no que seu pai tinha feito para ela.

- Ou eu poderia esconder todas as suas roupas.

A mulher chamada Katherine borbulhava com o riso.

- Isso não pararia Ramsés. Ele marcharia para o deserto nu só para provar a si mesmo. Homem teimoso. - Seu olhar suavizou quando ela olhou para a tenda onde seu marido sentava falando com Graham e Jabari.

- Se você quiser ir com ele, então você pode aprender tudo sobre a vida no deserto. - Elizabeth falou. - Convencer a ele que você vai ser uma vantagem, não um passivo.

Jillian se animou, pensando na aprendizagem.

- Você me ensina como agir no deserto?

As duas mulheres trocaram olhares.

- É claro. Nós duas. - respondeu Katherine.

Dúvidas a atormentavam.

- Graham é muito teimoso. Mesmo se eu mostrar a ele que posso fazer a viagem, ele não vai me levar. Disse ela preocupada.

Um sorriso sábio tocou a boca de Elizabeth.

- Teimoso, sim. E muito possessivo, eu posso dizer. Talvez Graham precisasse de um impulso sutil para convencê-lo que deixá-la aqui pode não ser do seu melhor interesse. Uma esposa atraente por si só, rodeada de homens curiosos... Não concorda Katherine?

A morena miúda olhou na direção das outras tendas. Um sorriso travesso curvou seus lábios.

- Vou conversar com meu marido. Eu acho que ele pode ajudar.

## *CAPÍTULO 16*

Jillian se destacava entre as outras mulheres com sua pele delicada de alabastro, olhos verdes claros e desordem de tranças flamejantes. Ela usava um grande chapéu de palha com abas sombreando do sol forte. Seu vestido branco tinha mangas ondulantes e uma fita de esmeralda na cintura. Graham queria que ela estivesse na Inglaterra. Ela não pertencia àquele ambiente, em meio à areia e ventos quentes, e no meio do seu passado tenebroso.

Ele se sentou de frente do sheik Khamsin e do guardião. Ele havia dito a eles sobre seus planos de encontrar o tesouro de Khufu. Ramsés olhou para o horizonte onde o longo estirão do Nilo cortava o Egito no meio.

– O deserto ocidental, a terra onde os gênios vagam. Homens morrem lá fora. – Ramsés entoou solenemente.

– Não tenho nenhuma intenção de morrer. – Ele informou-os severamente. – Eu sei como navegar pela luz das estrelas. Eu posso identificar trilhas de um camelo, não importa quão duramente o vento sopra para escondê-los.

– Você se perdeu no Cairo tentando encontrar o hotel Shepherd. Jabari replicou.

Graham o encarou sério.

– Um hotel, em uma cidade.

Jabari sorriu.

– Um hotel muito grande em uma cidade. Para enfrentar isto, você não poderia encontrar a Grande Pirâmide, sem um mapa.

–E vários guias. – Ramsés terminou proveitosamente.

Graham ignorou suas piadas.

– Eu tenho um mapa que Jillian irá fornecer para mim. A caverna fica ao norte de Farafra. Se eu tomar a velha rota Darb Asyut, vou chegar lá em menos tempo.

O sheik e seu tutor trocaram olhares inquietos.

– Farafra, a Terra da Vaca. – murmurou Ramsés, usando o nome antigo para o oásis. – Eu tenho amigos lá.

– Essa rota que você fala é traiçoeira. – advertiu Jabari. – É bastante longa, dura dez dias de camelo. A areia vermelha pode engolir todo um homem se colocar os pés dentro dela. Há poucos poços.

– Eu tenho tanques de ferro da água comprados no Cairo. – Disse Graham.

O sheik parecia perturbado.

– Farafra foi muito assediada por saqueadores. Há Beduínos vagando pelas areias que estão à espreita de viajante incauto.

Os dedos de Graham tocaram a cimitarra afiada amarrada a seu lado.

– Eu não sou incauto.

– Mas sozinho... – Ramsés observou. – Você não está seguro, meu amigo, não importa o quão forte guerreiro você é.

– Vou enviar vários homens com você. – Jabari decidiu.

Tensão envolveu em seu estômago. Graham passou a mão sobre sua barba crescida. – Eu não vou arriscar as vidas de seus homens, Jabari.

– Você corre risco com isso. – replicou o sheik. – Eu não vou permitir que você deixe o acampamento sozinho.

Graham estudou o par, perguntando se ele podia confiar neles, mesmo esses, os dois homens que ele conhecia que tinham a honra acima de tudo. Um cuidado natural o conteve de dizer tudo.

Os sábios olhos do sheik procuraram seu rosto.

– Está com fonte do conhecimento. O que é isso, meu amigo?

À distância, Graham ouviu o riso gutural de sua esposa. Despreocupado. Como ele queria mantê-la assim, e guardá-la da terrível verdade.

Seu olhar moveu rápido para a eles.

– Estou sendo seguido.

A expressão de Jabari cingiu. Ramsés colocou a mão no punho de sua cimitarra, um gesto de guerreiro Graham reconheceu como uma atitude defensiva.

– Quem é? – Jabari perguntou.

– Alguém que eu conheço. – Disse Graham cautelosamente. – Um inglês que quer o tesouro e sabe que está enterrado na gruta.

Ele não se atreveu a dizer-lhes sobre o fiasco em Londres com Stranton. Ou a verdadeira razão que ele queria viajar sozinho para matar Stranton enfim, ou ser morto por ele. Graham não arriscaria ninguém em sua batalha pessoal.

– Uma razão maior para ter um bando de homens. – Disse Ramsés.

– Não. Viajar com uma grande caravana é como agitar uma bandeira. Devo manter a capacidade de misturar na areia se

necessário, e mudar, conforme a mudança de dunas. Eu não desejo atrair mais nenhuma a atenção do que eu preciso. – Seus olhares sequer encontraram os deles.

– Você se lembra do que aconteceu com meus pais há tantos anos atrás? Gritos de morte ecoaram em sua cabeça.

O sheik olhou para as mulheres, que foram discretamente falando sob a sombra de uma árvore abrigando a acácia espinhosa.

– E sua esposa?

– Ela quer ir. Mas fará o que eu digo e permanecerá aqui.

– Lady Jillian não parece ser do tipo que humildemente segue ordens. – Observou Jabari.

Ramsés olhou com fascínio extasiado para Jillian quando ela puxou seu chapéu de palha, revelando sua brilhante trança vermelha enrolado em um coque apertado.

– Al-Hariia. – Ele murmurou. – Esse cabelo arde como fogo. Será que ela queima por dentro também?

Graham mudou, estreitando os olhos. Ele não gostava do interesse de seu amigo em sua esposa.

– Você nunca vai descobrir.

O guerreiro olhou para ele e riu. Malícia acendeu em seus olhos âmbar.

– Ah, então a lady inglesa chamou a pantera distante e o enredou com seus cabelos de fogo.

Um sorriso maroto torceu a boca de Jabari também.

– Já não era sem tempo, meu amigo. Estou muito feliz por você.

Satisfação encheu Graham quando ele olhou para sua esposa, Elizabeth e Katherine.

– Chega de mim. Falem-me de suas esposas. Eu vejo que você aumentou a sua família, Ramsés. E Tarik parece bem, Jabari. Ele está com três anos agora, não é? Por você não noticiou? A Elizabeth não estava grávida quando eu saí?

Ramsés parecia desconfortável. A mandíbula de Jabari se apertou quando ele desenhou em uma respiração profunda.

– Elizabeth... Estava grávida. Ela perdeu o bebê. Isto a devastou, mas ela estava ansiosa para tentar novamente. Ela ficou grávida. Então, ela... Abortou novamente.

Genuína tristeza tomou conta Graham.

– Sinto muito, Jabari.

Emoção brilhou nos olhos escuros do sheik, então ele deu de ombros.

– Vontade de Alá. Vamos tentar novamente, se Elizabeth quiser ter outro filho. Eu disse a ela que ter Tarik é suficiente para mim, enquanto eu a tiver. Ela é o meu grande amor.

A aberta honestidade de seu amigo mexeu com Graham. No fundo, ele ansiava pelo mesmo compromisso emocional em um casamento. Mas ele sabia que significava partilhar a parte mais profunda, o mais escuro de si mesmo com Jillian. Ele não poderia.

Relaxando, mais uma vez, Ramsés sorriu.

– Olhe para nós três. Uma vez guerreiros que percorreram as areias, livres como falcões. Agora nossas mulheres nos conquistaram e faríamos qualquer coisa por elas.

– Mesmo você, meu amigo recém-casado. Uma mulher pode ser mais convincente quando você a está segurando em seus braços. Você verá como vai ser fácil para Jillian te fazer mudar de ideia sobre o acompanhar para o profundo deserto. – Disse o sheik zombando dele.

Mas Graham não podia devolver os seus sorrisos. A premonição dançava diante dele: cabelo vermelho ondulando implacável aperto do vento do deserto, seus gritos ecoando sobre as dunas...

Graham sentou-se na sua tenda depois, aprimorando sua cimitarra. A lâmina estava escondida em um baú no sótão, na Inglaterra. Ele raspou a pedra de amolar ao longo da borda, lembrando sua outra vida. Ele não queria se misturar como Jillian fez. Ele queria que ela se destacasse, e não que se escondesse em uma multidão.

Durante anos ela escondeu-se atrás de sedas cinza, gola alta ocultando-lhe a garganta semelhante à dos cisnes. Jillian, uma sombra cinza que tinha saído de sua concha que tinham auto-imposto a ela, não estava mais com medo de discutir com ele, de expressar sua opinião. Ele sorriu com tristeza. Ela era teimosa como ele, e era certo que iria discutir com ele para levá-la para o deserto.

Graham percebeu com ele começara a mudar. Ele pensava em Jillian como um meio para atingir seu objetivo final. Como havia feito com sua família, ele tinha mantido uma distância emocional, permitindo-se apenas ser um pouco vulnerável quando eles faziam amor. Mas agora ele percebeu que queria mais. Precisava de mais.

Trazê-la para o Egito tinha sido um erro e uma bênção. Graham sentia sua obstinada solidão forçada a voltar por seu riso doce, estimulando a conversa e ansioso por fazer amor. Lentamente,

ela foi afastando a escuridão de dentro dele. Isto o assustou. A escuridão era tudo o que conhecia. Ele agarrou-se a ela, como areia agarrava-se a pele.

A tenda agitou se abrindo e Jillian entrou. Ela tirou o chapéu branco, e girou se abraçando. Ela parecia sonhadora, deliciosa e absolutamente adorável. Ele queria lambar cada centímetro dela.

- Eu estive analisando o gráfico de estrelas que Jabari elaborou para mim. Bem, Elizabeth clamou-os; Jabari havia ditado. É fascinante a forma como os Beduínos podem calcular como voltar para casa, navegando pelas estrelas a cada hora. Ele e Ramsés estão me ensinando como encontrar meu caminho no deserto se me perder. Você sabe que se pode literalmente encontrar o caminho para fora do deserto através da análise de latitude e longitude?

- Sim. - Ele disse com uma voz rouca. Vê-la emergir de seu casulo cinza tinha sido como ver uma borboleta iridescente tomar o vôo. As estrelas a muito que empalideceram ao lado de sua beleza.

Jillian andava os olhos verdes brilhantes com chamadas de excitação. - Jabari tem a mais profunda intuição e tornou os investimentos da tribo rentáveis. No entanto, eles poderiam fazer mais. Elizabeth concordou comigo que investir em novos empreendimentos, tais como companhias elétricas vão garantir o futuro econômico dos Khamsin.

- Parece... Muito inteligente. - Graham murmurou.

Uma vez se ele não tivesse cuidado, ela o deixaria após seus três meses serem cumpridos. Agora, ele não poderia suportar perdê-la. Seus pensamentos eram um redemoinho. Era isso amor? Isto não era o romance que gorjeava pelo rosto pálido do poeta. Isto queimava como fogo. Era maravilhoso. E cauterizava com a dor de pensar nela deixando-o.

Ela girou, suas saias girando fora como as pétalas da flor. Ela parecia chocada. – Oh, Graham, eu estou chateando você.

Ele se levantou e foi até ela, roçou-lhe a mão com os seus lábios. – Não. Olhe para mim, Jilly. Eu não quero restringir você. Não finja mais. Eu não vou puni-la por pensar em voz alta, ou por saber mais do que eu. Eu não sou seu pai.

Ela parecia lutar com suas emoções. – Você sabe mais do que eu. Você pode navegar apenas olhando para as estrelas.

Um sorriso torto puxou a boca para cima. – Eu me perco na minha própria barraca. Navegando no deserto à noite é uma arte que eu ainda estou aperfeiçoando. Eu tendo a vaguear.

– Esse não é você, sou eu. Um andarilho sem rumo.

– Você não é um andarilho sem rumo. Você tem um propósito. Sua mente é como um Khamsin indestrutível, soprando através da vida, ansiosa por libertar-se. Mas você foi contida, Jilly. Eu não quero controlar você. – Ele disse em voz baixa.

Sua boca rosada tremeu. – Eu não sou uma duquesa convencional. Eu não tenho uma conversa brilhante.

Com um dedo sobre os lábios, ele a silenciou. Graham emoldurou o rosto arredondado com as mãos quentes. – Jillian, eu não quero uma duquesa convencional. Diabos, eu não sou um duque convencional. – Olhou para o índigo binish. – Duvido que se apareça no Parlamento com isso seria elogiado.

Um riso leve ondulou de sua perfeita boca rosada. – Assim como eu devo parecer uma raridade aqui entre os Khamsin.

Ele assentiu. – Intrigante, sim. Mas não estranha.

Cheia de esperança em seu olhar. – Então você não tem nenhum escrúpulo em me levar com você para o deserto?

– Vamos discutir isso mais tarde. – Disse evasivamente.

Maldição! De alguma forma ele devia convencê-la do perigo que era para ela. Mas no fundo, Graham sabia que o perigo real viria de frente para ele. Seu pior pesadelo, tornado realidade.

Ele estendeu a mão. – Venha, vamos para uma caminhada e eu vou explicar alguns costumes beduínos a você.

Eles saíram da tenda, piscando com o brilho da luz do sol. Jillian apertou a mão de seu marido, desejando que ele deixasse esse afastamento. Ela suspeitou que, neste acampamento entre amigos, o verdadeiro Graham iria surgir. Se ela pudesse persuadi-lo a sair.

Perto dali, os gêmeos de Katherine, Fátima e Asad e o filho de Elizabeth Tarik jogavam na areia. Fátima olhou para cima, com um sorriso insolente no rosto. Ela foi até Graham e abraçou os seus joelhos.

– Tio Rashid, joga conosco. – Disse ela em inglês.

Graham sorriu. Ele retornou para a tenda.

Quando ele surgiu, um dos lençóis brancos limpos de sua cama cobrindo seu corpo caía até a areia.

Jillian riu. – Brincando de fantasma?

– Eu sempre tinha medo do meu irmão com isso quando era uma criança. – Graham começou agitando os braços sob o lençol e gemendo alto.

– Você é muito assustador. – Ela concordou alegremente.

– Quieta. Você está estragando o meu ato. – Ele respondeu.

As crianças tinham olhares confusos em seus rostos. Jabari e Ramsés aproximaram ao enrugar as sobrancelhas.

– Ah, Graham, o que você está fazendo?– Jabari perguntou.

– Eu estou assustando o seu filho. – Disse ele, gemendo mais.

– Ele não parece com medo. – Observou Jabari. – Talvez se você jogar o lençol fora, ele fique mais assustado.

Retirando o lençol, Graham fez um som exasperado. Ramsés riu e pegou uma cimitarra de brinquedo minúscula, sua lâmina de madeira arredondada. Atirou-a.

– Experimente.

Um grito estridente, o mesmo que os guerreiros tinham gritado, ondulou dos lábios de Graham quando ele acenou com a espada. Asad, o garoto gêmeo, gritou e balançou em direção à sua mãe, que o pegou em seus braços. Tarik parecia entediado. Fátima puxou a espada de brinquedo livrando das mãos de Graham e golpeou nos joelhos dele. Ela fez um som parecido com uma cabra doente em perigo.

Graham riu.

– Uma nova versão do grito de guerra Khamsin? Quer ser uma pequena guerreira. – Ele passou a mão no peito. – Você me pegou. – Falou Caindo dramaticamente ao chão de costas, ele fechou os olhos. Fátima subiu em cima dele, solenemente olhando-o.

– Tio Rashid chorando. Aqui. – Disse ela, tocando no peito dele.

Os olhos de Graham se abriram com um olhar assustado. Então a menina prontamente deitou a cabeça sobre o peito e bocejou, segurando o binish. Tarik cambaleou e se juntou a ela, usando Graham como uma almofada, o braço pendurado ao redor de Fátima.

– Hora de cochilar. – Ramsés disse alegremente. – Ela muitas vezes adormece em mim assim. Aí tenho de ficar lá. Esta é a minha primeira filha, ela esteve tranquila durante o dia todo.

Graham não sorriu. Ele gentilmente acariciou a cabeça da menina com um olhar sombrio.

Ramsés pegou sua filha e ela se aconchegou em seus braços. Jabari fez o mesmo com seu filho. Graham lentamente levantou-se, escovando a *binish*. O sorriso que ele ofereceu a Jillian parecia difícil.

– Eu preciso verificar os camelos, Jilly. Por que você não visita Katherine e Elizabeth?– E antes que ela pudesse responder, ele se afastou com mandíbula pressionada.

Desespero a encheu. O momento alegre que compartilharam ao brincar com as crianças tinha desaparecido. Ela olhou para ver se Katherine a olhava, Asad estava dormindo em seus braços.

– Estranha coisa para Fátima dizer. Por quê? – Jillian perguntou.

Angústia estampava o rosto de Katherine.

– Ela nasceu com o *caul*<sup>14</sup>. Fátima tem a Segunda Visão<sup>15</sup>. Nosso Shamam diz que ela pode ver o coração das pessoas. Especialmente aqueles que estão com problemas.

---

<sup>14</sup> Situação em que, quando a criança nasce parte do saco amniótico cobre a cabeça. Também chamado *Pileus*.

<sup>15</sup> O dom de adivinhação/vidência.

## *CAPÍTULO 17*

Depois de escutar as observações estranhas de Katherine, Jillian encontrou-se desfrutando da aventura de ficar com os Khamsin. Ela gostava de falar com Elizabeth. Apesar de se incorporar na tribo, a mulher mantinha sua atitude ocidental. Jillian muitas vezes viu Jabari olhando com devoção amorosa para a esposa. Jillian desejava que ela pudesse inspirar o mesmo em Graham.

Dois dias depois, Ramsés e Katharine os convidaram a compartilhar o que Katherine chamou de "chá beduíno inglês". Sob a sombra de uma acácia, estendeu um tapete felpudo. Katherine fervia água em uma fogueira, e as folhas de chá mergulhadas em uma florida panela chinesa. Um prato amontoado com bolinhos repousava em uma mesa baixa em volta. Um sorriso de diversão provocou o rosto de Ramsés, enquanto observava sua esposa derramar formalmente o chá como se ela estivesse sentada em uma sala inglesa.

– Você toma leite no seu chá? – Perguntou ela.

As sobrancelhas de Jillian arquearam-se.

– Que tipo de leite?

– Leite de camelo. – Ramsés disse, e riu da careta dela.

– É muito bom. – assegurou-lhe Katherine. – Os beduínos usam o leite de camelo, para manterem se vivos no meio do deserto.

– Como se tira leite de camelo? – Jillian perguntou.

– Assim como uma vaca. – Graham cortou, tomando seu copo de Katherine e balançando seus agradecimentos. – Se você se

levantar, equilibrar a vasilha sobre a sua perna esquerda e usar a mão direita para o leite.

Katherine derramou um bocado em um copo de reserva.

– Experimente.

Jillian estudou o líquido espumoso e tomou um gole. Tinha um gosto rico e cremoso.

– É delicioso. – admitiu.

– E saudável. Em uma de minhas viagens para o deserto profundo, eu vivi por semanas sem nada, só com leite de camelo, - disse Graham.

– Eu pensei que você viajava, principalmente nas cidades, exceto para visitar esta tribo em uma ocasião breve.

Ramsés e Katharine de repente pareciam absorvidos em suas xícaras. Uma sombra caiu sobre o rosto de Graham.

– Sobreviver no deserto exige um conhecimento que vai ajudar em uma emergência.

– Bem, por que você não me ensina a tirar leite de camelo? Eu quero ser capaz de ajudá-lo na jornada.

Graham virou a cabeça, exibindo a ponta de sua mandíbula tensa.

– Não, Jillian. Não é necessário. Eu não quero você ordenhando camelos ou se vestindo como uma mulher beduína. Você é inglesa.

– Você também é. – Disse ela calmamente. – No entanto, você se veste como um guerreiro Khamsin e fala árabe fluentemente. Isso me faz pensar, Graham. Você realmente foi criado por algum casal de velhos ingleses apaixonados?

O sangue drenou de seu rosto. A mão de Graham em sua xícara de chá estreitou-se mais. Esta parecia prestes a quebrar. Como ele.

– Você está questionando a minha infância? – Perguntou ele com firmeza. – Se você quiser discutir sobre o meu passado, vamos fazê-lo em privado.

– Eu não vou discutir Graham.

– Nem eu. Desculpe-me -, Katherine, Ramsés.

Ele se levantou e esquivou-se, silenciosamente. Ramsés suspirou e o seguiu. Envergonhada, Jillian gaguejou um pedido de desculpas educado para Katherine.

– Eu só quero ajudá-lo. Como eu posso?

A miúda morena pareceu pensativa.

– Mostre a ele que você fará qualquer coisa para ir com ele. Ele não deve estar sozinho no deserto, Jillian. Ele precisa de você.

– Como eu posso fazê-lo mudar de ideia?

– Se ele não vai ensinar-lhe a tirar o leite de camelo, experimente por si própria. Não é difícil. – Katherine exibindo rápido um sorriso tranquilizador.

Jillian mascarou sua angústia. Graham estava mais distante do que nunca. A modificação sombria havia se tornado mais forte. Seu marido estava se transformando em um estranho diante de seus olhos.

Mais tarde, enquanto ela descansava na barraca, medos impeliram sobre ela. Ela poderia fazer isto? Ou será que ela iria algemá-lo em sua insistente teimosia em acompanhá-lo? A confiança adquirida sentada com o grande sheik e discutindo as finanças da tribo desaparecera na luz da ignorância dela sobre este terreno hostil.

Sua pele clara inglesa queimava ao sol. Seu cabelo vermelho a diferenciava. Eu não pertencço aqui. Jillian não sabia mais a onde ela pertencia.

Ela se levantou e refrescou-se, em seguida, saiu. Seu marido estava sentado no chão. Um ar de concentração violenta tremeluzia em torno dele quando ele aguçou sua cimitarra contra uma rocha. Jillian reuniu sua coragem e se aproximou. Ele olhou para cima de sua tarefa quando ela estava sobre ele.

– Graham, precisamos conversar. Você deve me levar com você para o deserto. Eu não vou ficar aqui.

Ele não podia levá-la com ele.

O peito de Graham apertou com medo quando ele pousou a cimitarra. No deserto, ele iria enfrentar seu pai, e finalmente chegaria ao fim de uma maneira ou de outra. Nada permanece muito tempo escondido no deserto. Vento levantava a areia, expondo ossos branqueados pelo sol. Não havia sombras ou escuridão no deserto implacável. Nem segredos.

Não, o deserto não permitiria que ele ficasse escondido. Seria parasitar a sua negritude, apertá-lo como a última gota de água de um saco de pele de cabra vazia. Ele não podia permitir que ela vislumbrasse a escuridão terrível que havia dentro dele.

– Você não pode ir. – Disse ele secamente.

– Porque você acha que eu sou incapaz de viajar? Ou é meu pai? Ele não vai me machucar, Graham. Ele nunca o fez. Leve-me com você. Eu posso ser seu escudo.

Ironia torceu sua boca. Um escudo para evitar o sol ardente, para esconder a escuridão? Ela não sabia o que pedia.

– Não.

– Por que meu pai está atrás de você, Graham?

Ao longe, uma ovelha baliu. Na primavera, o ar ressoava com o eco de gritos dos cordeiros. Estes machos castrados eram escolhidos logo após o nascimento.

– Ele está atrás do tesouro, Jillian. Ele tem o mapa e quer o tesouro para si mesmo.

Sua resposta pareceu satisfazê-la.

– Então você deve me levar com você para o deserto. Eu posso argumentar com ele, falar com ele.

– Não. – Ele irritou-se. – Eu não vou levá-la comigo. – Graham fez uma pausa. Ele tinha que dizer a ela algo para afastá-la. – Eu não posso ser orientado por uma mulher. Pare com essa bobagem e de me dar instruções.

Lágrimas brilhavam em seus grandes olhos verdes. – Muito bem. Vejo que você pensa em mim como uma obrigação. Eu não gostaria sobrecarregar você, Graham. Vou desenhar o mapa de novo para você.

Ela fugiu para dentro da tenda. Dor dilacerava-o. Ele era um idiota se a seguisse. O maior tolo se não o fizesse.

Ele seguiu. Dentro da sombra refrescante, Jillian sentou-se no espesso tapete com tons colorido, com a cabeça enterrada nas mãos.

Soluços sacudiam seus ombros. Graham se ajoelhou ao lado dela. Ela lutou contra seu abraço envolvente. Ele era mais forte. Ela cedeu contra ele, como se estivesse cansada.

– Ouça-me, disse ele. – com voz trêmula enquanto falava através da suavidade sedosa de seus cabelos. – Eu quero que você fique aqui e fique segura. Porque eu... Preocupo-me.

– Palavras, apenas palavras. Você não me ama.

Graham abraçou mais ainda. Receava deixá-la perto, ainda mais com medo de deixá-la ir.

Duas úmidas esmeraldas o olhavam quando ela levantou a cabeça.

– Se você me amasse você me diz. Você se abriria para mim, Graham.

Algo dentro dele se mexeu. Uma ligação que não queria. Ela veio de qualquer maneira.

– Confie em mim. – Jilly, ele disse suavemente. – Basta confiar que eu quero o que é melhor para você. É tudo que eu peço.

– E tudo que eu peço é que você dê a si mesmo para mim. Todo você. – Ela sussurrou. – Se você não pode me dizer me mostre como você se sente.

Ele não podia dar-lhe as palavras que ela queria. Ele só conseguia falar com seu corpo. Graham abaixou a cabeça e beijou-a. Ela passando suas mãos em seus cabelos, obrigando o turbante índigo a sair. Jillian agarrou seus cabelos quando eles caíram para o tapete. Com necessidade desesperada, ele se agarrou a ela com eles entrelaçados, rolando em direção ao tapete de pele de carneiro branco perto da mesa. Ele sentiu a lã escovar sua pele. A excitação fugiu, substituída pelo medo.

Seu riso macio, misturado com a respiração ofegante de sua respiração aumentou aterrorizado. O cheiro de ovelhas sujas irritando seu nariz a cada noite. Riso baixo ecoando na tenda... A voz de seu pai: – Admita-o, você gosta disto.

Ele afastou-se, ofegante. Jillian olhou para ele.

– Graham?

Ele ficou com as pernas trêmulas, sua ereção abrandando.

– Eu prometi a Jabari e Ramsés encontrá-los no campo de treino, ele conseguiu dizer. – Então saiu correndo da tenda, temendo que ela ouvisse o barulho do pânico em seu coração.

Ele pegou suas armas, empunhou-as em seu cinto. Lutando para recuperar a compostura, ele precipitou através do acampamento, passou pelas pastagens, sentiu o odor pungente de cavalos e ouviu o baixo balido das ovelhas. Suprimindo um estremecimento interior, ele contornou a montanha rochosa até chegar ao campo de treino. Homens sem camisa cortavam lâminas do outro com firme determinação. Ele viu Jabari e Ramsés duelando, e vacilou.

Ele não podia fazer isso. Ele não era um verdadeiro guerreiro. *Eu não sou um homem*, pensou em agonia. *Sou?* Mas Ramsés o viu e gritou. Relutantemente, ele foi até eles. Graham tirou seu binish e a camisa e desembainhou sua cimitarra.

– Vou lutar com ele. – Disse Ramsés em inglês. – Vamos ver se os ingleses amaciaram você, Rashid, meu amigo.

Graham flexionou os músculos rígidos de seu bíceps. – Eu sou nada mais que suave, meu amigo. No campo de batalha ou em outro lugar.

Uma gargalhada apreciativa escapou de Jabari, ele deu um passo atrás para assistir. Graham manteve seu olhar dirigido para Ramsés. O guerreiro era menor, mas suas habilidades de luta eram lendárias entre os Khamsin. Como guarda-costas do sheik, ele era o melhor.

Enquanto Ramsés engatava nele, Graham defendeu-se, sentindo a confiança fugir. Tudo o que ele conseguia eram fracas, frágeis cutucadas quando Ramsés tomou à ofensiva. A surpresa queimou nos olhos âmbar do homem.

– Eu não quero te machucar. – Disse Graham desajeitadamente.

– Você é um homem ou uma menina? – Ramsés insultou.

Raiva explosiva rompeu. Graham ouviu o passado como um eco zombeteiro. Ele grunhiu e investiu, cheio de violência e a necessidade de esmagar e agredir, socar e machucar. A surpresa queimou no rosto de Ramsés, mas o guerreiro recuperou rapidamente, defendendo-se com exímia habilidade. No entanto, a fúria incandescente pressionada adiante, até que brilhou nos ouvidos de Graham com um estampido forte, borrando sua visão enquanto ele lutou.

– Rashid. Pare com isso. Rashid!

A voz, alta de comando do sheik cortou através da névoa avermelhada. Graham baixou a cimitarra. Sangue escuro transbordando. Vermelho escorria do musculoso braço de Ramsés.

Uma vergonha horrível cobriu-o.

– Ramsés... Eu estou...

– Boa luta. Eu não acho que vou chamá-lo de garota jamais. – brincou Ramsés, mas um questionamento preencheu seu olhar.

Cobrindo sua perturbação com um sorriso irônico, Graham concordou.

– Eu tinha que mostrar que eu não sou um espigado fraco inglês.

O guerreiro retornou seu sorriso, em seguida, amarrou o corte com a faixa de seda da cintura.

– Não fique tão assustado, Rashid. É apenas um ferimento leve.

– Sua pele é muito grossa, como a cabeça, para que você possa causar algum dano real. – acrescentou Jabari, mas ele deu a Graham o mesmo olhar longo pensativo.

Graham assentiu respeitosamente, limpando sua cimitarra, reunindo suas roupas e saindo. Humilhação ardente por perder o controle daquela maneira. Ele fugiu para um barranco profundo que tinha servido no passado como um lugar de serenidade. Mas hoje, a paz iludiu-o. Graham afundou na areia quente e enterrou a cabeça em suas mãos, gemendo.

*Eu não sou um verdadeiro guerreiro, ou um homem, depois de tudo.*

Uma hora depois de sua partida precipitada, o marido voltou. Sem camisa, ele entrou na tenda, jogando a camisa e binish no tapete. Graham tirou o cinto da espada e punhal e colocou-as delicadamente sobre a mesa. Jillian estudou sua mandíbula apertada. Suor brilhava em seu peito poderoso.

– Você se divertiu? – Ela perguntou indecisa.

Ele olhou para ela e deu um grunhido de escárnio.

– Guerreiros não treinam por um bom tempo, Jillian.

Cheia de ousadia, ela apontou para a cimitarra. – Mostre-me como um guerreiro Khamsin a usa durante o treinamento.

Assustado, ele estreitou o olhar. Ela sorriu docemente.

– É proibido para as mulheres visitarem os campos de treinamento dos guerreiros. Eles são sagrados.

– Então, demonstre-o para mim aqui, Graham.

– Você sabe por que razões são proibidos para as mulheres? Após o treinamento, um homem está cheio de excitação da batalha. A necessidade selvagem de um guerreiro para conquistar muda para uma necessidade diferente, em que tudo o que ele deseja é uma mulher, sentir sob seu um corpo macio cedendo à rendição.

O corpo dela apertou-se agradavelmente ao desafio em seus olhos escuros.

– Mostre-me, Graham. – Ela repetiu.

As narinas inflamaram-se. O ar dentro da tenda aqueceu, cheio de um sedutor odor masculino de cavalos, couro e de sândalo. Ele havia mudado do refinado duque para um guerreiro perigoso. A arma que ele carregava lembrou-a dos perigos desta terra, onde os homens lutavam entre si, e não com lâminas de duelo num esporte cavalheiresco, mas numa verdadeira batalha.

A mudança a tinha alarmado antes. Agora só serviu para excitá-la. Graham deslizou sua cimitarra ao longo de sua bainha.

Um suspiro de admiração reverente escorregou dela quando ele cortou o ar com a espada. Músculo e tendão abaulado e ondulado quando ele rodou a cimitarra em uma série de movimentos intrincados.

Onde ele aprendera? Jillian prendeu a respiração, não se atrevendo a perguntar quando ele embainhou a espada, colocando-a sobre a mesa.

Sisudo, ele enfrentou-a, o suor perolado em seu testa, brilhando em seu peito esculpido. A mão dela espalmou contra a abundância de cabelo escuro, sentindo a firmeza contra as pontas dos acariciantes dedos. Um gemido ondulou intenso de seus lábios.

Uma onda de poder feminino encheu-a quando ela estendeu o braço, deslizando as mãos em volta do pescoço, arrastando-o para um beijo. Seus lábios amolecidos sob a pressão esmagadora do seu, aceitando os impulsos profundos de sua língua. Jillian apertou-se contra ele, segurando a envergadura duro de sua ereção. A blusa de algodão esfregava contra seus mamilos doloridos.

Graham se desvencilhou ofegante. O desejo quente apertou seu rosto. Jillian recuou ligeiramente, muito animada por tê-lo empurrado para isso, um pouco de medo em sua intensidade escura.

Ela poderia lidar com ele?

No comando silencioso, ele apontou para sua blusa. Entendendo, ela tirou esta. O olhar dele se ampliou, uma vez que acariciava os seios nus, os picos avermelhados de seus mamilos. Ela o olhava enquanto se despia e ficava nua diante dele. Graham tirou as roupas. Seu pênis duro como ferro se projetando.

Ela se sentou na cama, olhando para ele com expectativa. Em seguida, ele apontou para a cama.

- Deite-se sobre seu estômago. - Confusão rodopiou nela. Seu olhar ardente fixo nela. - Confie em mim. Isso é perfeitamente normal.

Ela engoliu convulsivamente e obedeceu, apresentando-lhe sua parte traseira quando ela subiu na cama. Sentiu o colchão fresco e macio. Um ligeiro tremor sacudiu-a, ela sentiu suas mãos sobre seus quadris, puxando-a ligeiramente para trás. A palma da mão quente acariciou seu traseiro. Jillian não sabia o que ele esperava, mas ela confiava nele. Nesta posição, ela se sentia terrivelmente vulnerável.

Quando sua mão mergulhou na umidade entre das coxas trêmulas, ela se encolheu. Ele começou a acariciar, a grossa pressão

se esfregando contra suas dobras interiores. Ela se agarrou ao travesseiro, mordeu-o, engolindo um gemido.

Sua voz mudou, tornou-se mais profunda e um pouco áspera. – Você gosta disso, não é? Admita-o. Você gosta disso.

Envergonhada, Jillian não respondeu. A mão entre as pernas aumentou a tensão incrivelmente quente quando ele acariciou, colhendo mais umidade. Seu bumbum levantou enquanto seu corpo instintivamente pressionava contra ele. Ela sentiu seu pênis grosso começar a sondar entre as pernas. Jillian pressionou para trás, quente de desejo, flamejante com vergonha ante sua febril necessidade.

O hálito quente soprou nas bochechas quando Graham curvou sobre ela, sussurrando em seu ouvido.

– Diga-me se você me quer.

Ela respondeu com um gemido indefeso, dolorido para ter sua espessura preenchendo-a. Jillian sentiu seu corpo musculoso deslizar contra ela, como uma bainha de couro recebia sua cimitarra. Com uma mão segurando seu quadril, mantendo-a imóvel, a outra continuou a trabalhar a magia negra entre as pernas. Tensão incrível queimou quando ela impulsionou para trás em um apelo silencioso.

Seu pênis enrijeceu sondando as úmidas dobras interiores. Jillian empurrou para trás novamente. Ele retirou-se.

Desesperada, quase gritando de frustração, ela ergueu-se sobre as mãos e joelhos, forçando-se para trás, apenas para encontrá-lo forçando-a de volta para baixo. Ele provocava-a novamente, a ponta arredondada de seu pênis circulando sua umidade.

– Graham. – Ela sussurrou.

Com a sua tremenda força e peso ele a mantinha presa embaixo dele, enquanto ela se contorcia impotente.

– Diga-me você o quer. – Disse ele com voz rouca.

O comprimento e a espessura dura dele sondando-a novamente. Ela escondeu o rosto nos braços e ficou tensa quando ele entrou com um golpe profundo. Jillian refreou de volta com um gemido de prazer tórrido engolfando-a.

– Venha, Jilly, relaxe, não lute contra isso. – Ele cantava em seu ouvido quando o seu grande corpo prendia o dela no colchão. Ele começou a empurrar pesadamente nela. – Você sabe que você gosta. Você não pode esconder quem você realmente é. – Ele atormentou.

Prazer retorceu com o medo crescente em sua intensidade escuro.

– Graham. Por favor.

Ele ficou absolutamente imóvel. Então, ele gemia baixinho. – Oh, muito bem, Jilly... Sinto muito. Que diabos estou fazendo?

Ele deslizou para fora dela, ofegante. Tormento girava em seus olhos escuros, enquanto ela virou para olhá-lo. Ele emoldurou seu rosto nas mãos.

– Jilly, eu sinto muito. – Ele murmurou.

– Graham, que há de errado?

– O passado. – Disse ele. – Eu não posso deixá-lo entre nós.

Ela não entendia. Tudo que ela sabia era que ele precisava dela desesperadamente. Jillian deslizou as mãos em volta do pescoço, puxou-o para cima dela colocando suaves beijos no rosto. – Eu não vou deixá-lo. Apenas me ame, Graham. Faça amor comigo. Eu preciso de você.

Determinada a tranquilizá-lo, seu corpo precisava dele dentro dela, ela acariciou-o, reconstruindo o fogo. Graham estremeceu, beijou-a, traçando seu corpo com as mãos.

Ele a amava devagar desta vez, construindo o prazer com ela acariciando suas costas. Cada impulso profundo, cada curso lento aumentou a tensão até que ela agarrou-o, gritando de satisfação. Seu grande corpo estremeceu e ele derramou sua semente dentro dela.

Um vazio frescor a cercava quando ele escorregou de seu corpo. Ele correu os dedos em seu cabelo como se fosse feito de seda.

- Jilly, eu não quero nunca mais te machucar. Deus me ajude se eu... Fizer qualquer coisa que faça você se sentir assim novamente. Perdoe-me.

- Você não faria. Você não poderia. - Disse ela ferozmente.

Suas palavras pareciam tranquilizá-lo. Ele caiu de costas na cama, puxando-a contra ele, acariciando-a de volta em uma leve carícia. Jillian se agarrou a ele, observando-o enquanto seus olhos fechavam-se. Longos, pretos, delicados cílios sombreando seu rosto quando ele caiu em um sono tranquilo, o peito profundo subindo e descendo. Jillian estudou-o, profundamente perturbada. Por que ele parecia tão atormentado?

## *CAPÍTULO 18*

Determinada a provar a sua competência para Graham, ela partiu na manhã seguinte para o rebanho de camelos. Em suas mãos Jillian segurava a tigela grande de madeira. Ela iria ensinar a si mesma como tirar o leite de camelo.

Já acostumada aos sussurros e olhares que outras mulheres e homens lhe davam, Jillian passeou pelo campo. Chamas crepitavam no fogo cozinhando nas proximidades. Um barulho encheu o ar. Ela olhou para uma tenda para ver um guerreiro trabalhar alguma coisa em uma tigela. O delicioso aroma do café moído na hora encheu o ar. Como era maravilhoso.

Ela chegou à beira do campo e parou perplexa. Os dromedários grandes pastavam lá pacificamente. Deus! Ela deve apenas escolher um e começar? Havia lá um certo protocolo Bedu sobre isso?

Ouviu um barulho atrás dela, ela virou-se para encontrar Ramsés estudando-a. Seu olhar parecia estranho fixo em seu cabelo. Conscientemente ela tocou o chapéu.

– Quais são os camelos para a ordenha?– Perguntou ela.

Suas sobrancelhas escuras se juntaram. Ele olhou para o rebanho de animais, serenamente pastando no afloramento esparsos de gramíneas, então franziu a testa para os camelos e selecionou um. Ele estudou-o e disse:

– Tente ordenhar este.

Profundamente grata, ela lançou-lhe um sorriso.

– Shukran<sup>16</sup>.

Surpresa queimou em seu olho dourado marrom.

– Você é bem-vinda. – Ele respondeu, olhando para o camelo. A boca torcida num meio sorriso. Ele caminhou fora, cantarolando uma melodia baixa.

Seu nariz enrugou com o odor pungente dos dromedários. Eles precisavam de banhos, todos eles. A dúvida encheu-a enquanto estudava aparelhamento do animal. Bom Deus, as feras certamente não se assemelham a uma vaca. Talvez o camelo fosse mais parecido com um cavalo. Jillian rangeu os dentes e se aproximou. Ela olhou por baixo do animal, analisando sua anatomia. Algo parecia errado, mas Ramsés tinha dito este era o camelo para ordenha. Equilibrando a tigela de leite grande, de madeira em sua perna, ela foi para aproveitar a teta.

Risadinhas e vozes murmurando em árabe ecoaram em torno dela. Jillian parou sua mão um milímetro de distância.

Um grupo de guerreiros estava por perto, olhando e sorrindo. Envergonhada, ela se esforçou para manter sua compostura. Eles devem achar cômico assistir uma tentativa da inglesa com este costume beduíno. Bem, ela mostraria a eles que poderia fazê-lo.

Voltando-se para o camelo, ela rangeu os dentes. Quando chegou para o teto, mais uma vez, uma mão sol escurecerá apreendeu-lhe o pulso. Ela olhou para cara divertida de seu marido.

– Jillian, o que você está fazendo?

– Você disse que eu precisava saber como sobreviver no deserto. Então eu pensei que eu ia aprender a tirar leite de camelo

---

<sup>16</sup> Obrigada.

sozinho. Mas eu não consigo descobrir... Bem, o equipamento não parece muito certo.

– É muito certo para um camelo macho.

Horrorizado, Jillian olhou para o animal, percebendo que na verdade ele estava correto.

– Mas o seu... Er, a sua, hum, coisa, quero dizer, é...

– Atrás. – informou ela. – Uma esquisitice de camelos do sexo masculino.

Seu olhar mortificado varreu sobre os homens rindo, e Ramsés, que se juntou a eles. O guardião Khamsin uivou.

– Mas Ramsés disse-me que poderia tirar leite deste.

Graham contorceu a boca em um sorriso.

– Ah, é por isso que ele disse que eu deveria salvar minha esposa e ensinar-lhe como é que tira leite de camelo. Ele deve estar fazendo uma piada com uma estrangeira.

Ela. A estranha com o cabelo estranho vermelho e pele pálida. Jillian provou lágrimas no fundo da sua garganta. Ela estava fora de lugar com essas pessoas, algo que ela já tinha antecipado.

Mas ela nunca tinha antecipado estar fora de lugar com seu marido. Graham chamando-a de uma estrangeira. Ele misturava-se com eles como areia, derramando o distanciamento real de um aristocrata Inglês.

Isto provou que ela não era forte o suficiente para atravessar o deserto. Afinal, ela era uma fêmea, desajeitada fraca que confundia tudo, assim como seu pai sempre a lembrava.

Jillian entregou a tigela de madeira para o marido, mordendo os lábios para não chorar. – Aqui. Você faz isso. Eu mudei de ideia. Eu não quero ir com você.

Um olhar assustado atravessou o rosto de Ramsés. Graham estudou-a calmamente. A tigela de seus dedos.

Com toda a dignidade que ela pôde fazer deu uma volta com suas saias inglesas, ela marchou para longe. Dentro de sua tenda, Jillian arrancou seu chapéu e escondeu o rosto nas mãos. Foi um erro, vir aqui. Ela tinha o obrigado a tomá-la, e agora se arrependera. Pela primeira vez em sua vida, Jillian desejava ser invisível como se sentiu durante todos aqueles anos. As macias saias de algodão branco e blusa rendada com a sua bonita fitas esmeralda viva não se adequavam a ela. Jillian rasgou a blusa, saindo dela e puxou sua saia. Abrindo a mala, tirou o vestido cinzento, do seu ninho de tecido. A mão trêmula acariciou a adequada casimira. Triste, familiar e maçante.

Será que ela realmente desejava permanecer nas sombras de cinza? Vestida apenas com a camisa, o vestido de Jillian roçou contra ela. Ela olhou-se no espelho, o resplendor de cor em suas bochechas, beijada pelo sol, os tentáculos de cabelo vermelho de seda coroando seu rosto. Graham a tinha puxado para longe dos recessos escuros e a trouxe à luz. Esconder-se nas sombras já não era uma opção. Ela não conseguiria esconder de si mesma.

Absorvida no pensamento, ela não sabia que seu marido havia entrado na tenda até o vestido cinza ser tirado de seus dedos e jogado no tapete. De partida, ela olhou para o espelho. Ele estava atrás dela, elevando-se sobre ela, uma sombra azul ainda segurando a tigela de ordenha.

– O melhor lugar para isso é o fogo. Eu não vou deixar você se esconder por trás dele por mais tempo, Jillian.

Queimar seu passado não resolveria nada. Jillian vestiu a blusa branca e saia mais uma vez, evitando seu olhar. Ela falou sobre seu ombro.

– Eu não posso fazê-lo, Graham. Eu não posso tirar leite de camelo, navegar em uma planície ou qualquer dessas coisas. É impossível, e é bobagem pensar que eu poderia. Eu vou ficar aqui com a tribo até que você retorne. Eu não pertencço a você lá fora.

Uma dor incrível torceu seu estômago com essas palavras. Será que ela realmente pertencia a lugar algum?

– Os guerreiros Khamsin estavam certos. Eu sou uma mulher. Boba e desajeitada. – Ela engoliu um grande nó que entupia sua garganta.

– Os guerreiros Khamsin nunca disseram isso. – Jilly, ele disse suavemente. – Esse era o seu pai. Os homens aqui homenageam as mulheres.

Jillian assentiu. – Você não acha que eu posso fazer isso.

Ele não disse nada, aqueles olhos escuros calmamente avaliaram-na no espelho. Graham então capturou a mão dela e levou-a para fora da tenda. Ela tropeçou atrás dele, protestando. Eles passaram a longa fila de tendas negras, os observadores curiosos sobre suas tarefas diárias, as mulheres cozinhando pão nos pequenos fornos de barro ou tendendo a seus filhos.

Com passos propositais, ele continuou, parando apenas quando chegaram ao rebanho de camelos. Graham foi até um e deixou cair sua mão. Ele acariciou o pescoço do animal com carinho.

– Esta é Sheba. Ela está amamentando. – Ele apontou para seu ventre. – Quatro tetas.

A camela, com seus grandes olhos castanho líquido deu um ronco suave. Graham contornou-a com a tigela de madeira.

– Assim é como você tira o leite de camelo. – Com a facilidade de especialista, ele equilibrou o recipiente em sua coxa musculosa esquerda, tomou um dos quatro bicos de Sheba em sua mão direita.  
– Assim como uma vaca. Aperte e puxe, visando a tigela.

Ele demonstrou, em seguida, entregou-lhe a tigela.

Jillian assentiu.

– Eu não posso fazê-lo. É impossível.

– Nada é impossível. Vá em frente. – Ele empurrou a taça para ela.

Piscando rapidamente, ela olhou para a tigela, depois para ele. Ele deu um aceno encorajador. Jillian levantou os ombros e se esgueirou até o camelo. Ela levantou a perna e com a mão esquerda, a bacia equilibrada em sua coxa. Graham estava atrás dela, seus dedos fortes envolvendo em torno dos dela orientando-a.

Juntos, eles sentiram a teta. Sentia-se quente e macia sob seus dedos. Com a orientação de Graham, ela puxou. A espuma de leite branco correndo dentro da tigela de madeira.

– Agora, experimente-o sozinha. – Ele deu um passo atrás, esperando.

Dúvidas a atormentavam. Trabalhando ainda mais a profunda determinação de provar para si mesma. Ela pegou o úbere e gentilmente o puxou. Leite quente espirrou na tigela. Encantada, ela girou ao redor, cuidado para não derramar.

– Eu sabia que poderia fazê-lo. – Aprovação brilhou em seu olhar.

Eles compartilhavam o leite, bebendo direto da tigela. Tinha um gosto espesso, quente e cheio. Ele sorriu para ela.

– Você tem um bigode. – Quando Jillian foi para limpar o lábio superior, ele se inclinou e lambeu-o em um golpe lento. Necessidade estremeceu através dela. – O leite é bom para o corpo. – Ele murmurou o timbre de sua voz rouca em correspondência com a intenção sensual em seus olhos.

Um camelo de cor de creme de leite fresco bateu sua cabeça no ombro de Graham. Ele riu e deu um tapinha no pescoço.

– Calma, Solomon. Você acha que eu esqueci que você?– Ele murmurou. Solomon abaixou a cabeça, e Graham acariciou por trás do arredondado das orelhas peludas. – Eu segurei Solomon quando ele nasceu.

De repente ela compreendeu. – O nascimento! É assim que você sabia como trazer para o mundo o bebê a Badra.

Sua boca se retorceu. – Minhas qualificações eram muito circunspectas. Receio de não ser uma boa parteira.

– Eu acho que você foi maravilhoso. – Jillian disse suavemente.

Ele estudou-a por um minuto, em seguida, sua mão acariciou sua bochecha. Uma tosse baixa jogou-os fora do momento. Eles se voltaram para ver Ramsés perto.

– Sinto muito pela provocação fazendo você se sentir desconfortável, Jillian. Foi, ah, uma piadinha. – Seu olhar tímido contrastava com o tom formal.

Ela estudou o guerreiro bonito, perguntando por que ele tinha feito isso.

– Está tudo bem. Eu queria aprender a tirar leite de camelo.

-E assim você fez. Seu marido lhe ensinou. É uma boa habilidade para saber... No deserto. Em uma viagem. – Ramsés olhou sério, mas uma luz travessa acendeu nos olhos.

Jillian começou a entender.

- Sim, é. Fico feliz que ele tenha me ensinado. Mas foi um truque maldoso para jogar, Ramsés. Você submete todos os estrangeiros com essas pequenas travessuras?

Um sorriso encantador e sedutor tocou sua boca.

- Ah, não, apenas as inglesas bonitas que gosto de provocar.

Graham estreitou os olhos. Jillian sufocou o riso. Agora ela entendia. Katherine havia conversado com Ramsés. E o guerreiro alegremente obrigado pela sua esposa não só fazer ciúmes em Graham, mas provocá-lo a ensinar Jillian em tirar leite de camelo.

- Eu odiaria ver o que você faz para as mulheres feias. – Ela murmurou.

- Oh, isso?– Ele acenou com a mão com um sorriso alegre. – Elas são fervidas em óleo. Muito saborosas, com leite de camelo. Mmmm. Mas não se assuste. Você é muito linda.

Graham fez um barulho de asfixia e desviou o olhar, um colorido manchava seu rosto. Ramsés piscou. Jillian piscou de volta.

- Ignore-o, Jillian. Ele é um velhaco e um patife, apesar do fato de que sua esposa ter conseguido prendê-lo. – Graham ralhou.

- Uma prisão muito prazerosa. – Ramsés concordou alegremente.

Ele olhou para ela com extasiado fascínio. Oh Deus, isso foi divertido. Desempenhando seu papel, Jillian tocou a cabeça descoberta.

– Espero que meu cabelo descoberto não ofenda você, Ramsés.

– Não. Peço desculpas por estar olhando. Eu nunca vi cabelo de tal cor. É como um pôr de sol flamejante egípcio. Se eu tocá-lo, ele vai me queimar?

Ao lado dela, Graham agitou impaciente. – Ramsés... – Ele começou.

– Está tudo bem. Vá em frente, pode senti-lo. – Disse Jillian a ele.

Interesse queimou no rosto de Ramsés. Seus dedos cruzaram até um perdido cacho em sua cabeça, acariciando seus cabelos como alguém acariciava um gato ronronando. – Chama viva. – Ele murmurou. – Al-Hariia. Viva como o resplendor de uma mulher quando um homem desperta sua paixão.

Graham fez um ruído estrangulado na garganta. Ele deu um passo adiante. – Basta. – Disse roucamente, puxando-a para trás. Jillian afundou-se na dureza do seu peito.

Ela retorceu para olhar. A expressão eriçada de Graham era inconfundível na sua masculina posse.

– *Ela é minha.* – isto dizia.

Ramsés deu um sorriso irônico. – É bom ver você de volta, Graham, especialmente com sua adorável esposa. Eu acho que Jillian irá provar ser a gazela tentadora que persuade a pantera tímida a sair da segurança de seu esconderijo.

O olho de seu marido prendeu o dele com olhar gelado, o guerreiro alegremente ignorou. Curvando numa inclinação elegante, Ramsés afastou-se. Jillian teve vontade de rir. Ela fingiu espanto outra vez.

– Que observação estranha. – Disse ela, estudando o guerreiro musculoso quando ele seguiu seu caminho entre os dromedários. – E o que *al-Hariia* quer dizer?

Com a mandíbula cerrada ele a encarou após a partida de Ramsés.

– O fogo.

Mais tarde, Jabari convidou-os a uma festa especial que havia preparado em sua honra. Graham ia deixar o acampamento na manhã seguinte para o deserto. Na barraca do sheik, sentaram-se em travesseiros felpudo sobre uma mesa baixa redonda carregada com cordeiro assado, arroz, pão sírio, e outras comidas deliciosas. Jillian viu os olhares de interesse, de Ramsés e Jabari, e sábios sorrisos de Katherine e Elizabeth, as duas mulheres tinham trabalhado no vestido Khamsin tradicional que ela usava esta noite. De comprimento até o tornozelo o caftan índigo era confortável e mais frio do que o seu apertado vestido inglês. Abaixo da caftan ela usava calças fofas e uma camisa folgada. Seus cabelos flamejantes foram deixados soltos como os das suas novas amigas.

Ramsés mergulhou um pedaço de pão chato no molho e comeu; seus olhos nunca deixando o cabelo de Jillian.

– Ramsés, não é educado olhar. – comentou Graham, parecendo irritado.

Malícia acendeu nos olhos do guerreiro.

– Eu estava simplesmente maravilhado, por sua bondade suprema, ante a profunda confiança em nossos povos por concordar em deixar a sua bela esposa para trás enquanto você viaja por semanas no deserto.

Um grunhido retumbou quase imperceptível do peito de Graham.

– Mas não se assuste. Eu, pessoalmente, me encarregarei de ver seu bem-estar. Ela ficará em nossa barraca.

– Isso é muita nobreza sua. – Disse Jillian.

O guerreiro musculoso, bonito acenou com a mão.

– Não foi nada. Por que, eu considero que é um membro próximo da minha família agora. Meu primo, você se lembra dele, Graham, o que você sempre chamou a... Qual é essa palavra, Katherine?

– Canalha. – Katherine falou.

– Se ofereceu para ensinar Jillian a montar.

– Jillian sabe montar. – Graham irritou-se.

– Ah, mas Kamal irá mostrar-lhe o caminho dos beduínos. Um não o é cavaleiro até que tenha montado com um guerreiro Beduíno.

– Como um guerreiro beduíno. – Katherine exclamou.

– Claro, minha querida esposa. – Ramsés deu de ombros e elegante. – Meu inglês, ele está com defeito.

Vermelho se fundiu no rosto de Graham. Uma veia pulsava descontroladamente na sua têmpora. Ele pareceu um assassino. Ele virou-se para Ramsés e começou a falar com Jabari sobre dobrar os suprimentos de que precisava para a viagem. Ramsés trocou olhares com sua esposa.

– Você vai precisar de roupa adequada para a viagem, Jillian. E um camelo, bem confiável. Acima de tudo, você tem que me escutar

em todos os momentos. O deserto é um lugar perigoso -, alertou Graham.

- Eu irei?- Ela tentou manter seu entusiasmo a distancia.

Graham lançou a Ramsés um olhar assassino.

- É mais seguro para você do que ficar aqui.

Jillian abaixou a cabeça, escondendo um sorriso quando ela verteu um pouco de arroz no seu pão sírio.

Quando desejou a seus amigos boa noite e desapareceu dentro de sua barraca, ela sentiu uma enorme necessidade de Graham. Ele tirou suas roupas, e ela tirou as dela também. Erguendo-a para a cama, ele a beijou profundamente, empurrando sua língua em sua boca, varrendo por dentro, estimulando um convite.

Depois de um momento, ele se desvencilhou e começou a beijar seu corpo, murmurando com sua boca quente, pequenos beijos, apertando sua pele, queimando-a com seu calor. Jillian se contorcia.

- O que é isso? - Ela gritou.

- Os Khamsin chamam-no de o segredo dos cem beijos. - Ele rosnou.

Cada vez que pressionava seus lábios contra sua carne dolorida aumentava o ardor. Ela se contorcia. Ele prendeu-a, mantendo-a parada. Beijando cada centímetro do seu trêmulo corpo, mordiscando em áreas sensíveis, em seguida, perseguindo com movimentos suaves da língua. E então ele separou suas coxas e inclinou a cabeça escura entre eles.

Jillian gritou com prazer chocado.

Tão delicioso. Tão feminino...

Ele inclinou a cabeça para sua essência, inalando o aroma delicioso dela, feminino e picante, de especiarias. Graham estudava-a, sua fome chutando um ponto enquanto ela se contorcia num calor envergonhado. As mãos dele prenderam as coxas dela no colchão. Uma impressionada pergunta atravessou-o em quão complexo corpo de uma mulher lhe pareceu. Cheia de pregas suaves e depressões secretas, um mistério complexo que ele desejava explorar.

Lugares escondidos, como o fio de cavernas que tinha encontrado uma vez perto do acampamento de al-Hajid.

Quando ele tinha oito anos, ele conseguiu fugir e se esconder lá por um dia precioso, sentindo o calor do deserto diminuindo como o interior da pedra dura a abrigá-lo em seu ventre rochoso. Pela primeira vez desde sua captura, ele se sentia seguro. Ele abraçou as paredes, contente com sua proteção, sua calma a abrigá-lo.

Graham se inclinou para frente e deu uma lambida na carne de uma Jillian delicada lambida lenta. Sua esposa se contorceu mais. – Calma -, ele murmurou contra sua pele. Aqui estava o maior mistério ainda a ser explorado. – Ele abaixou a cabeça e começou a banhá-la lentamente, sua língua correndo ao longo das curvas e dobras, provando-a, estabelecendo seu ponto de prazer. Absorvendo seu calor, sua umidade, seus segredos. Ele desejava esconder-se dentro dela, empurrando para trás um pouco a dor que o assombrava. Para empurrar para dentro da caverna úmida do seu calor e se sentir seguro, para ouvir sua excitação, gritos feminino de felicidade erótica.

O prazer, doce excruciante entre as pernas dela se intensificou quando o seu marido continuou a amá-la com a boca. Jillian se contorcia, sua respiração escapando em um soluçado gemido. Ela agarrou seus cabelos, mas ele não lhe deu tréguas. Calor explodiu dentro dela enquanto ela tensionava, gritando o seu nome na noite.

Só então ele a deixou, dando-lhe na carne trêmula um último beijo prolongado. Graham deitou-se sobre ela, seu olhar feroz.

– Você é minha, Jilly. Minha. Ninguém nunca terá você. – Sua voz profunda e esfumaçada ondulando sobre ela e beijou-a sem piedade, e ela provou sua própria necessidade em seus lábios. Jillian se agarrou a ele, seus membros moles quando ele a cobriu.

Deitou-se sobre ela, persuadindo uma resposta. Instando-a, ele a empurrou para dentro dela, penetrando profundamente. Ele entrou sem piedade, montando-a firme. Apertando os músculos rígidos de seus ombros, ela derreteu abaixo dele. Desejo intenso brilhava em seu olhar, e ele a tomou intenso, empurrando em seu calor acolhedor. Graham abaixou a cabeça e beliscou a junção sensível entre o pescoço e o ombro. Ela gritou, e ele a seguiu aliviado arrebatamento da sua língua de veludo.

Ela percebeu que tinha requerido esta veemente resposta. Foi um acasalamento primitivo, uma exigência de que ele anunciava a todos que ela era sua mulher. Ele fez amor com uma urgência feroz, amou seu corpo, dizendo-lhe com cada beijo e lambida como se sentia. Ela se contorcia e gemia sob ele. Com um poder implacável, ele dirigiu-se para dentro dela. Mais e mais Jillian arqueava e encontrava suas exigentes estocadas, e eles agarraram-se um ao outro enquanto explodiam, enchendo a tenda com seus gritos e gemidos roucos.

Depois, ele segurou-a firmemente em seus braços. Um facho fraco de luz penetrou na melancolia. Angústia enchia seus olhos escuros. Jillian penteou para trás uma mecha de cabelo úmido da testa. Graham a beijou.

–Minha Jillian. Minha esposa. Fique comigo após os três meses terminados. Não me deixe. – Sua voz era baixa e escassamente articulada.

– Graham. – Ela sussurrou. – Por que você está tão triste?

Silêncio envolveu-os. Ele a puxou para seu lado, segurando seu corpo, grande e quente contra ela. Ela ficou ainda muito tempo até que ele ergueu-se novamente e fez amor com ela. Sua experiência amorosa desta vez foi lenta e deliberada. Graham banhou trilhas quentes de beijos sobre sua carne aquecida até que ela se contorceu e implorou. Ele montou-a então, e seus empuxos foram lentos, profundos e deliberados, seu olhar escuro capturando.

– Fique comigo, repetiu ele com voz rouca. – Não me deixe.

Arqueando na borda de um clímax perturbador, ela trouxe-o para ela. Ainda assim, ele provocou, retirando, persistente, até que ela soluçava, implorando-lhe para preenchê-la.

– Fique comigo. – repetiu ele.

– Ajuda-me, Graham, – Ela soluçou.

Ele entrou nela, provocando um grito em seus lábios quando ela quebrou a partir do poder de sua liberação. Graham endureceu acima dela, seus braços poderosos rígidos com a tensão com o esforço, seu imenso corpo estremecendo enquanto ele resistia e desplumava.

Ela deu bem vinda ao seu peso denso quando ele desabou em cima dela, descansando sua testa úmida sobre o travesseiro. Suas palavras vieram de novo, um murmúrio persuasão. – Fique comigo.

Acariciando seu suor no umedecido cabelo, ela sussurrou em seu ouvido: – Vou pensar nisso, Graham.

Seu sonolento, olhar de pálpebras pesadas encontraram os dela quando ele levantou a cabeça. – Vou mantê-la aqui, debaixo de mim, sempre, se você ousar tentar sair.

Um tremor de delicioso calor atravessou-a.

– Promete. – Ela perguntou.

Graham deu um beijo na testa dela. – Prometo.

## *CAPÍTULO 19*

Seus membros estavam pesados e lânguidos no dia seguinte quando se preparavam para sair. Jillian sentiu sono e inflamada pela ardente noite de amor. Eles haviam adormecido e depois despertado, Graham aproximando-se dela mais uma vez num selvagem ardor e paixão. Cada vez, ela foi voluntariamente para os seus braços. Ele tomou-lhe uma e outra vez, até que ela chorou e implorou, e então ele a trouxe várias vezes para o prazer, descuidado, com ossos frouxos. Era como se ele lutasse com demônios interiores cada vez que ele a tomou.

Após um rápido café da manhã com leite fresco de camelo, de iogurte e pão sírio, eles se lavaram. Jillian vestida com uma estranha blusa, calças de algodão índigo que Katherine tinha feito e a camisa folgada. Ela puxou o caftan índigo e escondeu seu relógio de ouro. Em seguida vieram meias de algodão e botas de couro macio. Graham delineou seus olhos com kohl preto, explicando que reduzia o brilho do sol. Então ele envolveu a sua cabeça com um turbante branco. Ele apontou para o espelho.

Ela viu seu reflexo.

– Eu pareço uma múmia a andar.

– Mas pelo menos você não irá se queimar. – Ele abriu a tampa de um recipiente de pasta branca. Graham manchou sobre as partes expostas de sua pele. Ele acenou o recipiente.

– Certifique-se de embalar isso. Sua pele é como o marfim pálido. Se você não protegê-la, você vai se queimar.

Levaram com eles frutos secos e uma pele de cabra cheia de manteiga feita com leite de camelo. Misturado com água, fornecia

nutrientes valiosos. Jillian terminou de embalar suas coisas e saiu da tenda, entregando a mochila a Graham.

Outros guerreiros Khamsin haviam se reunido, observando. O sheik também. Jabari olhou para ela de forma constante com o seu olhar escuro, de sabedoria. Jillian sentiu um forte calor lavar as maçãs do rosto. Certamente toda a tribo tinha ouvido eles na noite passada.

Mas o que a surpreendeu mais foi Ramsés. A atitude, jocosa provocante tinha desaparecido. Seus olhos cor de âmbar estranhamente pareciam perturbados quando ele ajudou a prender seu pacote para Sheba.

– Obrigado por convencê-lo a me levar. – Ela murmurou.

Ramsés inclinou-se contra o camelo. Ele estudou-a tão intensamente que ela corou sob o seu escrutínio.

–É para seu próprio bem, Jillian. Seja paciente com o meu amigo. Não o deixe, não importa o quê. Ele vai precisar de toda a sua força no deserto.

– Eu não tenho força. – protestou ela.

– Você está muito errada. – rebateu. – Você tem a maior força, a de uma mulher apaixonada.

Jillian prendeu com o lábio inferior.

– Como você sabe?

Seu olhar suavizou enquanto estudava sua esposa, a embalar um saco de ervas para eles.

– Eu sei. – Então ele olhou para ela mais uma vez. – Vá com Allah<sup>17</sup>, Lady Jillian. E tenha cuidado. O deserto pode matar o homem mais forte, mas é a escuridão dentro de um homem que pode fazê-lo perder sua alma.

Determinada a não ser um estorvo, Jillian começou a viagem através do imenso deserto ocidental com determinação e alegria. Esta rapidamente se derreteu em força de vontade sinistra sob o calor implacável.

Eles tinham transposto para o outro lado do fluindo Nilo em uma barcaça e deixaram para trás o fértil vale verde horas atrás. Sua caravana de quatro camelos, um carregando seus equipamentos, o outro carregando as caixas d'água de ferro, se arrastavam com andadura de balanço. O forte sol amarelo batendo sem piedade sobre eles. Sem poder escape. Nem mesmo uma pequena parte de sombra enquanto cavalgavam através da planície, plana estéril. Suas nádegas e coxas doíam por montar na sela de madeira. Ela lambeu os lábios, secos e arenosos, inalando o cheiro de algodão do lenço cobrindo o terço inferior da face. Jillian golpeado uma mosca irritante importunando os ouvidos Sheba. Nenhum sinal por quilômetros e ainda havia moscas.

Quando Graham chamou para fazer uma pausa, ela desmontou em cansado alívio. Ele desenrolou um tapete pequeno, acenando para ela se sentar.

Ela se acomodou no tapete, olhando para o trecho de areia. Sem árvores. Nem mesmo uma pedra. Nada além de areia, uma areia interminável. Jillian ansiava por uma refeição quente, mesmo um copo de chá quente, mas estava resignada a comer alimentos enlatados.

---

<sup>17</sup> Nome divino real e supremo. Palavra árabe para Deus.

Graham pescou algo fora de sua mochila e jogou-a para ela. Ela pegou as duas pedras lisas e a vara de madeira.

- Use as pedras para conseguir uma faísca e a madeira para pegá-la.

-E o que você usa como combustível? Areia?

- Algo igualmente abundante.

Ela não gostou do olhar de travessura em seus olhos escuros. Graham foi para outra embalagem e retirou um pequeno saco. Ele desembulhou dois pequenos quadrados castanhos. - Combustível.

Jillian se inclinou mais perto, muito curiosa. - Turfa?

- Esterco de camelo.

Ele riu da careta de desagrado dela e, usando o pano para que sua mão não tocasse os tijolos, colocou-os no chão. - isto quer dizer que é bastante eficiente combustível, secos pelo sol. Os Bedu usam-no o tempo todo. Quase tão bom como o carvão.

- Eu prefiro ter carvão. - Obrigada-, disse ela.

Graham ocupou-se com a criação de um pequeno suporte triangular, sobre o qual ele pendurou um manchado pote de prata com água. - Hora do chá, - Disse ele alegremente. - Tudo o que precisamos agora é o fogo.

Olhando para ele, ela suspirou e começou a golpear as pedras. Mais e mais. Frustração encheu enquanto ele olhava, mas Jillian obstinadamente mantinha esfregando junto às pedras.

Finalmente, houve uma faísca e a madeira pegou. Ela segurou a barra de esterco seco, surpresa o quão rapidamente as chamas pegaram. Logo o fogo crepitava festivamente à distância.

Satisfeita com seu sucesso, ela olhou para Graham. Malícia dançou em seus olhos.

– Levou muito tempo. – Disse ele.

Ela fungou, irritada. – Eu suponho que você pode fazê-lo mais rápido.

– Com esses, sim.

Ele jogou um pequeno pacote de fósforos inglês na areia. Jillian estreitou os olhos. – E você me assistiu... Suponho que foi bastante divertido ver-me fazer papel de boba!

Sua expressão ficou sombria.

– Eu tinha confiança que você podia acender o fogo. E você precisava fazer isso por conta própria.

Ele caiu ao lado dela, tirando os joelhos até o peito. – Jillian, este é um ambiente hostil. Homens, fortes e calorosos, morrem aqui. Para sobreviver você deve manter todo o seu juízo sobre você e confiar em si mesma.

A ideia que ele tinha confiança nela deixou-a sem palavras. Nunca antes alguém tinha expressado a crença em suas habilidades. Ela traçou uma linha na areia com o dedo, timidamente satisfeita com o seu elogio.

– O chá estará pronto em breve. – Graham balançou uma pequena caixa para ela. – Comprada em uma das melhores lojas de Sua Majestade, em Londres.

Jillian olhou a chaleira pequena suspensa sobre o fogo crepitante. – Isto é... Diferente com este meio de água fervendo?

Ele sorriu. – É como beber chá em um jardim Inglês.

Ela torceu o nariz. – Eu ousou dizer que um jardim inglês tem cheiro mais perfumado.

Jillian retirou uma lata de biscoitos da mochila e colocou num prato de madeira, e prepararam o chá. Isto era um bizarro chá inglês, o céu azul e um trecho desolado de areia na sala de estar.

Eles comeram em silêncio. Seu marido, que estava sentado ao lado dela, as pernas cruzadas, parecia perfeitamente à vontade. Ele tinha claramente feito isso antes, não uma, mas várias vezes. Como se ele tivesse vivido sempre assim. Era este um dos segredos de Graham? A história de um simpático casal inglês resgatando um garoto assustado parecia cada vez menos provável.

– Quantos anos você viveu com o Khamsin? – Perguntou ela.

Ele lançou-lhe um olhar rápido e assustado. – Anos?

– Você está muito familiarizado com o deserto e sua cultura para ter sido um mero convidado, Graham. Por que você não me conta sobre seu passado com eles? O que você está com medo de me dizer?

Em pé, ele escovou as migalhas do casaco índigo. – Está ficando tarde. Eu aconselho que você se apresse e termine se queremos diminuir o tempo e seguir o horário antes de escurecer.

Ela se esforçou para ficar de pé. – Graham, o que está acontecendo aqui?

– Você já viu uma tribo inimiga com seus camelos correndo em direção a você, seus gritos de gelar o sangue subir fazendo terror na sua garganta? Viu suas espadas lampejando no sol pouco antes de cortar suas vítimas gritando?

– Não. – Ela sussurrou.

-Então embrulhe e faça como eu digo.

\*\*\*

Uma hora depois, ela o chamou, com o rosto vermelho. Ele parou. Quando eles desmontaram, ele pegou em um dos sacos, entregando-lhe em silêncio uma pequena pá. Ele então olhou para o saco e retirou duas revistas. Um sorriso brincando torceu seus lábios.

- Você prefere Godey's Lady's Book<sup>18</sup> ou de Punch<sup>19</sup>?

-Livro da Lady. Isso é exatamente o que eu penso de moda moderna.

Ele sorriu de novo, então delicadamente virou as costas quando ela se afastou para encontrar um local. Um rubor violento acendeu todo o seu corpo. Não havia privacidade aqui na planície aberta. Oh, dificuldade! Com certeza, este seria o menor dos desafios futuros.

Dois dias da jornada deles, Jillian fez uma descoberta perturbadora. Quanto mais longe eles viajavam e quanto mais ela tentou envolver Graham em uma conversa, mais ele se tornou reticente. Ela fazia perguntas sobre sua amizade com a tribo Khamsin, mas ele dava respostas evasivas.

Quando pararam para uma pausa, ela pegou a bolsa de pele de cabra com gratidão. Jillian engoliu a água. Graham delicadamente puxou o saco de distância.

- Goles lentos. Você ficará doente, ele aconselhou.

Lambendo as últimas gotas de seus lábios, ela olhou ao redor na areia plana, o terreno sem fim da poeira e de céu azul. Um aumento suave da areia da duna que tinham deixado parecia tranquilo. Bom Deus, estava tão quente.

---

<sup>18</sup> Era uma revista feminina dos EUA publicada na Filadélfia (1840-1860).

<sup>19</sup> Revista cômica semanal britânica publicada em 1841.

Graham amarrou o saco de volta para sua sela. A carranca violenta franziu sua testa. Ele parecia seguindo imóvel, escutando. O desconforto golpeava Jillian. Ela esticou o pescoço na direção em que exatamente cavalgava e não viu nada.

– O que foi?

Ele não respondeu. Vento agitava a orla do casaco índigo. As narinas infladas, como sentindo problemas com o vento distante. Solomon movia-se inquieto, bufando. Sheba levantou a cabeça morena e fez o mesmo.

– Você sente isso? Ele murmurou.

– Eu não ouço nada.

– Você não o ouve em primeiro lugar. Você sente isso.

– Sentido o quê? Graham, você está me assustando.

Seu olhar ficou distante.

– Ele está vindo. O Khamsin. – Ele correu para os camelos, gritou-lhe: – Depressa! Não há nenhuma chance de ultrapassá-lo, mas talvez possamos chegar à rocha.

Ela correu para o seu camelo e montou ainda desnorreada e mais do que um pouco assustada. – Cubra sua cara! – Ele ordenou, apertando as correias e balançando sobre a sela. – Vamos colocar essas habilidades de equitação em uso!

O coração de Jillian estava trovejando em pânico selvagem. Eles montaram freneticamente. Ela ainda não tinha ideia do que ele quis dizer, mas a urgência em seu tom tinha convencido-a. Então ela lançou um olhar sobre o ombro. O sangue gelou em suas veias. Uma onda gigante de areia fervente girava em direção a eles.

Agora ela sabia. Khamsin - a tempestade de areia quente e violenta do Egito, que soprava do oeste com força mortal.

O rugido encheu seus ouvidos. Esta se levantava como uma onda gigante, rolando em direção a eles, uma nuvem negra como um frenesi de gafanhotos que rugiu para frente, apagando o sol amarelo. Eles precisavam de abrigo. Isto iria enterrá-los vivos sob quilos de areia ardente quente.

Ela incitou seu camelo com os pés que sacudiam violentamente.

Ele perseguiu-os, trovejando mais perto. Ela deslizou para a sela, cavalgando sobre o pescoço do camelo, instando-lhe ir mais rápido. Uma dispersa área rocha vermelha se projetava das areias. Eles aproximaram desta. A nuvem negra rugindo rolava mais perto.

Graham pulou de Solomon e agarrou sua rédea, levou os camelos para a pedra maior. Ele correu para Jillian, ajudou a desmontar. Ele puxou-a para a rocha, mandou-a sentar.

- Ponha seu rosto para o chão. Não olhe para cima, não importa a inconveniência. - Ele gritou acima do barulho estrondoso.

Jillian deixou cair o rosto em terra, envolvendo os braços sobre si como uma bola, sentiu seu corpo rígido e braços musculosos a cercand-a. Ela tremia de medo quando o rugido se intensificou, e depois o sentiu rolar sobre ela.

Areia quente picou a sua pele exposta. Ela apertou os olhos, respirando através do cachecol. A areia do chão entrava em suas botas minúsculas, filtrada através de seu véu. O corpo de Graham protegendo o seu corpo do pior. Ela amontoava-se debaixo dele, encolhendo-se do mar de areia furioso sobre eles.

Parecia que horas tinham passado antes dele finalmente levantar-se, libertando-a de seu peso. Jillian moveu seus músculos

apertados, tossindo a fina poeira que invadira seus pulmões. Ela piscava o grão de seus olhos e olhou com espanto.

Areia cobria tudo. Uma fina camada de poeira vermelha endurecia vestes azuis de Graham, revestindo a pele exposta. Dunas pequenas tinham acumulado sobre as rochas. Ela começou.

– Os camelos!

– Eles estão bem. – Ele foi e deu uma tapinha no pescoço de Solomon, revestido com a mesma camada fina de areia vermelha.

–Então isso foi um Khamsin.

– Não. – Graham estava inspecionando o conteúdo de suas mochilas. – O Khamsin anuncia a aproximação do verão e termino em Maio. Esta foi apenas uma tempestade de areia comum.

– Por que você o chamou de Khamsin então?

Ele parou e olhou para ela com uma expressão estranha. – Algo que aconteceu há muito tempo. – Ele murmurou. Em seguida, ele assumiu sua expressão normalmente fechada.

Maldito homem! Novamente o silêncio como o deserto, recusando-se a revelar qualquer coisa. Jillian sentia-se tão vazia igual às vastas terras que tinha atravessado. Será que ele continuaria a ignorá-la dia após dia, assim como seu pai? Mesmo que ele clamasse por cuidado?

A raiva como uma tempestade de areia fervia dentro dela. Quando Graham jogou a rédeas do camelo, ela desencadeou sua fúria.

– Fale comigo, Graham. Pare de tratar-me como se eu fosse seu camelo. Eu sou sua mulher.

Lançou-lhe um olhar rápido e assustado.

– Não, não é como ser o seu camelo. Você fala como o seu camelo. Você nunca fala comigo. Você não pode saber o quanto dói quando você ignora as minhas necessidades. Por favor, não me ignore. Grite comigo. Por favor, qualquer coisa, mas não me ignore. – Sua voz mudou para um sussurro. Sua garganta parecia cheia de areia, cada poro com pó seco e endurecido.

Largou suas rédeas e caminhou até ela, colocando seu rosto, vermelho pela picada da areia. Ela ergueu o olhar perturbado. – Fale comigo. – Ela implorou.

– O que você quer falar?– Perguntou ele.

– Eu sinto que há esse grande abismo entre nós, como um cânion que se estende por quilômetros. E eu quero pular sobre ele, para chegar até você, mas estou com medo de dar o salto. Estou com medo que você me deixe cair.

Algo ilegível cintilou em seu olhar. – Eu não iria deixá-la cair.

Ela estendeu sua mão para acariciar a sua. – Então, confie em mim.

Ele olhou para o horizonte, sua mandíbula tensa abaixo da barba preta.

– Eu chamei-o de Khamsin porque quando eu era mais jovem, a tribo que eu mais temia invadiu o acampamento onde fiquei. Eles eram homens valentes, cavalgando como o vento quente do deserto. Nada ficou no seu caminho. Eu estava parado do lado de fora da minha tenda, observando o embate de cimitarras, ouvindo o rugido da batalha. Então, um guerreiro Khamsin abordou, arrastando sua cimitarra. No calor da febre batalha, é difícil às vezes discernir guerreiros de meninos. Ele levantou sua espada e eu sabia que ia morrer. No último minuto ele parou.

Horrorizada, ela arregalou os olhos. – Você estava apavorado?

– Não. Mas eu chorei quando partiu.

– Por que você estava tão triste?

O olhar duro e plano em seus olhos a fez tremer. – Porque partiu, me deixando para trás. Deixando-me vivo.

Mas isso era tudo o que ele diria.

## *CAPÍTULO 20*

Rodaram em um silêncio sombrio sobre as areias planas. Jillian lançava ao seu marido olhares de lado. Tantas camadas e segredos para este homem: sua maneira de vestir, a frieza assustadora em seus olhos quando ele retransmitia a história dessa batalha Khansin.

Graham parou e ela parou ao lado dele. Ele pareceu vasculhar a distância. – Devemos encontrar um lugar para descansar.

Jillian apontou para um pedaço de montanha que sobressaía no horizonte. – Vamos parar na rocha. Pode até haver uma fonte de água. Receio que a poeira pode ter entrado em nossas coisas. Ele deu-lhe um olhar de aprovação.

Enquanto o sol afundava-se no horizonte, derramando uma luz rósea púrpura, eles chegaram à área rochosa. Para seu desapontamento também não havia água. Jillian ajudou Graham desempacotar seus suprimentos e montar a tenda sob a brisa ondulante.

Retirando um pano branco, ele entregou a ela.

– Para a lavagem. – Disse ele roucamente. – Você pode usar um pouco de água. É tudo, o resto nós devemos poupar.

Em vez de pegar isto, ela estudou o marido. Sombras escuras estavam debaixo de seus olhos. O turbante de aspecto feroz delineado um rosto empoeirado rígido com a tensão.

Jillian nunca tinha se sentido mais suja em sua vida. Areia rastejava em suas botas, grudava no seu pescoço. Ela poderia até mesmo sentir o gosto na boca. Ela olhou para o pano branco imaculado que Graham manteve a salvo de poeira englobando-o

firmemente e aconchegando, então ela olhou para o marido novamente.

- Eu tenho uma ideia muito melhor. - Disse ela alegremente. Ela colocou cuidadosamente o pano sobre o cobertor e depois lhe tocou o turbante.

Graham se retraiu, as sobrancelhas escuras de desenho juntos.

- O que você está fazendo?

- Sente-se. - Ela ordenou, apontando para o chão. Ele abriu a boca como se fosse protestar, mas ela deu-lhe um duro olhar de uma governanta. - Agora.

Ele sentou. Ela começou a desenrolar o pano azul, colocando-o de lado. Em seguida os dedos trêmulos começaram a desfazer o fecho o casaco índigo. Graham olhou para ela quando puxou isto livre, ajudando-o retirá-lo. Ela deslizou a camisa por sobre a sua cabeça, olhando para a extensão de cabelos escuros no peito, a sujeira endurecida em sua garganta.

Jillian se ajoelhou ao lado dele e pegou o saco de água de cabra. Ela molhou o pano branco. Então, muito gentilmente, ela começou a acariciar as mãos de seu marido, limpando-as livres de sujeira. Graham começou a protestar. Ela colocou um dedo sobre os lábios.

- Deixe-me fazer isso por você. Você já fez tanto por mim.

Em silêncio, ele permitiu que ela o acariciasse com o pano, em seguida, um suspiro trêmulo escapou de seus pulmões enquanto a umidade refrescante atuava em seu corpo.

- Obrigado. - Ele disse baixinho, olhando para ela.

Ela ergueu o pano sujo com um sorriso.

– Suponho que é minha vez agora. Eu vou limpar meu rosto. Eu penso que pareço mais feia do que o rabo do seu camelo.

Ele não sorriu. Graham estudou-a com esse intenso escrutínio.

– Pelo contrário, minha lady. – Ele disse calmamente. – Eu nunca vi você parecer mais bonita.

Então ele se inclinou para frente, emoldurado o rosto com as mãos agora limpas, e a beijou. Foi um beijo lento e sensual, e ela se encontrou derretendo. Ele tinha cheiro de canela polvilhada do seu chá. Jillian gemeu e apertou-se contra ele. Precisando dele. Querendo ele.

Ele se afastou sua tensa expressão.

– Nós precisamos descansar. – Deitou-se sobre o saco de dormir, de costas para ela.

Confusa e magoada, Jillian olhou para ele. Por que Graham agia assim?

Dias depois, quando se aproximavam da caverna do tesouro escondido, Jillian se viu totalmente encantada com a mudança da paisagem. O mapa indicava que a caverna era no grande deserto branco, um mar de areia de pedra calcária tão pura que ficava totalmente branca contra o fundo amarronzado. Ela arquejou com admiração quando se aproximou um afloramento de estruturas de pedra grande, com hastes estreitas e largas, cabeça arredondada.

– Nós vamos acampar aqui essa noite, – Ele decidiu.

– Eles são como cogumelos no deserto, – exclamou ela.

Graham sorriu e começou a desembalar os seus mantimentos.

– Os Khamsin têm uma palavra para eles. Al- Ayi.

Ela testou a palavra árabe e deu-lhe um olhar intrigado quando os ombros dele sacudiram com o riso. – O que há de tão engraçado?

Graham jogou para baixo uma mochila. – Isso significa o pênis.

Seus olhos se arregalaram enquanto ela chicoteou seu olhar para as pedras. – Oh Deus, eles certamente se parecem...

A profunda risada dele fez corar suas bochechas.

– Nós vamos acampar debaixo de uma.

– Graham, você não pode esperar que eu durma com um gigante... Pênis!

– Você deve estar acostumada com isso agora. – respondeu ele.

Jillian gemeu.

– O Khamsin diz que dota o homem com força para durar toda a noite. – continuou ele, os olhos escuros cintilando. – Você não gostaria de possuir tal força, *Habiba*?

– Mas querido marido, você já tem tanta força. E se esquece da sua geologia. O calcário é mole.

Sua expressão cabisbaixa a levou a rir, então Graham deu um sorriso insolente. – Bem, talvez o Khamsin estivesse errado.

Seu sorriso de garoto contrastava com sua aparência. Vestido de índigo, ele parecia um guerreiro selvagem egípcio. Não mais sendo o duque de Caldwell, ele era uma visão aterrorizante, cimitarra atada do lado, mortal adaga presa em seu cinto. Jillian maravilhava-se.

Sobreviver aqui nestas areias secas parecia impossível sem a sua orientação. O deserto se estendia por quilômetros, e sua própria seca garganta doía. E, no entanto, Graham parecia confortável. O

que reforçou a suspeita de que ele tinha passado muito tempo entre os beduínos, talvez até crescesse enquanto criança entre eles.

O tempo não era o certo para perguntar. Mas ela o faria.

Eles fizeram um acampamento naquela noite e deitaram na cama. Poucas horas depois, Jillian acordou com uma necessidade premente. Oh, incômodo. Ela calmamente deslizou da cama, mas Graham se mexeu e a viu. Ele levantou como se a acompanhá-la. Ela sacudiu a cabeça.

– Eu gostaria de alguma privacidade para variar. Por favor?

Ele franziu o cenho.

– Não vá longe. Eu vi os rastros anteriores, o que significa que há Bedu na área. Mais provavelmente invasores do deserto.

– Eu vou um pouco além dessas rochas. Eu não irei longe. E eu tenho isso. – Ela acenou a bússola comprada no Cairo.

Quando ela terminou o serviço, Jillian estudou a paisagem. A pálida lua iluminava as rochas, transformando-os em um fantasmagórico cinza. Redemoinhos de areia giravam, elevando-se. Ela conseguia entender como um homem poderia perder-se aqui. Perder a sua alma, também.

Ela ergueu-se, lembrando que tinha ido há algum tempo, quando um ligeiro ruído farfalhado a alertou. Jillian enrijeceu. Provavelmente apenas um animal pequeno do deserto. Sim, é claro.

Ela estava rindo, divertindo-se com seu medo, quando uma mão dura bateu em seu rosto e cortou todo o som.

\*\*\*

Sua esposa tinha ido embora.

Graham afastou o pânico selvagem crescendo através dele. Sem emoções. Emoção nublava o julgamento e ele precisava de uma mente clara. Graham agachou, olhando para a areia, tentando analisar os moldes. A briga. Ela havia sido tomada, provavelmente pelo Bedu cujo camelo tinha visto anteriormente.

Ele amaldiçoou em voz baixa. Ele deveria ter acompanhado-a apesar de seus protestos. E ainda, ter se separado dele até mesmo por alguns minutos tinha fornecido um pouco de alívio. Ele precisava ficar sozinho com seus pensamentos, com a escuridão consumindo-o por dentro. No entanto, a que custo? Seu sangue ferveu com o pensamento dela mantida cativa. Ele queria uivar para a indiferente lua, correr pela areia e encontrá-la, agarrá-la e nunca deixá-la ir.

Graham acalmou suas emoções, forçou-se a pensar. Ele deveria encontrá-la. Agora. Antes que ele a perdesse para sempre.

## *CAPÍTULO 21*

À luz do luar, Graham analisava as trilhas de camelo nos seixos de areia, e duas horas mais tarde, com o amanhecer no horizonte, o seu monitoramento havia levado a um salpicado de pequenas tendas pretas aninhadas contra algumas rochas, e ele também viu o apoio de vigas marcando um poço. Como ele deslizava de Solomon, homens da reunida tribo, seus rostos cautelosos, cimitarras projetadas. Sem rifles, ele observou com alívio. Ele se aproximou a mão descansando sobre a sua própria cimitarra, mas não a desembainhou.

Com vestes escuras, o sheik saiu de sua tenda. Ele avançou com o comando arrogante e deu uma saudação em dialeto do deserto que Graham não conhecia plenamente. Ele devolveu as boas-vindas, educado. O sheik se apresentou como Mahjub, chefe do Jauzi, as pessoas que garantiam esta terra.

Graham não desperdiçou palavras.

- Eu vim pela mulher que você tomou ontem. - Disse ele asperamente. - Eu quero vê-la. Ela é minha.

Mahjub, o homem mais velho de barba grisalha e olhos espertos bramiu uma ordem. Fora da maior tenda duas mulheres vieram, escoltando Jillian. Ele estudou-a ansiosamente. Ela estava pálida, mas não parecia molestada.

- Jillian, você está bem? Será que eles... Tocaram em você?

Ela balançou a cabeça, os olhos arregalados cheios de medo. Seu sorriso corajoso balançou precariamente.

- Eu estou bem, Graham. Por favor, apenas me tire daqui.

Alívio o transpassou. Eles não a tinham estuprado. Por qualquer motivo, ele estava grato.

O sheik assistiu Jillian cautelosamente quando as mulheres levaram-na embora.

- Al-Hariia. - respondeu asperamente.

A súbita compreensão cintilou. O cabelo dela. Tinha encantado a Ramsés, e aqui entre estes habitantes do deserto supersticiosos, eles chamavam de fogo e temiam este. Ele tomou isso como uma arma.

- Apenas um guerreiro com a magia poderosa pode tocá-la, al-Hariia, uma houve<sup>20</sup> do paraíso que pode consumir a carne de um homem em chamas. - Graham lutou com o dialeto desconhecido, rezando para que suas palavras fossem claras.

O olhar de Mahjub se estreitou. Ele estalou os dedos.

Um homem mais jovem, com barba preta cobrindo o rosto, deu um passo adiante.

- Se você a quer, você deve lutar contra mim por ela. - O jovem afirmou a Graham. - Ela fará um bom dinheiro no mercado de escravos.

Mahjub parecia divertido.

-Guerreiro Khamsin do Vento. Você está disposto a lutar por sua mulher?

- Assim seja. - Disse Graham duramente.

Sem piedade. Ele não poderia poupar ninguém. A vida de Jillian estava em jogo.

---

<sup>20</sup> De acordo com a fé islâmica, houri, são virgens prometidas aos homens islâmicos bem-aventurados, isto é, que como gratidão por suas boas ações em terra, é premiado com o paraíso.

Graham foi implacável. Ele cortou e lutou com a fúria dos antigos antepassados Khamsin do egípcio, o sangue não fluindo através de suas veias, mas clamava por ações. Ele estava tão sem emoção como uma tempestade de areia, tão devastador e completo, envolvendo o inimigo de roupas sujas em uma explosiva raiva, quente.

O Bedu bramiu a sua cimitarra, cortando o braço de Graham. Calor correu-lhe pelo braço, mas ele mal registrava a dor. Instinto o guiou agora, afinado por muitas experiências no campo de batalha. Sangue revestindo sua cimitarra quando ele atacou e girou, e não nos modos delicados simulados do teatro inglês respeitável, mas cru, poderoso e brutal, de guerra. Ele sabia que iria matar esse homem. Ele deveria. Para proteger Jillian, o tesouro tremendo dentro da tenda negra. Um sentimento profundo e primitivo à tona. Ela é minha. Possessividade tão antiga quanto às areias que fluíam através dele.

O golpe fatal foi rápido, quase misericordioso. O inimigo de Graham gorgolejou para respirar, ofegante e caiu no chão, manchando isto de vermelho. Um murmúrio apreciativo abismou os observadores. A areia avidamente bebeu o sangue, grânulos de sede gulosamente puxando para baixo.

Líquido, tão precioso nesta seca terra estéril.

Tristeza interior puxou. Mais uma vez, ele havia matado. Limpou a espada sobre as vestes de seu inimigo, antes de guardá-la. Em seguida, amarrou o braço com a faixa de seda de seu cinto. Acenos respeitosos do Bedu, ele reuniu-se com um olhar duro.

– A houri é minha. – Disse ele em árabe. – Vou levá-la e sair.

Mahjub sorriu, mostrando um largo horizonte de goma de mascar e os tocos quebrados de dentes amarelados. – A houri entregue a nós como cativa fascinou você tanto que matou um do

meu clã? Então não espere mais tempo para reclamá-la, Khamsin, com sua poderosa mágica. Minha tenda.

E com um grande gesto, ele ondulou uma mão para a habitação próxima sustentada por várias estacas.

Emoção pressionava o peito de Graham. Pela primeira vez, o medo roçou espinha acima. Que diabos ele queria?

– Eu posso esperar. – Ele grunhiu.

– Você não vai. – O sheik rebateu as sobrancelhas grisalhas de arrastando-se juntas. – Eu insisto na hospitalidade da minha tenda para aproveitar esta virgem. É a nossa tradição que um guerreiro que lutou e lutou bastante bem ser recompensado com uma mulher. Você recusa a minha hospitalidade?

– Eu não recuso a hospitalidade do Mahjub, o grande sheik dos Jauzi, cujo nome é honrado acima de todos os outros nesta terra. Mas eu não vou para a cama com esta mulher aqui e agora.

As palavras formais Graham não tiveram nenhum impacto sobre o sheik, cuja expressão passou calculada determinação.

– Acho que você está relutante em ir para a cama dela, porque você mentiu. Ela não é uma houri, uma virgem do paraíso. E se você mentiu, vamos cortar a língua para fora como fazemos para aqueles que mentem para nós. Vamos ver se você disse a verdade, Khamsin. Tome esta virgem e nos mostre a sua magia poderosa. Se você se recusar, vamos levá-la para o deserto como alimento para os chacais, como fazemos com todas as mulheres contaminadas.

O medo apertou seu coração.

– Ninguém vai tocá-la. – jurou.

A raspagem alta de cimitarras desembainhadas tocou no ar. Graham ficou olhando para uma floresta de aço reluzente.

- Um homem, por vezes, pode escolher a sua morte, Khamsin. Ele pode optar por morrer nos braços macios de uma mulher, ou ele pode morrer com a mordida de uma lâmina contra o pescoço. Qual você escolheria?

Impotente, ele engoliu repulsa crescente. Ele não tinha escolha. Perdoe-me, Jilly, ele disse silenciosamente. Para o sheik, ele disse:

- Traga-a para sua barraca. Vou tomá-la lá.

Jillian lutou com as mulheres quando elas a banharam na tenda preta e, em seguida, vestiram-na com um vestido de gaze verde. Elas cobriram a roupa quase transparente, com uma roupa preta grossa e levou-a fora. As mulheres empurraram-na para a tenda maior e tiraram a cobertura. Ela tropeçou, quase caindo sobre o tapete grosso. Sedas ondulando na brisa do deserto.

Graham estava diante dela. A barba áspera cobriu o rosto. Seu cabelo passou pela gola do casaco de índigo, uma juba espessa despenteada pelo vento. A manga estava rasgada em um ponto, mostrando um curativo improvisado avermelhado. Olhos mais escuros que a meia-noite silenciosamente a avaliava.

Ele disse em voz alta em árabe e depois em inglês:

- Eu lutei por você. E eu vou clamar você pelas antigas leis desta tribo.

Ela se sentia miserável, receosa e bastante aliviada ao vê-lo.

E ele? Ele parecia exótico cada polegada, um sheik poderoso, como se estivesse jogando uma parte em cima de algum estágio na areia varrida pelo vento.

Ele veio para ela, sobrancelhas negras juntando-se, não mais o duque. Ela quase não o reconheceu. Sol e areia tinham engolido-o. Ele havia mudado como a troca silêncios das dunas.

Todas as mulheres observavam os olhos brilhantes pela especulação. Graham virou-se para elas e algo latiu em árabe. As mulheres desfilaram humildemente, marcharam para uma sala fora das cortinas da tenda principal.

Mal tinham elas feito isso quando Graham começou desenrolar o turbante azul e despojando o casaco índigo. Ele sentou-se no tapete e fez um gesto em suas botas.

– Tome estas fora. – Ele ordenou em voz alta. – Mulher, faça como eu digo, antes de chamar a minha ira.

A cortina fina protegendo as mulheres encolheu. Mordendo de volta uma observação cáustica, Jillian tirou as botas. Ela olhou em choque espantado quando Graham ficou com o seu peito nu e de pé, puxando o cordão que mantinha as calças folgadas no lugar.

– O que em nome do céu que você está fazendo? – Ela exigiu.

– Despindo. Tire a roupa. Agora!

– Não -. Ela se afastou dele, as mãos estendidas. Velhos medos do pai surgiram sempre a controlando, fazendo-a se sentir impotente. Por que Graham está fazendo isso? O que tinha acontecido com o homem atencioso que ela se casou?

– Ouça-me. – Disse ele com urgência, segurando seus braços. – Eu acabei de matar o homem que roubou você. A tribo pensa que você é uma houri, uma virgem do paraíso entregue a eles. Na parte de trás as mulheres estão nos observando. Os homens estão fora, ouvindo. Se eu não levá-la, eles vão cortar minha língua por mentir

sobre você. Se eles não acharem que você é virgem, eles vão deixar você morrer no deserto.

– Eu não sei se eu posso fazer isso. – Ela sussurrou.

Seu olhar suavizou. Ele tocou seu rosto.

– Jilly, eu não quero fazer isso com mais nenhuma do que você. Mas devemos. Você entende? Não temos escolha.

Engolindo em seco, ela assentiu.

– Sinto muito. – Disse ele em voz baixa, e de repente ela se lembrou de sua primeira vez juntos.

Ele tirou a seda fina do seu corpo com um rosnado áspero. Jillian tremeu violentamente, tentando proteger-se com as mãos. Ele tomou-lhe as mãos, segurou-as à parte, olhando para os seios dela atentamente. Sussurros esvoaçavam de trás da cortina de seda.

Os olhos fechados de amarga vergonha. Graham puxou para ele e beijou-a, seus lábios suavemente incentivando os dela a se separar enquanto sua língua deslizou para dentro, afagando e acariciando. Foi um beijo sensual, mas ela não sentiu nenhum desejo. Ela se sentia rígida como rocha. Graham recuou, com a intenção determinada virando os olhos para meia-noite. Ele a beijou novamente, e arrastando uma linha de quente, beijos urgentes em toda a sua clavícula. Suas mãos acariciavam seus ombros nus, descendo para roçar seus quadris e deslizar para a junção de suas coxas.

Um choque de excitação cobriu-a. Ela gemeu quando ele a acariciou delicadamente, escolhendo a umidade, para prepará-la para o que estava por vir. Ele se afastou e desamarrou sua calça, exibindo sua excitação rígida. Ela tentou não ouvir os murmúrios e suspiros femininos.

Como ela poderia suportar isso? *Você deve*, ela disse a si mesma quando ele baixou para as peles de ovelha, sua intenção no olhar escuro enquanto ele se movia entre as pernas. Seu corpo duro do sexo masculino com seus ombros largos e os músculos ondulando sob o bíceps tenso era tão familiar quanto ela própria. No entanto, ele era um estranho. Ela sentiu-o sondando seu centro, que estava ligeiramente úmido a partir de sua ajuda.

– Agora. Grite!– Ele ordenou.

Ele empurrou para frente, entrando nela. Não totalmente preparada para o choque de sua entrada, sua passagem interna resistiu. Jillian gritou e arqueou. Uma risada baixa e palavras em árabe ásperas soaram fora da tenda.

Lágrimas turvaram seus olhos. Ela se sentia horrivelmente exposta e humilhada; o ato que ela apreciava como terno e apaixonado agora reduzido a crua luxúria, um momento privado despojado para um ato público.

Seu marido curvou seu rosto perto dela e suavemente murmurou palavras em árabe como ele lentamente expandiu os seus músculos resistentes. Então, ela olhou em seus olhos e viu cheio de ternura. Graham sussurrou em seu ouvido em inglês.

– Eles não estão aqui. Ninguém mais está. Somos somente nós, sozinhos. Finja meu amor.

– Eu não posso. – Disse ela aos pedaços. – Eu simplesmente não posso.

– Você pode, Jilly –, disse ele, beijando-lhe as lágrimas. Um sorriso tocou sua boca. – Faça o que cada mãe inglesa diz a sua filha na noite de núpcias. Deite-se e pense na Inglaterra.

Seu olhar ficou sério quando seus quadris avançaram e empurraram dentro dela. O tom suave e palavras tranquilizadoras contrastavam com suas estocadas dentro dela, e os sussurros de sua audiência.

– Olhe para mim, Jilly. – Ele disse suavemente em inglês. – Venha comigo. Estamos em um jardim na Inglaterra, exuberante e verdejante. Há rosas rosa-chá escalando uma treliça branca pelo pavilhão onde estamos sentados, a beber chá. A calhandra a chilrear nos galhos de um salgueiro. Você pode sentir a carícia da brisa fresca em cima de seu rosto lindo? Você está rindo porque eu acabei derramando migalhas de biscoitos deliciosos no meu colete novo. Há uma dança de borboleta laranja nas proximidades e quis pegá-lo.

Jillian fechou os olhos, perdendo-se na fantasia quando seu corpo batia contra a dela. Forçou-se a flutuar. O calor, pegajoso intenso derreteu-se em uma brisa deliciosa inglesa. Nenhum odor de urina, suor de ovelhas sujas debaixo deles, mas o perfume de rosas e grama íngreme cortada pelo jardineiro golpeando-as com uma foice.

– Minha bonita Jillian, em seus olhos verdes quero ver o reflexo da água. Tão fresca, tão serena. Nada pode nos incomodar aqui.

Jillian quis as imagens para dançar em sua mente. Ela viu o rosto de Graham, sorrindo e rindo enquanto ele corria atrás dela e a borboleta abóbora, dançando fora do seu alcance. Sua risada profunda soou quando eles corriam pela grama macia, e Graham deu uma risadinha quando ele a pegou em seus braços e girou em torno dela para um beijo...

Um gemido áspero estrilou acima dela, assustando-a para fora da visão. Seus olhos se abriram para ver o marido enrijecer e tremer, seu corpo forte com tensão quando ele encontrou a sua libertação. Ela sentiu o calor de seu sêmem preenchê-la.

Miséria a engoliu. Mas então ele suspirou e beijou-a, acariciando seu ouvido murmurando quando ele levantou seus cabelos e beijava o lóbulo. Confusão percorreu-a quando ele saiu, pois ela não conseguia entender as palavras que ele sussurrou. Seus sentidos estavam com certeza confusos, e ela não podia ter certeza, mas tinha soado como: – Eu te amo.

\*\*\*

Tantas vezes que ele usou a fantasia em sua própria horrível realidade na tenda negra. Ele sonhava em estar em qualquer lugar, mas lá na Inglaterra, escalando postes, ou o capitão de um navio pirata, navegando para encontrar tesouros em ilhas tropicais. Ele fantasiava tudo, exceto quem ele era e onde estava naquele momento particular.

Agora cheio de auto-aversão, ele sentou-se, de costas para a parede de fora da corte do harém do sheik. Furtivamente ele agarrou seu *jambiya* e cortou a si mesmo. Ele manchou o sangue na pele de ovelha, em seguida, rapidamente se vestiu.

Fez uma pausa para olhar para os rostos espiando fora da cortina fina.

– Peguem suas roupas. Agora. – Ele gritou em árabe para as mulheres. Elas se esforçavam para obedecer. Ele pegou sua cimitarra e *jambiya*, deslizou-os em seu cinto. Seu oleoso rifle ele atirou sobre um ombro. Quando as mulheres empurraram de volta para a tenda, tendo as roupas de Jillian, ele olhava a sua mulher.

Ela vestiu-se, ombros caídos, olhar abatido. Graham estendeu a mão. Jillian tomou esta quando eles saíram. Os homens estavam por perto, observando com escuros olhares ardentes. Ele sentiu a fúria selvagem nos ossos e sangue sob seus dedos comprimidos.

Graham reprimiu as emoções e permaneceu sozinho, ordenando para Jillian montar seu camelo. Ele não se atreveu a soltar o seu olhar ou deixar sua mão longe do punho da sua cimitarra.

– Ela é minha agora. Vou levá-la comigo. – Sua postura eriçada e a mão no punho da cimitarra. – Ele disse. – Tente-me parar.

Mahjub deu um ligeiro aceno respeitoso, e disse em árabe.

– Vá com Allah em paz. – Mas Graham podia ler os pensamentos astutos do sheik. Um homem sozinho com uma mulher no deserto era vulnerável.

Graham instintivamente sabia que eles deveriam colocar distância, tanto entre eles e essa tribo quanto possível. Violência e ganância giravam em seus olhos escuros.

Como ele apontou a coronha do rifle contra seu quadril e olhou para Mahjub, o olhar malicioso baixou. Graham acenou e se dirigiu para seu camelo.

## *CAPÍTULO 22*

Eles não falaram enquanto viajaram, parando aqui e ali para apagar suas trilhas de camelos. Graham falou uma vez, para explicar que ele estava tentando confundir o Bedu, eles podiam decidir segui-los. O vento encheu o silêncio entre eles, lambendo a roupa dela, acrescentando à sua miséria interna. Graham tinha permanecido severamente tranquilo desde sua confissão sussurrada de amor. Era como se as palavras nunca tivessem sido ditas.

Acamparam perto de um oásis remoto com um aglomerado de palmeiras. Havia duas fontes, uma limpa e fresca; a outra borbulhando e quente. Jillian estava assentada sobre as areias e estudou o local. Impressões de pequenos animais abundavam. Um corvo pousou nas proximidades, mirando-a com olhos negros. Negro como Graham. Na miséria, ela assistiu-o beber e voar para longe. Livre.

Ele pegou uma lebre selvagem com sua besta<sup>21</sup> tirando a pele e espetou. Esta cheirava deliciosa enquanto a gordura fazia o fogo faiscar e chiar, mas ela não tinha apetite. Ela preparou a refeição em silêncio na luz bruxuleante da fogueira.

Sombras dançavam através do conjunto sombrio de sua mandíbula quando ele se sentou de pernas cruzadas, comendo.

Após a refeição, ela lavou os pratos com água, um luxo, e tomou uma toalha e sabonete para tomar banho na fonte. Os olhos escuros de Graham a queimavam.

– Não é seguro ir sozinha. Há víboras.

---

<sup>21</sup> É uma arma com a aparência de uma espingarda, com um arco de flechas acoplado no lado oposto da coronha, acionada por gatilho, que projeta dardos similares a flechas, porém mais curtos. Ela foi bastante usada no século XVI.

Dando as costas a ele, ela falou em voz baixa por sobre o ombro.

– Eu vou tentar a sorte.

Mas ele se levantou e se juntou a ela de qualquer maneira, caminhando sobre a areia à minúscula nascente. Jillian mordeu o lábio enquanto olhava com saudade a água limpa. Ela hesitou em despir-se diante dele.

– Vá em frente. – Disse ele rispidamente.

Enquanto ela escorregou de sua roupa, ele virou. Graham estava de pé, perna estendida, uma parede rígida azul com as costas de frente para ela. Ele estava lhe dando privacidade.

Água quente calmante cercou-a quando entrou na pequena fonte. Jillian mergulhou nesta, nadou um pouco para fora, segurando o sabonete. Soluços silenciosos retorceram de sua garganta. Por longos minutos, ela chorou, cobrindo o som com sons de espirros e friccionados. Ela esfregou seu corpo com ódio feroz, apagando memórias e cheiros.

Quando ela saiu, seu corpo estava vermelho de tanto calor e esfregações. Ela rapidamente se secou e se vestiu. Graham estava um pouco distante, ainda de costas para ela.

Ela se perguntou se ele tinha ouvido os soluços. Ela não mais se importava.

Eles caminharam em silêncio de volta ao acampamento. Jillian se sentou sobre o cobertor listrado em sua barraca quando Graham sentou ao lado dela. Miséria oprimiu-a. Ela não sabia como pedir conforto para aliviar o que tinha acontecido entre eles. Ela sentiu como se fosse perdê-lo. Talvez ela já tivesse perdido.

- Me desculpe, eu tive que fazer isso com você, Jilly. - Disse ele.

Ela abraçou os joelhos apertados, permanecendo em silêncio.

- Foi degradante. Eu violei e humilhei você.

Sua garganta apertada. - Eu suponho que você tinha que fazer como você fez, para nos salvar. Não se culpe Graham. Suas ações foram justificadas.

Fogo negro pulou em seus olhos quando ele se virou para ela, sua expressão feroz e mal-assombrada.

- Não. Nunca há qualquer justificção para forçar alguém contra a sua vontade.

- Eles me forçaram, não você. Eu concordei. - protestou ela, encolhendo longe da violência em seus olhos.

- Eu deveria tê-los matado.

- Você teria sido morto. Você estava em desvantagem numérica. A morte não é preferível.

- Às vezes é.

Ela foi ainda, sentindo algo assombroso em seu tom. Seus olhos estavam distantes quando ele olhou para o céu.

- Porque uma vez, Jilly, a mesma coisa aconteceu comigo.

Com medo de quebrar o momento, com medo que ele fosse fugir para dentro de si, mais uma vez, ela não disse nada. O olhar escuro de Graham impeliu até ela.

- No deserto não há como se esconder de si mesmo. Eu não queria que este momento viesse, mas veio. É hora de você saber o que aconteceu quando eu tinha seis anos. Não fui criado por um

simpático casal inglês depois que meus pais foram mortos. Eu estava preso por um dos homens que os mataram, mantido em sua tenda negra e estuprado.

O sentimento de vazio no peito de Graham ecoou sua desolação. Doce Cristo, isto tinha finalmente chegado a isso. Ela veria a escuridão dentro dele e então seria a sua escolha ir embora ou ficar. Ele sentiu a escuridão envolver seus braços escuros sobre ele, como a frieza de um túmulo de pedra. Ele recitou devidamente a história, não se atrevendo a levantar os seus olhos, seu olhar fixo a seus pés em vez disso, escondido sob o robe branco.

Ele não deixou nenhum detalhe de fora, desde o momento em que seu olhar em pânico viu o guerreiro da tribo galopando em direção à caravana, a sua mãe empurrando Kenneth em uma cesta para escondê-lo e os seus pais tentando desesperadamente encontrar um esconderijo grande o suficiente para ele. O sol brilhou nas cimitarras de aço quando a invasão de al-Hajid levou vidas sem piedade, a cimitarra de aço pairando acima dele quando ele se encolheu. Ele falou do brilho nos olhos do guerreiro que o estudou e, em seguida, agarrou seu braço, levando-o prisioneiro.

os pés de Jillian escondiam-se debaixo do robe branco. Uma espiada nos pequenos dedos limpos de um delicado rosa. Graham olhou para eles quando retransmitia os detalhes da pele de carneiro suja moendo em seu nariz, o tormento noturno de Husam, seu captor e Faisal, o homem que o puxou da escuridão miserável com uma mão estendida em bondade.

– Faisal me viu preso e teve pena de mim. – Disse Graham. Ele se atreveu a olhar para seu rosto. Poderia encontrar piedade lá? Ou desgosto?

Jillian não mostrou nenhum dos dois. Sua expressão permaneceu cuidadosamente neutra. Mas seus punhos cerrados mostravam os pequenos burilados dos nós dos dedos.

Graham disse que Faisal tinha vivido entre os infiéis, no Cairo, e sabia inglês. Correndo o risco de sua própria vida, ele contrabandeou comida e doce para Graham sempre que seu captor deixava-o passar fome. Descobrimo que o garoto tinha uma mente rápida e inteligente, ele ensinou-lhe como ensinou aos seus próprios filhos como caçar a lebre selvagem, analisar os rastros de camelo na areia, ler em inglês e árabe, procurar sinais de água e sobreviver no deserto sem nada, exceto as comidas e leite de camelo. Ele até mesmo falou de al-Hamra e da esperança magra que ele mantinha de escapar e o terrível preço que ele pagou por essa esperança e confiança.

Ele não lhe disse que al-Hamra era seu pai. Algumas coisas eram simplesmente terríveis demais para revelar.

Graham disse a Jillian como, quando ele tinha nove anos, Husam se cansou dele. Seu captor tinha movido ele para o deserto a milhas do acampamento, deixando-o para morrer sob o sol abrasador. Diante disso, uma ingestão de ar árduo escapou de Jillian. Graham olhou para ela. Lágrimas brilhavam em seus olhos. Ela piscou-as.

Seu olhar prendeu-se no chão mais uma vez. Se ele olhasse para sua esposa, ele também choraria. Graham deixara de lado suas emoções, concentrando-se em manter a voz firme em seu lugar.

Ele havia sido deixado no deserto para morrer, mas retornou três dias depois, rastejando em suas mãos e joelhos, mas vivo. Faisal tinha intercedido e disse ao sheik que tinha aprendido os caminhos do deserto e conquistou o direito de viver. O sheik havia dado permissão relutante para Graham viver com Faisal, mas jurou que nunca seria reconhecido como um guerreiro.

Faisal ensinou-lhe de qualquer maneira. Outros o ignoravam, evitavam-no. Para ganhar o seu respeito Graham tornou-se um guerreiro desonesto, juntando-se nos combates e ataques, mas sempre à margem. Eventualmente, eles o chamavam de A Pantera, o gato que caça sozinho.

- Faisal disse-me que no deserto, não há segredos. O deserto expõe um homem ao seu núcleo mais profundo e o que ele realmente é. Não importa que coisas terríveis que sofri, nenhum outro homem poderia levar minha alma. E ele me disse que se eu me perdi dentro de mim, para ir para o deserto e encontrar quem eu era de novo.

Jillian falou, finalmente, sua voz incrivelmente macia e suave contra seus nervos esfarrapada, como o sussurro de seda.

- Você ainda está perdido?

Ele hesitou e olhou para fora da areia.

- Eu não sei.

Jillian colocou os braços sobre ela quando seu marido saiu para aliviar-se ou então ele disse. Ela não se atreveu a mostrar simpatia expressar esta; instinto avisou que ele iria odiar pena.

Horror, choque tinha pulsado através dela enquanto ele contava a sua história. Que garoto aguentaria tantos horrores? Lampejos de dor surgiram em seus olhos escuros. Ela não sabia o que fazer para ajudá-lo, que dúvidas e tormentos que tinha sofrido. Tudo que ela sabia era que o amava.

Salpicos soaram na distância. Jillian levantou e foi para a pequena fonte e pairou discretamente atrás de uma palmeira.

Nu, seu marido estava imerso até a cintura na fonte quente, esfregando-se com fúria. Seu belo rosto torcido em angústia. Assim

como ela, mais cedo. Seu coração torcido. *Eu te amo*, pensou ela. *Você vai me deixar te amar, Graham? Deixará?*

Ela se virou e calmamente deslizou de volta para a barraca.

Muito mais tarde, quando sentiu calmo suficiente, Graham voltou ao seu acampamento. Jillian permaneceu em silêncio, seu olhar a seguiu-o. Ele sentou-se sobre um cobertor, frio comendo-o por dentro.

Ela falou com sua voz, mesmo.

– Você foi ignorado por outros guerreiros ou...?

Graham respirou fundo.

– Eu era visto como um pária, uma menina. Eu lutei para ser aceito.

– O que você fez para se tornar aceito?

– Eu matei o meu agressor em um duelo. Então eu cortei as bolas dele e dei-as a meu sheik como um troféu. – Graham sugava o ar, esperando ver devidamente condenação ou repulsa em seus olhos. Isto não veio.

– O que ele disse?

Alívio o penetrou. Ainda assim, ele não abaixara a guarda.

– Ele riu. Fareeq gostava de crueldade e esporte. Ele ordenou-me para ser iniciado como um guerreiro.

Eles haviam levado ao recinto sagrado onde os meninos se transformavam em homens, o fez jurar o voto de lealdade e circuncidou-me. A dor foi insuportável. Eles tinham oferecido uma bebida calmante, mas eu não quis tomar. Ele tinha suportado a dor.

Respeito tinha fluído então, lentamente, como um rio lento. Sempre que ele tinha que provar a si mesmo, matando mais, arriscando mais. Ele aprendeu a distanciar-se das emoções. Eventualmente, quando a filha casada de Faisal visitou a tribo Khamsin, Graham tinha acompanhado ela e se tornado um guerreiro Khamsin do Vento.

- Eu queria desesperadamente ser visto como um homem. - Ele sussurrou, lembrando a sua luta pela aceitação.

- Quantos homens você matou em batalha?- Jillian perguntou.

Ele ficou tenso, vendo-se nos olhos dela, um selvagem criado em uma cultura de crueldade.

- Centenas. Eu não sei.

- E quantas pessoas que você amava?

Surpreso, ele recuou. Jillian sentada serena, sem piscar.

- Eu não sei.

- Menos do que você tem matado.

- Sim -, ele concordou.

- Menos você, porque não permitiria isso, Graham. Você amou uma vez, e o amor foi tirado de você. Você estava com medo de amar novamente. Como você está com medo agora. Porque você não quer se machucar novamente.

Seu estômago se apertou em memória: o sangue fluindo como a água sobre a areia, os gritos de morte de seus pais, o cheiro de pele de carneiro suja em seu nariz, olhares e provocações...

Uma mão gentil fora esticada. Seus pais adotivos o tinham alimentado, mas ele não conseguiu amá-los. Será que tinha?

Ele amava sua família. Ele morreria para protegê-los, especialmente o filho de Kenneth. Mas seria isso amor?

– O tempo se encurta. Vamos arrumar as malas. – Graham desdobrou seu corpo e virou as costas quando começou a empurrar itens dentro de um saco. Dois braços deslizaram sobre sua cintura abraçando-o por trás. Ele ficou tenso.

– Me ame, Graham. E eu não estou pedindo com todo o coração, o seu compromisso. Ama-me como um homem ama uma mulher na noite. Se isso é tudo que você tem para oferecer, então dê isto para mim. Eu preciso de você.

Seu corpo intumesceu até mesmo quando sua mente se recusou. Emoções lutavam, entraram em confronto como o aço Khamsin. Ele não poderia amá-la. Ele não poderia carregá-la para escuridão terrível dentro dele. Graham olhou para baixo. Ele estava flácido.

– A noite está caindo e nós precisamos dormir. – Disse ele asperamente. – Vá, deite-se na cama. – Ele fugiu para verificar os camelos. Ele não queria dar a volta e ver as lágrimas de sua esposa.

De olhos secos, Jillian silenciosamente juntou os pratos e colocou-os fora. Sua rejeição não iria machucá-la. O que prejudicou foi a dor terrível assombrando seus olhos escuros.

*Oh, Graham, eu senti a sua paixão, seu desejo, toda vez que fizemos amor. Eu sei que você é um homem em cada polegada, o homem que eu amo. Mas como posso convencê-lo?*

Ela não tinha habilidades para lidar com os demônios interiores, nem mesmo os dela. O riso zombeteiro ecoou em seu cérebro, afastando uma pequena esperança de curá-lo. Ela se perguntou se ela poderia alcançá-lo um dia.

Naquela noite, Graham teve um pesadelo. Ele acordou com um grito sufocado e Jillian sentou-se, tremendo. Mas ele afastou-se de seu abraço confortante e virou de lado. Ela não se aproximou dele.

De manhã, ele a observava em silêncio, seu olhar cauteloso, enquanto ela preparava o café da manhã. Jillian sentiu o desespero empurrá-la. Ela mordeu o lábio e derramou o grosso café escuro árabe que ele amava em uma xícara pequena sem asa. Mas ele não bebeu. Nem comeu enquanto ela mordiscou as bordas de uma cunha de pão sírio. Finalmente, ela levantou-se, rapidamente tirando a poeira de suas mãos.

- Se nós quisermos chegar a essa caverna ao anoitecer, devemos sair.

Ele não fez nenhuma tentativa para embalar ou mover. Pavor a encheu. Ele sentiu-se drenando a vida, uma figura silenciosa em índigo, com os braços abraçando os joelhos.

Jillian deu de ombros, deixou-o sozinho e foi alimentar os camelos. Ela acariciou o pescoço longo de Solomon, vendo a besta mastigar as tâmaras secas. Quando ela voltou para a tenda, Graham ainda estava imóvel, olhando para a areia.

- Estamos indo embora?- Perguntou ela. Ele não respondeu.

Ela passou o resto do dia analisando o mapa do túmulo onde o tesouro estava. Desespero a assaltou. Cada vez que ela tentou conversar com seu marido, ele não respondera. Ele sentou-se, uma estátua em silêncio, olhando para as areias.

Ela não sabia o que estava errado. Será que ele acha que ela condenou-o pelo que aconteceu? Jillian graciosamente abaixou-se ao lado do marido. Ela reuniu suas mãos nas dela.

- Fale comigo. Por favor, fale comigo.

Graham baixou o rosto em seus joelhos.

– Você não quer saber, Jillian. Você não. Vá embora.

– É tão terrível que faz você chorar de noite? Eu sou sua mulher, Graham. Confie em mim. Por favor.

Virando a cabeça, olhar aflito de Graham uniu-se ao dela.

– Você quer saber o que eu sonhei?

– Sim.

– Eu sonhei com esse dia. Do riso de al-Hamra.

Ela olhou em angústia horrorizada o suor escorrendo na testa.

– Ele riu depois, Jillian. Ele me disse para parar o choro insípido. É que... Que no fundo, eu gostei.

– Graham, você não deve culpar a si mesmo –, ela gritou. – Você estava desesperado e teria feito qualquer coisa.

Seu olhar torturado prendeu o dela.

– Jillian, você não percebe? E se... E se eu lhe permiti não porque eu pensei que ficaria livre, mas... – Ele sacudiu a cabeça longe dela, sua voz tão baixa que ela mal ouviu. – Q-que se ele estava certo? E se eu gostei? E se a minha vida inteira foi uma mentira?

Ela não tinha respostas. Graham parecia remoto e distante como o Nilo, e Jillian tinha pavor de perdê-lo, com medo do que ele havia revelado. Queria correr para longe, muito longe, para colocar os dedos em seus ouvidos e não ouvir. Era demais para ela suportar.

Mas ele finalmente revelou o seu mais obscuro segredo. Ele tinha alterado sua confiança e como ela poderia abandoná-lo?

Não, Jillian não sabia o que dizer, ela só sabia dentro de seu núcleo mais profundo era uma parte que ela precisava chegar. Ela respirou fundo e tomou seu rosto nas mãos. Seus olhos eram de obsidianas pálidas, tão distantes como as pedras que haviam deixado para trás no barranco.

Ela beijou o marido. Ele não respondeu. Pareciam beijos de pedra antiga, sem vida. Jillian se inclinou para frente, pressionando seu corpo contra o dele, desesperada para agitar algo nele. Ela emaranhou as mãos na poeira, cachos ondulantes sob seu turbante índigo. Ela soprou em sua boca, pedindo-lhe com o seu corpo para voltar à vida. Voltar para ela.

Ele mexeu lentamente contra ela e começou a retornar seu beijo, seus lábios se movendo de forma sutil, seus braços musculosos segurando sua presa contra ele. Com um gemido alto, apertou-a tão forte que ela mal podia respirar. Mas Jillian não resistiu seu abraço apertado, ela se derreteu nele. Suas mãos exploraram seu corpo, pressionado contra a planura dura da sua barriga e ousadamente escorregou mais baixo.

Libertando-a, ele a jogou longe.

- Eu não posso... Fazer isso.

Jillian doía no pânico selvagem no rosto. Ela se preparou para o que devia dizer.

- O Khamsin disse que o deserto rouba alma de um homem. Não há espaços escuros aqui, nem segredos. - Arrastando uma respiração, ela se forçou a continuar. - Não há mentiras aqui. Então me diga se este homem do seu passado desperta sua paixão?

Ele olhou para ela em estado de choque incrédulo. Ela empurrou ainda mais, torcendo a faca, tentando romper o medo.

– Você quer foder com ele em vez de mim?

Fúria ardeu em seus olhos escuros, transformando-os em lanças. Como um animal feroz, seu lábio superior curvado, mostrando o brilho branco dos dentes. Graham fez um som estrangulado. Sua mão estirou. Ele agarrou-lhe pela garganta. A respiração fugiu dos seus pulmões. Ela não se atrevia a mover-se. Não se atrevia a deixar o olhar cair. Ela permaneceu imóvel, enlaçada nas garras de seus dedos poderosos. Com um movimento, ele podia quebrar seu pescoço.

– Você não pode matar a verdade. Então, responda-me. – Ela disse asperamente.

O silêncio pairou entre eles, o único ruído escovado do vento do deserto através da areia e do rugido selvagem de sangue vibrando em suas veias.

Seu aperto aliviou. Ele não a soltou, mas aliviou seu aperto. O dedo indicador traçou uma linha hesitante em toda a sua garganta para sua mandíbula trêmula. Com a mão esquerda, ele começou a explorar seu rosto.

Duas linhas reduziram o espaço entre as sobrancelhas escuras. Ele se parecia com seu sobrinho, explorando seu mundo, pela primeira vez. A mão esquerda de Graham deslizando em seu corpo e espalmando o peito numa carícia leve. E depois Jillian percebeu o que estava fazendo.

Ele queria tocá-la como tinha sido na primeira noite juntos. Quando eles se tornaram amantes. Quando afirmou seu corpo em paixão e calor tórrido, e ele sabia, finalmente, os prazeres que o corpo de uma mulher tinha para oferecer. Seus lábios se separaram em uma expressão de indagado espanto. Conscientização queimando

no rosto. Ele sabia a resposta. E ela também. Umidade esculpia faixas solitárias na sujeira poeirenta do seu rosto.

Graham soltou seu pescoço. Jillian tomou um gole doce do ar. Seus olhos se arregalaram de horror em lágrimas.

– Cristo, eu poderia ter matado você.

– Você não faria isso. Você nunca faria. – Ela pegou a mão que tinha o poder de esmagar sua traquéia e beijou-a.

– Parte de mim queria machucá-la, Jillian, porque eu estava com medo da resposta. Eu não lutei o suficiente. Ele me disse que eu gostei porque eu não lutei – Disse ele aos pedaços.

– Você não gostou do que aconteceu com você. Você só estava fazendo o que você tinha que fazer. – Ela respirou fundo, esfregando sua garganta.

– Eu deveria ter lutado com ele. E não apenas quando ele me amordaçou quando eu comecei a gritar e eu gritava porque eu percebi que não poderia culpar uns "pagãos árabes" desta vez. Deixei que ele, um inglês de minha própria cultura e país, fazê-lo. E eu aceitei o que estava acontecendo comigo.

Ela emoldurando o rosto com as mãos, as lágrimas indefinidas em seu rosto.

– A aceitação não faz a coisa certa ou agradável. Meu pai foi cruel para mim, e é tudo que eu conhecia. Mas eu nunca, nunca gostei.

– Eu estou tão cansado, Jilly. – Ele sussurrou. – Estou muito, muito cansado.

Ela beijou-o ternamente. – Então durma.

Como uma criancinha, ele enrolou contra ela e deitou a cabeça no seu colo. Jillian sufocou um soluço e sua mão trêmula acariciou sua cabeça.

O sol queimava a terra arrasada. Calor encheu o interior de sua tenda improvisada. Por um longo tempo Jillian sentou-se no cobertor listrado, esquecida de tudo sobre ela, exceto o som das respirações profundas de seu marido adormecido.

Eventualmente, ela se deitou e dormiu. Ela não sabia que horas eram quando abriu os olhos. As luzes das estrelas brilhavam no céu preto pesado acima. A lua de prata pálida lavando a areia e um pouco de sua duna, com a luz acinzentada. Alguma coisa tinha despertado-a.

Jillian olhou para baixo e percebeu que durante o sono, Graham tinha enrolado o corpo dele sobre o dela, emaranhados juntos como corda torcida. Sua coxa musculosa presa as pernas para o cobertor, seu braço drapejado sobre seus ombros. Seus olhos estavam abertos. Ele estudava-a com intensidade sem piscar.

Ele moveu-se e puxou-a mais perto. Seus lábios procuraram os dela, sua língua acariciando o interior de sua boca. Fogo saltou para dentro de suas veias quando ela enganchou os braços sobre ele, beijando-o de volta. Graham passou suas mãos em seu cabelo desgrenhado, gemendo quando a beijou. Ela sentiu a dureza de sua ereção pressionando.

Suas mãos percorriam seu corpo, empurrou o caftan e puxou as calças folgadas sob o vestido longo.

- Tire fora -, disse ele.

Ela fez. Ele desabotoou o casaco índigo e abriu suas calças. Graham rolou de costas e montou sobre ela com acalorada urgência. Despreparada para a força de sua entrada, Jillian gritou em choque.

Ele parou, beijou-a, persuadindo sua resposta até que ela se contorcia contra ele em necessidade.

Suas estocadas eram fortes, rápidas, a pressão implacável esticando-a até que, finalmente, seu corpo aceitou sua intrusão e banhou-o com sua excitação. Jillian mordeu o lábio quando ele lançou a fúria do passado, com as mãos prendendo seus pulsos com o cobertor, o seu peso denso prendendo-a debaixo dele. Ela foi ao encontro de cada impulso violento, inclinando seus quadris para cima acolhendo.

Não havia nada de gentil sobre sua posse. Isto foi um rude, primitivo clamor enquanto ele dominou-a como um Khamsin. Sua carne perfurava a dela, tendo por direitos de que era dele. Tomando de volta seu passado e começando de novo.

O ataque sensual agarrou-a. Seu corpo ficou tenso e ela gritou enrijecendo debaixo dele, as mãos segurando os músculos rígidos em suas costas. Ele chegou ao clímax tão violentamente, contrariando o seu corpo e de repente ficou rígido, um rugido feroz rasgando de sua garganta. Sua respiração era áspera, arquejos entrecortados. Graham caiu em cima dela, o seu peso prendendo-a, com a cabeça enterrada no vão macio de seu ombro.

Por um longo momento Jillian ficou imóvel, não se atrevendo a respirar, relutante em perturbá-lo. Então, finalmente ele levantou a cabeça, apoiando-se nos cotovelos. A satisfação selvagem masculina brilhou nas escuras profundezas de seus olhos. Ele a beijou, um beijo lento e profundo cheio de ternura.

– Eu te amo, Jilly. – Ele sussurrou. – Eu acho que eu sempre vou te amar.

E ela sabia, então, que seus demônios foram vencidos e que nunca mais iriam voltar.

## *CAPÍTULO 23*

A caverna do mapa ficava no meio de um dia de passeio entre um oásis e uma pequena aldeia. Depois que encontrar o tesouro, Graham prometeu que iam visitar a aldeia para uma autêntica refeição e para reabastecer de suprimentos.

Eles chegaram à caverna ao meio-dia. Se tivessem abordado a partir do leste, eles poderiam até ter caído nela. A abertura era nada mais do que uma fenda aberta em terreno plano. Graham desempacotou seus suprimentos enquanto Jillian olhava duvidosamente para poço escuro. Areia derramava na escuridão. Ela estremeceu.

– Nós podemos deslizar para baixo. – Graham sugeriu. Ele pegou a mão dela com uma das suas e agarrou uma lâmpada apagada com a outra. – Vamos lá. Juntos.

Ele deslizou da encosta de areia profunda. Ela sentiu como se eles caíssem em uma escuridão sem fim. Quando atingiu o solo duro atapetado por areia grossa, ela lançou um suspiro.

Graham se levantou e ajudou-a enquanto ela sacudia suas vestes. Quando ele acendeu a lâmpada, um suspiro admirado escapou. A caverna era encantadora. Ela pensou nos contos árabes na biblioteca de seu pai e sabia que era verdadeira magia do deserto.

Centenas de formas cônicas gigantes pingavam do teto, a água cristalizada congelada para a imortalidade. Os cristais de gelo pendurados em um delicado arranjo de renda, suas reviravoltas translúcida delicadas como asas de fadas. A luz jogada sobre as formas de giz branco e preto quando Graham levantou a lanterna.

- É como a gruta encantada que uma vez eu sonhei -, disse ele, seu rosto extasiado. - Quando eu era garoto, eu costumava fugir para um lugar como esse em minha mente.

Amor a preencheu. Jillian apertou sua mão.

- A caverna secreta de Aladim, cheia de tesouros. Um lugar onde você pode se sentir seguro.

Sua mandíbula ficou tensa.

- Vamos fazer isso rapidamente.

Minutos depois, eles reuniram seus equipamentos: uma corda resistente, suas mochilas, o rifle e os jarros de água. Graham enfiou a mão no cinto e retirou a chave de madeira que tinha formado no Cairo.

Com a espingarda nos ombros eles foram procurar a porta. Baixos tetos, para um homem passar por debaixo, proibiu-lhes de explorar algumas partes. Isto era uma pequena caverna, e a frustração começou a crescer em Jillian. Seu nariz franziu com o odor de fezes de morcego.

Mas Graham insistiu na busca, completa lenta, advertindo-a para evitar a uma grande fenda dividindo o chão. Eles espiaram sobre a borda. Jillian estremeceu porque deixou cair um pequeno pedaço quebrado de estalactite na escuridão e não o ouvi bater no fundo.

Graham olhou para ela.

- Devagar e firme.

Após cerca de uma hora, eles encontraram uma abertura em que ambos tiveram que se agachar. Graham apontou para uma figura oblonga pequena, pouco visível, esculpida em uma estalactite delicada.

– Khufu. – Ela respirava. – Deve ser isso!

Sentia-se como Alice se apertando na casa minúscula no País das Maravilhas enquanto eles avançaram. Finalmente restrita a rastejar de joelhos, Jillian se perguntou se o peso opressivo do espaço confinado realmente podia espremer seus pulmões.

Eles chegaram a um beco sem saída não superior a um metro. Lágrimas frustradas queimaram sua garganta quando ela olhou para a parede de pedra calcária. Nada. Sem fechadura.

Mas Graham não mostrou nenhuma emoção. Ele se limitou a estudar a parede, correndo a mão sobre sua superfície. A parede branca deslizou para trás, como um painel. Isto revelou outra parede mais além. Havia um buraco de fechadura grande.

Ele se virou para ela, um sorriso de garoto enchendo seu rosto.

– Truque egípcio antigo, – Disse ele.

– Ensinado a você por um velho egípcio?

Rindo, ele produziu sua chave de madeira e, com um clique da fechadura, levou para dentro da casa. Um ajuste perfeito. A porta destrancada se abriu para a escuridão aveludada.

Graham se arrastou pela porta. Quando Jillian pendeu inquieta, ele levantou o olhar do ombro. – Venha, *Habiba*. Estamos quase em casa. Está tudo bem –, ele disse suavemente. – Eu não vou deixar nada acontecer com você.

Respirando profundamente e empurrando de lado seu pânico, ela o seguiu.

Graham auxiliou-a segurando sua mão. Ela protestou, temendo que eles pudessem bater suas cabeças no teto. Ele disse-lhe baixinho: – Olhe para cima. – Ela fez.

O quarto que tinha invadido era ainda mais espetacular do que ela imaginava sobre a caverna de Aladim. Graham foi até uma das arandelas de ferro na parede e acendeu uma tocha que não tinha sido iluminada em mais de quatro mil anos.

O quarto era pequeno, de formato irregular e cheio de geodes<sup>22</sup>. Picos de cristais – púrpura, azul profundo, translúcido, vermelho – enchiam o chão. As estalactites do mesmo material espetacular que estavam na câmara principal penduradas como lustres de cristal aqui também, mas o teto era triangular em vez do formato de cúpula.

– Como uma pirâmide. – Ela percebeu em voz alta.

Graham riu.

– O velho cão matreiro. Ele criou sua própria pirâmide aqui no deserto.

Em cima de uma pequena mesa de pedra formada a partir de calcário, semelhante a um altar, um vaso de alabastro residia. As mãos de Graham tremiam quando ele se aproximou dela.

O caixão mágico que desejavam! Jillian prendeu a respiração e assentiu quando ele lançou-lhe um olhar interrogativo.

Graham quebrou a fechadura.

Dentro do caixão, longo e fino estava um crocodilo de ouro maior do que o punho de um homem. Em suas mandíbulas em bocejo descansava uma esmeralda brilhante.

– Oh –, disse Jillian fracamente. – Oh, meu!

Graham não podia se mover ou falar. Diante dele estava um sonho de infância. Ele acariciou o vaso de alabastro, acariciando sua superfície como se fosse a coxa de uma mulher.

---

<sup>22</sup> Cavidades alinhadas com os cristais.

– A lenda sobre esse caixão. – Ele meditou. – Se você colocar um pedaço de papel nele com os detalhes de seu maior desejo, em seguida, colocar o caixão debaixo da sua cama durante a noite enquanto você dorme; na parte da manhã o seu desejo se tornará realidade.

– Eu não acredito em magia. Claro, eu quase não acredito que isso é real. – Jillian tocou a esmeralda com um dedo trêmulo. – Com um tesouro como este quem precisaria de desejos? Essas riquezas poderiam comprar qualquer desejo do coração.

– Algumas coisas na vida não podem ser compradas, Jilly.

Ela apertou o braço dele.

– Verdade. Se eu pudesse, gostaria de comprar o seu passado, Graham, e dar-lhe de volta para você de novo. Mas eu não posso.

Solene, ele trocou olhares com ela, então lhe deu um beijo no rosto. Jillian sorriu. Voltou-se para sair.

Quando Jillian abriu a porta e arrastou-se, Graham deu uma última olhada, então caiu de joelhos para segui-la. Mas de repente a porta fechou. Seu estômago cerrou. Ele empurrou a porta. Isto não movia. A preocupação franziu sua testa. Ele empurrou novamente.

O pânico espalhou através dele quando ele estabeleceu o seu peso poderoso contra a madeira, mas a porta não cedeu. Ela permaneceu trancada. Ele estava preso dentro, sem a esmeralda.

Do outro lado ouviu uma risada baixa, manhosa.

– Sai Caldwell. Lentamente.

Graham congelou. Aquela era a voz de seus mais profundos pesadelos. Stranton.

O conde tinha claramente tomado o mapa e ido para a aldeia, esperando por sua chegada. Era provável que Stranton desejasse o tesouro tanto quanto ele queria Graham morto, isto iria fornecer dinheiro suficiente para viver anônimo com o conforto por muitos anos.

Mas Graham não pretendia morrer hoje.

Ele lentamente abriu a porta, arrastando sobre a barriga. Uma luz brilhou à frente na distância. Ele continuou rastejando pelo túnel até chegar à caverna aberta. Havia cheiro aguçado, pungente de fezes de morcego que picou suas narinas.

Ele se levantou, vislumbrando seu inimigo. Graham enfiou o caixão em seu binish, levantou a espingarda ao ombro. Tiro na cabeça. Bastante fácil. Mas Stranton atraiu para mais perto sua filha, usando-a como um escudo. O dedo de Graham hesitou no gatilho.

Jillian tremia. Seu rosto parecia pálido e comprimido.

–Deixe-a ir, Stranton. – Graham ordenou.

– Baixe a arma, Caldwell. Você realmente quer arriscar a atirar nela?

– Pare de se esconder bastardo. Isso é entre mim e você. Nenhum de nós quer vê-la machucada.

– Não tenho nada a perder agora.

Graham sentiu o desespero por um momento, então ele fez uma escolha.

– Estou baixando o rifle. Não a machuque.

– Jogue até aqui para mim. – Ordenou o conde.

Stranton avançou com Jillian quando Graham fez o que ele pediu. Seu olhar nunca deixando Graham, o conde chutou a arma longe. Ela caiu com um barulho na fenda.

– Ela merece saber a verdade, Caldwell. Sobre o que você realmente é. – Stranton zombou.

Graham continuou parado, o coração acelerado. *Então isto aconteceu*, pensou na angústia. Jillian saberia a verdade, finalmente...

O pânico picado congelou Jillian. Ela surgiu na caverna para encontrar seu pai ali, cortando seu grito, uma pistola em sua têmpora. Seu coração estrondou mais rápido.

– Pai, por favor. Deixe-nos em paz. – Ela sussurrou.

– Foi o seu marido que abordou aquele garoto, Jillian. Ele acha que pode seguir com o seu crime vil. Eu o estou levando de volta a Londres para enfrentar autoridades e colocar a culpa em seu lugar de direito. Você gostou. Admita rapaz. Admita. Eu quero ouvir a verdade. Foi culpa sua, Caldwell. Diga a ela a verdade. Você gostou disto –, o conde insultava.

Graham zombou.

– Isso é o que você queria que eu acreditasse. Mas você e eu sabemos a verdade, al-Hamra.

Horrorizada Jillian olhou para seu pai, seu estômago contorcendo-se. Oh meu Deus! Não podia ser. Seu pai era o que atormentava Graham nos pesadelos?

A expressão de Graham tornou-se cuidadosamente pálida mais uma vez, desprovida de emoção. Jillian reconheceu um controle rígido, pois ele era engenhoso na camuflagem de seus pensamentos.

No entanto, um pulso ainda batia violentamente na base da garganta. Agitação escura girava em seu olhar.

– Tem vergonha, Jilly? – Ele perguntou em voz baixa.

– Como não posso ter? – O próprio pai dela, aproveitando-se de uma criança que havia confiado nele? Um garoto, desesperado pequeno?

– Quem você está enrolando, Caldwell. Solte o tesouro.

Dentro de sua binish, Graham tirou o caixão de alabastro. Ele olhou para ela.

– Não. É meu. – Disse ele.

O conde riu.

– Eu tinha os hieróglifos traduzidos. Você é um idiota se você acha que a caixa tem poderes mágicos.

Jillian assistiu a mudança da expressão de seu marido em um olhar desolado. Ele parecia uma criança perdida.

– Eu não acredito nos poderes de um caixão mágico de desejos. – O duque fez uma pausa, com o rosto afetado. – Mas eu sempre o quis. Há muito tempo atrás, quando encontrei o mapa. Ela me deu esperança. Sonhei que havia tal caixa de magia e isso mudaria... Tudo. Inclusive eu.

E ela sabia então o que esta missão estava prestes a revelar. Encontrar a caixa tinha sido um sonho de infância, não apenas para proteger o interior do tesouro, mas para possivelmente recuperar o que tinha perdido para sempre: seus pais, sua inocência, todas essas coisas na infância, que ele tinha visto escapar por entre seus dedos.

Suor brilhava na sua testa. Sua expressão tornou-se tão estéril como as areias. Ele nem sequer respeitava o seu pai, de pé, com uma pistola na mão. Seu marido parecia terrivelmente sozinho.

Seu pai assentiu.

– Deseje tudo o que quiser Caldwell. Isto não vai mudar o que você realmente é. Não há como escapar da verdade. Admita isso para minha filha. Você estava apenas usando-a para chegar até mim. Ela merece um homem real. – Pesar escureceu sua expressão. – Nos Estados Unidos, onde o escândalo não vai segui-la, eu vou dar-lhe parte do dinheiro que receber da venda desse tesouro. Vamos, minha filha vai encontrar alguma felicidade.

Um peso enorme pressionou seu peito. Por tantos anos, ela ansiou pelo afeto de seu pai, por um pequeno sinal de confiança, de carinho. Ele nunca tinha sequer a abraçado. Ele a manteve presa na casa, presa sob as restrições severas e regras rígidas. Agora ele estava lhe dando, finalmente, o que ela tinha procurado? Liberdade de escolher seu próprio caminho?

Graham permaneceu em silêncio, mas o apelo em seus olhos era tão somente um grito. *Não me deixe Jilly. Confie em mim.*

Jillian lutava para respirar. Os dois homens pararam como as colunas de pedra nas proximidades. Dois futuros diferentes. Ela poderia facilmente agora, com este dinheiro, buscar seu sonho antigo na América, assistir a Radcliffe e nunca olhar para trás. *Não foi isso o que você sonhou em toda a sua vida?*

Mas quando ela olhou para o marido, a quem ela amava, ela percebeu que às vezes os sonhos mudam.

Não, ela não podia deixá-lo. Nem ela poderia reparar o dano que seu pai tinha feito. Mas ela poderia apagar dúvidas horríveis que

sabia estavam rasgando Graham em dois. Especialmente desde que ela se lembrou de algo mais.

– Não o escute, Graham. Ele fala sobre si mesmo, não de você. Pai é um que não pode escapar da verdade. Ele está sempre se escondendo dela, mas ele não pode se esconder por mais tempo. Naquele tempo quando eu tinha seis, você se lembra Pai?

O sangue drenou do rosto do conde. O controle sobre sua pistola vacilou.

– Jillian, pare.

– Eu não queria lembrar. Eu encerrei isto, mas ele voltou. Mark, o filho do cavaliço. Nós éramos companheiros. A mãe me desaprovou me por jogar dentro com filhos dos empregados, mas você nunca protestou. E naquele dia lá em cima, você tomou Mark ao fundo do corredor e levou-o para aquele quarto e você fechou a porta. Você me disse para ir embora e esquecer o que aconteceu. Lembro-me do rosto de Mark, tão pálido e assustado quando você começou a fechar a porta e disse-lhe para remover as calças...

– Jillian. – O conde começou.

– E a chave girou na fechadura e eu não podia me mover, meus pés não obedeciam. Eu ouvia de fora e ouvi-o gritar e chorar, e você estava dizendo... Você estava dizendo... – Ela engoliu uma respiração tremendo. – Um garoto tão bonito. Venha, pois, admita que você gosta. Não há como fugir da verdade. Você não pode esconder o que você realmente é.

Suas palavras quebraram a inércia de Graham. Seus olhos brilharam fogo.

– Seu filho da puta doente. – respondeu asperamente. – Quantas vidas você arruinou?

Mas o pai de Jillian o ignorou, seu olhar aflito preso a filha.

– Eu lhe disse para ir embora, Jillian. Eu te disse...

– Eu queria. – Ela sussurrou. – Mas eu não podia esconder a verdade por mais tempo, Pai.

Um peso enorme apertou seu peito. Era como se a própria caverna estivesse desmoronando, espremendo o ar de seus pulmões. Jillian não conseguia desviar o olhar do rosto de seu pai. A angústia não a quebraria uma vez mais. Não mais.

Naquele momento Graham manifestou-se. Seu pai brandiu a sua pistola para cima. Jillian gritou alarmada e agarrou seu braço. Um trovão explodiu. Cristais antigos fragmentaram-se quando a bala atingiu uma estalactite.

Graham abaixou e rolou, o seu movimento de propulsão para frente em direção à fenda. Os gritos de Jillian ecoaram pela caverna enquanto ele se esforçava para parar, não, e em um movimento fluido, desapareceu ao longo da borda.

Com a sua mão apertando o tesouro, Graham descontroladamente lutou para segurar-se, mas ele deslizava pela parede de pedra. A borda estreita parou sua queda. Forçando a calma, ele lutava para se manter de pé na prateleira. Acima dele, a fenda mostrou a luz da caverna. Cristais no teto cintilavam. Ele nunca tinha visto nada mais espetacular. Uma bela vista antes de morrer.

*E assim isto termina desta forma*, ele pensou com cheio de resignação.

É? Uma voz perguntou zombando. não vale a pena lutar pela vida Jillian?

Graham respirou. Suas costelas doíam raspando sobre a rocha áspera.

Duas cabeças apareceram acima, ambas vermelhas. Ambas com olhos verdes. Uma cheia de pânico selvagem, a outra com satisfação sombria. Graham voltou seu olhar para a parede. Ele não iria olhar para cima e ver o seu inimigo exultante.

– Graham, oh, Graham, espere, que eu vou pegar uma corda.

Ele olhou para cima para ver Stranton contê-la.

– Só se você jogar o tesouro. – Gritou o conde.

– Nunca! Graham gritou. Suor umedeceu a palma da mão, soltando o controle sobre o caixão. Seus dedos desesperadamente o agarraram.

Seu futuro? Sua esperança?

Vergonha o encheu. Ele era um covarde, e ele não podia suportar o olhar de condenação nos olhos de Jillian, se ele olhasse para cima.

– Graham, por favor, olhe para mim. Graham. – Ela gritou. – Não desista. Segure-se.

– Jillian, eu proíbo-a.– Gritou o pai.

–Silêncio, Pai! – Ela retrucou.

Graham ouviu os sons de uma briga, de seu pai implorando para ela ouvir a razão.

Comprimindo seus olhos, ele agarrou a parede. Sua mão espalmada contra ela. Seu coração bateu devidamente em seus ouvidos.

Minutos foram passando, e de repente bateu uma corda ao lado dele.

– Me passe à caixa, Graham. – Jillian confessou. – Você vai precisar de duas mãos para subir.

Ele não podia.

– Não, Jilly. Eu não posso.

– Por favor, deixe-a ir. Eu te amo. Eu sei que você acha que a caixa fará tudo de ruim ir embora, mas não é culpa sua o que aconteceu com você. Você não precisa de caixas mágicas. Eu não posso apagar o seu passado, Graham, mas juntos podemos construir um futuro.

– Você tem vergonha de mim.

– Eu tenho vergonha *dele*, e do que ele fez com você. Por favor. Volte para mim.

– Você não tem nenhuma razão para se envergonhar de mim, Jillian. A culpa é dele, – Stranton raspou.

Os dedos de Graham enrolaram em torno da caixa de alabastro. O seu tesouro. Seu escudo. Ele não poderia liberá-lo. Mas a voz Jillian de novo veio a ele.

– Olhe para mim. Olhe para mim, não para a caixa!

Em algum lugar dentro ele encontrou um fio fino de coragem. Graham olhou para sua esposa. Ele olhou nos olhos verdes, brilhantes como esmeraldas. Ele moveu-se na borda e quase escorregou.

Se ele não liberasse a caixa, ele poderia morrer. Mas por que não morrer? Ele já estava morto antes. Ele só queria acabar com a dor.

Mas então ele olhou para ela de novo e viu os olhos dela brilhando de lágrimas

– Por favor, Graham. Por favor, volte para mim. Você me pediu antes para não deixar você. Eu prometi que não te deixarei. Não me deixe.

Ele segurou o tesouro. A caixa lhe daria dinheiro, dinheiro que teria satisfeito Stranton vinte anos atrás e impedido a ação vil que o conde tinha feito para ele. Dinheiro significava poder. Sempre significou poder.

– Eu preciso disto. – Ele bramiu, segurando a caixa.

– Graham, você não precisa disto. Você quer isso para se proteger de alguma coisa ruim que aconteça novamente, e eu entendo. Mas eu não me importo com dinheiro ou o seu título. Eu te amaria mesmo se você fosse um pobre limpador de chaminés. Ramsés disse-me que a escuridão dentro de um homem pode fazê-lo perder a sua alma. Não mantenha a escuridão dentro por mais tempo. Deixe-a fora e deixe-me entrar.

Ele olhou para cima e viu Jillian, e seu coração parou.

Aqui estava o tesouro real. Sua esposa declarando abertamente seus sentimentos. Ela o amava, apesar de todas as suas muitas transgressões e quem ele era. Ela estava avivando a chama em sua escuridão. E pela primeira vez, ele sentiu a escuridão regredindo, fugindo da luz viva, ela brilhou dentro dele.

Sim, o verdadeiro tesouro era sua esposa.

Mas há muito tempo que ele mantinha sua dor e sua fúria, entrelaçadas como fios sobre um tapete. Ele poderia finalmente libertá-las? Graham olhou para ela e a dor em seu peito diminuiu. Por fim, ele tinha algo pelo qual valia a pena viver, em vez de algo pelo qual ele queria morrer.

Seus dedos soltaram a caixa. A paz caiu sobre ele como se sentia a sua queda de denso peso na escuridão. Ele deslizou para baixo, batendo em um pé de prateleira saliente abaixo. O pai de Jillian gritou.

– Não! – Stranton agarrou a corda e moveu-se para baixo. Pousou no rochedo abaixo de Graham, aproximou-se descontroladamente para a caixa. Mas a borda rachou e o conde perdeu o equilíbrio e caiu. No último momento, ele se segurou.

Stranton agarrou a borda com a ponta dos dedos, balançando. Grandes suspiros de pânico golpearam o ar. Graham olhou para o homem que havia abusado dele, que tinha violado a sua confiança, que agora estava em perigo mortal. Ele olhou para Jillian.

Cautelosamente, ele pegou a corda que ela jogou para ele. Capturan-do, ele passou sobre a sua cintura, amarrou-o, em seguida, abaixou-se para o conde.

– Deixe-me ajudá-lo. – Disse ele asperamente.

Stranton olhou para sua filha. Algo escuro e assustador tocou o seu rosto.

– Eu nunca quis te magoar, Jillian. Eu tentei, mas foi tão difícil manter isto longe, para evitar que você fosse contaminada. É por isso que eu sempre disciplinava você.

– Você era a única coisa boa na minha vida, tão pura e bonita. Eu estava orgulhoso de você, e não parava de pensar que sua bondade refletia em mim. Mas agora... Eu não posso me esconder atrás de você por mais tempo. Eu posso ver isso em seus olhos. Eles são como um espelho... – Sua voz caiu para um sussurro. – Eu vejo o que eu realmente sou.

Graham sentiu uma leve simpatia por Stranton, forçado a confrontar a escuridão dentro e vendo apenas a feiura de sua alma olhando para trás.

O olhar suplicante do conde encontrou o seu.

– Sinto muito. – Ele sussurrou. – Perdoe-me.

Graham fechou os olhos. Ele pensou na dor de seu passado. Pensou em Jillian e a esperança de seu futuro. Abrindo os olhos, ele conseguiu proferir palavras que ele tinha pensado impossíveis.

– Eu... Eu te perdoo.

Paz envolveu o rosto do conde.

– Cuide bem da minha menina. – Então Stranton soltou a rocha, caindo na escuridão. Jillian gritou.

Graham sabia que ele deveria chegar até ela. Querido Deus, ela estava sozinha, e ela precisava dele. Seus músculos densos e tensos, mas ele se impulsionou lentamente até sua esposa. Empurrou-se lentamente de volta à vida.

Em meio às lágrimas, Jillian viu Graham sair da fenda. Ele puxou-a para seus quentes, braços fortes. Deitando a cabeça contra o seu peito largo, ela buscou conforto em seu abraço acolhedor. Por vários minutos, ela soluçava e ele simplesmente segurou-a. Quando ela finalmente se afastou, ele tocou seu rosto úmido, escovando uma mecha de cabelo longe do rosto.

– Sinto muito, meu amor. – Ele disse suavemente.

– Eu não posso acreditar que ele se foi. Eu... Estou aliviada porque ele nunca mais vai te machucar ou qualquer outra pessoa de novo, e ainda, oh, Deus! Ele era meu pai. Todos aqueles anos perdidos, pensando que eu nunca poderia ser boa o suficiente para

atender às suas normas rígidas. Tudo que eu queria era que ele me amasse, e ele não podia não do jeito que eu queria. De certa forma, ele me usou como um escudo para se esconder.

Um pensamento perturbador a atingiu. Ela olhou para Graham suplicante.

– O que o Pai quis dizer quando ele disse para você parar de usar-me para chegar a ele?

Sangue drenou do rosto de seu marido. Os músculos da garganta trabalharam quando ele engoliu.

– Eu não sei direito.

Uma súbita sensação de vômito bateu nela. *Eu não quero saber. Mas devo.* Ela criou coragem e sussurrou:

– Eu acho que você sabe.

Graham respirou irregular. Ele olhou diretamente nos olhos.

– Sim, Jillian. Não vou mais esconder a verdade. Ele percebeu que eu a usei para me tornar amigável com ele, para conceber um meio para arruiná-lo.

Seu coração despedaçou.

– É por isso que você se casou comigo, Graham? Para chegar a meu pai? Eu era um peão para você e nada mais? *Por favor, me diga a verdade. Mas eu não sei se posso aguentar se você me usou como meu Pai fez, as mentiras e traições...*

– Eu casei com você por muitas razões, Jilly. Mas sim, para chegar a seu pai era um objetivo principal.

– Você queria matá-lo pelo que ele fez para você, Graham?

Um músculo se contraiu em sua bochecha.

- Eu queria matá-lo naquela noite no baile. Eu tinha planejado tanto. Mas... Eu vi você e eu mudei de ideia.

Oh Deus, era pior do que ela havia imaginado. Os lábios de Jillian tremiam. Como ele poderia ter feito isso com ela?

- Você mudou seus planos? Você queria arruiná-lo e eu era o seu peão? É por isso que você não queria me trazer com você!

Graham parecia envergonhado.

- Sim. Eu arranjei para ele ser pego com um rapaz. Depois que ele foi preso e fugiu, ele deixou uma nota jurando vingança. Eu provoquei seu pai para me seguir até o Egito. Eu sabia que ele tinha o mapa e poderia encontrar a caverna. Ele me mataria ou eu o mataria. Mas eu nunca quis te machucar, Jilly. Nunca.

Duas grossas lágrimas caíram pelo rosto.

- Mas você fez. Bastardo. - Ela sussurrou.

Ele foi em direção a ela. Profundamente angustiada, ela estendeu uma trêmula palma.

- Não, Graham. Você mentiu para mim. Você me usou, oh, Deus, você me usou, assim com ele o fez. Ele realmente não me amava. Você me arruinou publicamente dizendo a todos que eu não era virgem, tudo para enganar-me para casar com você. Você fez isso por sua própria vil finalidade! Você não me queria para produzir um herdeiro, e nem mesmo a mim -, a voz dela caiu e tornou-se uma imitação zombeteira da sua - minha capacidade intelectual. Você só queria vingança.

- Foi por isso que me casei com você, mas eu me apaixonei por você. Eu te amo agora, Jilly.

Jillian apresentou as costas para ele.

- Tudo o que eu sempre quis foi que você compartilhasse comigo, Graham. Não a riqueza ou o seu título. Eu queria a verdade. Mesmo agora, você queria mentir para mim sobre o que o meu Pai disse.

- Perdoe-me. Por favor. - Sua voz estava quebrada.

- Perdoar não é o problema, Graham. Como pode o nosso casamento funcionar se não posso confiar em você? Que tipo de homem é você?

- Não me deixe Jilly. - Ele implorou. A nota em sua voz trêmula atacou-a tanto quanto sua traição.

Ela apertou as mãos e as lágrimas frescas fluíram.

- Eu prometi que ia ficar, mas eu posso nunca acreditar em qualquer coisa que você me diga novamente. Você pode dizer repetidas vezes que você me ama e eu nunca vou saber se você realmente quer dizer isso. Nunca.

Silenciosamente, ela caminhou até a mochila e tirou um pano limpo para limpar o rosto. Seu pai estava morto. Seu casamento estava morto. Ela tinha perdido tudo. Mas ela nunca tinha tido realmente qualquer um deles para perder, tinha?

## *CAPÍTULO 24*

Jillian nada falou no caminho para a aldeia do oásis de Farafra. Erguia-se numa pequena colina rochosa branca, cercado pelo deserto árido e as bordas irregulares de três montanhas. Dominando o terreno estava uma antiga fortaleza murada. A aldeia em si pareceu singular e primitiva, mas Graham mal notou. Na praça, os homens sentados fiando lã e conversando. Todas as cabeças se voltaram curiosamente para os recém-chegados. Graham cumprimentou-os com cortesia e pediu indicações para a casa da família de Ramsés.

A casa de Abdul Al-din era austera, seu proprietário cortês e amigável. Os olhos escuros de Abdul brilharam quando Graham mencionou Ramsés. Ele acenou para a esposa para ajudá-los. Eles foram apresentados a uma pequena sala com uma cama baixa e uma pequena mesa, e deu água para lavar as mãos e rostos. Abdul, esposa e filhas arrastaram uma banheira grande de cobre em sua sala, oferecendo-se para obter água quente a partir da nascente próxima. Graham, polidamente, recusou e fez a tarefa ele mesmo. Quando a banheira estava cheia, ele olhou para Jillian.

- Vou tomar banho - Disse ele calmamente.

Foi lhes servido um delicioso jantar de arroz, pão e, em sua honra, bode guisado. Graham comeu pão sírio mergulhado em uma bacia estreita de molho de tomate e comeu. Abdul estava ansioso para ouvir sobre seu amigo, Ramsés. Graham conversou polidamente, ao mesmo tempo dolorosamente consciente de Jillian sentada em silêncio ao lado dele.

As mulheres tinham esmagado flores e esfregado no cabelo de Jillian, perfumando-o. A fragrância o torturava. Fresca, limpa - como

ela. Ele desejava enterrar o rosto em seu cabelo. Ele sabia que não podia.

Naquela noite, eles estavam deitados na cama estreita. Ele escutou os soluços angustiados de Jillian. Um abismo maior do que o Sahara estava entre eles. Ele doía para segurá-la nos braços e consolá-la. Graham desistiu. Com a mão trêmula, ele gentilmente tocou o ombro de sua esposa.

Jillian se encolheu.

– Não. – Ela respondeu asperamente.

Os ombros de Graham cederam. Ele rolou, avançando em direção à sua beira da cama, olhando para a escuridão.

Ela prometeu que não o deixaria, mas este limbo era muito pior. Ele tinha persuadido a sair do cinza de sua vida, permitindo-lhe ver a chama viva vibrante dentro dela, e agora o cinzento estava de volta. Ele tinha um casamento cinza, feio e gritante como a névoa de Londres.

Seria quase melhor se ela o deixasse.

A amarga ironia o envenenava. Depois de uma vida nunca confiando em alguém, ele se tornou indigno de confiança. Ele não poderia reconquistá-la. Terno Cristo, como no inferno poderia esperar que ela simplesmente abrisse os braços e o acolhesse com beijos fervorosos? Se ele tivesse sido capaz de esquecer? Stranton havia vencido, afinal, de qualquer forma. Graham foi o único que ficou arruinado.

Lágrimas rolavam por seu rosto. Por um longo tempo Graham estava lá, silenciosamente partilhando as lágrimas com sua esposa.

Na manhã seguinte, Jillian dormitava na cama. Quando a luz solar invadiu para o quarto, agrupando no chão, ela se sentou e

vestiu. A esposa de Abdul disse que Graham tinha levado os camelos para tomar água.

Jillian acomodou-se sobre uma almofada no chão, e a mulher colocou uma mesa pouco antes dela. Estava carregada com pão, queijo e mel. Uma pequena xícara de chá doce acompanhava a refeição. Jillian comeu rapidamente, profusamente agradecendo a mulher por sua hospitalidade, então foi em busca de seu marido.

Ela o encontrou na trincheira. Ao vê-la, ele deu um breve aceno de cabeça. Jillian parou desconfortável com esta nova tensão entre eles, mas ainda com o coração partido por sua traição.

Graham estava enrolando cordas compridas sobre os pés de seus camelos, marcando-os. Deitou água na bacia usada para alimentação de animais, e Jillian assistia com ávido interesse. Para seu espanto, ele agachou na bacia e começou a golpear a superfície da água com a palma da sua mão. Ele cantou, fazendo barulhos estranhos batendo com seus lábios.

De olhos arregalados, ela olhou para ele.

– O que você está fazendo?

– Eu estou encorajando-os a beber o seu suprimento.

Graham continuou sua canção peculiar, gorjeando, enquanto olhava para os dromedários. Jillian olhou. Todos os três animais tinham suas orelhas em pé para frente. Eles começaram fazendo um som estranho queixoso, esticando-se em direção à água.

– É um truque Bedu antigo. – Explicou Graham. – Os camelos são treinados para responder à música, e o tapa da água. Eles sabem que estão a sair para uma viagem onde irá faltar água, e eles devem beber. Quando eles tiverem bebido, eu vou deixá-los pastar por cerca de uma hora, em seguida, repetir o mesmo.

Jillian agachou ao lado dele, cheirando a umidade deliciosa da água doce na bacia. Ela estudou seu marido, esse estranho, ao mesmo tempo tão familiar para ela, com sua barba preta, penetrantes olhos escuros como a noite do deserto e seu corpo musculoso escondido por suas roupas estrangeiras. Ele era um homem do deserto, à vontade com essas pessoas que mudavam como as areias. Um homem que tinha usado ela por seus próprios meios.

Abraçou-se, tremendo. Oh Deus, ela o amava. Mas tinha ele alguma vez a amado? Ele disse que amava. E ainda assim ela tinha dificuldade em acreditar nele. Ações falavam muito mais alto que palavras.

Graham desdobrou sua estrutura poderosa e foi para os camelos que estavam choramingando agora e se esforçando em direção à água.

– Volte ou você será pisoteada. – Ele aconselhou antes de desamarrá-los.

Mal ela contornou a borda da bacia e se afastou enquanto as bestas correram e beberam com grandes goles. Graham se juntou a ela na trincheira, falando para os camelos em árabe e despejando água tão rápido quanto o nível da bacia foi reduzindo.

– Quanto tempo os camelos podem durar sem água?

– Sete ou oito dias, se eles já estiverem cheios. Eles são como tanques de água caminhantes. Um homem pode viver com as sobras deles. – Sua mandíbula estava tensa sob a barba escura. Ela sentiu algo maior estava em jogo.

– Graham, o que quer dizer, viver com o que sobra deles?

Ele pareceu quando coçou o pescoço longo de Sheba.

– O Bedu considera o camelo sua tábua de salvação. Se for pego sem água no deserto, pode sobreviver pelo abate e beber a água que consumiu.

– Bom Deus, disse Jillian. – Você tem receio que teremos de recorrer a tais medidas?

Um sorriso tranquilizador tocou sua boca.

– Não. – Então ele apontou seu olhar para o firmamento, escuro no amplo do horizonte leste. Seu sorriso desapareceu. – Espero que não.

Poucas horas depois, eles tinham selado os camelos e dirigiram-se para o leste. Graham manteve-os em um ritmo constante, enquanto ele e Jillian progrediram através do deserto. Ela sentiu algo escuro e proibido à espreita no horizonte.

Jillian ajustava seu lenço branco de forma mais segura em seu rosto. O sol batia sem piedade sobre eles. Ela pensou em ficar presa no deserto vasto e reprimiu um estremecimento. A viagem tinha sido um desperdício. Seu pai estava morto, o tesouro perdido para sempre. E ela tinha perdido Graham, se ela realmente o teve.

Eles empurraram mais à frente, fazendo acampamento a noite diante dos grandes picos irregulares de várias montanhas. Jillian assistiu Graham assar um coelho que ele tinha apanhado mais cedo para o jantar. A conversa entre eles permaneceu tensa. Era como se ele tivesse desistido e aceito.

Jillian comeu o coelho com os dedos. Estava quente e delicioso, mas ela tinha pouco apetite. Ela olhou para o horizonte plano e estéril.

– Se nos perdermos, será que os Khamsin virão até nós? – Perguntou ela.

- Eles já estão vindo. Jabari nos deu vinte dias e depois disso iria enviar um grupo de guerreiros atrás de nós.

O pensamento deu a Jillian um pouco de conforto.

Os próximos três dias procederam tão bem quanto o primeiro. Jillian sentiu-se tranquila esperando que eles fossem fazer isso. Que a esperança desvaneceu quando seu marido parou abruptamente. Uma mão bronzeada sombreou a testa enquanto olhava o horizonte.

- O que é isso? - Perguntou ela, com medo de saber.

- Poeira à distância. Poderia ser outra caravana. Ou não.

Graham removeu o véu que cobria o rosto. Pavor frio encheu-a em sua expressão. Ele murmurou o que soou como um juramento árabe.

E então ela os viu, também, se aproximando rapidamente. Quatro cavaleiros. O coração dela fluiu para o estômago. Querido Deus. Os invasores que tinham primeiro levado a cativa, eles tinham seguido-os.

- Eles provavelmente acham que encontrei o tesouro, ele lançou um olhar preocupado para os taques de ferro com a água, - e que nós a estamos escondendo dentro dos tanques. Não é possível fugirmos disto. Nossos camelos estão cansados. Nós vamos ter que enfrentá-los.

- Onde está o rifle?

- Caiu na fenda com o seu pai -, Graham lembrou-a. Ele deslizou seu camelo e correu, auxiliando-a. - Fique atrás de mim. - Disse ele firmemente. Ele desembainhou sua cimitarra e ficou em uma posição defensiva longe dos tanques.

Ela tinha que ajudá-lo. Dois contra quatro invasores do deserto – se ela ajudasse, eles teriam uma chance de lutar. O olhar frenético de Jillian procurou no chão qualquer tipo de arma. Nada além de seixos e pedras. Ela desembrolhou seu lenço esmeralda do pescoço e reuniu as rochas do tamanho do seu punho.

Ele jogou-lhe um olhar rápido, assustado.

– Um estilingue. – Explicou ela. – Se você acha que eu vou simplesmente ficar parada aqui e assistir-nos morrer, você está completamente errado.

– Nós não morreremos. – Ele respondeu com voz rouca. – Não dessa maneira.

As cornetas ensurdecedoras dos atacantes selvagens, subiram como um vento furioso. Jillian bateu as mãos trêmulas sobre seus ouvidos quando os homens desmontaram, correndo em direção a seus camelos. A luz do sol brilhava em suas espadas enquanto eles as brandiam.

Jillian gritou e Graham amaldiçoou. Três dos camelos gritaram de dor e caíram, o sangue fluindo para a areia. Os tanques de ferro de água caíram com um baque no chão. A água fluiu do recipiente com o vazamento. Solomon corcoveou a partir de um rude golpe, mas ele saiu a galope.

Graham enfrentou seus inimigos, sua expressão era selvagem, mantida com facilidade da prática. Com gritos de triunfo, as vestes sujas, os invasores barbudos correram para frente, bramindo as espadas. Graham não se moveu. Eles estavam quase em cima dele quando ele atacou com a fúria de uma tempestade de areia fervente.

Graham, o duque fundiu-se ao Rashid, o guerreiro, executando movimentos incríveis, girando e girando com graça letal. Três assaltantes atacaram com golpes violentos, mas ele lutou com

inabalável determinação, incansavelmente duelando seus atacantes. A luta tornou-se um balé mortal de aço contra aço. Duro, os ondulantes gritos dos invasores beduínos tocando nos ouvidos de Jillian.

Ela tomou uma grande pedra, colocou-a em seu cachecol e arremessou. Ele bateu na testa do beduíno. Ele cambaleou. No instante seguinte, a espada de Graham feriu. Agora eram três contra um.

Jillian saltou e colocou outra pedra em seu lenço. Um assobio cortou o ar enquanto ela girou o tecido para disparar. Whap! Esta bateu na mão de um beduíno.

Não foi bom o suficiente. Ele se virou e movimentou-se, a espada erguida. Graham girou, viu sua situação e correu para cima. Um beduíno diferente pegou uma pedra e atirou-a. E bateu na cabeça Graham com uma alta bordoadada.

– Graham! – Jillian gritou.

Fitas escarlates de sangue escorriam do seu rosto. Ele cambaleou e os dois assaltantes correram sobre ele. Um agarrou sua espada. Eles estavam presos.

Jillian correu para Graham quando o último invasor abordou.

Ela reconheceu o sheik que não tinha mostrado nenhum interesse em estuprá-la. Será que ele fará isso agora, então deixaria os dois na areia para os abutres?

Enquanto o sheik e outro Bedu apontavam espadas para Jillian, o terceiro foi para os tanques de água de ferro. Desgosto encheu seu rosto quando ele chutou as embalagens vazias.

Mahjub, o sheik, olhou para Graham.

– Desde que você não tem nenhum tesouro, vamos tomar a sua mulher. Ela vai dar um bom preço no mercado de escravos. Você luta bravamente, filho do deserto, e eu vos libertarei. Mas eu vou tirar o poder. Você vai voltar com vergonha para o seu povo, sabendo que foi incapaz de ajudar a sua mulher.

Um homem empurrou Jillian para baixo. Ela caiu de costas.

– Tome-a – O sheik ordenou. – Assim, ele pode assistir.

Medo floresceu em seus olhos. Os homens olharam para ela.

– Ela parece fogo. Eu vou me queimar. – um protestou.

– Faça-o. – Chefe rebateu.

Os homens trocaram olhares, murmuraram alguma coisa. Um modificou Jillian, forçando-a a ficar de quatro. O outro se atrapalhou com o cordão de sua folgada calça.

O coração de Graham caiu. Eles iriam estuprar Jillian. Ele nunca tinha acreditado em uma situação sem saída, mas nunca antes enfrentou tal chance desesperadora. Silenciosamente amaldiçoou por trazê-la com ele. Se ao menos ele a tivesse deixado para trás na vila para os Khamsin resgatá-la no final da festa, então ela estaria segura.

O olhar escuro de Mahjub permanecia nele. Outra coisa a ser não o triunfo queimava lá. Graham reconheceu imediatamente. Ele tinha visto nos olhos de seu captor egípcio. Nos olhos de Stranton. Não admira que o sheik não estivesse interessado em Jillian.

– Sim –, o sheik disse sorrindo cruelmente. – Você deseja salvá-la, Khamsin? Então, tome o lugar dela.

*Eu não posso fazer isto, Graham pensou freneticamente. Oh Deus, eu não posso. De novo não. Nunca mais. Sinto muito, Jilly. Sinto muito.*

Emoção fechou sua garganta. Ele cerrou os punhos estriados de sujeira. Os olhos aterrorizados de Jillian e imploravam-lhe quando os beduínos puxaram para baixo suas calças, expondo seu bumbum arredondado.

Agonizante, ele olhou para sua esposa. Ele sabia o que isso poderia fazer com ela. Jillian seria um desastre, afastando a todos, tornando-se distante. Os sentimentos de vergonha, amarga humilhação e raiva – cicatrizes emocionais que penetram fundo. Escuridões iriam levá-la, apagando a chama viva que ele havia ajudado a trazer para fora. Ele não podia suportar que ela se tornasse o que ele tinha sido.

*Eu te amo, ele disse silenciosamente. Eu te amo mais que a própria vida. E, de repente, ele sabia o que deveria fazer, apesar do terrível preço que ele pagaria...*

– Sim. Leve-me. – Disse ele com voz rouca, repulsa e náusea crescente em sua garganta. – Leve-me e a poupe.

Luxúria brilhou nos olhos escuros do Mahjub.

– Você se oferecerá de boa vontade? Se fizer isso, vamos soltá-la e levar você para o mercado de escravos. Um eunuco vale muitos camelos.

Graham engoliu em seco. Ele sabia o que fariam com ele. Ele não iria morrer. Mas ele iria desejar ardentemente estivesse morto.

Ainda que isso significasse dar a Jillian uma chance de sobrevivência.

Inalou uma respiração irregular, ele repetiu as suas palavras ao Lord Stranton vinte anos atrás: – Eu não vou lutar.

O sheik fez um gesto para o homem posicionado atrás de Jillian, que puxou para cima as calças. O outro homem a soltou.

O olhar faminto de Mahjub acariciou Graham. Ele apontou para o chão. Graham tinha compreendido. Seus dedos trêmulos se atrapalharam com os botões de sua Kamis.

– Vá. – Disse ele duramente para Jillian, que se esforçou para levantar-se. – Suba em Solomon. Vá rápido para o leste para encontrar os Khamsin. E não olhe para trás.

Jillian assistiu horrorizada e muda quando seu marido começou a se despir. O magro sheik assistiu atentamente Graham, sua respiração acelerada e um olhar estranho em seus olhos escuros.

Oh, Deus! De repente, ela entendeu por que o sheik nunca a estuprou. Graham agora se oferecera para poupá-la.

A bÍlis subiu em sua garganta. E ela soube, então o quanto ele a amava. Ações falavam mais alto que palavras.

*Eu não vou deixá-lo fazer isso com você, Graham,* pensou selvagememente. Juntos, podemos derrotá-los. Lembrou-se do medo dos homens quando eles viram o seu corpo nu e os cachos vermelhos cobrindo seu sexo. Um tinha usado a palavra árabe para o fogo, e ela sabia que eles estavam com medo de estuprá-la. Medo... Seriam consumidos, porque ela era um gênio? Inspiração repentina atingiu.

– Vai, Jilly, – Graham ordenou sua voz agressiva. – Eu lhe disse para ir. Corra tão rápido quanto você puder.

– Não. – Disse ela em inglês, – Eu não vou deixá-lo fazer isso. Na pior das hipóteses vamos morrer juntos. Graham, lembra quando

você me disse que derrotou o seu captor egípcio quando ele estava distraído? Nós podemos fazer o mesmo.

Entendimento brilhou nos seus olhos.

– Tire suas calças, meu amor. Você vai precisar de suas pernas e os braços livres –, disse ela suavemente.

Ele assim o fez.

– Quando você disser agora. – Graham concordou. Ele caiu de quatro.

Jillian arrancou seu turbante, balançou livre em seu cabelo vermelho dourado e tirou a roupa. Ela estava em pé diante dos homens completamente nua. Ela gritou a palavra em inglês.

– Agora! –então, ela fez um som estridente como o de um espírito do deserto.

Um dos beduínos olhou para ela aterrorizado.

– Al-Haiira –, ele gritou. – Gênio!

Todos os três olhavam.

Com velocidade relâmpago, Graham impulsionou, pegando o homem à sua direita por trás da panturrilha. O derrubando o invasor. Em seguida, ele pulou para cima, agarrando cimitarra do homem. Com um experiente golpe o homem caiu silencioso, sangue escarlate jorrando dele. Graham atingiu o beduíno à sua esquerda, matando-o, também.

Sozinho agora, o sheik olhou para o enfurecido marido de Jillian, nu, cimitarra na mão. Luxúria de sangue brilhou nos olhos de Graham. Terror brilhou na face do sheik. Ele tinha cometido um erro grave.

O sheik puxou para cima as calças, se virou e fugiu. Graham fez perseguição. Em um minuto ele estava sobre ele, sua espada brilhando ao sol.

O grito alto do sheik foi repentinamente cortado. Grunhidos irados selvagens, emitidos por seu marido furioso. Jillian gritou quando ele continuou a atingi-lo. Novamente. Novamente. Novamente. Sangue escuro corria para a areia, num fluxo lento.

– Graham, pare com isso! Pare com isso! Ele está morto. Ele está morto!

Ofegante, Graham baixou a avermelhada cimitarra. Sangue tinha respingado em seu corpo nu. Ele deixou cair à espada, colocou a mão à cabeça.

– Acabou, meu amor. – Jillian disse suavemente. – Ele não vai te machucar. Ninguém, nunca mais. Venha para mim.

Ela estendeu os braços e ele abraçou-a num esmagador abraço. O sangue escorria em seu ombro nu. Jillian gritou em alarme.

– Sua cabeça está sangrando.

Ela correu até a mochila próxima, pegou uma toalha e correu de volta. Seus dedos trêmulos seguraram o pano sobre ferida Graham.

Ele disse: – Perdemos os camelos, e eu não sei quanto danos eles fizeram a Solomon. Nós temos que encontrá-lo.

– Ele estremeceu ao seu toque suave.

Ela ansiosa examinou a ferimento. – O sangramento é lento, mas eu vou ter que limpá-lo.

Ele estudou-a. – Devemos colocar algumas roupas em primeiro lugar.

Afobada, ela olhou para ele, sentindo-se terrivelmente abalada.

– Oh, Graham, ele teria... Você estava indo para deixá-lo...

Sua boca apertou-se. Então ele olhou para baixo e sorriu.

– Eu não a aconselharia andar nua pelo deserto. Há algumas partes de mim que não ficaria bem com uma queimadura solar.

Grande amor por seu marido tomou conta de Jillian, sentindo como o sol quente depois de uma noite escura e sombria. Ele brincou, depois de quase sofrer seu pior pesadelo? Tudo por ela.

E então ela percebeu que a força interior profunda do homem com quem ela se casou. Este homem realmente a amava. Bastante para se sacrificar por ela.

Jillian esforçou para falar. Sua boca mexeu. Graham tocou seu rosto.

– Não diga nada. Tudo que eu peço é para você me dar outra chance, Jilly. Eu te amo. Eu morreria por você.

– Ou pior. – Ela sussurrou.

Ele assentiu.

– Ou pior.

Um olhar sombrio cobriu o rosto.

– Obrigado, Jilly. Obrigado por me salvar. De mais de uma maneira. Você se lembra quando vimos a pirâmide de Gizé? Ao seu trêmulo aceno de cabeça, ele continuou. – Eu disse que ela representava uma nova vida para faraós, e você era assim como a pirâmide. Vida nova, para mim. Sua força me dá força.

Jillian agarrou sua mão, a momentânea afobação fugindo dela, deixando para trás a descrença duvidosa. Ela estremeceu quando ela olhou para os corpos dos beduínos.

– O que você fará com eles?

– Deixá-los para os chacais. – Disse ele asperamente. – E o vento do deserto. Precisamos manter em movimento, se queremos viver. Temos pouca água e eu não pretendo morrer aqui.

## CAPÍTULO 25

Ao meio-dia, dois dias depois, Graham desmaiou. Jillian gritou. Ela deslizou sua montaria e correu para o seu lado. Seu marido estava na areia, de bruços. Ele ergueu a cabeça e gemeu.

– Minha cabeça, dói.

Ela gentilmente examinou a contusão arroxeadada na cabeça. O golpe devia ter machucado mais do que ela tinha percebido.

– Graham. – Ela chamou. – Graham!

Um gemido profundo troou de sua garganta.

– Preciso... Encontrar ajuda. Acho que estamos perdidos.

Eles tinham recuperado dois camelos dos beduínos e um enfraquecido, Solomon, que tinha sofrido um corte na perna traseira e mancava. Os outros camelos haviam fugido e Graham não tinha gasto energia preciosa correndo atrás deles. Agora Jillian gostaria de ter feito. Ontem um de seus dois camelos teve um esgotamento e morreu. O outro estava enfraquecendo rapidamente. Os tanques de água de ferro estavam vazios, seu conteúdo derramado na areia.

Graham prometeu que poderiam fazê-lo. Mas enquanto o tempo passava, Jillian tinha começado a se perguntar. A trilha seguiu serpenteada, mas a posição do sol parecia errada. Mas o que ela, uma inglesa, sabia da viagem do deserto e seguir rastros de camelo na areia? Ele era um viajante do deserto experiente, e, sem duvidar, ela não disse nada. Agora ela se arrependeu amargamente de não falar o que ia à sua mente.

Jillian olhou para cima. Tudo o que ela podia ver era um amplo horizonte de areia branca quente. Desorientado por sua lesão,

Graham com certeza tinha calculado mal sua rota e tinham-se perdido. Perdido no deserto, com apenas metade de água na pele de cabra.

Os conselhos de Katherine voltaram para assombrá-la. *“Se você ficar impressionada com o calor e, mais tarde com dor de cabeça e desorientação, pare e descanse. Pode levar de três a cinco dias para clarear”.*

Três dias de descanso, quando mal tinha o equivalente a dois dias de água? Jillian agiu rapidamente. Ela desenrolou um cobertor sobre a areia quente e rolou Graham sobre ele. De seguida, ela ergueu uma pequena barraca para protegê-lo do sol escaldante. Ela tocou seu rosto, sentindo a pele quente sob seus dedos.

O resgate estava a caminho. Certamente os Khamsin poderiam encontrá-los. Os beduínos poderiam seguir um camelo em uma tempestade de areia. Mas eles estavam ficando sem água. No momento em que seus salvadores chegassem, ela e Graham poderiam estar mortos. Ela sabia o que deveria fazer.

Ela tinha que deixá-lo, tinha de ir sozinha e encontrar o caminho de volta para a pista principal de Darb Asylyt e deixar um sinal para seus salvadores seguirem. Jillian pensava freneticamente. Os invasores haviam roubado sua bússola quando ela foi sequestrada pela primeira vez. Ela sorveu o ar. Jabari e Ramsés tinham a ensinada como encontrar o seu caminho no deserto. Seu senso de direção era excelente. Ela devia, finalmente, acreditar em si mesma. Sem nenhuma escolha. Ficar aqui e morrer de desidratação, ou tentar encontrar a rota de caravanas e deixar um sinal para os Khamsin.

Tudo ao seu redor era terreno aberto. Nenhum ponto de referencia. Eles tinham viajado para o sul, mas ela não tinha certeza de qual direção era a certa. Se ela pudesse encontrar seu caminho

para o norte, Jillian sentiu-se confiante que ela pudesse encontrar a trilha das caravanas. Mas qual caminho era o norte?

Ela se lembrou do que Ramsés tinha explicado. Com um brilho nos seus olhos âmbar, ele havia dito: “ *Jillian, meu amigo tende a se perder. Ele tem o senso de direção de um camelo cego. Eu estou confiando que você mostre-lhe o caminho, se isso acontecer.*”

Então o guerreiro Khamsin tinha procedido para mostrar-lhe como descobrir direção usando o sol.

Recordando as suas palavras, Jillian buscou o chicote de camelo e com uma pá cavou um pequeno buraco. Ela enterrou o chicote no buraco. A longa vara fez uma sombra distinta no chão áspero. Ela marcou o ponto com um dos conjuntos de madeira. Este era o oeste.

Seguinte, ela pescou uma fita de cabelo de sua mochila e amarrou-o para baixo do cabo, e desenhou na areia com a lâmina de Graham é um círculo exatamente do raio da sombra da vara lançado no chão. Jillian recuperado um dos jogos de madeira e marcou o ponto no círculo da sombra. Consultando o pequeno relógio preso ao seu robe, ela esperou quinze minutos.

Jillian verificou a sombra e marcou a nova posição. Então ela desenhou uma linha reta entre as duas marcas. Leste-Oeste. Em pé, ela posicionou a marca oeste à sua esquerda. Oeste à sua esquerda, o norte à frente. Seus olhos vasculhando no horizonte, à procura de marcadores. Uma aglomeração distante de rocha pairou em frente para o nordeste. Naturalmente. A rota.

Hesitante, ela olhou para o camelo descansando. Enfraquecido pela perda de sangue, Solomon poderia morrer se o levasse com ela. Se ela o deixasse aqui, seria como um último recurso para Graham, para a vida... O pensamento era terrível demais para suportar.

Engolindo as lágrimas, ela deu ao camelo um tapinha tranquilizador e foi para sua mochila. Ela fez uma anotação no verso do traçado do mapa, e enfiou-a sob o corpo adormecido de Graham. Jillian então emergiu da tenda, pequena improvisada. Estrábica pelo sol ardente, ela enrolou o lenço esmeralda sobre seu rosto, deixando apenas uma fenda para os olhos. Ela levou um quarto da água, deixando o resto para Graham, beijou sua bochecha e subiu no camelo do beduíno.

Ramsés tinha dito a ela que um homem pode viver sem comida por semanas, sem água por três dias. Com determinação obstinada, a garganta seca, ela impeliu adiante. Jillian racionou a água que tinha trazido com ela, tomando goles apenas. Ela navegou durante a noite estudando as estrelas como Jabari lhe havia ensinado.

Tarde do segundo dia, ela chegou até os sinais inconfundíveis de rastros de camelo indo na direção Leste-Oeste. A rota da caravana. Escorregou do camelo, lambeu seus lábios ressecados e começou a empilhar pedras em um caminho, formando uma seta apontando na direção que ela tinha vindo. Seus ossos doíam e sua garganta gritava por água. Quando ela terminou, o desespero inundou-a. Como os homens saberiam que eram eles? Ela precisava de outro marcador. Seu lenço.

Jillian rasgou as vestes de esmeralda. Isto pendia de seus dedos, tremulando ao vento como uma bandeira.

Seu lenço, o que Graham havia comprado no mercado, no Cairo.

“-Verde, como as gramíneas tranquilas de um oásis, piscinas tranquilas de frescor” – Ele tinha dado um sorriso zombeteiro ante sua poesia. Ele tinha dito que ela deveria sempre usar joias coloridas para complementar sua natureza animada. “- Você não é cinza, Jilly. Você tem a chama, a energia do fogo crepitante. Você é a grama

verdejante. Você é o azul profundo de um oceano turbulento. Mas você não é mais o cinza do silêncio.”

A emoção apertou sua garganta. Ela desenrolou o lenço e prendeu-o nas pedras, rezando que os cavaleiros de Khamsin vissem este antes que o vento do deserto o levasse e deixasse apenas os ossos brancos sob o chicote implacável do sol. O vento bateu infinito como uma mulher beduína batendo a poeira de um tapete. Será que gavinhas desgastadas permanecem um mês a partir de agora, e se ninguém vier e ela e Graham morressem aqui?

O pensamento era horrível demais para suportar. Lágrimas súbitas voltaram aos seus olhos. Ela culpou o vento e o sol, e começou a viagem de volta para o marido. Quando o camelo dos beduínos entrou em esgotamento, Jillian lutou sozinha, cambaleando de volta para Graham, enquanto o sol batia impiedosamente em cima dela.

\*\*\*

Doente de preocupação, Graham tinha os olhos no horizonte. A nota de Jillian aumentou sua ansiedade. Enquanto ele dormia, ela estava tentando encontrar a rota de caravanas para deixar um marcador.

Selou Solomon e encorajou à besta, meio grogue para seguir sua trilha. Ele queria correr atrás dela, mas a prudência impedia-o. Solomon estava severamente fraco e mancando. Rastros de sua esposa na areia eram difíceis de seguir, e se ele perdesse a cabeça, ele estaria andando em círculos, e nunca a encontraria.

Uma figura solitária apareceu horas mais tarde no horizonte cintilante. Graham encorajou a Solomon um galope. Poeira erguia-se atrás dele quando ele empurrava o camelo protestante a seguir. Alcançando-a, ele pulou, agarrando sua bolsa de pele de cabra com

água. Jillian jazia sobre a areia ardente. Ele correu para sua forma mole. Profundas, arquejos ofegantes raspavam de seus lábios ressecados. A desidratação havia se instalado. Mas eles não tinham água.

Quando ele olhou para ela deitada no chão, o vento levantou um canto de seu lenço branco, lambendo seu rosto e trazendo à tona uma gavinha de fogo ouro do cabelo. Cabelo vermelho, ondulando pela força do vento assobiando através da planície do deserto. Assim como em seu pesadelo.

Os olhos de Jillian tremularam abrindo-se. Aqueles olhos verdes, brilhantes como esmeraldas, olharam-no, não em desafio escarnecedor, mas com resignação. Os olhos fecharam como se fizesse muito esforço para mantê-los abertos. Ela estava morrendo.

– Não, não, Jilly. Não me deixe. – Ele gemeu. O forte sol amarelo irritando em seu corpo, zombando de sua dor.

Graham jogou a cabeça para trás e gritou e gritou. Seus gritos ecoaram sobre a planície estéril, desaparecendo na poeira.

## *CAPÍTULO 26*

A tenda que ele erigira na planície arenosa defendia sua sedenta esposa do abraço intenso do sol amarelo. Graham se ajoelhou ao lado dela. Sua garganta inflamada. A mulher que ele amara na noite, que tinha persuadido a enfrentar seu pior demônio, estava em um cobertor. Tão desidratada. Seu corpo pálido, delicado estava tão desidratado. Pressionando os olhos fechados, ele a viu dissecada como uma múmia, para sempre preservada, a umidade espremida, cada gota preciosa da vida absorvida pelas areias gananciosas.

Sua mão tocou seu quadril, ligeiramente arredondado. Ela não estava grávida. Ele pensava nela carregando seu filho, imaginava ela gemendo e esforçando e suando para trazer isso, tal como tinham grunhido na tensão e no suor da paixão.

Suavemente, tão cuidadosamente como Badra tinha feito com seu novo filho, ele lidou com ela, descobrindo o seu corpo, puxando o vestido sujo de seus ombros, removendo as calças largas e botas. Nua, ela deitou sobre o cobertor, a pele levemente ressecada.

Não sobrara nenhuma água. Nem mesmo em seu próprio corpo seco. Graham lambeu os lábios rachados, invitando saliva. Ele a beijou, seus lábios ligeiramente úmidos para seus dentes secos, passando seu precioso líquido. Áspero, arquejos irregulares trabalharam em seu peito. Para dentro. Para fora. Mal se movendo. Vida escapando dela, como água na areia.

Sua mente seca começou a ver seu corpo como a fruta. Os pequenos, seios delicados arredondados como maçãs. Ele imaginou o suco azedo doce correndo entre seus lábios, a partilha, passando a umidade para ela, para refrescar, para dar a vida.

Seu umbigo era uma fruta sem nó, aliviando a dor de garganta seca, embebendo o algodão em sua boca, o corpo refrescando sua aridez. Molhando os dedos tocou-lhe a barriga, deixando trilhas gêmeas de umidade como pegadas. Ele estava passando sua umidade para ela, disposto a absorver a sua vida. As pontas dos dedos perdidos na sua pele pálida, pele sardenta pontilhada aqui e ali como pontos estratégicos geográficos em um mapa. Ele mergulhou brevemente no emaranhado de cachos vermelhos entre as coxas, canalizado para a cavidade seu corpo tinha procurado avidamente. Seca lá, também, como as areias quentes. Ele imaginou a roseta meio úmida romã, sua umidade carnuda atraindo-o para afundar dentro e refrescar seu corpo e o espírito ressecado.

Graham levou um saco de água vazia, apertou-a sobre os lábios que se separaram. Uma última gota caiu sobre sua boca. Ele empurrou-a com o dedo passado lábios em sua língua.

Agarrando ambos os sacos de pele de cabra, ele saiu da proteção superficial da tenda para a claridade do sol, danificando seus olhos, ameaçando lagrimejar. Nenhuma umidade devia ser desperdiçada no deserto. Ele era um sobrevivente. Sem lágrimas no deserto.

Graham previu Jillian na areia, a sua carícia quente e seca sobre a sua carne morrendo, envolvendo-a como um amante. Seu corpo, branqueado seco e tão só, coberto por areia, como ele tinha coberto o seu corpo na noite escura, areia empurrando em sua abertura secreta, invadindo sua doçura, conhecendo-a intimamente, afirmando-a da forma que não podia. Ele sentiu inveja daqueles quentes, gananciosos grãos de areia. Eles iriam engoli-la toda como ele sempre quis fazer, afundando em cada célula, cavando-a em formas que ele não podia. Conhecendo-a da maneira que ele não podia.

Não. A areia não a teria.

– Jillian é minha. – Ele rugiu. – *Minha! Eu não vou permitir que você a tenha!*

O silêncio provocava-o quando o vento soprou as areias movediças em seu rosto. Palavras rugiram de volta, então um sacrifício deve ser feito.

Seu olhar baixou sobre o camelo deitado perto da barraca minúscula. Solomon. Seu amigo no deserto.

*Eu não posso. Devo.*

Lembrou-se do nascimento de Solomon, puxando o animal de sua mãe, depois lhe dando o nome do lendário rei. Ele lembrou a maneira teimosa de Solomon em resistir ao nascimento. Tomando os dados de sua mão. Empurrando-o enquanto ele dormia, uma vez no meio do deserto, advertindo-o do perigo de saqueadores que desejavam roubar e matá-lo enquanto ele dormia.

Solomon salvou sua vida uma vez. Agora, mais uma vez. Graham agarrou seus dois sacos de água vazios e tirou a *jambiya*, acariciou seu polegar ao longo da borda afiada. Ele se aproximou de Solomon, que levantou a cabeça fraca. Graham se ajoelhou ao lado do camelo ferido.

O grande, úmido olho encontrou o seu. Solomon abaixou a cabeça, intrometeu contra a coxa de Graham. Em seguida, ele estudou seu mestre. Conhecimento parecia queimar nos juvenis olhos sábios.

Sem lágrimas no deserto. Graham ergueu a faca para o céu, uma oferta ao vento quente, um ardente sol amarelo, as areias indiferentes.

Uma breve oração e um ataque rápido subsequente, Graham estendeu um saco para apanhar o sangue. O líquido era vida no deserto. Ele bebeu o sangue, obrigando-se a não engolir. Para saborear lentamente.

Uma única gota rolou no pescoço do camelo. Graham levou seu dedo e capturado, trazendo-a para lábios ressecados a gosto.

Quando o sangue foi drenado, ele amarrou o saco e abaixou-o. Como sua família beduína havia ensinado, ele alisou a barriga do animal, encontrou seu ventre e drenou a água no segundo saco. Graham fez tudo isso com desapego entorpecido, ajustando o líquido para o lado. Em poucas horas, seria potável.

Ele pegou o saco de sangue e entrou na tenda para trazer vida à sua amada.

\*\*\*

Trevas a cercavam, tragando-a. Jillian deixou-se ir, querendo escapar para bendita escuridão.

A voz dominadora do sexo masculino não permitira que ela se fosse. Tinha pedido a ela para beber o líquido espesso que queria cuspir. Isto a segurava forçando-a a beber. Ela havia bebido, adormecido, apenas para ser despertada e forçada a beber novamente.

Agora, uns bandos de novas vozes ressoavam em seus ouvidos. Distantes gritos, palavras em árabe que ela não entendia. Ela sentiu-se levantada, levada para o sol escaldante, em seguida, o abençoado alívio de sombra. A dureza do chão estava embaixo dela, amortecido por um cobertor grosso. As murmurantes vozes desvanecendo. Seu corpo era um ferro pesado. Tão cansado. Jillian lutou para abrir os olhos.

- Shhhh - uma voz diferente do sexo masculino murmurava. -  
Beba.

Lábios entreabriram-se quando líquido foi forçado a passar. Jillian ansiosamente engoliu o refresco, então reprimiu no gosto salgado-doce. A mão firme fechou a boca.

- Engula Jilly. - Ordenou a mesma voz profunda que não a tinha deixado dormir, tinha a obrigado a beber mais cedo. Uma voz autoritária. Jillian engoliu, depois tossiu.

- Boa menina. - Ele murmurou. - Novamente.

Um pano molhado frio acariciou sua pele. Ela estremeceu e tentou se afastar. A voz suave murmurou palavras tranquilizadoras para ela ficar parada.

Por que ela estava se sentindo tão doente? Sua cabeça latejava como tambores de guerra. Ela só queria escapar e dormir para sempre.

- Você não morra sem mim. - a voz profunda ordenou. - Não se atreva a morrer. Não agora. Você vai viver. Lute por isto, Jilly.

A necessidade instintiva de obedecer não poderia ser deixada de lado. Era obrigatório que ela lutasse contra a vontade de afundar profundamente no sono tranquilo e deixar para trás a dor. No fundo, uma faísca explodiu e segurou. Quando o pano fresco e úmido acariciou sua carne nua, Jillian começou a lutar por cinco.

Graham olhou para sua esposa enquanto acariciava o pano úmido sobre seu torso nu. A faixa estava em seus seios e quadris por causa da modéstia. Seu olhar ansioso procurou Ramsés.

- Se vocês ainda não tivessem chegado...

– Mas nós chegamos. Graças ao marcador que ela deixou, sabíamos como encontrá-lo. Ela salvou você, meu amigo. Assim como o seu sacrifício de Solomon para dar-lhe líquidos. – Disse ele calmamente.

Ramsés levantou a cabeça de Jillian novamente, pressionando um pequeno copo aos lábios. Ele a obrigou a beber a mistura de sal e açúcar que iria repor os líquidos do seu corpo. Com o coração partido, Graham olhou para ela deitada quase sem vida sobre o cobertor.

– Jilly, eu te amo. Não me deixe. Eu não sei o que vou fazer se você não retornar. – Ele sussurrou acariciando seus cabelos.

As pálpebras de Jillian tremeram. Ramsés sorriu.

– Eu acredito que ela vai. Ela tem algo pelo qual viver, meu amigo. Você.

Quando Ramsés saiu da tenda, Jillian tentou falar. Graham colocou um dedo sobre seu lábio ferido, rachados.

– Não, amor. Não fale. – Ele olhou com um assombro reverente. A viva. Um presente tão precioso. – Você tem uma vontade incrível de viver, Jilly.

Ela se esforçou para falar.

– Para uma fraca inglesa.

Graham roçou sua boca com a dele.

– Não, não fraca. – Ele disse calmamente. – Eu sabia que você tinha dentro de você, a força interior que você continuou procurando. Estava lá o tempo todo.

– Você me salvou.

– Você salvou a si mesma, minha Jillian. Tudo o que eu poderia fazer é apontar o caminho. – Sentiu seu peito comprimir com a terrível verdade. – Se você não tivesse sido tão forte... Você teria falecido há muito tempo.

Seu olhar buscou o dele.

– Você... Sabia que eu podia fazer isso?

– Eu sabia. – Ele disse solenemente, acariciando lhe a testa. Ele desviou o olhar por um momento. – Eu não queria você comigo porque eu sabia que aqui fora, não haveria segredos. Eu não queria que você descobrisse o meu.

Acunhando a nuca dela com uma mão, Graham levantou a taça aos lábios. Ela bebeu seu olhar preso ao dele.

– Eu estou feliz por saber, – Ela sussurrou. – Você está livre agora.

Livre? Ele não queria ser livre, não de sua esposa. Afastou o pensamento, concentrando-se nela.

– Eu estava confiante de que você poderia fazer a viagem através do deserto. Você é uma mulher forte. Você só precisava acreditar que poderia fazê-lo em seu próprio país. Que você podia suportar o pior que o deserto tinha para oferecer, e sair vitoriosa.

– Você acredita em mim? – Ela sussurrou. – Ninguém nunca acreditou em mim. Papai disse que eu era uma mulher fraca. Como todas as mulheres, eu precisava de um marido forte para me levar.

A mandíbula de Graham ficou tensa sob sua barba preta.

– Não, Jillian. Não para levá-la. Para andar com você, não na frente. Para permitir que você seja quem você é e não empurrá-la para as sombras. – Fez uma pausa, lutando com o seu orgulho e

dignidade. – Para se manter ao seu lado. Por favor, perdoe-me por ser tão burro e um mentiroso para você. Confie em mim e vamos fazer nosso trabalho unido.

O duque baixou o olhar, estudando os pelos vermelhos dourados dos cílios que sombreava suas bochechas pálidas. Ela não deu nenhuma resposta. Não haveria tempo suficiente para ela depois de fazer essa escolha.

E será que ela não podia confiar nele, afinal? Ele tinha que lidar com isso como ele tinha lidado com todos os outros eventos dolorosos em sua vida. Mas no fundo, Graham sabia que isso ia ser a pior mágoa de todas. Ele a amava.

Ele apenas implorou que ela sentisse o mesmo.

## *CAPÍTULO 27*

Jillian lentamente se recuperou dos efeitos devastadores da desidratação. Eles permaneceram no acampamento dos Khamsin, dando-lhe tempo para se recuperar totalmente. Graham pairou, atendendo-a com fervorosa devoção. Quando ela se recuperou, Jillian sentiu uma nova culpa. Seu pai estava morto, mas ela não conseguia esquecer o dano que ele tinha feito ao marido. Como poderia o seu casamento funcionar? Toda vez que Graham a olhasse, ele se lembraria dos horrores do seu passado? Ela não se atrevia a perguntar.

Finalmente eles se prepararam para partir para Port Said. Jillian disse adeus para seus amigos. Emoção extrapolou quando ela abraçou Elizabeth. Ela passou várias horas com a esposa do sheik, confiando na mulher mais velha o passado vergonhoso de seu pai, seu próprio tormento sobre isso. Sabedoria queimava nos olhos azuis de Elizabeth.

– O amor de um homem pode ajudá-la a sair da sua própria escuridão.

Jillian estudou-a. – Eu não sei...

O sorriso de Elizabeth desapareceu.

– Eu sim –, ela sussurrou. Então, ela olhou para Jabari, com os olhos brilhando. – Confie em mim, que estou certa. E confie na força de Graham. Dê-lhe uma chance.

Dúvida a enchiam. Poderia eles fazer isto funcionar? Ou será que as dores de pessoais do passado provariam ser demais para superar?



Foi uma viagem tranquila e sem problemas para a Inglaterra. Graham manteve distância dela, até mesmo reservando cabines separadas para eles. Ele disse que era para lhe dar descanso suficiente. Jillian suspeitava de outra coisa. Dor lacerava, mas ela sorriu gentilmente e agradeceu-lhe a sua consideração.

Agora, ela ficou em silêncio no estúdio de seu marido em Londres, observando enquanto ele se debruçava sobre a papelada em sua mesa madeira acetinada. Ele rabiscou uma letra masculina, em negrito parecendo um documento oficial. Graham rasgou o papel e entregou a ela.

Jillian recebeu isto, seus olhos nunca deixando o dele.

– O que é isso?

– Eu tive duas das minhas éguas Árabes vendidas em leilão. Elas renderam dinheiro suficiente para proporcionar uma vida humilde para a minha família.

– Oh, Graham, os cavalos. – Ela sabia o quanto ele amava os cavalos. – Ele deu um gesto.

– É preciso fazer escolhas. Eles serão bem tratados.

Um suspiro fugiu seus lábios quando ela olhou para o montante. – Uma carta bancária de mil libras?

– Para você. O suficiente para comprar passagem para a América e cursar a faculdade. Suficiente para prosseguir com o seu

sonho de ir à escola. – Sua expressão permaneceu imparcial, mas os sombrios tormentos giravam em seu olhar aveludado marrom. – A escolha é sua. Você sabe tudo sobre mim agora. Você sempre saberá que... – Seus punhos cerrados. Um músculo em sua mandíbula saltou enquanto ele olhava pela janela. – Você vai sempre estar ciente do meu passado, e do que seu pai fez para mim. Não é uma coisa fácil de viver, e eu entendo se você optar por partir. Se você for, eu não vou tentar pará-la. Você pode navegar tanto longe quanto você queira, se é isso que você realmente quer.

Dilacerada pela indecisão, ela olhou para ele, o cheque preso na ponta dos dedos. – Você quer que eu vá embora?

Graham olhou diretamente para ela.

– Não. Você pode me deixar, Jilly, mas no final você não pode esconder a verdade. Nada vai mudar nada. E nem o meu amor por você. Tentar tão intensamente quanto você gosta, isto vai segui-la. Meu amor não mudará. É um fato que você não pode escapar, mesmo através do Atlântico. – Então, ele retomou seu olhar imparcial. – A escolha é sua.

Ele se levantou e empurrou para trás da mesa.

– Vou aguardar a sua resposta na sala de visitas.

A letra em negrito na ordem de pagamento destacou-se em relevo gritante. Um violento tremor agarrou a mão de Jillian. O papel caiu como se pego em um vendaval. O dinheiro. Suficiente para alcançar o seu sonho mais caro. Educação. Uma nova vida, longe de o escândalo de mau gosto perseguindo seus passos. Longe de Graham.

Se seu casamento seria um fracasso ou não, ela realmente desejava deixar o homem que ela amava?

Caminhando ao longo comprimento da sala, Graham lutou contra o tumulto de emoções perseguindo-o. Vagamente se sentiu grato a Kenneth e sua família que não tinham chegado de volta de Yorkshire. Ele precisava ficar sozinho para reunir a compostura, se Jillian se fosse.

– Graham? Estou pronta para lhe dar a minha resposta.

Ele sacudiu o olhar para a porta. Jillian estava ali, seu longo cabelo encaracolado vermelho caindo suavemente sobre os ombros. O verde floresta do seu vestido matinal drapejando sua figura exuberante combinava com seus brilhantes olhos verdes. Seu olhar faminto desesperado bebeu as sardas âmbar salpicadas em suas bochechas, seus lábios macios rosados. Ele lhe deu uma última olhada antes de ela o deixar.

Graham observava cautelosamente enquanto ela segurava o seu cheque. Pedacos flutuavam no ar quando ela rasgou em pedacos.

Ele não se atreveu a se mexer, temendo que fosse um sonho e ele acordaria.

– Você não está me deixando? Apesar de tudo?

Seu olhar esmeralda brevemente espelhou o seu tormento passado. Ela baixou a cabeça, olhando para o tapete. – Só se você realmente quiser. Eu te amo tanto que dói. Toda vez que penso no que meu pai fez para você, eu me sinto culpada e envergonhada de mim mesma, mas...

Aflito, ele se aproximou. Colocando a mão sob seu queixo, ele inclinou para cima, forçando-a a olhar para ele. – Não é culpa sua, Jilly.

– Mas ele era meu pai. – Ela sussurrou. – Como você pode olhar para mim e não vê-lo?

Graham acariciou seu rosto. Ele não foi à única vítima de Stranton.

– Como, *Habiba*? Porque eu te amo. Quando eu olho para você, você é tudo que eu vejo. A chama, bonita cálida que iluminou a escuridão dentro de mim e me permitiu deixar para trás meu passado. – Uma única lágrima cristalina alastrou por sua face, jorrando umidade quente em sua mão.

– Podemos superar isso, Graham?

– Você nunca supera isso. – Disse ele sombriamente. – Você segue com ele. E você vai em frente. É possível, Jilly. Você vai tentar comigo?

Um sorriso tocou os lábios trêmulos.

– No Egito, recebi alguns conselhos sábios de uma mulher inteligente. Ela me disse que o amor de um homem pode ajudar a curar uma mulher de sua própria escuridão. Tudo que eu tinha antes eram sombras cinza. Eu nem mesmo desejo reconhecer o que no fundo eu sabia que era verdade. Agora eu preciso seguir adiante. Mas eu preciso de você ao meu lado.

Graham apertou suas mãos. – Não posso prometer que vai ser perfeito. Eu não sou perfeito. Mas vou tentar.

– Eu não preciso de um marido perfeito ou um casamento perfeito. Eu só preciso do seu amor.

– Isso é perfeitamente suficiente para mim. – Ele disse suavemente.

Ele curvou o dedo. Jillian foi até ele e ele envolveu-a num abraço apertado, então inclinou a face para cima. Um sentimento tão intenso, tão poderoso, ultrapassou e ele queria gritar de alegria. Ele a beijou delicadamente em seguida, e ela respondeu, aprofundando o

beijo. Sua agora. Para sempre. Esta bruxa ruiva tinha se transformado em seu lindo anjo.

Uma tosse delicada chamou-os. Eles olharam para a porta e um mordomo com o rosto vermelho.

- E, desculpe, Vossa Graça, mas você tem um visitante.

- Droga! - Graham murmurou. - Não podemos ficar sozinhos?

O mordomo conduziu a tia de Jillian. Jillian sorriu e correu em sua direção. Graham ficou para trás, apreensivo. Ele não tinha matado o irmão de Mary, mas que ela poderia achar que ele era o responsável de qualquer maneira?

- Estou tão feliz que você esteja de volta. - Disse a mulher, levantando-a frágil, bochecha empoadada para um beijo.

O olhar sombrio de Jillian encontrou Graham.

- Eu receio ter novidades, horríveis, tia Mary. Papai está morto.

Nenhuma emoção cintilou sobre o rosto de sua tia quando Jillian lentamente relatava a história, deixando de fora os detalhes mais escabrosos. Quando ela terminou, Mary suspirou. - Pelo menos ele está em paz agora.

Tensão fugiu de Graham. Ele estudou a tia de sua esposa, perguntando inquieto sobre sua reação. Era quase como se ela soubesse o que seu irmão tinha sido.

Sua tia não mostrou tristeza com a morte do pai. Confusa, Jillian assistiu Mary ondular uma mão, como se deixasse de lado a notícia.

- Agora, a razão para minha visita. Ouvi falar de sua situação financeira, Jillian. Eu preciso entregar o seu dinheiro.

– Mas eu não tenho dinheiro, – protestou Jillian.

Mary deu um sorriso sereno.

– Sr. H.M. Pepperton tem. – Enquanto ela olhava, sua tia explicou. – Jillian, quando meu Horace morreu, eu ansiava voltar à Inglaterra. Mas seu pai era um perdulário. Eu estava com medo que ele gerisse mal meu dinheiro, então eu lhe disse que tinha muito pouco. O que não era exatamente verdade. Toda vez que você me deu conselhos sobre o que o Sr. Pepperton devia fazer com suas finanças, passei-os para meus advogados. Alguns dos resultados foram colocados em uma conta para você, minha querida. Você é a criança que Horácio e eu nunca tivemos.

Jillian corou. – Por que... Por que você me disse para ir madame Lafontant para vender-me se eu tinha dinheiro?

Um brilho acendeu nos olhos de Mary.

– Não apenas vender-se a ninguém, mas para o duque. Catherine, a dona do bordel, é uma amiga. Quando ela me contou sobre como o duque estava à procura de uma virgem, para articular bem, eu imediatamente pensei em você. Eu o conheci no Knightsbridge, fiquei encantada com sua franqueza e cordialidade, e sabia que vocês dois eram perfeitos um para o outro.

Graham encarou.

– Ela me disse que ela era discreta!

– Meu caro duque, – Mary disse com alegria: – Você deve saber que nada é discreto em um bordel.

– Por que somos perfeitos um para o outro?– Perguntou ele. Jillian o sentiu alcançar a mão dela. Seus dedos entrelaçados sobre a dela.

Pesar gravou em seu rosto.

– Porque você ambos tinham o mesmo olhar assombrado. Anos atrás, ouvi o nosso pai discutindo com Reggie. Papai o pegou com... Um dos meninos no estábulo. Totalmente sem classe, Papai gritou. Reggie riu e disse que fez o mesmo com um garoto inglês no Egito, que era claramente um aristocrata. O garoto estava sendo mantido em cativeiro por uma tribo hostil. Papai ficou horrorizado. Ele disse que o garoto poderia ser um dos netos desaparecidos do Duque de Caldwell. Reggie disse que o único garoto que suportou o que ele mesmo tinha tido na infância. E então eu sabia...

Graham ficou em silêncio. Suor revestindo a mão onde ela descansou na dela. Jillian deu a palma da mão um apertão tranquilizador.

– Sinto muito, Sua Graça, por tudo que meu irmão fez você sofrer.

– Graham. – Ele corrigiu quietamente. – Por favor, me chame de Graham. Somos parentes agora. E eu não teria isto de nenhuma outra maneira.

Mary assentiu.

– Agora, sobre a herança de Jillian...

– Mantenha-o para minha esposa para usar para o que precisar na faculdade.

Jillian olhou, não ousando acreditar.

– Será que você...

– Enviei meu secretário a alguém conhecedora das faculdades inglesas que estão abertas para as mulheres. Ele rastreou Emily Davies, uma sufragista. Ela recomendou University College.

Doce esperança encheu-a enquanto ela olhava o seu sorriso terno.

- Então você deve tomar o resto do dinheiro, Graham.

Duas linhas teimosas franziram o cenho. Ele assentiu.

- É o seu dinheiro, Jilly. Vamos gerenciar, de alguma forma.

Mary olhou pensativo.

- Sua Graça, e, quero dizer, Graham, eu entendo que você é um especialista em cavalos. Tenho duas éguas árabes, recentemente adquiridas nos estábulos, mas gostaria de criá-los.

- Você comprou os meus cavalos? Compreensão brotou em seu rosto. - Ah, eu vejo. Sr. H. M. Pepperton fez.

- Bons cavalos também. Eu entendo que você tem um bom ganhão com linhagens de sangue. O que você diria de unirmos forças e entrar em um negócio em conjunto na criação de árabes? Eu serei seu financiador-, Mary propôs.

- Só se você levar vinte por cento dos lucros. Eu não quero caridade, mesmo da família.

- Quinze. - Ela disparou de volta.

- Vinte e cinco-, ele respondeu.

- Vinte, com a estipulação de que Jillian reinvesta os fundos.

Eles apertaram as mãos. Mary sorriu.

- Bem, eu estou agir assim que eu visite o meu advogado e ele te envie um cheque bancário. Eu estou levando sua mãe para a América para uma visita, Jillian. Eu não a vi tão animada em anos.

– Tia Mary, uma pergunta. Como você se tornou amiga da dona de um bordel? – Jillian perguntou profundamente curiosa.

Malícia acendeu nos olhos escuros de sua tia.

– Para ela me encontrar companhia masculina, minha querida. Eu posso estar velha, mas eu não estou morta.

Então sua tia saiu do aposento, rindo.

– A última palavra, como sempre. – Jillian assentiu. – Companhia masculina!

Calor queimou no olhar de Graham.

– Estou completamente pronto para uma companhia feminina. Gostaria de engajar em uma dança?

Ela puxou sua mão. Rindo, eles aceleraram as escadas em direção ao seu quarto. Graham fechou a porta com um firme clique, fechando-a. Calor brilhou em seus olhos à medida que eles se despiam e caíam sobre a cama. Ele a cobriu com minúsculos beijos quentes. Ela se agarrou a ele, arqueando-se quando ele entrou nela.

– Olhe para mim, Jilly. –, disse ele suavemente. – Olhe para mim.

Ela tinha visto a paixão, a ternura, à possessividade masculina forte, mas sempre parecia que faltava alguma coisa em seu olhar. Como se uma capa de proteção caísse, uma barreira impedindo-a de ver dentro dele. Agora Jillian olhou para o rosto de seu marido e descobriu o que tinha sentido falta.

Graham fez amor com sua esposa com extrema sensibilidade, e submergiram-se um no outro em uma tentativa desesperada de se tornarem um. Ele não reteve nada. A toda emoção crua foi claramente expressa, da admiração reverente ao desejo ardente.

Eles explodiram junto numa cega explosão de calor. Por um longo momento ele ficou deitado em cima dela, ofegante, enquanto ela o atraía para mais perto, então ele rolou. Ele a puxou para seu lado, a necessidade de sentir a sua suavidade. Ele saboreou seu calor, sua proximidade. Agora realmente, ele tinha encontrado o que tinha estado faltando.

Jillian olhou nos olhos de Graham, as pálpebras pesadas, com satisfação. Um sorriso leve torceu a boca.

– Nos devíamos enviar uma nota de agradecimento à Madame Lafontant por colocar-nos juntos, ela meditou. – Eu sabia que você era especial logo no nosso primeiro momento. Quando você me entregou as rosas e olhou nos meus olhos, era como...

– Destino. Uma rosa vermelha e uma rosa branca. – Ele disse suavemente. – Eu não sabia então o que as cores significavam o que eu faço agora.

– Qual é o meu amor?

– O vermelho representa a paixão e o amor. O branco a pureza e inocência. Combinadas, elas simbolizam as nossas diferenças e unidade.

Seus lábios eram quentes e firmes contra a dela, enquanto ela se rendia ao seu beijo. Com perfeição. Ele tinha escolhido bem, seu marido. Duas rosas, dois inocentes, ligando-os entre si. Unidos em um tormentoso passado. Unificado agora, no amor.

